



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

MARIA JOYCE MAIA COSTA CARNEIRO

**JOVENS DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO WLADIMIR RORIZ:
CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE PAZ E DOS VALORES HUMANOS**

FORTALEZA

2014

MARIA JOYCE MAIA COSTA CARNEIRO

JOVENS DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO WLADIMIR RORIZ:
CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE PAZ E DOS VALORES HUMANOS

Tese apresentada como requisito final para obtenção do título de Doutor em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.

Orientadora: Profa. Dra. Kelma Socorro Alves Lopes de Matos

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- C289j Carneiro, Maria Joyce Maia Costa.
Jovens da escola de Ensino Médio Wladimir Roriz : construção da cultura de paz e dos valores humanos / Maria Joyce Maia Costa Carneiro. – 2014.
240 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2014.
Área de Concentração: Educação brasileira.
Orientação: Profa. Dra. Kelma Socorro Alves Lopes de Matos.
- 1.Jovens e paz – Chorozinho(CE). 2.Movimentos da juventude – Chorozinho(CE). 3.Estudantes do ensino médio – Chorozinho(CE) – Atitudes. I. Título.

CDD 303.660835098131

MARIA JOYCE MAIA COSTA CARNEIRO

JOVENS DA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO WLADIMIR RORIZ:
CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE PAZ E DOS VALORES HUMANOS

Tese apresentada como requisito final para obtenção do título de Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.

Aprovada em: 06 / 06 / 2014.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Ângela Maria Bessa Linhares
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Elione Maria Nogueira Diógenes
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Profa. Dra. Viviane Ache Cancian
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

À minha mãe, exemplo de luta e vida dedicada à educação embasada nos Valores Humanos;

Ao meu pai (*in memoriam*), que através de sua espiritualidade me ensinou caminhos tão importantes para minha trajetória de vida;

Ao Marcus e ao Eduardo: pérolas eternas em mim incrustadas.

Aos jovens alunos do Mundo, do Brasil e do Ceará, especialmente aos da Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz, que acreditam na paz e nos Valores Humanos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, princípio e fim, verbo e ação diária em minha existência! Com Ele posso entoar esse canto:

Ó Filho do Espírito!
A mais amada de todas as coisas, a Meu ver,
é a Justiça;
não te desvies dela, se é que Me desejas,
nem a descures, para que Eu em ti possa confiar.
Nela te apoiando,
verás com teus próprios olhos e não com os alheios;
saberás pela tua própria compreensão
e não pela compreensão de teu semelhante.
Pondera isto em teu coração:
como incumbe ser.
Em verdade,
a justiça é Minha dádiva a ti
e o sinal de Minha misericórdia.
Guarda-a, pois, ante os teus olhos.
(Bahá'u'lláh)

À minha querida orientadora, Kelma Socorro Lopes de Matos: teu nome é **Vida!**

Aos membros da banca, em todos os momentos do processo, pelas preciosas contribuições!

Aos participantes da pesquisa, pelos caminhos percorridos juntos!

Ao Núcleo Gestor da Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz (EEMWR), pela receptividade!

Aos alunos, que participaram intensamente da pesquisa!

Aos professores, que contribuíram de forma ética com o desenvolvimento do trabalho!

Aos funcionários, que me receberam com carinho!

Aos pais dos alunos, que me atenderam respeitosamente!

Às professoras Nazaré e Ana Paula, pela partilha diária!

À amiga e professora Ivanice Montezuma, presença significativa nos momentos de dificuldades!

Aos meus irmãos e irmãs, pelo carinho cotidiano!

À Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC), em especial à Coordenadoria de Avaliação e Acompanhamento da Educação (COAVE), pelo apoio indispensável!

À equipe da 9ª Coordenadoria Regional do Desenvolvimento da Educação (CREDE), pela colaboração inestimável!

Ao Paulo Barros, pela ajuda imprescindível!

À minha equipe de trabalho da SEDUC: Célula de Articulação do Censo Escolar (CEACE), pela solidariedade e apoio nos momentos de estudo!

Ao Grupo de Pesquisa Cultura de Paz, Espiritualidade, Juventudes e Docentes da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), pelos momentos de partilha e libertação.

As conquistas dos homens no campo da ciência e da tecnologia ajudaram a melhorar as condições materiais de vida, mas do que necessitamos, hoje em dia, é de uma transformação do espírito. A educação não só deve servir para desenvolver a inteligência e as habilidades de uma pessoa, mas para ampliar sua visão, tornando-a verdadeiramente útil à sociedade e ao mundo. Isso só será possível quando o cultivo do espírito (valores éticos e morais) for promovido paralelamente à educação acadêmica. A educação moral e espiritual capacitará o homem para levar uma vida disciplinada (com autocontrole). A educação sem autocontrole não é educação em nenhum sentido. A educação formal deve despertar, no ser humano, a consciência da divindade, que lhe é inerente. Os educadores precisam sensibilizar-se, quanto a isso, para poderem cumprir verdadeiramente com o propósito real da educação.

(Sathya Sai Baba)

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada durante dois anos (2011/2012), com os jovens alunos da Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz (EEMWR), na qual se buscou a construção de uma Cultura de Paz e dos Valores Humanos. Foram valiosos os momentos de partilha e solidariedade no processo, em que acompanhei o desenvolvimento do “Programa Vivendo Valores na Educação” (VIVE) cujo objetivo foi levar a comunidade escolar, em especial os jovens, a refletir, através dos Valores Humanos, atitudes no ambiente escolar que propiciem uma Cultura de Paz. Assim, por meio do acompanhamento do VIVE na EEMWR foi possível perceber como os alunos da mesma relacionavam-se com o referido Programa. A metodologia utilizada configurou-se na pesquisa participante (BRANDÃO, 1984; LE BOTERFE, 1985; SEVERINO, 2002; LAKATOS; MARCONI, 2004) cujas principais fases foram: 1) realização de quatro (4) encontros inspirados nos Círculos de Cultura (CC), de Paulo Freire, com 15 (quinze) alunos do VIVE, para partilharem experiências a partir da aprendizagem dos Valores Humanos, no sentido de construir-se uma Cultura de Paz no contexto escolar. Além disso, foi realizada uma sessão de Grupo Focal com oito (8) alunos dentre os que participavam do VIVE; 2) dois (2) Seminários de sensibilização e apresentação do Plano de Estudo do Doutorado com (trinta e dois (32) professores e quatro (4) gestores da escola. O segundo encontro foi realizado para retorno no sentido de serem expostos os resultados da pesquisa; 3) revisão da literatura sobre a temática; 4) análise documental dos principais materiais que embasam o VIVE e o Projeto Político Pedagógico (PPP); 5) realização de entrevistas semiestruturadas com doze (12) professores dentre os que estavam presentes nos seminários, oito (8) alunos, cinco (5) pais, três (3) gestores da EEMWR para apreenderem-se suas percepções com relação ao VIVE; 6) efetivação de duas (2) entrevistas semiestruturadas, uma, com a coordenadora do VIVE e, outra, com a diretora da 9ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE); 7) realização de uma entrevista semiestruturada com o coordenador do Programa Geração da Paz na Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC); 8) uma entrevista não estruturada com 3 (três) gestores sobre os desafios do VIVE na escola. O processo de pesquisa participante foi importante porque me inseri como pesquisadora no cotidiano da escola, a fim de sensibilizar a comunidade escolar sobre a necessidade de abordar a temática dos Valores Humanos, apresentada pelo VIVE nas atividades relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem. Os resultados encontrados são: a) os jovens estão abertos a viverem novas experiências e se sentem felizes quando lhes são dadas oportunidades de vivenciar Valores Humanos positivos como a paz, a amizade, o amor, a solidariedade e a união; b) os professores, igualmente, entendem que o VIVE tem excelentes propósitos e precisa ser fortalecido, não apenas na escola, mas na sociedade como um todo; c) o Núcleo Gestor da escola apoia inteiramente a iniciativa e oferece aportes estratégicos ao seu desenvolvimento; d) os pais não participam devido, principalmente, à distância entre o lugar que residem e a escola; e) existem dificuldades apontadas pelos alunos no que diz respeito aos espaços físicos para a realização de atividades que exigem concentração, como leitura, ensaios de peças de teatro, reuniões etc. Entretanto, a vivência de Valores Humanos que se contrapõem à lógica desumana do capitalismo ainda é difícil de ser consolidada, porque a sociedade, em geral, está se tornando cada vez mais esvaziada de sentimentos positivos, quando investe na competitividade sem limites. Os resultados também indicam que: os alunos compreendem o seu papel no cenário da construção da Cultura de Paz e solicitam maior presença dos professores que ainda não se envolveram com o VIVE. Certamente, o VIVE traduz um novo ideal de existência humana, fazendo acreditar que outro mundo é possível. Pode-se, pois, sonhar com um mundo de paz? Não apenas sonhar, mas também construí-lo, visto que é preciso “paz para poder sorrir, para poder viver, para poder ser.”

Palavras-chave: Jovens. Cultura de Paz. Valores Humanos.

ABSTRACT

This research was conducted for two years (2011/2012), with the young students, the High School Wladimir Roriz (EEMWR), it happened to building a Culture of Peace and Human Values, as valuable moments of sharing and solidarity in the process, I have followed the development of “Living Values Education program” (LIVE), whose goal is to bring the school community, especially young people, to reflect human values through attitudes in the school environment that fosters a culture So the Peace, by monitoring the LIVE IN EEMWR was possible to see how the young students of the same were related to this Program. The methodology used was configured in participatory research (BRANDÃO, 1984; LE BOTERFE, 1985; LAKATOS; MARCONI, 2004; SEVERINO, 2002), whose main phases: 1) conducting four (4) meetings inspired the Culture Circles (CC) of Paulo Freire with fifteen (15) students from LIVE to share experiences from the learning of human values in order to build a Culture of Peace in the school context. In addition, a focus group session with eight (8) among students attending the LIVE was held; 2) two (2) seminars to raise awareness and presentation of the Doctoral Study Plan 32 (thirty two) teachers and four (4) school managers. The second meeting was held to return in order to expose the results of research; 3) review of literature on the topic; 4) documentary analysis of key materials that support the VIVE and Policy Project (PPP); 5) conducting semi-structured interviews with twelve (12) teachers from among those who were present at the seminar, eight (8) students, five (5) parents, three (3) managers EEMWR to capture their perceptions regarding LIVE; 6) conducting two (2) semi-structured interviews, one with the coordinator of LIVE and another with director of the 9th Regional Coordinator for Education Development (CREDE); 7) conducting a semi-structured interview with the coordinator of the Generation of Peace Programme in Department of Education (SEDUC); 8) An unstructured interview with three (3) managers LIVE on the challenges of school. The research process was important because participants enter me as a researcher in the everyday, in order to sensitize the school community about the need to address the issue of Human Values, presented by LIVE on related teaching and learning activities. The results are: a) young people are open to new experiences and live feel happy when you opportunities to experience positive human values such as peace, friendship, love, solidarity and unity are given; b) teachers also understand that LIVE has excellent purposes, and needs to be strengthened, not only in school but in society as a whole; c) Manager Core school fully supports the initiative and offers strategic contributions to its development; d) parents do not participate, mainly due to the distance between the place they live and the school; e) there are difficulties pointed out by the students with regard to physical spaces for performing activities that require concentration , such as reading, testing plays, meetings etc. However, the experience of human values that oppose the inhuman logic of capitalism, it is still difficult to be consolidated because society in general is becoming increasingly emptied of positive feelings when investing in competitiveness without limits. The results also indicate that: students understand their role in the scenario of building a Culture of Peace and solicit greater presence of teachers who are not yet involved with LIVE. Certainly, LIVE represents a new ideal of human existence, making believe that another world is possible. One could therefore dream of a world of peace? Not only dream but to build it as it is necessary “to peace could smile, in order to live, to be able.”

Keywords: Youth. Culture of Peace. Human. Values.

RESUMEN

Esta investigación se llevó a cabo durante dos años (2011/2012) , con los jóvenes estudiantes, el Wladimir Roriz High School (EEMWR), pasó a la construcción de una cultura de paz y los valores humanos, como valiosos momentos de compartir y solidaridad en el proceso, he seguido el desarrollo cuyo objetivo es reunir a la comunidad escolar, especialmente a los jóvenes , para reflejar los valores humanos a través de las actitudes en el ámbito escolar que fomente una cultura “Programa de Educación Valores para Vivir” (LIVE), así que la paz, mediante el control de la VIVE EN EEMWR era posible ver cómo los jóvenes estudiantes de la misma estaban relacionados con este Programa. La metodología utilizada se ha configurado en la investigación participativa (BRANDÃO, 1984; LE BOTERFE, 1985; LAKATOS; MARCONI, 2004; SEVERINO, 2002), cuyo principal fases: 1) la realización de cuatro (4) reuniones inspiraron a los Círculos de Cultura (CC) de Paulo Freire con quince (15) estudiantes de LIVE para compartir experiencias del aprendizaje de los valores humanos con el fin de construir una cultura de paz en el contexto escolar. Además, se celebró una sesión de grupo focal con ocho (8) entre los estudiantes que asisten a la EN VIVO; 2) dos (2) seminarios de sensibilización y presentación del Plan de Estudios de Doctorado 32 (treinta y dos) profesores y cuatro (4) directores de escuela. La segunda reunión se llevó a cabo para devolver el fin de exponer los resultados de la investigación; 3) revisión de la literatura sobre el tema; 4) análisis documental de los materiales clave que apoyan el proyecto VIVE y Política (PPP); 5) la realización de entrevistas semi-estructuradas con doce (12) profesores de entre los que estuvieron presentes en el seminario , ocho (8) a los estudiantes, de los cinco (5) los padres, los tres (3) administradores EEMWR para captar sus percepciones respecto VIVO; 6) la realización de dos (2) entrevistas semi-estructuradas, una con el coordinador de LIVE y otra con el director de la novena Coordinador Regional para el Desarrollo de la Educación (CREDE); 7) la realización de una entrevista semi-estructurada con el coordinador de la Generación del Programa de Paz en Departamento de Educación (SEDUC); 8) Una entrevista no estructurada con tres (3) administradores en vivo los desafíos de la escuela . El proceso de investigación fue importante porque los participantes me entran como investigador en el día a día, con el fin de sensibilizar a la comunidad escolar sobre la necesidad de abordar la cuestión de los Valores Humanos, presentado por VIVO en las actividades de enseñanza y aprendizaje relacionados. Los resultados son los siguientes: a) los jóvenes están abiertos a nuevas experiencias y viven sentirse feliz cuando usted la oportunidad de experimentar los valores humanos positivos como la paz, la amistad, el amor, la solidaridad y la unidad se da; b) los profesores también entender que vivimos tiene efectos excelentes, y debe fortalecerse, no sólo en la escuela sino en la sociedad en su conjunto; c) la escuela soporta plenamente la iniciativa y ofrece aportes estratégicos para su desarrollo; d) los padres no participan, principalmente debido a la distancia entre el lugar donde viven y la escuela; e) existen dificultades señaladas por los estudiantes en relación con los espacios físicos para la realización de actividades que requieren concentración, como la lectura, los juegos de pruebas, reuniones, etc. Sin embargo la experiencia de los valores humanos que se oponen a la lógica inhumana del capitalismo, aún es difícil consolidarse porque la sociedad en general es cada vez más vacía de sentimientos positivos cuando se invierte en la competitividad sin límites. Los resultados también indican que: los estudiantes a entender su papel en el escenario de la construcción de una Cultura de Paz y solicitan una mayor presencia de los profesores que aún no están involucrados con LIVE. Ciertamente, el VIVO representa un nuevo ideal de la existencia humana, por lo que creen que otro mundo es posible. Por tanto, cabe soñar con un mundo de paz? No sólo soñar sino para construir, ya que es necesario “para la paz podía sonreír, para vivir, para poder.”.

Palabras clave: Juventud. Cultura de Paz. Valores Humanos.

RÉSUMÉ

Cette recherche a été menée pendant deux ans (2011/2012), avec les jeunes élèves, le lycée Wladimir Roriz (EEMWR), il est arrivé à la construction d'une culture de la paix et les valeurs humaines, comme des moments précieux de partage et de solidarité dans le processus, j'ai suivi le développement de 'Valeurs Salons programme de l'éducation' (LIVE), dont le but est de rassembler la communauté de l'école, en particulier les jeunes, à refléter les valeurs humaines à travers les attitudes dans le milieu scolaire qui favorise une culture. Donc, la paix, par le suivi LIVE in EEMWR était possible de voir comment les jeunes étudiants de la même étaient liés à ce programme. La méthodologie utilisée a été configuré dans la recherche participative (BRANDÃO, 1984; LE BOTERFE, 1985; LAKATOS; MARCONI, 2004; SEVERINO, 2002), dont le principal phases: 1) la réalisation de quatre (4) réunions ont inspiré les Cercles Culture (CC) de Paulo Freire avec quinze (15) élèves de LIVE pour partager les expériences de l'apprentissage des valeurs humaines pour construire une culture de la paix dans le cadre de l'école. En outre, une séance de groupe de discussion avec huit (8) parmi les étudiants qui fréquentent LIVE a eu lieu; 2) deux (2) des séminaires de sensibilisation et de présentation du plan d'étude doctorale 32 (trente-deux) Les enseignants et les quatre (4) directeurs d'école. La deuxième réunion s'est tenue à revenir afin d'exposer les résultats de la recherche; 3) revue de la littérature sur le sujet; 4) analyse documentaire des matériaux clés qui appuient le projet VIVE et politiques (PPP); 5) la conduite d'entretiens semi-structurés avec douze (12) enseignants parmi ceux qui étaient présents au séminaire, huit (8) étudiants, cinq (5) parents, trois (3) directeurs EEMWR pour capturer leurs perceptions concernant les vivants; 6) la réalisation de deux (2) des entretiens semi- structurés , l'une avec le coordonnateur du LIVE et une autre avec le directeur de la 9e Coordonnateur régional pour le développement de l'éducation (CREDE); 7) la réalisation d'une entrevue semi-structurée avec le coordonnateur de la génération du programme de paix en Secrétariat de l'Éducation (SEDUC); 8) Une entrevue structurée avec trois (3) directeurs en direct sur les défis de l'école. Le processus de recherche est important parce que les participants entrent moi en tant que chercheur dans le quotidien, dans le but de sensibiliser la communauté scolaire sur la nécessité d'aborder la question des valeurs humaines , présenté par en direct sur les activités d'enseignement et d'apprentissage connexes. Les résultats sont les suivants: a) les jeunes sont ouverts à de nouvelles expériences et de vivre se sentir heureux quand vous l'occasion de découvrir des valeurs humaines positives telles que la paix, l'amitié, l'amour, la solidarité et l'unité est donné; b) les enseignants comprendre aussi que, LIVE possède d'excellentes fins, et doit être renforcée, non seulement à l'école mais dans la société dans son ensemble; c) Gestionnaire de base école soutient pleinement l'initiative et propose des contributions stratégiques à son développement; d) les parents ne participent pas, principalement en raison de la distance entre l' endroit où ils vivent et l'école; e) il ya des difficultés signalées par les élèves à l'égard de l'espace physique pour effectuer des activités nécessitant de la concentration, comme la lecture, jeux d'essais, réunions, etc. Cependant, l'expérience des valeurs humaines qui s'opposent à la logique inhumaine du capitalisme, il est encore difficile d'être consolidées parce que la société en général est de plus en plus vidée de sentiments positifs en investissant dans la compétitivité sans limites. Les résultats indiquent également que: les élèves à comprendre leur rôle dans le scénario de la construction d'une culture de la paix et demandent une plus grande présence des enseignants qui ne sont pas encore impliqués dans LIVE. Certes, en direct représente un nouvel idéal de l'existence humaine, faisant croire qu'un autre monde est possible. On peut donc rêver d'un monde de paix? Non seulement rêver, mais de le construire comme il est nécessaire 'à la paix pourrait sourire, pour vivre, de pouvoir.'

Mots-clés: Jeunesse. Culture de la paix. Les valeurs humaines.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Predominância quanto ao sexo (a)	52
Gráfico 2	– Predominância quanto ao estado civil (a)	53
Gráfico 3	– Predominância quanto à idade (a)	53
Gráfico 4	– Predominância quanto ao tempo de trabalho	54
Gráfico 5	– Predominância quanto ao vínculo	54
Gráfico 6	– Predominância quanto à formação	55
Gráfico 7	– Predominância quanto a gostar da escola (a)	55
Gráfico 8	– Predominância quanto ao conhecimento do VIVE	56
Gráfico 9	– Predominância quanto ao sexo (b)	56
Gráfico 10	– Predominância quanto ao estado civil (b)	57
Gráfico 11	– Predominância quanto à idade (b)	57
Gráfico 12	– Predominância quanto ao trabalho	58
Gráfico 13	– Predominância quanto a gostar da escola	58
Gráfico 14	– Evolução da matrícula por turno	59
Gráfico 15	– Porcentagem de matrícula por turno	60
Gráfico 16	– Distorção idade série total por turno	60
Gráfico 17	– Proficiência em Língua Portuguesa por série	64
Gráfico 18	– Proficiência Média em Matemática por série	65
Gráfico 19	– Dispersão das proficiências médias em relação ao número de docentes com ensino superior	68
Gráfico 20	– Evolução da matrícula na EEMWR (2008 a 2011)	70
Gráfico 21	– Distorção idade série na EEMWR (2008 a 2011)	71
Gráfico 22	– Evolução do rendimento escolar e abandono	72

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	– Estátua do Menino Jesus de Praga	48
Imagem 2	– Fotos da estrutura da EEMWR	50
Imagem 3	– Lançamento do programa VIVE nas escolas	82
Imagem 4	– Lançamento do programa VIVE na escola EEMWR	83
Imagem 5	– Projeto Reforço Escolar	89
Imagem 6	– Projeto Música na Escola	90
Imagem 7	– Projeto Saúde e Prevenção na EEMWR	91
Imagem 8	– Projeto <i>Bullying</i>	91
Imagem 9	– Projeto Africanidades	92
Imagem 10	– Projeto Literatura Cearense	93
Imagem 11	– Projeto Meu Ceará é Assim	94
Imagem 12	– Reunião de pais e mestres	96
Imagem 13	– Jornada Pedagógica	97
Imagem 14	– Valores Humanos: Amor	108
Imagem 15	– Desfile da Pátria	109
Imagem 16	– Iniciando trabalho com a equipe	131
Imagem 17	– Momento de interação com os presentes	132
Imagem 18	– Painel da Paz	133
Imagem 19	– Explicação da reflexão de abertura	135
Imagem 20	– Debatendo as palavras geradoras	136
Imagem 21	– Momento subjetivista (a)	137
Imagem 22	– Momento subjetivista (b)	138
Imagem 23	– Encerramento do encontro	139
Imagem 24	– Abertura da 4ª Vivência Pedagógica	142
Imagem 25	– Alunos interagindo sua história	143
Imagem 26	– Alunos no momento da escrita das histórias de vida	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Matrícula – 2012	72
Quadro 2 – Rendimento escolar – 2012	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Evolução da matrícula por turno	59
Tabela 2	– Distorção idade-série por série e turno	61
Tabela 3	– Distorção idade-série total turno	62
Tabela 4	– Percentuais por Padrões de Desempenho em Língua Portuguesa	63
Tabela 5	– Percentuais por Padrões de Desempenho em Matemática	64
Tabela 6	– Proficiência Média em Língua Portuguesa e Matemática na 1ª série do Ensino Médio	65
Tabela 7	– Proficiência Média em Língua Portuguesa e Matemática na 2ª série do Ensino Médio	65
Tabela 8	– Medidas descritivas das variáveis testadas e p-valores obtidos no teste quadrado de homogeneidade	67
Tabela 9	– Indicador proficiência média dos alunos em Português e Matemática em relação-correlação de Spearman	68
Tabela 10	– Evolução da matrícula: EEMWR	69
Tabela 11	– Distorção idade-série	70
Tabela 12	– Movimento do rendimento escolar	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALIVE	Association for Living Values International
CC	Írculo de Cultura
CE	Conselho Escolar
CEACE	Célula de Articulação do Censo Escolar
CEADE	Célula de Avaliação de Desempenho Acadêmico
CEEB	Censo Escolar da Educação Básica
CEGED	Célula de Estudos, Gestão de Dados e Disseminação de Informações Educacionais
CNE	Conselho Nacional de Educação
COAVE	Coordenadoria de Avaliação e Acompanhamento da Educação
CPC	Centro Popular de Cultura
CRAS	Centro de Reabilitação e Assistência Social
CREDE	Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação
DCNEM	Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra a Seca
DO	Diário Oficial
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EEMWR	Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz
EM	Ensino Médio
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EP	Educação para a Paz
FACED	Faculdade de Educação
GIDE	Gestão Integrada da Escola
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
Inpaz	Instituto Nacional de Educação para a Paz
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IVV	Instituto Vivendo Valores
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MCP	Movimento de Cultura Popular
MEC	Ministério da Educação
MS	Ministério da Saúde

OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
PDE	Plano de Desenvolvimento da Escola
PDT	Professor Diretor de Turma
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PJF	Projeto Jovem do Futuro
PNPE	Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego para os Jovens
PPP	Projeto Político Pedagógico
PREVEST	Preparação para o Vestibular
PROJOVEM	Programa Nacional de Inclusão do Jovem
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PSPE	Projeto Saúde e Prevenção Escolar
PST	Programa Segundo Tempo
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SEDUC	Secretaria da Educação
SERPAZ	Serviço de Paz
SPAECE	Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará
SME	Secretaria Municipal de Educação
SNJ	Secretaria Nacional da Juventude
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIPAZ	Universidade da Paz
UVA	Universidade Vale do Acaraú
VIVE	Vivendo Valores na Educação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	MOVIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	38
2.1	Trilhas e veredas da pesquisa	38
2.2	Chorozinho: notas históricas	47
2.2.1	<i>Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz: texto e contexto</i>	49
2.2.2	<i>Perfil da comunidade escolar da Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz</i>	51
3	O PROGRAMA VIVE: AÇÕES DE PAZ NA EDUCAÇÃO	75
3.1	O programa VIVE no Brasil e no Ceará	77
3.2	A implantação do programa VIVE na EEMWR	82
3.2.1	EEMWR: projetos escolares e atividades pedagógicas vivenciados em seu cotidiano	87
4	TESSITURA DA PAZ, EDUCAÇÃO PARA A PAZ E VALORES HUMANOS	99
4.1	Conversando sobre a Paz	100
4.2	Educação para a paz: compreensão do papel da escola	103
4.3	Valores Humanos: pressupostos éticos e filosóficos	106
4.4	Os Jovens da EEMWR: caminhos para a construção da Cultura de Paz e Valores Humanos	110
5	OS JOVENS DA EEMWR: VIVENDO OS VALORES HUMANOS E A CULTURA DE PAZ	113
5.1	Os Jovens e a escola: lugar de amigos, sociabilidade e aprendizagem	113
5.2	Os Jovens e seu cotidiano fora e dentro da escola: relação pais e amigos	119
5.3	O papel da escola na construção da Cultura de Paz e Valores Humanos: compromisso de todos	129
5.4	O VIVE como perspectiva de uma Cultura de Paz na EEMWR: benefícios para a escola e a vida dos alunos	160
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
	REFERÊNCIAS	176
	APÊNDICE A – OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO À GESTORA DA ESCOLA PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA	185

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM OS PROFESSORES E GESTORES	186
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO 9ª CREDE	190
APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA A PAULO BARROS	192
APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA AO NÚCLEO GESTOR	194
APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS	195
APÊNDICE G – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM COORDENADORES	196
APÊNDICE H – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM NÚCLEO GESTOR	197
APÊNDICE I – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS SEMISTRUTURADAS PARA OS PAIS	198
APÊNDICE J – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES	199
APÊNDICE K – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM COORDENADOR DO VIVE NO CEARÁ	202
ANEXO A – ROTEIRO DO 1º SEMINÁRIO COM PROFESSORES E GESTORES ESCOLARES: HARMONIZAÇÃO NA SALA DE AULA COMO REFLEXO PARA UMA CULTURA DE PAZ	203
ANEXO B – ROTEIRO DO 1º ENCONTRO COM OS JOVENS - HISTORICIDADES: O VIVE COMO POSSIBILIDADE DE UMA CULTURA DE PAZ	206
ANEXO C – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO	209
ANEXO D – HISTÓRICO DA EEM WLADIMIR RORIZ	219
ANEXO E – CALENDÁRIO ESCOLAR 2013	222
ANEXO F – MEDITAÇÃO UTILIZADA NO ENCONTRO COM PROFESSORES E GESTORES	223
ANEXO G – O MENESTREL	225
ANEXO H – O SIGNIFICADO DA PAZ	227
ANEXO I - É PRECISO SABER VIVER	228
ANEXO J - COMO VAI?	229
ANEXO L – SIMPLICIDADE	230

1 INTRODUÇÃO¹

Cultura de Paz é a paz infinita com o universo ao teu redor.²

Não existe caminho para a paz, a paz é o caminho
(Mahatma Gandhi).

Amem a todos, sirvam a todos
(Sathya Sai Baba).

Os Valores Humanos foram ensinados de geração a geração, essencialmente, através da cantação/contação de parlendas e histórias para crianças, jovens e adultos que escutavam, numa roda de conversa, experiências de vida dos membros idosos da família, com especial ênfase nas formas pacíficas (ABRAMOVICH, 1989). Com o desenvolvimento social, especificamente, com os novos modos de sociabilidade no cenário atual, a realidade foi mudando. Atualmente, novas gerações são incentivadas, por meio da educação, a treinarem habilidades, competências e conhecimentos voltados para a inserção no mundo da produção (BRASIL, 2011).

Esse padrão educativo leva os jovens, muitas vezes, a menosprezarem a vivência de Valores Humanos como solidariedade, tolerância, união, amizade, respeito, amor, compaixão e paz. A educação para a paz e a Cultura de Paz são, portanto, essenciais na atual conjuntura, porque enfatizam a necessidade, na prática cotidiana, de Valores Humanos. A paz, conforme assinala Weil (2002), não é algo fácil de ser conquistada, apesar de se constituir um imperativo categórico nos cenários mundial, nacional e local. Para se vivenciar uma Cultura de Paz, é importante compreender que a escola é um espaço privilegiado. Acredito nisso e, com isso, seguí adiante com essa pesquisa.

Assim, trabalhei os Valores Humanos na Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz, buscando inter-relacionar a perspectiva ética com o ponto de vista em favor da vida em todos os sentidos. É sabido que o Programa Vivendo Valores na Educação (VIVE) surgiu nessa escola, como Programa, por intermédio da 9ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (9ª. CREDE, 2011),³ que consciente das necessidades educacionais dos jovens sob sua responsabilidade, no que se refere à educação integral e cidadã, implementou, em 2011, o

¹ Alguns dos nomes dos participantes da pesquisa que estão neste texto são fictícios. Apenas dos que me autorizaram constam os nomes de batismo.

² Depoimento de um jovem aluno sobre a Cultura de Paz, quando da realização dos encontros inspirados nos Círculos de Cultura (FREIRE, 2005a), durante esta pesquisa.

³ A Coordenadora da 9ª Crede, àquela época, era a Professora Dóris Leão.

‘Programa Formação de Valores e Cultura de Paz nas Escolas’, visto que “a educação baseada em valores é uma forma efetiva, consciente e crítica de intervenção no mundo” (BARROS, 2009, p. 59). Em junho de 2011, foi efetivado o **I Encontro do Programa Vivendo Valores na Escola**,⁴ com o objetivo de socializar o VIVE nas escolas estaduais sob sua jurisdição, tendo como participantes diretores, coordenadores e professores.

Nesse momento, a Profa. Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos, palestrou sobre o tema ‘Cultura de Paz nas Escolas’. No referido evento, os alunos, que foram selecionados a partir de seu envolvimento no cotidiano escolar (os representantes de sala e os que gostavam de participar de atividades artísticas), participaram de uma apresentação musical. A função deles foi incentivar os demais estudantes a desenvolverem temáticas, de acordo com o VIVE. A Professora Nazaré de Fátima, que coordenava o VIVE em seu início, tornou-se a principal responsável pela coordenação deste programa. Em seu trabalho, ela articulou, de modo interdisciplinar, as atividades realizadas em sala de aula e fora dos muros da EEMWR.

Por admirar esse trabalho com a Cultura de Paz, efetivado pelos professores e alunos da escola pesquisada, fui aos poucos me aproximando e compartilhando a mesma ideia de Hubner (2013), quando diz que a Cultura de Paz consiste na vivência de Valores Humanos, a saber: Paz, Tolerância, Respeito, Amor, Responsabilidade, Cooperação, União, dentre outros, fazendo com que os educandos reflitam e participem ativamente da consolidação desses.

A criação do Programa VIVE se deu, portanto, a partir da implantação do Programa Geração da Paz, desenvolvido pela Secretaria da Educação Básica do Ceará (SEDUC), por ocasião da Conferência Internacional sobre os Sete Saberes, promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e realizada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e pela Universidade Católica do Brasil (UCB), em setembro de 2010, tendo como finalidade de mobilizar a sociedade para o compromisso de promover ações educativas e sociais voltadas para a valorização da vida e geração da paz,

Na EEMWR, iniciei o trabalho com o objetivo de conhecer a forma como foram implantados o VIVE e outros programas nessa escola. Na oportunidade, entrevistei a coordenadora do Programa VIVE, que revelou:

Este Programa é uma oportunidade para vivenciarmos os valores positivos com os alunos, pois eles, na maioria das vezes, vêm com uma carga de

⁴ Antes disso já havia acontecido uma capacitação dos professores, realizada pelo professor Paulo Barros, que, através de uma entrevista concedida à pesquisadora, salientou esta informação.

agressividade muito grande. Quando começamos foi difícil, mas hoje, eles param para pensar melhor sobre suas atitudes. Pelo menos com os jovens envolvidos no programa, que são 15 (quinze), temos obtido êxito. (COORDENADORA DO VIVE).

Pelo que percebi, por meio dessa fala, o VIVE figura como uma possibilidade de modificar o cenário escolar, no sentido de construir a Paz, pela vivência dos Valores Humanos com os jovens e com todos os que, de uma ou de outra forma, com eles se relacionam. Nisso, pressupõe-se o diálogo, no campo da experiência:

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca das ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2005a, p. 45).

As práticas educativas que promovem a educação, no sentido de vivenciar a cultura para a paz, com a disseminação de valores para a construção de uma escola e de uma sociedade com base em valores pacíficos, não são recentes. A temática ‘Paz’ vem sendo enfocada e aderida, não só pelas escolas, mas também, pelo governo e pela sociedade, que perceberam ser, a partir da construção de Valores Humanos, que conseguiremos melhorar as nossas relações cotidianas.

Segundo Guimarães (2006), a educação para a paz se apresenta como espaço argumentativo, tanto de crítica da cultura de violência como de construção de um consenso para a paz, que deve incluir a capacitação para a resolução não violenta de conflitos, a não cooperação com a injustiça e a mobilização em favor da ‘não violência’. Seu mais importante objetivo é a formação da competência comunicativa, através de círculos de Cultura de Paz e oficinas para a paz. Uma das grandes contribuições desse autor está em apontar que é possível vivenciar a paz por meio da implantação de uma Cultura de Paz, em um mundo marcado pela violência e pela banalização da vida.

Minayo e Souza (1999, p. 8) registram que o Brasil, através da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, vem se preocupando com essa temática, a partir do lançamento, em 2000, do Programa Nacional ‘Paz nas Escolas’, capacitando professores no sentido de “[...] sistematizar uma Cultura de Paz, nos tempos em que a violência e a paz são apresentadas como fenômenos naturais quando, na verdade, são construtos sociais.”

Segundo Jares (2002), a paz no cenário ocidental da Antiguidade tem como causa a *pax romana*, limitando-se à ausência de guerras. Essa concepção baseia-se na

superficialidade das relações, reduzindo a paz à condição da inexistência do conflito. Nesse sentido, o autor citado apresenta um conceito de Cultura de Paz, reflexivo, no qual sejam promovidos encontros para que cada um assuma seu papel de cidadão na transformação de si mesmo e do outro, e isso só será possível se toda a comunidade contribuir e respeitar os valores na sua realidade familiar e social. Matos, Nascimento e Nonato Junior (2008, p. 40-41) assim se posiciona:

[...] não é importante apenas a leitura que os educadores precisam fazer de seu tempo, como também a reflexão necessária quanto ao papel da escola, em meio à construção de novos valores culturais, com a modificação do padrão comportamental. Tendo em vista que repensar essas relações estabelecidas na escola acentua o primeiro passo para a reflexão diante das posturas inequívocas do que seja educar para a paz.

Para isso, faz-se necessária a desconstrução do conceito de paz que, há muito, vem sendo difundido, segundo o qual a paz prescinde a passividade do ser humano, sem voz e acomodado diante dos fatos que julga não ter mais jeito. Ao contrário, essa condução deve ocorrer de forma participativa, na qual todos se envolvam efetivamente, conquistando, assim, um modelo de cidadão que se quer formar, um promotor da paz. A Assembleia Geral da UNESCO (1999, p. 30) definiu a Cultura de Paz como um “[...] conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados no respeito à vida, ao fim da violência, à prática da não violência, por meio da educação, diálogo e cooperação.”

A transformação da sociedade, que evoluiu de uma cultura de guerra para uma Cultura de Paz, exige o engajamento de todas as pessoas, que devem colaborar no sentido de buscar determinado conhecimento, compartilhado e construído por meio de uma metodologia que lhes permita agir de forma pacífica.

Segundo Weil (2002, p. 26),

A paz deve ser entendida a partir de uma visão holística das relações, em que há necessidade não só de uma modificação estrutural ou social, mas também da reconstituição individual dos sujeitos, para que se estabeleça a harmonia do homem, ou seja, a questão do respeito ao outro, ao diferente, é essencial.

É importante que a educação para a paz se torne uma iniciativa contínua, para que os valores sejam trabalhados através de reflexões e ações adequadas à nossa cultura. Partindo da definição de Cultura de Paz, Guimarães (2006, p. 32) reconhece que:

[...] a paz tem, além de raízes sociais, econômicas e políticas, uma base cultural. A cultura, por um lado, diz respeito às expressões produzidas e

criadas pela humanidade e, portanto, como uma realidade ligada ao ato de aprender, transmitir, educar; por outro, como aquilo que subjaz a estas mesmas expressões. (GUIMARÃES, 2006, p. 32).

Para que se possa, portanto, construir uma Cultura de Paz, “[...] é necessário mudar atitudes, crenças e comportamentos, até se tornar viável a resolução dos conflitos, de modo não violento [...], por meio de acordos e não, do senso comum [...]” (GUIMARÃES, 2006, p. 3). Se, atualmente, há jovens que buscam nas drogas e na violência espaços para se autoafirmar, existe também a possibilidade de outros se engajarem em ações e movimentos, por meio dos quais busquem um mundo melhor e mais feliz para todos, atitude que faz essencial diferença no contexto conflituoso da sociedade atual.

Com base no contexto histórico apresentado por Jares (2002), é possível resumir os quatro marcos geradores de mudanças que poderão transformar a cultura de guerra em uma Cultura de Paz: 1) o legado da Escola Nova, no início do século XX, a eclosão e as consequências socioeconômicas e morais da Primeira Guerra Mundial (que agregou novos componentes como educação para os direitos humanos e educação para o desarmamento); 2) a colaboração da UNESCO, com a instituição de propostas educativas; 3) a contribuição da Pesquisa para a Paz (na década de 1960, com o surgimento de uma nova disciplina denominada Pesquisa para a Paz); 4) os subsídios pedagógicos da não violência (não possuem cronologia temporal) baseados nos princípios gandhianos: *satyagraha* (firmeza na verdade) e *ahimsa* (ação sem violência).

Jares (2002) ressalta as propostas da educação para a paz recorrendo a quatro conceitos básicos: paz positiva (associação da paz, não como antítese de guerra, mas de violência); perspectiva criativa do conflito (vias positivas como processo criativo); desenvolvimento (limitado, atribuído ao crescimento econômico e humano e às variáveis sociais e culturais); e os direitos humanos.

Apontando para a importância e a necessidade de se construir uma Cultura de Paz, diante das propostas de educação para a paz, Milani (2003, p. 31) indica: “[...] para que relações de paz, respeito e cooperação prevaleçam numa escola ou comunidade, não bastam boas intenções e belos discursos.” Para isso, são necessárias transformações indispensáveis no sentido de cultivar a paz, as quais devem se mostrar efetivas e concretas nas relações humanas e sociais. Nesse sentido, a autora citada se refere ao discurso da paz que permeia o senso comum, assumindo um caráter abstrato como o ideal que todos desejam, mas que poucos se dispõem a construir.

Para que a Cultura de Paz se torne abrangente, é imprescindível que se analisem os discursos e a forma como seus atores compreendem e enfrentam o fenômeno da violência. Sob essa perspectiva, Milani (2003) apresenta três abordagens presentes nos discursos dos diversos atores sociais: a da repressão, a da estrutura e a da Cultura de Paz.

A repressão adota medidas de força, para a resolução de problemas, tais como o policiamento, a aplicação de regras muito rígidas, dentre outras ações que desconsideram as diferenças e as preferências de cada indivíduo. A abordagem estrutural que aponta a condição socioeconômica como causa da violência e passa a ser considerada como algo inevitável. A Cultura de Paz “[...] propõe mudanças inspiradas em valores como justiça, diversidade, respeito e solidariedade, por parte de indivíduos, grupos, instituições e governos.” (MILANI, 2003, p. 38). Esse modelo enfatiza a viabilidade de se reduzirem os níveis de violência, por meio de intervenções fundamentadas na educação, saúde, participação cidadã e melhoria da qualidade de vida.

Dessa forma, enquanto o primeiro enfoque tende a interpretar a violência como uma expressão exclusiva de pessoas incapacitadas para o convívio social; e o segundo tende a considerar o indivíduo violento como vítima da sociedade; o terceiro, correspondente ao modelo da Cultura de Paz, analisa a violência como “um fenômeno multidimensional e multicausal, que se manifesta por expressões individuais, grupais e/ou institucionais, e cujo enfrentamento exigirá mudanças – culturais, sociais, econômicas, morais – de parte de todos. (MILANI, 2003, p. 39).

Tais abordagens, no caso da instituição escolar onde se desenvolveu esta pesquisa, alicerçam as ações dos professores e gestores em relação à minimização da violência, definindo estratégias a serem aplicadas, as quais a EEMWR procuram realizar, recorrendo às ações indicadas pelo VIVE, o que é abordado a seguir, apontando as orientações para o Brasil.

Os momentos de construção da Cultura de Paz na EEMWR não serão esquecidos, pois o caminho construído durante os anos de pesquisa evidenciou um complexo aprendizado sobre a juventude, mostrando que esta é capaz de tornar manifesta uma Cultura de Paz, apesar dos limites impostos pela sociedade, que se refletem, significativamente, no ambiente escolar. A construção da PAZ é inteiramente possível, desde que a escola atue numa posição dialógica, como abordou Freire, ao explicitar que o jovem deve agir como um ser autônomo e participativo, nesse processo. Assim, a partir desse entrelaçamento dialógico, essa trajetória pode ser traçada e vivida.

Nesta pesquisa, pretendo demonstrar que na EEMWR, situada em Chorozinho-CE, foi possível a vivência de Valores Humanos, pelos jovens alunos, por meio de encontros

dialógicos⁵ e de seminários com os professores e os gestores. O estudo desta tese diz respeito ao Programa Vivendo Valores na Educação (VIVE), adotado por esse *locus* escolar, cuja abrangência mundial tem-se tornado cada vez mais importante no contexto das políticas de educação para a paz (BARROS, 2012).

É preciso, portanto, destacar que o Programa foi instituído, em 1988, pela Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, e pelas Casas do Parlamento, em Londres, idealizado pelos ‘Mensageiros da Paz Internacional’,⁶ cuja elaboração ocorreu por meio de uma pesquisa envolvendo a seguinte questão: - Qual é a sua visão de um mundo melhor? Àquela época, essa indagação foi respondida por 120 (cento e vinte) países, dentre os quais, o Brasil, representado pelo Instituto Vivendo Valores (IVV) e pela Organização Não Governamental (ONG) Brahma Kumaris, sob a coordenação da *Association For The Living Values Educattion Internacional* (ALIVE).

A partir dessa iniciativa, foi escrita a ‘Declaração da Visão Global’, que sintetizou essa questão. Como desdobramento, surgiu o ‘Projeto Internacional Partilhando Valores para um Mundo Melhor’, e no 50º (quinguagésimo) aniversário das Nações Unidas, ocorrido em 1995, os resultados elencados compuseram uma lista de Valores Humanos universais tais como: Paz, Respeito, Cooperação, Liberdade, Felicidade, Honestidade, Humildade, Amor, Responsabilidade, Simplicidade, Tolerância e União. Esses Valores Humanos fundamentaram o Programa ‘Vivendo Valores na Educação’ (VIVE), estabelecido em 1996, numa reunião apoiada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), sediada em Nova York, com educadores de vários países, dentre eles, alguns do Brasil, que se reuniram para discutirem a implantação dos Valores Humanos nas escolas, com o objetivo de prepararem os alunos para vivenciá-los.⁷ O VIVE foi implantado em todas as escolas estaduais cearenses da 9ª CREDE, visando à prática de Valores Humanos, de forma a resgatar a autonomia dos estudantes, levando-os a refletirem e a participarem das atividades na escola (HUBNER, 2013).

⁵ Inspirados nos Círculos de Cultura (CC) de Paulo Freire (2000). Acrescento ainda que me norteiei pelos temas de dobradiça.

⁶ Os “Mensageiros Internacionais da Paz” são pessoas que se destacam em diferentes campos dos saberes humanos, como: Ciências Humanas, Ciências Exatas, Ciências Sociais Aplicadas, Literatura, Música, Teatro, Esporte, Artes Plásticas, dentre outros. Atualmente, os “Mensageiros Internacionais da Paz” nomeados pela ONU foram: o escritor brasileiro Paulo Coelho, a princesa jordaniana, Haya; o maestro argentino-israelense Daniel Barenboim e a violonista americana, Midori Goto (ONU..., 2007).

⁷ Através do Manual, lançado em 1997 como projeto piloto, “Educadores do Vivendo Valores na Educação”, com reconhecimento internacional, em que esses valores serviram de base para o Programa VIVE.

Considerando tais acontecimentos, trago uma afirmativa de Barros (2012, p. 164) que discorre acerca da metodologia do VIVE: “caracteriza-se pela abertura, pela subjetividade, pelo dinamismo, pela interatividade, pela criatividade e põe o estudante como protagonista do processo.” Isso significa que o aluno tem um papel fundamental em todo o processo de desenvolvimento do VIVE, na construção dos Valores Humanos.

A metodologia se solidificou de forma que os pesquisados perceberam-se capazes de integrar o sentir, o pensar e o agir, por meio de suas atitudes, tais como a resolução de conflitos por meio do diálogo e da solidariedade. Enfim, não apenas trabalhei de forma abstrata, mas concretamente. Desse modo, através da pesquisa participante, fiz este estudo, considerando, como aporte metodológico essencial, a voz dos envolvidos no processo de pesquisa e a fundamentação em teóricos como: Brandão (1985); Le Boterf (1985); Severino, (2002); Lakatos e Marconi (2004).

Realizei a pesquisa no espaço social, como alguém que deseja uma sociedade permeada pela Cultura de Paz. Como enfatiza Tillman (2012, p. 3-4): “[...] em um ambiente de ensino e aprendizagem, quando os valores positivos e a busca de significado e propósito são colocados no centro de ensino e aprendizagem, a própria educação é valorizada.” Há, portanto, uma intrínseca relação entre a Cultura de Paz e a educação para a paz.

O presente texto, mais que um trabalho científico, apresenta um testemunho de que um ‘mundo’ mais humano, mais pacífico é viável e possível de ser construído na escola e para ela. As questões da Cultura de Paz e dos Valores Humanos precisam ser abordadas na escola, com alunos, professores, pais, núcleo gestor e toda a comunidade do seu entorno, pois estamos todos potencialmente num processo de crescimento e formação humana. Nas palavras de Freire (1997, p. 79):

Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo, aos poucos, na prática social na qual tomamos parte. Não nasci professor ou marcado para sê-lo, embora minha infância e adolescência tenham estado sempre cheias de ‘sonhos’, em que, rara vez, me vi encarnando figura que não fosse a de professor.

Essa citação freireana retrata, também, a minha infância e me traz memórias preciosas: ainda menina, corria pelos espaços da escola ‘Instituto Nossa Senhora da Conceição’, cuja diretora era minha mãe.⁸ Lá me vi sonhando em ser educadora, dentro de um labirinto no qual, não raras vezes, via-me perdida. Ao me situar no presente, reconheço que estou, temporariamente, numa fase de reencontro com o meu sonho, defendendo, com este

⁸ Maria Augusta Maia da Costa.

estudo, que a escola é um espaço socioeducativo fundamental, no sentido de construir a Cultura de Paz, por meio da vivência dos Valores Humanos.

Ao vivenciar o cotidiano da EEMWR, pude perceber como os jovens alunos realizaram as ações educativas voltadas à construção de Valores Humanos trabalhados pelo VIVE, e como contribuíram para o fortalecimento da Cultura de Paz nessa escola. Sinto, portanto, que o ‘VIVE’ é de suma importância para a criação de uma nova realidade escolar e social, até porque se articula aos projetos da escola, como ‘Música na Escola’ e ‘Meu Ceará é assim’, dentre outros.

Desse modo, aproximei-me da referida temática por dois motivos: 1) a minha experiência anterior como gestora escolar, durante 15 anos, através da qual tive a oportunidade de conhecer jovens alunos, dialogando e compartilhando sobre seus anseios e planos de vida; 2) através da minha inserção, desde 2010, no grupo de pesquisa ‘Cultura de Paz, Espiritualidade, Juventudes e Docentes’, da Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal do Ceará (UFC), coordenado pela orientadora deste trabalho, a Profa. Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos, no qual pude me desenvolver intelectualmente, lançando as sementes do projeto de pesquisa que, atualmente, transformou-se neste texto.

Tais situações constituíram-se momentos reflexivos sobre o ‘meu Eu’ em relação ao ‘Tu’ que, nesse caso, permitiu-me conhecer vários sujeitos em múltiplas condições existenciais, e me levaram a perceber o mundo em que vivemos e o quanto esse é permeado por estados de conflitos (BUBER, 2001). Apreendi, acima de tudo que, por meio do diálogo, é possível construir uma Cultura de Paz, a partir da escola como centro irradiador dessa experiência.

É preciso, nos dias atuais, aprender e viver os Valores Humanos e a Cultura de Paz. Os primeiros tratam do respeito humano e a segunda refere-se ao diálogo, na perspectiva da educação, para o desenvolvimento da Cultura de Paz, que não é, apenas, mais uma expressão moderna, indo mais além que isso. Conforme o artigo 1º da Declaração sobre uma Cultura de Paz, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, na 107ª sessão plenária, em 13 de setembro de 1999, Cultura de Paz é “[...] um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados: a) No respeito à vida, no fim da violência e na promoção e prática da não violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação.” (GUIMARÃES, 2006, p. 57).

Epistemologicamente, o VIVE é uma construção cultural permanente e evolutiva, em que a paz é dialeticamente vivenciada e a escola é um espaço privilegiado dessa aprendizagem. A Cultura de Paz não significa ausência de conflitos, mas a busca por

solucioná-los recorrendo ao diálogo, ao entendimento e ao respeito às diferenças (MATOS *et al.*, 2006).

Neste trabalho, elegi como categorias centrais: Cultura de Paz, jovens e Valores Humanos. Para tanto, utilizei autores como: Freire (1997), Buber (2001), Milani (2003), Jares (2007a; 2007b), Matos, Nascimento e Nonato Júnior (2008), Hübner (2013) e Matos (2006; 2013). A investigação foi norteadada sob a ótica dos autores citados e, por ela, tive a oportunidade de conhecer os fatores que interferem na construção de uma Cultura de Paz e dos Valores Humanos, alicerçada nas orientações do VIVE em uma escola pública, interagindo diretamente com os envolvidos nesse processo.

A Cultura de Paz defende valores que pretendem humanizar o mundo, mostrando que ‘ser’ é mais importante que ‘ter’. Ela foi inspirada no Manifesto 2000, por uma ‘Cultura de Paz e Não Violência’, projetado por ganhadores do prêmio Nobel da Paz.⁹ A construção de uma sociedade de paz é plausível, mas não pode ser erguida isoladamente, pois necessita da participação de todos. Assim, adentrei no espaço socioeducativo da EEMWR, no sentido de perceber como os jovens alunos vivenciam ações formativas baseadas nas orientações do VIVE, relativas à construção de Valores Humanos na referida escola. O Ensino Médio (EM) é a etapa final da educação básica, que deve garantir o direito dos jovens a uma educação de qualidade, na “[...] perspectiva do direito à educação, o que significa promover a sua democratização [...]” (KUENZER, 2010, p. 857). Especificamente, com relação ao Ensino Médio, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), lançados pelo Ministério da Educação (MEC), em 1999, colocavam a necessidade de se desenvolverem, nos jovens alunos, atitudes e Valores Humanos que reconheçam a sociabilidade humana como elemento fundante da preservação da vida, visto que é preciso “[...] compreender os elementos cognitivos, afetivos, sociais e culturais que constituem a identidade própria e a dos outros.” (BRASIL, 1999, p. 296).

Considero, portanto, que é direito dos jovens alunos terem um espaço escolar em que se constrói uma Cultura de Paz, como prática de superação, pelo menos em parte, dos aspectos opressores como a humilhação, o *bullying*, que acarretam intimidação subjetiva e outros sentimentos, ao processo de conhecimento, que analisa, de forma crítica, a realidade social.

⁹ Norman Borlaug, Adolfo Perez Esquivel, Dalai Lama, Mikhail Sergeyevich Gorbachev, Mairead Maguire, Nelson Mandela, Rigoberta Menchu Tum, Shimon Peres, Jose Ramos Horta, Joseph Roblat, Desmond Mpilo Tutu, David Trimble, Elie Wiesel e Carlos Felipe Ximenes Belo.

Como superação, a Cultura de Paz pode materializar-se através da consciência crítica em que o ato de sonhar coletivamente altera o processo concreto de realização (FREIRE, 1999). É importante deixar claro que a EEMWR atende, atualmente, a 869 alunos (INEP, 2012) pertencentes à 9ª CREDE, com sede no município de Horizonte, situado na Região Metropolitana de Fortaleza, abrangendo a jurisdição dos municípios de Horizonte, Pacajus, Chorozinho, Cascavel, Beberibe e Pindoretama (CEARÁ, 2014).

Sob a coordenação da SEDUC, a 9ª CREDE aderiu à proposta da ‘Agenda 22’¹⁰ e realizou uma Capacitação, no ano de 2011, com 14 escolas públicas de sua abrangência, cujo objetivo foi desenvolver “[...] um projeto de formação de jovens das escolas estaduais e municipais, alicerçado em Valores Humanos universais, visando promover uma Cultura de Paz entre gestores, professores, alunos e familiares, com base no VIVE [...]” (LEÃO, 2012, p. 2).

Quanto ao Programa VIVE, ele vem sendo trabalhado em algumas escolas da 9ª CREDE, com o objetivo de que desenvolver, em suas práticas pedagógicas, Valores Humanos como Confiança, Honestidade, Paz, Respeito, Amor, Responsabilidade, Humildade, Compaixão, Simplicidade, Tolerância, Cooperação e União, incentivando os educandos a refletirem, conhecerem e trabalharem esses valores, para que esses sejam vivenciados no seu cotidiano.

Debater sobre a educação em Valores Humanos vai além dos muros da escola, pois é um aprendizado para a vida. Concordo plenamente com as autoras citadas, daí porque me decidi por participar da implantação e acompanhamento do Programa VIVE na EEMWR, cujo repertório de Valores Humanos foi utilizado na perspectiva do ‘tema de dobradiça’, que incrementou a abordagem dos valores que estavam sendo trabalhados e que serviram de subsídios para o aprofundamento dessa vivência na escola. Esses ‘temas de dobradiça’, na verdade, constituem uma contribuição do educador-coordenador, que introduz outros temas que podem auxiliar e enriquecer a compreensão do grupo. Conforme Freire e Betto (1985, p. 14-15):

Os projetos dos círculos de cultura do MCP não tinham uma programação feita *a priori*. A programação vinha de uma consulta aos grupos, quer dizer: os temas a serem debatidos nos círculos de cultura, o grupo que estabelecia. Cabia a nós, como educadores, com o grupo, tratar a temática que o grupo propunha. Mas podíamos acrescentar à temática proposta este ou aquele outro tema que, na Pedagogia do oprimido, chamei de ‘temas de dobradiça’

¹⁰ Uma das atividades do Programa Geração da Paz, desenvolvido pela SEDUC, cuja ação objetiva é promover e desenvolver estratégias de aproximação entre escola e comunidade, visando à construção de uma Cultura de Paz no Estado (CEARÁ, 2014).

— assuntos que se inseriam como fundamentais no corpo inteiro da temática, para melhor esclarecer ou iluminar a temática sugerida pelo grupo popular. (FREIRE; BETTO, 1985, p. 14-15).

Esclareço, igualmente, que a metodologia privilegiada, por mim, neste trabalho, foi inspirada nos Círculos de Cultura (CC) de Freire (2002) e que, através dos Valores Humanos estudados com os alunos, percebi que outras temáticas surgiam, sendo apresentadas, como ‘temas de dobradiça’. Para uma melhor compreensão, apresento os seguintes exemplos:

1 – Ao se trabalhar o Valor Humano ‘Amor’ com os jovens alunos, outros temas foram suscitados como: atenção, carinho e cuidado. Nisso, conversávamos acerca do que significa, de fato, uma postura humana baseada em tais temas. Se um jovem aluno fazia menção ao Valor Humano ‘Amor’ como ‘carinho’, os demais perguntavam: e na sua casa você é carinhoso? Com isso, o diálogo fluía e todos refletiam no campo da dinâmica realizada.

2 – Ao se trabalhar o Valor Humano ‘Paz’, outros temas surgiram como: harmonia, diálogo e ajuda, ou seja, a cada Valor Humano apresentado, outros iam brotando como forma de se vivenciar mais densamente o que estava sendo trabalhado, de modo que esse momento suscitou numa ocasião de aprofundamento de outros valores que foram aparecendo conforme as reflexões iam sendo concretizadas, o que Paulo Freire chama ‘temas de dobradiça’.

Nesse sentido, atuei, nesse processo, como ‘educadora-coordenadora’, em busca do desdobramento de todos os Valores Humanos que compõem o Programa VIVE. Na perspectiva do desenvolvimento desta pesquisa, adotei a postura de escuta e elucidação dos diversos aspectos da situação. Por isso, levantei o maior número possível de informações e atividades que me ajudaram a compreender e explicitar o objeto de estudo: 1ª Atividade: Seminário de apresentação do projeto de doutorado ao corpo docente e núcleo gestor da EEMWR; 2ª Atividade: Encontros com os jovens alunos da EEMWR, inspirados nos Círculos de Cultura (CC) freireanos; 3ª Atividade: Seminário de apresentação dos resultados da pesquisa ao corpo docente e núcleo gestor. Além disso, apliquei questionários e entrevistas ao núcleo gestor e aos professores, alunos e pais e realizei um Grupo Focal¹¹ com oito (8) alunos da Instituição.

Construí uma aprendizagem constante quanto aos atos de observar, registrar e analisar a realidade vivida entre os envolvidos e a forma como partilham experiências e

¹¹Técnica de entrevista em grupo que busca coletar informações dos investigados, sobre uma determinada questão, e que alcança maior número de pessoas num menor espaço de tempo e aprofunda o tema em função das diversas opiniões (MATOS; VIEIRA, 2001).

Valores Humanos, no sentido de construir uma Cultura de Paz, inspirada nos Círculos de Cultura (CC) freireanos, para trabalhar com os jovens os Valores Humanos do VIVE. Os CCs surgiram na década de 1960, no Recife, no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), sob a coordenação do educador Paulo Freire (2005 a ou b), visando à valorização da cultura popular e apresentando uma proposta, segundo a qual, toda a sociedade deveria ter espaço para a participação, não só política, mas também cultural, possibilitando uma prática pedagógica diferente da sala de aula.

Foi denominado Círculo porque o processo educativo acontecia em uma roda de conversa, com foco no tema abordado. Assim, na pesquisa realizada para este estudo, os jovens conversaram sobre os Valores Humanos e o processo de construção da Cultura de Paz. Todos podiam olhar-se, contando com o apoio da pesquisadora, como facilitadora das reflexões. Na dinâmica, foram abordados os Valores Humanos definidos pelo VIVE.

Na concepção freireana, os CCs visavam trabalhar a ‘leitura do mundo’ pela qual a aprendizagem se dava de forma coletiva e com a possibilidade de reflexão conforme o tema escolhido. Em diversas oportunidades, em sua obra, Paulo Freire (1997) explica o conceito de CC como momentos de encontro entre as pessoas interessadas em ter a oportunidade de estudar e de vivenciar atividades culturais e educacionais, tendo a finalidade de promover o ensino e a aprendizagem não formal, em espaços diversos, além da sala da aula, nos quais acontece o encontro entre pessoas que aprendem e que, ao fazê-lo, ensinam algo, umas às outras (PADILHA, 2007).

Inicialmente, foram tratados como espaços que abrigavam Círculos de Cultura: bibliotecas populares, representações teatrais, atividades recreativas e esportivas, em que, dialogicamente, ensinava-se e aprendia-se. Neles se produzia o conhecimento e se construía novas hipóteses de leitura do mundo (FREIRE, 1997).

Assim, os CCs proporcionam uma diferente forma de olhar e de compreender a realidade, a partir do debate sobre uma temática na qual os envolvidos pensam, refletem, intervêm e avaliam o seu fazer, num movimento permanentemente dialógico, em que têm oportunidade de aprender coisas novas e de repassar o conhecimento adquirido através da construção da sua vivência e da experiência do seu cotidiano, constituindo-se, assim, ‘culturas’ específicas de cada localidade (FREIRE, 1997).

Nessa perspectiva, o ser humano é visto como um ser relacional e criador de cultura, capaz de construir e de partilhar conhecimentos, em momentos de diálogo com seus semelhantes. O conhecimento nasce no diálogo, e este é imprescindível a uma prática pedagógica democrática. Assim, uma proposta pedagógica, em que há a reciprocidade de

pensamentos, através da conscientização crítica dos que participam do pensar seu mundo, vem apresentada através de ‘temas geradores’, momento no qual professores e alunos passam a refletir, de forma crítica, sobre o espaço em que vivem, a fim de o compreenderem melhor e definirem propostas de mudanças, tornando-os, assim, coparticipantes do processo (FREIRE, 1997).

O papel do coordenador do círculo é propiciar as condições do debate, sendo um facilitador que pouco intervém, mas promove a evolução do diálogo, permitindo que os participantes se “sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros” (FREIRE, 1997, p. 141). Nessa perspectiva, Freire utiliza essa prática em diferentes momentos, apresentando uma aprendizagem de forma recíproca a partir das experiências trazidas do seu ambiente.

Cada CC é único, dependendo da temática a ser desenvolvida e na qual cada participante se envolve.

Ensinar-educar dialogicamente exige o saber escutar, pois é escutando que aprendemos a falar com [...], numa posição dialógica, que considera o outro também como sujeito de saber. Especialmente, exige disponibilidade para o diálogo no respeito à diferença e na coerência entre o que se diz e se faz (FIGUEIREDO, 2007, p. 89).

Esse é, na visão de Paulo Freire, o ponto de partida para o processo participativo na comunidade escolar, pois uma escola fechada ao diálogo reflete uma estrutura desacreditada aos que defendem que, através do amor se dá a verdadeira transformação do ser humano. Nos CCs, recorria-se à sabedoria popular, como um saber que se gera na prática social do povo, que busca uma compreensão mais solidária dos temas pertinentes ao conjunto desse saber. Assim, o educador comprometido viabiliza a compreensão mais crítica da temática proposta pelos participantes.

As atividades, nos Círculos, iniciavam-se com um levantamento dos temas, pelos participantes, que passavam a estudá-los em equipes constituídas por coordenadores e educadores, com o objetivo de elucidar e organizar os assuntos a serem discutidos entre os participantes. Havia a preocupação com os aspectos didático-pedagógicos, incluindo a utilização de todos os recursos de ensino possíveis, como projetor de *slides* e gravador, o que, para a época, eram as ferramentas mais avançadas em termos de recursos que poderiam ser colocados à disposição da educação (FREIRE, 1997).

Cavalcante (2008) aprofundou essa dinâmica, considerando que o CC leva os participantes a cingirem suas ideias numa posição de iguais, em que todos possam participar do momento, contribuindo, assim, com o desenvolvimento e o reconhecimento das raízes de cada um, facilitando, ainda, a visualização dos que estão engajados no processo, tendo a oportunidade de falar e ouvir sem fingirem uma expressão e sem obrigatoriamente utilizarem máscaras para se expressarem.

Isso sugere uma mudança significativa no processo de construção da cultura, que justifica alterações não apenas nas práticas, mas também na compreensão das ações dos envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem. Essa é, portanto, uma proposta bastante avançada, que pode proporcionar uma significativa contribuição educacional, considerando que a educação não se dá apenas no espaço formal de uma instituição de ensino.

Com base nesses pressupostos, o CC, na perspectiva de Paulo Freire, é um espaço privilegiado de ressignificação do processo educacional, contribuindo com a melhoria da ação didática e pedagógica do educador ou do coordenador dos debates e proporcionando aos estudantes uma educação voltada à cidadania e à emancipação do ser humano. Esse é o desafio que deve ser enfrentado por todos os educadores e por todos aqueles que participam do processo educacional.

Paulo Freire define alguns temas fundamentais como características dos CCs: o diálogo, a participação, o respeito ao outro, o trabalho em grupo (FREIRE, 2002). Nesse caso, a escola precisa incentivar o diálogo, a partir do momento em que acolhe os jovens, suas ideias e criatividade, impulsionando sua participação por meio de projetos educativos e de ações que demonstram as suas potencialidades latentes.

Paulo Freire se refere aos CCs em diferentes momentos de sua obra, como uma experiência que podia envolver três ou mais pessoas, que aprendiam, umas com as outras, a partir da explicitação de suas experiências. Os trabalhos realizados nos CCs envolviam certa profundidade educacional, visando à construção de um currículo com base na cultura dos participantes. Uma das mais completas explicações sobre os CCs é oferecida por Freire (2002, p. 103):

Em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar do professor, com tradições fortemente doadoras, o coordenador de debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos pontos e de programas alienados,

programação compacta, reduzida, codificada em unidades de aprendizado (FREIRE, 2002, p. 103).

A visão de ‘cultura’ de Paulo Freire envolve uma reflexão antropológica, que distingue dois mundos: o da natureza e o da cultura. Sua concepção de ser humano pressupõe o “papel ativo do homem em sua e com sua realidade. O sentido de mediação que tem a natureza para as relações e comunicação dos homens” (FREIRE, 2002, p. 108-109). Freire vê a cultura como sendo o acréscimo que o ser humano faz, ao mundo que não construiu, sendo, portanto, o resultado do seu trabalho, do seu esforço criador e recriador. Nessa perspectiva, a cultura assume um sentido transcendental e uma dimensão humanista. Nessa perspectiva, ela é considerada como a aquisição sistemática da experiência humana, incorporada de forma crítica e criadora e não, pela simples justaposição de informações ou prescrições ‘doadas’.

A ideia de cultura, utilizada por Freire, requer uma postura bastante crítica dos membros participantes do CC e de todas as pessoas da sociedade, do povo em geral, para que possam superar a ‘consciência ingênua’ e alcançar a ‘consciência crítica’, mediados pelo processo educacional.

Nesse contexto, realizei seminários e encontros com a comunidade escolar, inspirados no CC de Paulo Freire. Esse autor desenvolveu essa metodologia com o Movimento de Cultura Popular (MCP), ainda quando morava no Recife, lançando-o no Centro Popular de Cultura (CPC), no contexto da Educação de Jovens e Adultos, apresentando uma proposta ao País, no sentido de criar um espaço de participação política e cultural para essa clientela. Em sua obra ‘Educação como prática da liberdade’, Freire (2002) aborda a temática do CC, mostrando, a partir da leitura das experiências relatadas, ‘como’ e ‘por que’ se desenvolvem as relações entre educação e conscientização.

O CC acabou por fundamentar muitas ideias de Paulo Freire, como o diálogo, a participação e o trabalho em equipe. A escolha por essa abordagem está no fato de que, nesses encontros, é possível fazer uma ‘leitura do mundo’, em uma perspectiva crítica sobre o contexto atual e a dialogicidade (FREIRE, 1996). No desenvolvimento do presente estudo, isso se deu por atender ao caráter do objeto de estudo, o Programa VIVE que, como trabalho de mediação voltado à Cultura de Paz e à construção de Valores Humanos, exige uma postura investigativa, essencialmente dialógica. A leitura do mundo é necessária para que os seres humanos dele se apropriem no sentido de empreenderem mudanças. Nessa perspectiva, Freire (1996) defende que a leitura da palavra é precedida pela leitura do mundo.

Recorrendo ao diálogo interativo, a conscientização da realidade se dá mediante o processo de redimensionamento da aprendizagem, a partir de uma ‘palavra geradora’, ou ‘tema gerador’. O CC é, portanto, um instrumento pedagógico que possibilita a formação de uma consciência crítica e socializada, a respeito das realidades que afetam a vida das pessoas do grupo. Favorece um agir pessoal e coletivo para obter e aperfeiçoar as transformações necessárias, constituindo-se num espaço reflexivo e participativo (FREIRE, 2002). A criação é necessária e não pode ser hipócrita, sob pena de falsear a realidade. Assim, só é possível a recriação por meio do diálogo (FREIRE, 1999).

É necessário, portanto, que a prática educativa seja dirigida para o envolvimento do aluno em ações voltadas ao respeito às suas diferenças e ao meio em que vive, permitindo uma verdadeira interação no ambiente escolar. Ressalto, portanto, que na visão freireana é o diálogo que alicerça os CCs, pois é na ‘palavra pronunciada’ que se revela a realidade de cada um dos participantes, que se educam ao reconstruírem sua cultura. Assim, inspirada nessa metodologia, realizei momentos de encontros com a comunidade da EEMWR.

É importante enfatizar que, de início, enfrentei dificuldades na pesquisa porque era a primeira vez que eu vivenciava essa experiência. Ao me encontrar com os alunos, no primeiro momento, percebi que eles se sentiram ‘inibidos’, mas com o tempo foram se ‘soltando’, pois a confiança passou a nortear o trabalho. Fica evidente, portanto, que essa foi uma excelente oportunidade para problematizar informações sobre os valores escolhidos e vividos no dia a dia da escola e na sala de aula. No decorrer dos encontros, os alunos foram demonstrando maior segurança e participaram das discussões com maturidade e dialogicidade.

Desse modo, os CCs propiciaram um encontro com os jovens. O que busquei, em todos os momentos, foi uma valorização dos sentimentos e das emoções dos alunos. Nisso fluíram as heterogeneidades. Em tal sentido, referendar as reflexões elencadas nesse estudo, enfatizando a relação amorosa como sendo imprescindível no ambiente escolar saudável, só foi possível graças ao referencial freireano, pois: “[...] a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.” (FREIRE, 2002, p. 96). Assim, não se pode temer o debate, nem a análise da realidade.

Nessa perspectiva, é imprescindível que a escola incentive o diálogo, a partir do momento em que acolhe os jovens, numa dimensão mais ‘informal’, com suas ideias e sua criatividade, impulsionando sua participação através de projetos educativos e sociais, “[...] até que possam percebê-la com maior afinidade.” (MATOS, 2003b, p. 67). É importante que a escola elabore, com o envolvimento de todos os segmentos escolares, em especial dos alunos,

um projeto pedagógico que forneça livre acesso às diversas atividades culturais, para expressão de suas ideias, para que esses possam desfrutar uma vida mais saudável, na construção da paz positiva (JARES, 2002).

Assim, todos (núcleo gestor, professores, pais e alunos) devem ter acesso e noções sobre o tema em discussão, ‘Cultura de Paz e Valores Humanos’, e estarem conscientes de que a participação coletiva pode melhorar a realidade vivenciada. Assim, a ‘autotransformação’ conduz à transformação da realidade. Os encontros com os jovens coordenadores do VIVE constituíram uma produção muito rica. Busquei o levantamento do universo vocabular do grupo, para identificar palavras que sintetizassem a compreensão que tem da realidade, que constituíram os ‘temas de dobradiça’¹² para uma melhor compreensão dos temas estudados.

Particpei da maioria dos momentos do processo investigativo, inclusive, quando o VIVE foi apresentado à EEMWR, promovendo uma sensibilização sobre a importância dos Valores Humanos, a funcionários e professores, durante a semana pedagógica, em janeiro de 2011, facilitada pelo professor Paulo Sérgio Barros.¹³

Por sua vez, os encontros com os alunos foram vivenciados de forma leve e espontânea, buscando o seu envolvimento, no sentido de possibilitar ‘o pensar e o viver’ os Valores Humanos, trabalhados nos projetos escolares, de forma interdisciplinar. Cito como exemplo desses momentos a participação dos diferentes professores que lecionam em diversas áreas do conhecimento e que se envolveram de modo dinâmico no processo de desenvolvimento da pesquisa, principalmente nos Seminários.

Para viver a Cultura de Paz na escola é preciso realizar práticas dialógicas. Paulo Freire e Martin Buber¹⁴ defendem um processo educativo em defesa da paz, sendo que o papel da escola e, especificamente, o dos professores é o de facilitar práticas educativas pelas quais os jovens aprendam a respeitar o próximo, privilegiando a conversa e a cooperação. A base dos pensamentos desses autores é o diálogo, pois só através de uma ação dialógica encontramos respostas para que haja paz num mundo marcado pela intolerância.

¹²Nos CCs, os grupos eram consultados a sugerirem um tema a ser debatido, cabendo ao educador, junto com o grupo, tratar a temática proposta e acrescentar a essa “temas de dobradiça”, assuntos que se inseriam como fundamentais no corpo inteiro da temática, para um melhor esclarecimento dessa. Na realidade, o que acontece é que há uma sabedoria popular, sendo preciso lapidá-la ou preenchê-la para uma melhor compreensão do tema. É preciso viabilizar uma compreensão mais crítica da temática proposta pelo povo. Fazer com que consigam construir novas hipóteses de leitura do mundo (FREIRE, 2002).

¹³O professor, entrevistado pela pesquisadora, é coordenador do VIVE para o Norte e Nordeste do Brasil.

¹⁴Paulo Freire (1921–1997) e Martin Buber (1878–1965).

Por meio da educação para a Cultura de Paz, é preciso estabelecer um ensino com base em ações criativas e dialógicas, em que o professor tem um papel fundamental nessas ações, assumindo uma postura que valorize a experiência de vida dos alunos (BUBER, 2001). A educação deve levar o ser humano a se envolver em práticas dialógicas, pois ele tem capacidade de se comunicar com o próximo e essa comunicação acontece justamente entre o 'Eu e o Tu', envolvendo o diálogo e o encontro entre pessoas. Isso deve, sempre, se voltar à perspectiva de que, na escola, esse encontro aconteça a partir de uma ação reflexiva e dialógica entre professor e aluno, tornando, assim, o aprendizado um momento prazeroso e não uma ação mecânica. (FREIRE, 1999).

Diante do exposto, o texto, em questão, está estruturado desta forma:

Inicialmente, apresentam-se os movimentos metodológicos da pesquisa. Inicialmente, apresento as razões, motivações e o percurso da pesquisa, explicitando minha trajetória como gestora escolar, enfocando a importância dessa fase como escolha do meu objeto de estudo. Trago, ainda, o Programa Vivendo Valores na Educação (VIVE), como possibilidade de ações concretas voltadas à educação para a Paz, a partir da inserção dos Valores Humanos na prática pedagógica escolar. Posteriormente, traço a fundamentação do estudo, em que aponto a utilização da pesquisa participante, na qual compartilho esta experiência com a comunidade escolar da EEMWR. Por fim, escrevo sobre o município de Chorozinho: sua história, como a escola veio a contribuir com o crescimento intelectual e a construção de Valores Humanos pelos jovens, e sobre a infraestrutura da EEMWR.

A seguir, apresento o cenário internacional e nacional do VIVE, mostrando seu contexto, sua implementação e atuação nas escolas brasileiras, com ênfase no espaço das escolas cearenses, seus itinerários, assim como sua contribuição para a EEMWR e os benefícios que vem trazendo para a disseminação da Cultura de Paz.

Trabalho, ainda, com a dinâmica da tessitura do tema e apresento uma reflexão teórica sobre a paz, ressaltando sua historicidade e seu conceito, enfatizando a educação para a paz, na compreensão de que a escola deve assumir um papel relevante para a disseminação dessa prática. Posteriormente, traço uma abordagem teórica em que apresento os Valores Humanos com seus pressupostos ético-filosóficos, com ênfase no espaço escolar.

Apresento a compreensão sobre os jovens da EEMWR, tendo os seguintes temas como foco: vivendo os Valores Humanos e a Cultura de Paz. Ressalto o papel do jovem no ambiente escolar como um espaço de se fazer amigos, sua sociabilidade, aprendizagem, bem como seus laços de afetividade com sua família e seus professores, percebendo a escola como mediadora da vivência dos Valores Humanos e da construção de uma Cultura de Paz.

2 MOVIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Caminhante, não há caminho, faz-se caminho ao andar
(Antonio Machado).

Início com esse verso porque é assim que me sinto: fazendo o caminho, e nele caminhando. O percurso trilhado nessa pesquisa demonstrou que a Cultura de Paz é mais do que necessária, é urgente. Os laços mais sagrados que unem as pessoas umas às outras estão, de certa forma, vulnerabilizando-se. No campo midiático,¹⁵ ‘o desejo de paz’, atualmente, são expressões muito proferidas no Brasil. Entendo que há um desejo de paz, mesmo que isso ainda não se apregoe de forma clara.

A paz é necessária para conduzir as pessoas que por ela anseiam e tomam consciência do seu papel social. Entretanto, isso não é algo fácil de obter, pois diz respeito, não apenas, a uma lei, mas a uma cultura que necessita de tempo para se consolidar por meio da educação. Precisamos de espaços de ‘escuta’, o que prescinde da criação de cenários acolhedores e livres, ao ponto de fazer circular as falas das pessoas com amor, respeito e tolerância. Com essa compreensão, defini como objetivo deste capítulo, delinear os porquês da pesquisa e evidenciar o lugar, as pessoas e as formas metodológicas em que ela foi desenvolvida. Nos próximos tópicos, trato com maior propriedade essas questões.

2.1 Trilhas e veredas da pesquisa

Não haverá borboletas se a vida não passar por longas
e silenciosas metamorfoses
(ALVES, 2003, p. 6).

Borboletear-se. Antes, metamorfosear-se. Bem, antes ainda: sair do espaço que aprisiona o ser. Permito-me aqui narrar meu envolvimento com a temática desta pesquisa. Meu desejo por ela é anterior ao conhecimento do VIVE. Vem de quando eu era gestora escolar¹⁶ quando, em geral, mantive a preocupação de que a comunidade vivesse relações dialógicas, de forma a contribuir com o desenvolvimento dos jovens na escola e nas suas vidas. Desenvolvi ações no sentido de incentivar a participação dos estudantes. Assim,

¹⁵É possível ver essa questão espriada nas seguintes mídias: Internet, televisão, jornal, rádio e outras.

¹⁶Fui gestora escolar no período de 1987 a 2000 nas escolas de ensino fundamental e médio Monsenhor Dourado e Centro Educacional de Referência (CERE) Professora Maria José Santos Ferreira Gomes, nos bairros Padre Andrade e Antonio Bezerra, respectivamente, em Fortaleza-CE.

implantei projetos de arte e cultura como capoeira, dança, teatro e atividades lúdicas, pois a escola era aberta nos finais de semana para a realização de jogos e eventos culturais.

Essa experiência me levou a incorporar, na alma, o tema que optei por pesquisar. Foi isso o que me moveu: recuperar o lugar dos Valores Humanos na educação, considerando que, sem isso, não é possível a construção da Cultura de Paz. É possível, dessa forma, considerar que os Valores Humanos podem e devem ser desenvolvidos na escola. Educar para os Valores Humanos, como orienta o VIVE, implica em ir além de uma aprendizagem ‘bancária’¹⁷ (FREIRE, 1997).

Durante o período em que frequentei a EEMWR e me relacionei com gestores, professores, alunos e pais, numa perspectiva de aprendiz, estive concentrada em acompanhar o desenvolvimento do VIVE com as pessoas que lá trabalhavam, principalmente, os jovens alunos, recorrendo a quatro (4) encontros inspirados nos Círculos de Cultura de Paulo Freire (1996), com quinze (15) alunos envolvidos com o Programa VIVE, cujo objetivo foi dividir experiências em Valores Humanos, no sentido de construir uma Cultura de Paz. Sinteticamente, efetivei práticas de Grupo Focal, Seminários, Reunião, Revisão da Literatura, Análise Documental, Entrevistas Semiestruturadas e Não Estruturada.

Ao realizar os Seminários, contei com a participação de professores e gestores. No primeiro, o objetivo configurou-se no sentido de que a comunidade escolar fosse informada sobre o objeto de estudo que eu desejava investigar (VIVE) e, no segundo, na apresentação dos resultados da pesquisa. Confesso que esses momentos foram bastante proveitosos: o corpo docente e o núcleo gestor interagiram de forma dinâmica, na medida em que eu explicitava os principais resultados. É interessante, inclusive, atentar para o seguinte depoimento dado pelo aluno Etevaldo Nogueira:

A EEMWR trabalha os Valores Humanos, na parte de conscientização dos educandos, buscando melhorar o comportamento e o desenvolvimento de cada um. A escola oferta recursos variados para que o conteúdo seja abordado e aceito por todos, melhorando, assim, a própria vida das pessoas. (ETEVALDO).

Para ele, os Valores Humanos auxiliam, também, na conscientização dos estudantes. Em tal sentido, esta pesquisa foi muito gratificante, pois mesmo reconhecendo as

¹⁷A Educação Bancária se alicerça nos princípios de dominação, de domesticação e alienação transferidas do educador para o aluno através do conhecimento dado, imposto, alienado. De fato, nessa concepção, o conhecimento é algo que, por ser imposto, passa a ser absorvido passivamente: Na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios, aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1997, p. 67).

limitações próprias da nossa realidade, a grande maioria dos professores apoia e contribui com o fortalecimento do VIVE. O Diretor José Edinor dos Santos, da EEMWR, ao ser entrevistado, disse reconhecer que:

Tivemos muitas dificuldades, mas nos momentos que tivemos, percebi o quanto o VIVE foi bom para o aluno, o quanto ele se motivou, o quanto ele se esclareceu, o quanto ele mudou de postura e de visão.

De fato, o diretor foi assertivo, pois sempre houve um empenho de todos no propósito de fortalecer o VIVE. Realizei, também, um Grupo Focal que contou com a participação de oito (8) alunos, tendo sido o ‘bate-papo’ inicial muito agradável, espontâneo e leve. O objetivo da referida técnica foi de construir informações e revelar as percepções dos alunos sobre suas experiências na escola e fora dela, no sentido de compreender como a construção da Cultura de Paz e dos Valores Humanos ocorre para além dos muros da escola.

Como moderadora do Grupo Focal, levantei questões previamente definidas como: 1 – O VIVE contribuiu para a melhoria das relações humanas dentro e fora da escola? 2 – O VIVE é importante para a promoção da Cultura de Paz? 3 – Como o aluno se sente em relação ao VIVE? 4 – De acordo com os Valores Humanos definidos pela escola, quais os temas de dobradiça que poderiam ser apresentados?

Conforme o diálogo ia acontecendo, eram introduzidos novos temas que enriqueceram e auxiliaram os jovens para uma melhor compreensão do objeto de estudo. Procurei incentivar a participação de todos e conduzi a conversa de modo que não se afastasse dos interesses da pesquisa. Ainda, tive o cuidado de ressaltar as ideias relevantes e encorajá-los a fazerem perguntas para esclarecerem suas dúvidas. No Grupo Focal, é preciso trabalhar de forma reflexiva, na possibilidade de se vivenciar os Valores Humanos recorrendo à interação com outros valores como, por exemplo, o valor Paz, que suscitou, nos alunos, outros temas como: aceitação, paciência, confiança, contentamento, dentre outros.

Conforme Ferreira (1988, p. 663), a palavra valor refere-se às questões econômicas, éticas e ontológicas. Em relação às questões econômicas, é preciso haver justiça social, que só ocorrerá, segundo Sen (2011), quando se exterminarem as inúmeras formas de privação que agridem a Humanidade e se restaurar a dimensão ética e política das nações. Nessa perspectiva, é preciso que as pessoas diretamente interessadas, aquelas que são privadas dos bens e meios essenciais à vida, tenham a oportunidade de participar das tomadas de decisão, fazendo as escolhas e definindo seus destinos, de acordo com suas possibilidades e necessidades (SEN, 2011).

Os Valores Humanos referem-se à ética, por ser essa um princípio que fundamenta as ações humanas para o bem (ARISTÓTELES, 1984) e as questões ontológicas dizem respeito ao ser humano em duas dimensões, a filosófica e a antropológica (ARENDR, 2007). É importante ter claro que o valor humano aqui focado é “[...] compreendido como fundamento moral e espiritual da consciência humana, em que ocorre o alicerce do caráter e reflete-se na conduta como uma conquista espiritual da personalidade” (MARTINELLI, 1999, p. 34). Por isso, as propostas de educação em Valores Humanos são pautadas em:

[...] uma formação inovadora, que busca considerar dimensões ‘esquecidas’ na educação, ligadas à emoção, à sensibilidade e à espiritualidade. Assim, essas dimensões nem sempre tocadas nas discussões sobre a escola, tornam-se questões essenciais e visíveis para os educadores de nossa época. (MATOS; NASCIMENTO; NONATO JUNIOR, 2008, p. 35).

A educação para uma Cultura de Paz requer que os professores tragam, para a prática pedagógica, as emoções, a sensibilidade e a espiritualidade dos educandos, pois estes são seres autônomos e criativos e não, ‘robôs’ que pensam e fazem somente o que a escola planeja e esta, em seu Projeto Político Pedagógico (PPP), precisa atentar para o fato de que os Valores Humanos são importantes por três motivos centrais: a) Ajudam na convivência humana, b) Facilitam a resolução de conflitos e c) Por meio do diálogo, a própria aprendizagem pode ser efetivada.

Incluir Valores Humanos no ambiente escolar, principalmente na prática docente, é fundamental para uma melhor qualidade de vida nos relacionamentos humanos. Portanto, é através dessa abertura de iniciativas desenvolvidas com valores que poderemos avançar na disseminação de uma Cultura de Paz que precisa ser fortalecida, enquanto uma política permanente nas instituições em geral e, particularmente, nas escolas públicas (MATOS; NASCIMENTO; NONATO JUNIOR, 2008, p. 35).

O que está em questão não é, apenas, o campo da aquisição dos conteúdos, isso é, o desenvolvimento cognitivo, mas “[...] a construção social de uma Cultura de Paz” (MATOS; MACEDO, 2010, p. 38). Jares (2007a; p. 41-42) também pensa assim, ao indicar que: “[...] toda educação leva consigo a transmissão de um código de valores [...]”. A ideia colocada por Jares (2007a; 2007b) é compartilhada por Serrano (2002) quando afirma que a educação em Valores Humanos permite construir a Cultura de Paz. Ao trabalhar a Cultura de Paz na EEMWR, com base nos Valores Humanos, consegui ir além de uma simples abordagem: em muitos momentos os alunos revelaram seus anseios e desejos por uma escola melhor e uma sociedade mais humana, isto é, uma sociedade fundada na vivência dos Valores Humanos.

Há uma abordagem na linha espiritualizada, realizada por Martinelli (1999),¹⁸ uma das principais divulgadoras do Programa de Educação em Valores Humanos no Brasil, para a qual a concepção de Valores Humanos é um “fundamento moral e espiritual presente em todo ser humano” (*Ibidem*). Para a autora, não há como ter propósito na vida sem os Valores Humanos registrados no íntimo do nosso ser. Essa relação é importante, pois desenvolve o conhecimento intuitivo e cultiva a formação do ser psíquico, permitindo a transcendência da razão e da estruturação do caráter pelo desenvolvimento integral da personalidade.

De outro lado, Tillman (2012)¹⁹ traz como premissa essencial da Cultura de Paz a construção de um espaço preche de Valores Humanos: Solidariedade, Amor, Paz, Generosidade, Humildade, União, Honestidade, Harmonia e Cooperação, dentre outros. Tal espaço pode ser edificado na escola, em que educar para a Cultura de Paz só é possível se vivenciarmos [...] o diálogo, a convivência pacífica e cooperativa, a criatividade [...] (TILLMAN, 2012, p. 4).

Considero, então, importante as relações dialógicas (FREIRE, 1995) entre gestores, educadores e alunos. Alves (2003) afirma que o educador não pode deixar escapar a oportunidade de formar os jovens no espaço escolar, recorrendo às práticas pedagógicas que favoreçam uma educação voltada à vida, em outras palavras, a educação pela/para construção da Cultura de Paz.

A escola não deve perceber os alunos como problemas, para não fortalecer a cultura de exclusão. A participação da comunidade escolar na escola é de fundamental importância, principalmente, no processo de formação de valores, no qual a arte assume uma função essencial, atuando como verdadeiro sopro de vida. Deve ser cultivado, portanto, o nexos escola/vida, respeitando o educando como sujeito de sua história. Quando a escola consegue fazer a ponte com a cultura dos jovens alunos, o diálogo é estabelecido e novos conhecimentos são construídos.

Uma escola fechada ao diálogo distorce o trabalho daqueles que acreditam ser por meio da afetividade e do diálogo, que se desenvolve o processo de transformação do aluno. A paz precisa ser construída a partir da “[...] superação de realidades sociais perversas, nas quais os Valores Humanos são ignorados e substituídos por contravalores. A paz se cria, constrói-se, na construção incessante da justiça social” (FREIRE 1986, p. 46). É nessa perspectiva que se torna possível mudar o atual quadro de valores negativos ou contravalores (MOLPECERES,

¹⁸Trabalha com valores trazendo do Programa *Sai Baba*.

¹⁹Principal teórica da Cultura de Paz e dos Valores Humanos.

1994). Quando a escola reconhece o valor do jovem na construção de uma Cultura de Paz, essa se fortalece.

A educação se dá com o diálogo e denota a vocação dialógica e, ao mesmo tempo democrática, da ação educativa. Assim, vou além do que registra o autor, quando ressalto que o diálogo produz o desejo de encontrar nas escolas um ambiente de paz, acolhedor, resultando uma aprendizagem satisfatória dos alunos e, conseqüentemente, a construção da paz, que pode ser vivenciada pelos jovens, quando esses acreditam no seu poder de realizar ações proativas. Sob esse aspecto, os professores assumem um papel fundamental junto à comunidade e, principalmente, no segmento discente, que é o de propor o envolvimento dos alunos em todas as ações educativas, não somente em sala de aula, mas, sobretudo, preparando-os para o exercício do diálogo e da cidadania, com respeito ao próximo e a si mesmo, visto que:

É preciso e até urgente que a escola vá se tornando em espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não por puro favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria a que não falte, contudo, o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade. (FREIRE, 1995, p. 91).

Os professores são mediadores das relações dialógicas entre escola e comunidade. Duas preocupações devem ser determinantes nesse processo: a primeira diz respeito à participação e às relações de afetividade, envolvendo os jovens; e a segunda trata do atual modelo de gestão, configurando-se como amparo de uma política educacional com foco na gestão democrática e na autonomia escolar (FREIRE, 1997).

A escola não deve dispor apenas de saberes definidos pelo sistema educacional, mas desenvolver uma educação problematizadora, emancipatória, capaz de possibilitar ao jovem: mudanças significativas de valores, que lhe possibilitem ser cidadão crítico e participativo. Nesse sentido, a educação libertadora pode criar, nos jovens, um espírito de não mais aceitar passivamente tudo o que lhe é imposto, contrariando a educação bancária:

Na concepção bancária (burguesa), o educador é o que sabe e os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa e os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra e os educandos, os que escutam docilmente; o educador é o que opta e prescreve sua opção e os educandos, os que seguem a prescrição; o educador escolhe o conteúdo programático e os educandos jamais são ouvidos nessa escolha e se acomodam a ela; o educador identifica a autoridade funcional, que lhe compete, com a autoridade do saber, que se antagoniza com a liberdade dos educandos, pois os educandos devem se adaptar às determinações do educador; e, finalmente, o educador é o sujeito do processo, enquanto os educandos são meros objetos. (FREIRE, 2005a, p. 95).

Corroborando o que já foi dito, é necessário que se ponha em prática a justiça social, para que se possa vivenciar a paz que nós almejamos (FREIRE, 2005a), mas isso prescinde que a prática educativa envolva o aluno em ações voltadas para o respeito às diferenças, permitindo uma verdadeira interação no ambiente escolar. Na definição de justiça social, Sen (2011) preocupou-se, antes de tudo, com o comportamento real das pessoas e suas interações efetivas, as quais podem ser mais bem entendidas com a importante contribuição do VIVE. Construir um olhar em torno da prática docente e da participação do jovem no dia a dia da escola é um desafio a ser realizado paulatinamente. Essa reflexão pode ser considerada como propulsora de uma política de Cultura de Paz.

A escola e os professores podem incentivar a participação do jovem, possibilitando seu envolvimento nas tomadas de decisões, voltadas ao bom desenvolvimento da educação escolar. A relação dialógica de escuta verdadeira e facilitação da expressão da fala do aluno é fator fundamental para o desenvolvimento de uma Cultura de Paz nas escolas. Jares (2002) indica que esses são princípios educativos gandhianos.

O ano de 2002 foi declarado como ‘o ano internacional por uma Cultura de Paz’, pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela UNESCO. Esse foi um marco para o desenvolvimento da Cultura de Paz, priorizando ações educativas relacionadas à vida, ao princípio de soberania, aos direitos humanos, à promoção de igualdade entre homens e mulheres, à liberdade de expressão e ao compromisso de resolver os conflitos, sem negá-los (JARES, 2002).

Nessa perspectiva, é pertinente estabelecer uma articulação entre ‘educação para a paz’ e ‘Cultura de Paz’. Uma educação para a paz procura desenvolver uma cultura voltada à garantia dos direitos humanos, reconhecendo a dignidade da pessoa humana, a partir do resgate da memória histórica e recorrendo a mecanismos que favoreçam, em cada indivíduo e na sociedade em geral, a construção de um horizonte comum de vida e de sociedade que respeite as diferenças positivamente. Para Noleto e Abramovay (2004, p. 18):

A educação voltada para a Cultura de Paz inclui a promoção da compreensão, da tolerância, da solidariedade e do respeito às identidades nacionais, raciais, religiosas, por gênero e geração, entre outras, enfatizando a importância da diversidade cultural. Todavia, o desenvolvimento de uma Cultura de Paz, por meio de amplo acesso ao conhecimento, só poderá ser atingido valorizando o indivíduo em sua totalidade.

Educar para a paz é desenvolver a capacidade de diálogo e de negociação, trabalhando a capacidade de escuta do outro, estimulando o repensar sobre as suas próprias

convicções, ideias, sentimentos, e desenvolvendo a capacidade de construir a paz. A Cultura de Paz resulta, portanto, de uma construção que requer participação e reconhecimento da diversidade, e não comporta passividade, ou camuflagem de conflitos, desigualdades e injustiças sociais.

A educação para a paz está intrinsecamente ligada à Cultura de Paz, pois “[...] quando a UNESCO investe em uma Cultura de Paz, a âncora dessa busca é a educação como um direito intimamente relacionado com a conquista da paz. É também por intermédio da educação que se formam mentalidades mais democráticas.” (NOLETO; ABRAMOVAY, 2004, p. 19). Isso implica que é preciso atentar para o acolhimento do outro, com a crença de que a escola deve favorecer a formação plena de seres autônomos e criativos. Atualmente, a temática ‘paz’ é estudada e analisada, a partir de questões culturais, envolvendo a base educacional, dado que: “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.” (FREIRE, 1999, p. 89). Assim, é preciso ter coragem de fazer a experiência da democracia para e pela paz.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não, um favor que se pode, ou não, ser concedido. Por essa razão, a busca da escola participativa somente se completa com seres humanos transformadores, garantindo a sua prática democrática. Não é possível, portanto, conceber uma escola participativa sem que o trabalho coletivo seja fruto de um processo democrático, no qual haja um envolvimento de todos, principalmente dos representantes do Conselho Escolar (CE) (CARNEIRO, 2005).

O Conselho Escolar (CE) pode representar e atuar como um organismo a serviço da Cultura de Paz, articulado no sentido de buscar soluções para o conjunto de questões da escola, recursos financeiros, aspectos administrativos e pedagógicos. Mesmo com limitações, esse pode ser um forte aliado na construção da autonomia das escolas, assegurando o exercício de democratização como um espaço público e desafiador para quem espera colaborar com a construção de uma escola cidadã.

A capacidade de estabelecer o diálogo está intimamente relacionada à escuta verdadeira. A fala do aluno é fator fundamental para o desenvolvimento de uma Cultura de Paz nas escolas. Não acredito em nenhum esforço de educação para a paz, no sentido de construir a Cultura de Paz, sem que aconteça o diálogo entre professor, aluno e demais envolvidos na escola. Outra questão importante reside na necessidade de todos se sentirem capazes. A sensação de ‘ser capaz’ é uma postura que, no contexto educacional, precisa ser enfatizada. Essa dimensão está presente na proposta do Programa VIVE.

A busca pela resolução destes conflitos, sob a ótica de uma paz positiva, retrata a construção saudável da tolerância por meio do respeito às diversas opiniões. O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um infinito imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (FREIRE, 1996, p. 66).

Nesse caso, a escola precisa incentivar o diálogo a partir do momento em que acolhe os jovens, impulsionando sua participação no desenvolvimento de projetos educativos e sociais, e outras atividades nas quais possam demonstrar suas potencialidades. É importante que sejam elaborados, com todos os segmentos da escola, em especial os alunos, projetos²⁰ que deem livre acesso à expressão de suas ideias. Ou seja, “[...] que o educando aprenda a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se.” (FREIRE, 2005b, p. 41).

Nesse sentido, a educação prescinde o diálogo. Ao mesmo tempo, a ação democrática é possibilidade criadora da ação educativa. Por fim, ressalto que o diálogo produz, nas escolas, um ambiente de paz e acolhimento, resultando na aprendizagem satisfatória dos alunos e, conseqüentemente, na construção de uma escola com menos problemas de violência (FREIRE, 2005b).

Os presentes aos seminários e encontros que realizei com a comunidade escolar já possuíam alguma noção sobre o tema Valores Humanos e deixaram claro que sua participação na escola podia melhorar a realidade vivenciada. No caso da EEMWR, os alunos coordenadores do VIVE já conheciam os Valores Humanos, pois já vinham se envolvendo com mais profundidade nesse Programa, através de oficinas realizadas mensalmente, sob a coordenação da Professora Nazaré de Fátima. Os encontros com os jovens propiciaram momentos reflexivos, vivenciados de forma interativa e aconteceram da seguinte forma: como pesquisadora eu suscitava o debate e a vivência em relação à Cultura de Paz, por meio de dinâmicas, leituras de textos, escuta de músicas, assim como pela expressão dos sentimentos recorrendo às artes plástica, à música e ao teatro. A partir daí, os participantes colocavam suas ideias de forma amigável, contribuindo com o desenvolvimento e o reconhecimento das raízes familiares de cada um, bem como facilitando a minha visualização dos que estavam mais engajados no processo, sendo que todos falavam e ouviam de forma equilibrada. No próximo tópico, abordarei a questão do tempo e do lugar em que realizei o estudo sobre os Valores Humanos, educando para e pela Cultura de Paz.

²⁰Percebi que os projetos na escola pesquisada estão articulados com a Cultura de Paz e os Valores Humanos.

2.2 Chorozinho: notas históricas

O estudo realizado teve como base territorial o município de Chorozinho e, nesse sentido, retomo informações sobre a história do lugar, relacionando-a à educação para a paz e aos Valores Humanos desenvolvidos, por meio do VIVE.

Quando cheguei ao município de Chorozinho, deparei-me com a estátua (imagem 1) do Menino Jesus de Praga, localizada na entrada da cidade, há, aproximadamente, 200 m da margem esquerda da BR-116, no sentido Fortaleza – Limoeiro do Norte. A autoria do projeto inicial da estátua é do escultor Deoclécio Soares Diniz (o Bibi). Essa escultura deveria medir 46,10 m, incluindo a base de concreto, mas o primeiro projeto foi modificado, ficando essa com o tamanho reduzido. Esse monumento foi construído em razão de uma promessa feita pelo padre Enemias Freire de Almada, vigário da Paróquia de Pitombeiras, município de Cascavel que, por ser portador de uma grave enfermidade, fez um voto, ao Menino Jesus de Praga, no sentido de erguer um templo, como símbolo da graça alcançada, caso fosse curado.

Assim, ao lado da Igreja Matriz de Santa Teresinha do Menino Jesus, padroeira da cidade, foi construída uma capela, em estilo piramidal, em honra ao Menino Jesus de Praga, inaugurada em 24 de novembro de 1971. A construção da capela contou com o apoio dos fiéis e, segundo a tradição oral, ocorreu por iniciativa do padre Enemias Freire, vigário na época. Enfatizo que o Menino Jesus de Praga está para Chorozinho como o Padre Cícero está para Juazeiro do Norte. O Santuário é o principal equipamento turístico da cidade e atrai a milhares de visitantes durante o ano inteiro, que vêm em romaria visitá-lo.

Com isso, mensalmente, o município de Chorozinho, distante de Fortaleza, de 83Km, e com 18.915 habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013), recebe fiéis e peregrinos para a missa em homenagem ao Menino Jesus de Praga, realizada, diariamente, às 19 horas, no santuário da cidade. Ao estudar sobre a história de Chorozinho, conheci (de perto) a perseverança do referido Padre Enemias,²¹ representada na construção de um templo para abrigar os fiéis do município, assim como lutas e conquistas do povo chorozinhense, que, em duas épocas diferentes, conseguiu espaços importantes para o desenvolvimento local, sendo, em 1932, com a criação do município e em 2010, com a conquista de um espaço escolar voltado ao atendimento dos jovens da cidade.

Nesse sentido, é relevante apresentar um relato a respeito da história de ‘lutas’ da sociedade de Chorozinho, a seguir.

²¹Entrevista com o referido padre no dia 10 de agosto de 2011.

Imagem 1 – Estátua do Menino Jesus de Praga



Fonte: Arquivos da escola (2012).

Segundo Ferreira (1988), o significado de Chorozinho é “pequena lente que surge no sopé ou encosta de uma chapada residual, e ainda choró-choró, certa espécie de ave.” A denominação indica também uma “vila que sobrevive e conserva a sua identidade.” Essa região localiza-se às margens do Rio Choró, tendo sido habitada por índios das etnias Jenipapos, Kanyndé, Choró e Quesito (FERREIRA, 1988).

A origem do município se deu com a construção do trecho da Rodovia BR-116, no ano de 1932, na localidade chamada Residência, com o propósito de operacionalizar os programas de combate à seca, entre 1932 a 1934. Essa rodovia tinha o objetivo de ligar Fortaleza ao sul do país. De acordo com o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010), o município tem atualmente uma população estimada em 18.915 habitantes, possuindo uma área de 278.413 km².

Com a construção da ponte que ligava os trechos aos municípios, o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) instalou o acampamento dos engenheiros e operários em uma casa, a qual denominou ‘Residência’. Esse trabalho foi demorado, pelas dificuldades encontradas na época para transportar o material de construção. Desse modo, o DNOCS contratou muitas pessoas da região que se deslocavam de suas casas e iam morar nas proximidades de seu trabalho, criando, assim, o povoado. Pelo Decreto Estadual nº 448, de 20/12/1938, o distrito de Currais Velhos passou a denominar-se Chorozinho, sendo elevado à categoria de município, com essa mesma denominação pela lei estadual nº 6.436, de 17/07/1963, desmembrando-se de Pacajus, município de origem. Por divisão territorial, datada de 17 de janeiro de 1991, o município passou a ser constituído de 06 (seis) distritos: Chorozinho, Campestre, Cedro, Patos dos Liberato, Timbaúba dos Marinheiros e Triângulo.

A vegetação local predominante é a caatinga, além da mata serrana. Os atrativos naturais são o Rio Choró, a Lagoa dos Marinheiros, no distrito de Timbaúba, e a Lagoa dos

Patos, no distrito de Patos dos Liberatos. Essas paisagens fazem com que o turismo em Chorozinho se torne uma importante fonte de renda à cidade. Existe também, na região, o turismo religioso, considerado outra forma de lucratividade para o município, pois o Templo do Menino Jesus de Praga, tido como um marco religioso no Estado, atrai devotos de vários locais, que buscam, na crença ao santo, a cura de suas enfermidades e o alívio de suas tribulações.

Quanto à economia do município, as principais atividades são a agroindústria e a pecuária, havendo uma vasta produção agrícola de milho, feijão, castanha de caju e mandioca (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2005). Em relação aos eventos culturais, são realizadas festividades, como: o dia do município, a cada 13 de março, que se festeja durante uma semana; a missa dos romeiros, realizada em todo dia 24 de cada mês, e a vaquejada, que ocorre em outubro, sendo considerada como um evento de grande repercussão estadual (FERREIRA, 1988).

A partir dessas informações me inseri na EEMWR, no sentido de acompanhar o Programa VIVE na escola e vivenciar, com os jovens alunos, uma experiência no campo de uma Cultura de Paz, com ênfase na construção de Valores Humanos positivados. Os tópicos a seguir tratam da realidade concreta da EEMWR, por meio de indicadores educacionais levantados em fontes oficiais como o Censo Escolar da Educação Básica (CEEB),²² o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica no Ceará (SPAECE), o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e outros.

2.2.1 Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz: texto e contexto

Até o século XVI, o trabalho didático mantinha as suas características artesanais, herdadas da sociedade feudal. A partir daí, a escola moderna passou a exercer uma função social, delimitada, que tem circunscrição no campo da educação formal (ALVES, 2005). Assim, a escola tem sido o local por excelência do processo de ensino e aprendizagem sistematizado, formal, disciplinado (MIZUKAMI, 1986). Essa instituição precisa atender às demandas que nascem das relações entre Estado e Sociedade Civil, de forma que tem desdobramentos na organização da sociedade.

Nessa perspectiva, a escola é uma construção social e histórica, a um só tempo, que deve acompanhar a evolução social, transformando-se e fazendo surgir novas formas de

²²Trata-se de uma pesquisa declaratória da escola, realizada anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC) (2012), sendo obrigatória aos estabelecimentos públicos e privados de educação básica.

aprendizagem, enquanto as velhas vão desaparecendo parcialmente, pois o novo é sempre a síntese do antigo, mostrando que as mudanças precisam ser levadas em consideração, no momento de se analisar a escola em sua forma atual.

Assim, a EEMWR, onde se vivencia, atualmente, o Programa VIVE, oportunizou momentos coletivos de construção da Cultura de Paz. Nesta parte do texto pretendo, portanto, dar conta do espaço territorial da pesquisa (Imagem 2), dos percursos e dos pesquisados envolvidos.

Imagem 2 – Fotos da estrutura da EEMWR



Fonte: Arquivos da Escola (2012).

Conforme observação *in loco*, a escola dispõe de infraestrutura adequada à clientela que acolhe, oferecendo-lhe uma área arborizada, com espaço de lazer que pode ser utilizado durante os intervalos das aulas, com jogos e atividades culturais. Possui, ainda, doze (12) Salas de aula, dois (2) Laboratórios de informática, um (1) Laboratório de ciências, uma (1) Quadra poliesportiva e um (1) Centro de Multimeios, no qual funcionam a Biblioteca, a Sala de leitura e a Videoteca. Em 2013, foi inaugurada uma academia de ginástica, no pátio da escola, acessível à comunidade escolar e circunvizinhança, a fim de fomentar a prática da atividade física. O Núcleo Gestor é composto, atualmente, por José Edinor dos Santos (Diretor), Lucivânia Nascimento (Coordenadora Escolar), José Ailton Matos (Coordenador Escolar), José Gilberto dos Santos (Assessor Financeiro) e Francisca Flaviane Alves Albuquerque (Secretária Escolar). É possível observar a escola, pela imagem 2, apresentada anteriormente, e compreender o seu espaço geográfico, atentando para a sua ampla estrutura física e dependências, que estão de acordo com os padrões básicos de funcionamento da escola média estipulados pelo MEC.

Percebi que a escola se encontra com as instalações físicas conservadas e organizadas, mostrando o grau de compromisso de todos que ali estão, principalmente, dos gestores e professores que incentivam a participação dos alunos em diversas ações e, não somente, nas exigidas pelo currículo, pois quanto maior for o envolvimento desses, melhor será seu rendimento escolar. No próximo tópico, apresentarei o perfil da comunidade escolar e farei considerações sobre o desempenho de aprendizagem dos alunos.

2.2.2 Perfil da comunidade escolar da Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz

Desde sua inauguração, até o ano de 2001, a Escola Municipal Padre Enemias Freire de Almada, no município de Chorozinho, atendia à população de jovens do Ensino Médio (EM), à noite, enquanto, durante o dia, recebia os alunos do Ensino Fundamental. Os jovens do EM que não queriam estudar à noite, deslocavam-se para outros municípios, o que provocava uma constante preocupação das famílias. A comunidade tinha consciência da necessidade de mais uma escola na localidade, voltada ao Ensino Médio, uma vez que havia espaço suficiente para a construção de um estabelecimento que atendesse aos anseios das famílias.

A reivindicação de uma escola específica para os jovens exigia uma demanda do governo na criação de um espaço escolar com infraestrutura adequada, com a finalidade de ofertar o EM e cujo objetivo fosse proporcionar o desenvolvimento do educando, conforme a

legislação educacional vigente. (BRASIL, 1996). No ano de 2001, no Governo de Tasso Ribeiro Jereissati (1995–2002), cujo Secretário de Educação era o professor Antenor Napolini, o sonho da população de Chorozinho tornou-se realidade, quando foi autorizada a construção da referida instituição.

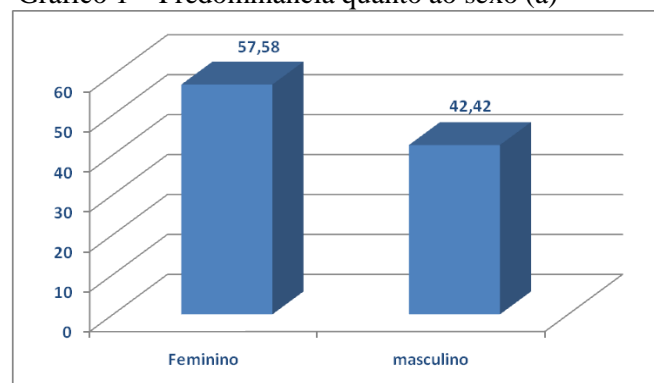
A escola foi criada pela Lei nº 13.186, em 04 de janeiro de 2002, de acordo com o Diário Oficial do Estado do Ceará (DOE) nº 05, de 08 de janeiro de 2002, no artigo 1º “Fica denominado Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz um estabelecimento de Ensino do Estado, na sede do município de Chorozinho” (CEARÁ, 2002, p. 1) cujo nome foi escolhido para homenagear um antigo prefeito da cidade e sogro do gestor do município naquele momento.

Essa escola é mantida pela SEDUC e, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 deve “[...] proporcionar o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1996, artigo 2º, p. 2).

A EEMWR, com terreno doado pela prefeitura, localiza-se à Rua Dr. Luiz Costa, s/n, Bairro Leirões, um dos principais bairros do município, onde funciona a Câmara dos Vereadores. De acordo com o Censo Escolar (2012) a EEMWR conta, atualmente, com 869 alunos matriculados nos três anos do EM, funcionando nos turnos manhã, tarde e noite. Há uma classe de Preparação para o Ingresso na Universidade (PREVEST), que oferece turmas de pré-vestibular aos jovens do município com a finalidade de prepará-los para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A escola é formada por um corpo de professores e alunos com uma grande discrepância de individualidades, relativas às suas características socioeconômicas e comportamentais. Pelo gráfico 1, é possível perceber que o sexo feminino predomina na composição dos profissionais de educação.

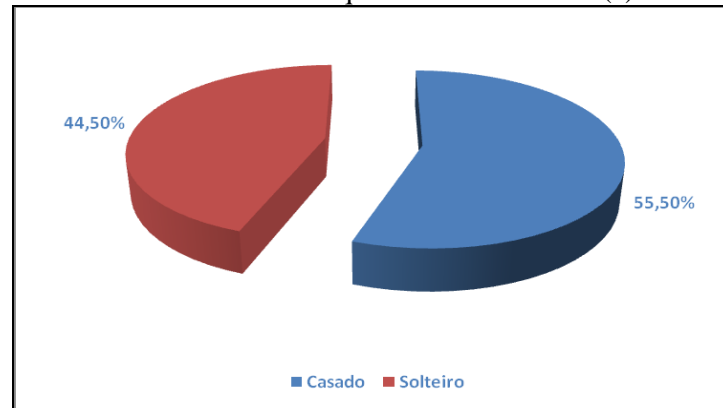
Gráfico 1 – Predominância quanto ao sexo (a)



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2013).

Quanto ao estado civil desses profissionais é possível concluir que há certo equilíbrio, uma vez que a diferença entre os solteiros e os casados é de, aproximadamente, 10% (Gráfico 2).

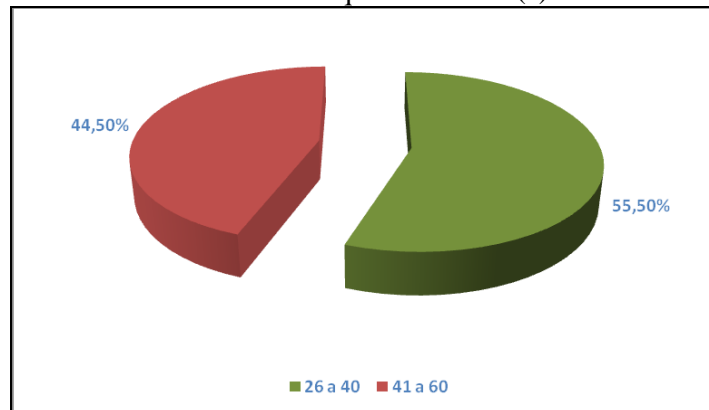
Gráfico 2 – Predominância quanto ao estado civil (a)



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2013).

Quanto à idade, tem-se também certo equilíbrio, visto que a população de 26 a 40 anos, que exerce o magistério, excede a de 41 a 60 anos em, apenas, 10% (Gráfico 3).

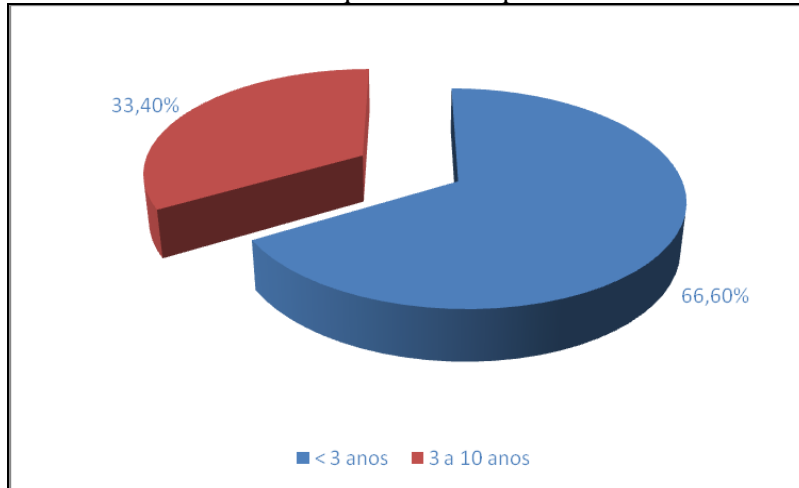
Gráfico 3 – Predominância quanto à idade (a)



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2013).

Quanto ao tempo de trabalho, a maioria tem poucos anos de experiência na referida escola. Isso se explica pela sua recente fundação, em 2001 (Gráfico 4).

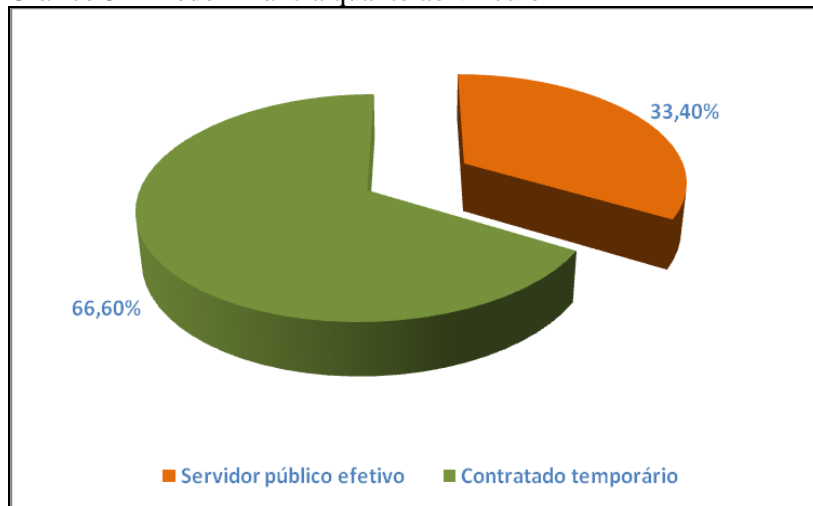
Gráfico 4 – Predominância quanto ao tempo de trabalho



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2013).

Apesar de ser uma escola jovem, mais de 65% dos professores são contratados temporariamente (dados representados no Gráfico 5), o que pode proporcionar instabilidade no seu processo trabalhista, pela ausência de vínculo empregatício. Isso causa certa rotatividade de educadores em sala de aula, muitas vezes prejudicando o bom desempenho da aprendizagem dos alunos.

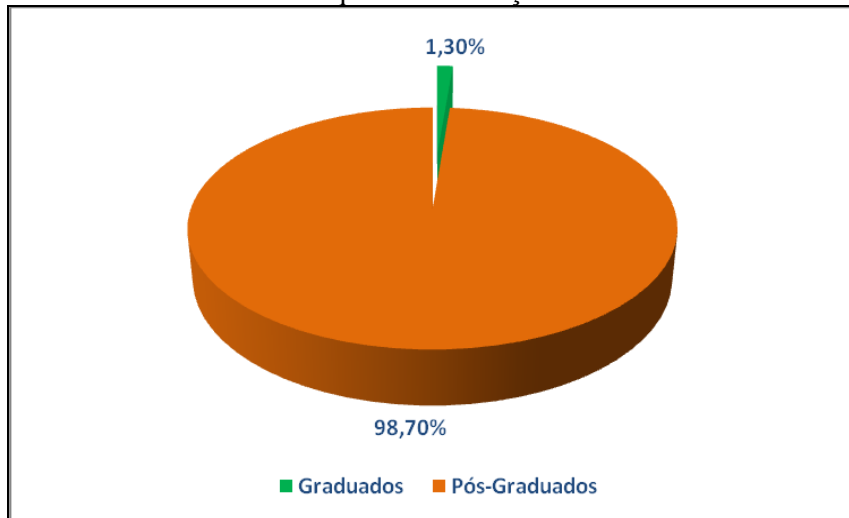
Gráfico 5 – Predominância quanto ao vínculo



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2013).

Com relação à questão da formação, o gráfico 6 mostra que 98,70% dos professores são pós-graduados, com Especialização nas Áreas de Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias; Linguagens, códigos e suas tecnologias; Ciências Humanas e suas tecnologias (DIÓGENES, 2013).

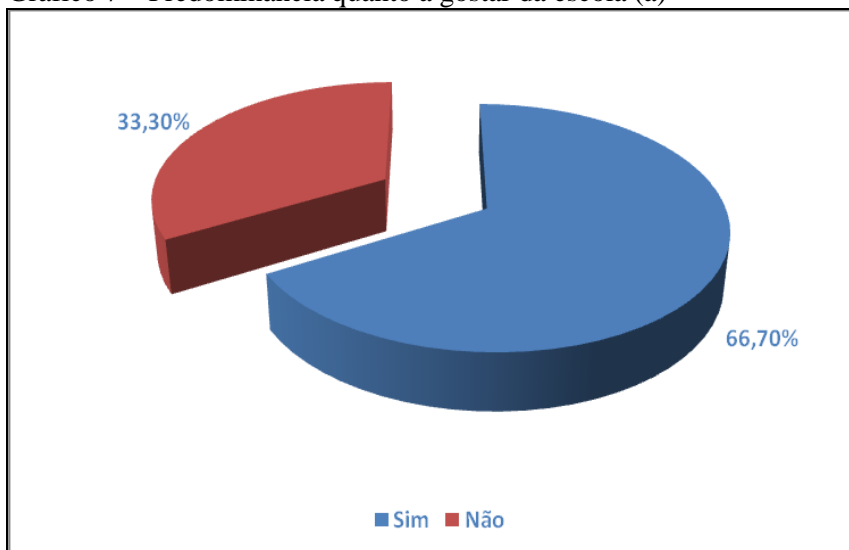
Gráfico 6 – Predominância quanto à formação



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2013).

Quanto a ter satisfação em exercer a atividade profissional na escola, mais da metade disse que se sente feliz nesse ambiente de trabalho, o que demonstra um alto grau de satisfação, como se percebe pelo gráfico 7:

Gráfico 7 – Predominância quanto a gostar da escola (a)



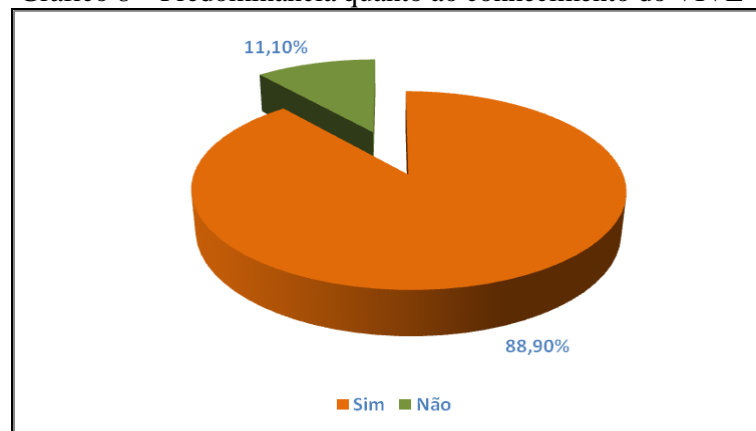
Fonte: Arquivos da pesquisadora (2013).

Mais de 85% dos professores conhece o VIVE, o que se revela particularmente importante para o presente estudo, pois o sucesso do Programa depende necessariamente da adesão dos professores e demais profissionais da escola. O depoimento apresentado a seguir revela que:

O projeto VIVE é riquíssimo em conhecimentos que abrangem todos os aspectos e contribui, assim, para melhorar as relações interpessoais, porque nele existe afinidade entre professores e alunos. E aqui temos outros projetos como Africanidades e Meu Ceará que são trabalhados em articulação com o VIVE. (PROF. ENTREVISTADO 1).

Esse depoimento mostra a satisfação dos educadores entrevistados quanto ao trabalho com o VIVE, principalmente no que diz respeito à melhoria das relações interpessoais na EEMWR, assim como a conexão desse Programa com outros Projetos existentes na Instituição.

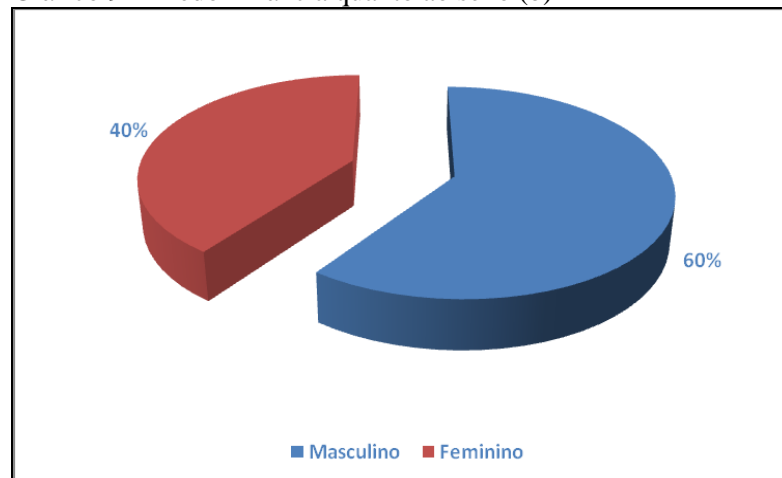
Gráfico 8 – Predominância quanto ao conhecimento do VIVE



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2013).

Com relação ao perfil dos alunos,²³ há uma predominância do sexo masculino, conforme demonstração do gráfico 9:

Gráfico 9 – Predominância quanto ao sexo (b)

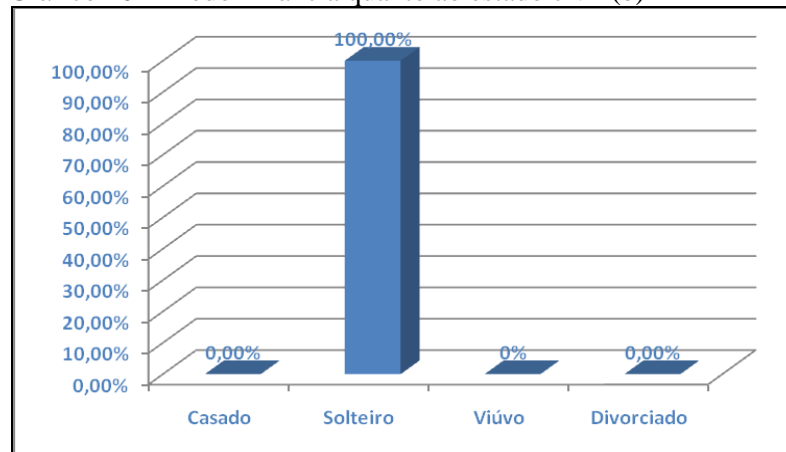


Fonte: Arquivos da pesquisadora (2013).

²³Eram quinze alunos que participavam ativamente do VIVE.

Quanto ao estado civil, 100% dos estudantes são solteiros (Gráfico 10). Esse dado é importante, por indicar que esses estudantes não têm ‘maiores responsabilidades’ no que diz respeito à manutenção de uma prole, pois são pessoas que, no seu cotidiano, têm sua sobrevivência assegurada pelos pais ou responsáveis.²⁴ Dessa forma, eles se mostraram assíduos aos encontros estabelecidos e colaboraram na efetivação da programação da pesquisa.

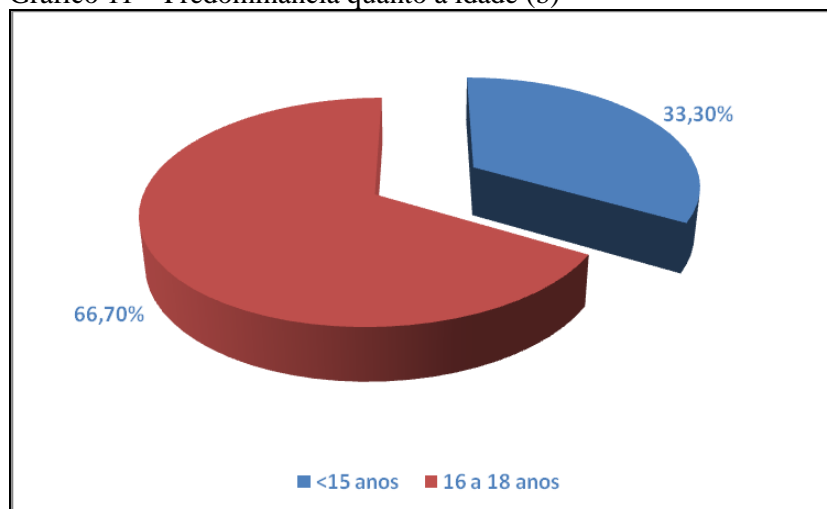
Gráfico 10 – Predominância quanto ao estado civil (b)



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2013).

Com relação à idade dos alunos, mais de 65% estão acima dos quinze anos (Gráfico 11). Isso significa que se encontram na faixa etária definida, pelo Censo Escolar, para cursar o Ensino Médio, considerando o que prescreve a legislação educacional brasileira.

Gráfico 11 – Predominância quanto à idade (b)

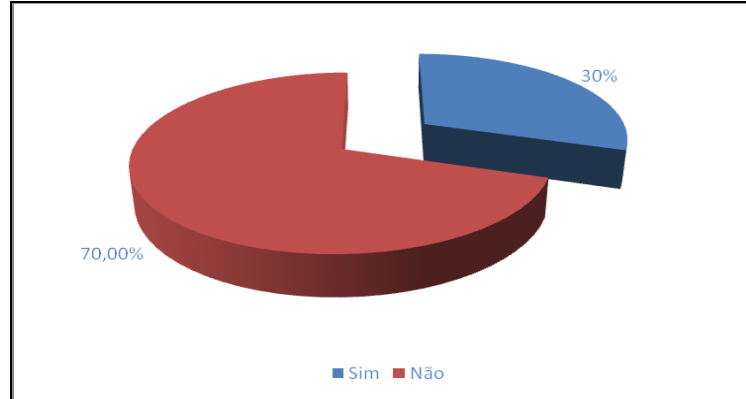


Fonte: Arquivos da pesquisadora (2013).

²⁴ Depoimentos dos jovens alunos dados à pesquisadora.

Entre os jovens entrevistados, 30% dos que estudam à noite trabalham, principalmente os alunos da 2ª série do Ensino Médio, como indica o gráfico 12:

Gráfico 12 – Predominância quanto ao trabalho



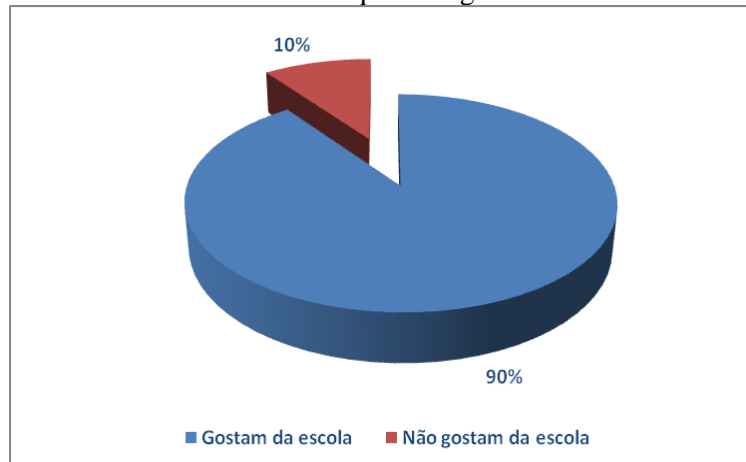
Fonte: Arquivos da pesquisadora (2013).

Quanto ao Gráfico 13, que se refere ao ‘gostar da escola’, os alunos mostram satisfação com o convívio escolar. Isso se confirma na afirmação do aluno Elieser:

Aqui tive oportunidades não vivenciadas em outras escolas. Participo do VIVE, que trabalha com Valores Humanos e interfere positivamente em minha vida, buscando construir a Cultura de Paz dentro da escola e fora dela. É um projeto de vida e de alma, pois transmite os Valores Humanos para a vida toda.

A opinião desse aluno entrevistado demonstra, não somente, sua satisfação com as atividades desenvolvidas na EEMWR, mas também, o seu envolvimento no VIVE, que lhe traz benefícios para a convivência, seja na escola ou na família.

Gráfico 13 – Predominância quanto a gostar da escola



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2013).

A seguir, apresento os indicadores educacionais da EEMWR: avanços e retrocessos,²⁵ entre os anos de 2008 e 2012, período em que se percebe um aumento do número de matriculados no turno diurno e um decréscimo no turno noturno, como apresentado na tabela 1 e gráficos 14 e 15, a seguir.

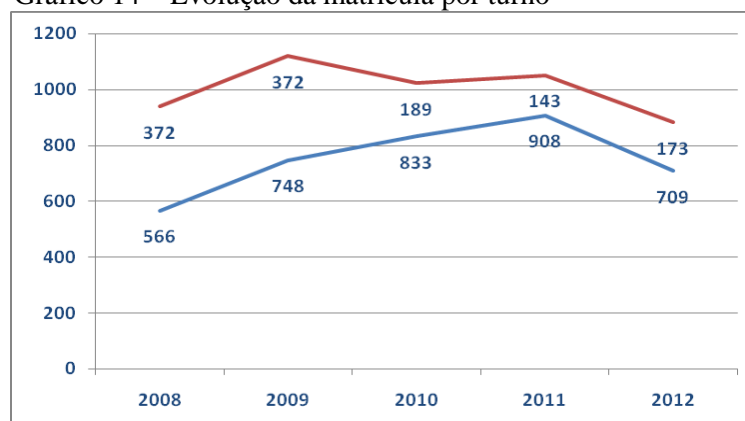
Tabela 1 – Evolução da matrícula por turno

Ano	Diurno		Noturno		Total
	Nº	%	Nº	%	
2008	566	60%	372	40%	938
2009	748	67%	372	33%	1120
2010	833	82%	189	19%	1022
2011	908	86%	143	14%	1051
2012	709	80%	173	20%	882

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2012).

Nos anos de 2008 a 2012, houve um crescimento significativo nas matrículas para os turnos matutino e vespertino e um sensível decréscimo para o noturno (Gráficos 14 e 15). As opções pelo turno da noite diminuíram devido aos alunos desse turno optarem por residir em municípios vizinhos, que lhes oferecessem melhores condições de trabalho. Observei, também, que no ano de 2012, quando as matrículas do período diurno decresceram em 6%, aumentou também, em 6%, a demanda pelo turno da noite, indicando um possível retorno dos estudantes a esse horário, certamente pela inclusão de muitos deles no mercado de trabalho (ANTUNES, 2006).

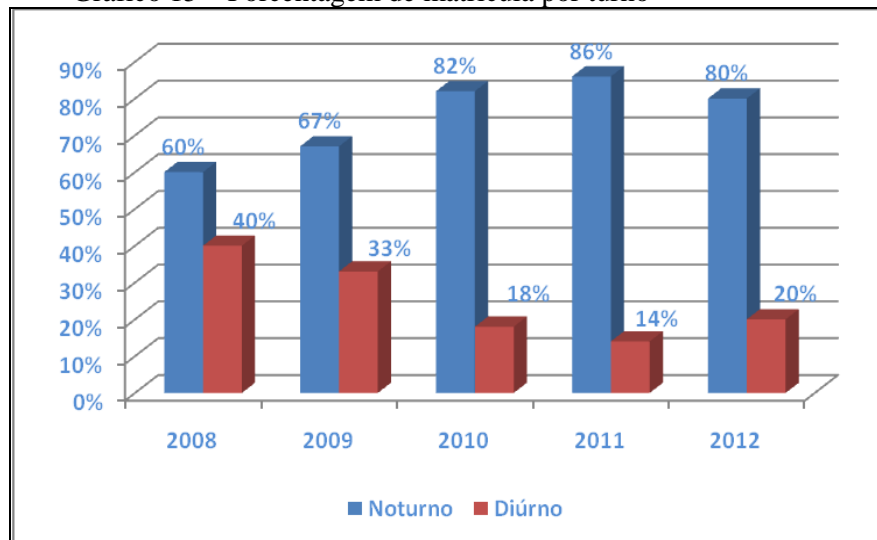
Gráfico 14 – Evolução da matrícula por turno



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2012).

²⁵Para melhor compreensão do trabalho realizado na escola, fiz o levantamento dos Indicadores Educacionais, no sentido de perceber se a educação, com foco nos Valores Humanos e na Cultura de Paz, melhorava os referidos indicadores e até que ponto criava um ambiente propício à efetividade do processo de ensino e aprendizagem.

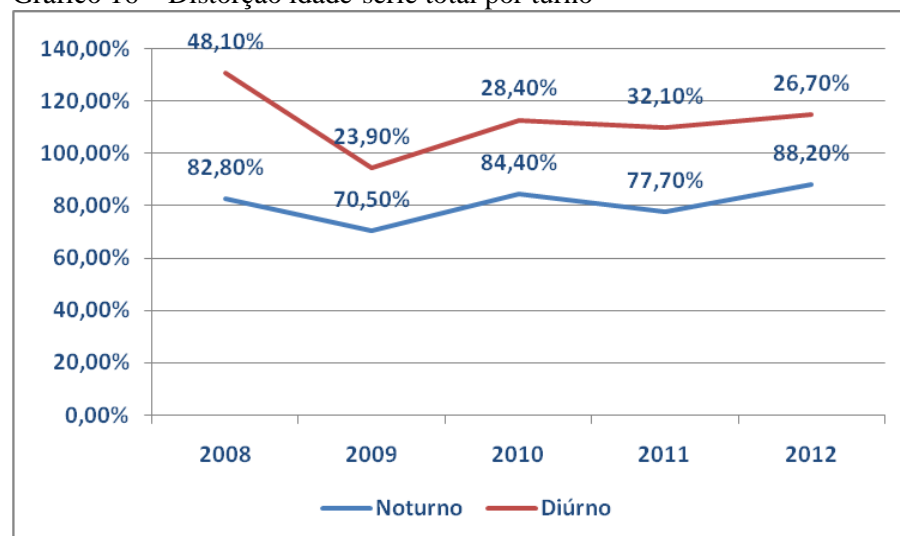
Gráfico 15 – Porcentagem de matrícula por turno



Fonte: Ceará (2012).

Em relação à distorção idade-série, percebi um número maior de alunos fora da faixa etária definida para todas as séries do Ensino Médio noturno (Gráfico 16), o que pode ser resultado de um abandono temporário dos estudos, no passado, em decorrência do seu envolvimento em atividades de trabalho (ANTUNES, 2006).

Gráfico 16 – Distorção idade-série total por turno



Fonte: Ceará (2012).

É perceptível o crescimento da distorção idade-série no Ensino Médio, ao longo dos anos. A distorção idade-série, nesse nível de ensino, refere-se aos alunos matriculados, que ultrapassaram a faixa etária dos 15 aos 17 anos, definida pela Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) para esse nível de ensino. O valor da distorção é calculado em anos e representa a defasagem entre a idade do aluno e a idade recomendada para a série que ele está cursando. O

aluno é considerado em situação de distorção ou defasagem idade-série quando a diferença entre a sua idade e a idade prevista para a série é de dois anos ou mais, o que se deve, conforme Pesquisa do IBGE, à necessidade dos alunos, na faixa de 15 a 17 anos, precisarem complementar a renda familiar, passando a trabalhar durante o dia e a estudar à noite, o que, em muitos casos, leva-os ao desânimo e, às vezes, a sucessivas reprovações.

Sobre isso, Almeida (2008) explica que o fato de somente 23% dos alunos concluírem o Ensino Médio na idade adequada não deve ser atribuído unicamente à escola. É preciso que as pessoas não sejam hipócritas, ao ponto de acharem que a escola pública é a única responsável por tal situação, visto que estão envolvidas, nesse contexto, outras questões de caráter social, principalmente no que se refere ao fato de muitos alunos terem que parar de estudar para trabalhar e contribuir com a geração de renda da família.

A tabela 2, a seguir, mostra que, na EEMWR, essa distorção é menos impactante no período diurno, pois, na primeira série diurna, caiu no ano de 2012 (32,7%), enquanto na noturna observou-se uma elevação para 97,6%. Em 2011, a terceira série diurna teve uma queda para 23,5%, que diminuiu, apenas, em 5% no ano de 2012, ao passo que a terceira série noturna apresentou um crescimento para 68,7%, em 2011, e 82,1%, em 2012. Isso mostra a necessidade da escola trabalhar esses alunos do turno da noite, apontando para a importância da frequência escolar, a construção dos Valores Humanos e a incrementação de uma Cultura de Paz.

Tabela 2 – Distorção idade-série por série e turno

Ano	1ª série		2ª série		3ª série	
	Diurno	Noturno	Diurno	Noturno	Diurno	Noturno
2008	48,1	82,8	-	-	-	-
2009	24,9	77,6	27,1	79,3	19,7	54,5
2010	38,4	94,3	25,5	79,2	21,3	79,7
2011	44,6	-	28,1	86,7	23,5	68,7
2012	32,7	97,6	24,4	84,8	23,0	82,1

Fonte: Ceará (2012).

A tabela 3 apresenta as distorções totais por turno, definidas a partir do cálculo das médias das distorções por séries, nos turnos diurnos e noturnos, elaboradas pelo setor de estatística da SEDUC – CEGED (2012).

Tabela 3 – Distorção idade-série total por turno

Ano	Diurno	Noturno
2008	48,1	82,8
2009	23,9	70,5
2010	28,4	84,4
2011	32,1	77,7
2012	26,7	88,2

Fonte: Ceará (2012).

Entre os anos de 2008 e 2009, houve um decréscimo importante em relação à distorção idade-série dos alunos, tanto do turno noturno quanto do diurno, na escola em que foi realizado esse estudo, mas, em ambos os casos, essa discrepância em relação à idade adequada às séries cursadas despertou a necessidade de um estudo sobre suas causas (CEARÁ, 2012).

Mesmo considerando que as principais causas da distorção idade-série, entre os alunos da escola pública, são a evasão e o abandono escolar, é válido destacar que existem outros fatores que contribuem para essa discrepância, os quais, muitas vezes, estão intimamente ligados à situação socioeconômica do aluno. Uma das principais consequências da distorção idade-série, visualizadas nas escolas públicas do Ceará, é o baixo desempenho dos alunos, gerando um importante atraso escolar, que pode ser evidenciado nos baixos resultados apresentados pelos alunos da EEMWR, bastante distanciados daqueles esperados nas avaliações nacionais, demonstrando que a escola precisa implementar uma proposta pedagógica de aceleração da aprendizagem, estabelecendo critérios de estudos para alunos.

O artigo nº 24, inciso V, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), respalda legalmente esse modelo de intervenção pedagógica, considerando o Projeto de Reforço Escolar, uma estratégia para melhorar os índices de aprendizagem, corrigindo, assim, o fluxo, superando a questão do baixo desempenho escolar, que tem raízes, tanto na desigualdade social quanto em mecanismos internos à escola (CEARÁ, 2012).

Em relação à proficiência média em Língua Portuguesa e Matemática, é possível observar os crescimentos e decréscimos por série, ao longo dos anos, pelos dados visualizados nas tabelas 4 e 5 e nos gráficos 17, 18, 19 e 20, apresentados a seguir.

As tabelas 4 e 5 apresentam, respectivamente, os percentuais por Padrões de Desempenho em Língua Portuguesa e Matemática (Muito crítico, Crítico, Intermediário e Adequado), assim como os gráficos 17 e 18. Segundo o Sistema de Avaliação da Educação

Básica (SAEB), no nível ‘muito crítico’ estão aqueles estudantes que precisam de uma aceleração na aprendizagem, por não serem bons leitores, não tendo desenvolvido habilidades de leitura exigíveis para a série cursada, ou não terem desenvolvido as habilidades do nível 1 da escala do SAEB.

No ‘nível crítico’, os alunos ainda não são bons leitores, apresentam algumas habilidades de leitura, que ainda estão aquém das exigidas para a série cursada (textos simples e textos informativos). Os alunos, nesse estágio, alcançaram os níveis 2 ou 3 da escala do SAEB, desenvolveram algumas habilidades de leitura, porém insuficientes para o nível de letramento do Ensino Médio (gráficos e tabelas simples, textos narrativos e outros de baixa complexidade).

Os alunos que se encontram no ‘estágio intermediário’ alcançaram os níveis 4 ou 5 da escala do SAEB, sendo leitores competentes, demonstrando habilidades de leitura compatíveis com o Ensino Médio (textos poéticos de maior complexidade, informativos, com informações pictóricas em tabelas e gráficos).

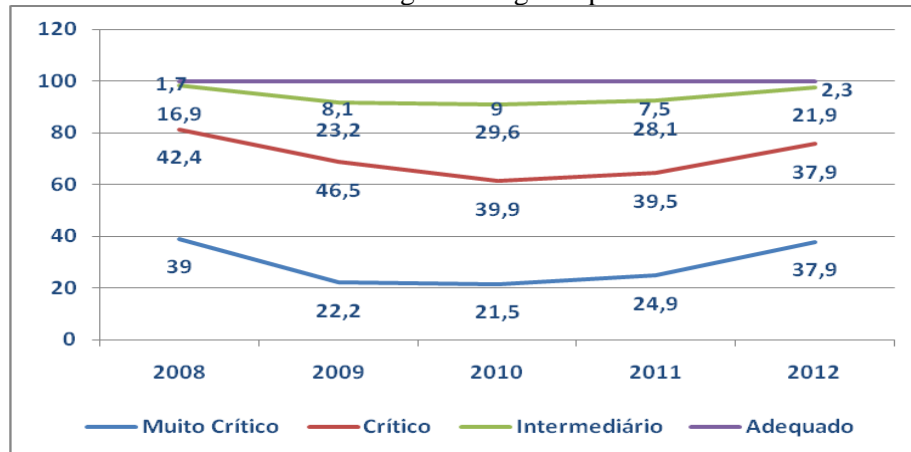
Tabela 4 – Percentuais por Padrões de Desempenho em Língua Portuguesa

Disciplina	Etapas	Ano	Muito Crítico	Crítico	Intermediário	Adequado
LP	3ª SÉRIE EM	2008	39,0	42,4	16,9	1,7
LP	3ª SÉRIE EM	2009	22,2	46,5	23,2	8,1
LP	3ª SÉRIE EM	2010	21,5	39,9	29,6	9,0
LP	3ª SÉRIE EM	2011	24,9	39,5	28,1	7,5
LP	3ª SÉRIE EM	2012	37,9	37,9	21,9	2,3

Fonte: Ceará (2012).

O gráfico 17 mostra o nível de proficiência em Língua Portuguesa (de acordo com dados do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará – SPAECE) dos alunos da EEMWR, o que representa uma melhoria em 2011 e 2012, conforme resultado da avaliação do SPAECE 2012. Isso, certamente, deve-se ao fato dos estudantes serem bastante estimulados ao estudo, por meio dos Projetos Escolares vivenciados em seu cotidiano como, por exemplo, o ‘Reforço Escolar’ e o ‘Literatura na Escola’, que estão sendo trabalhados no cotidiano como suporte para a melhoria da aprendizagem, fortalecendo o interesse pelo estudo e, conseqüentemente, as relações interpessoais na escola, sob diversos pontos de vista.

Gráfico 17 – Proficiência em Língua Portuguesa por série



Fonte: Ceará (2012).

O percentual de estudantes que alcançou o patamar considerado ‘recomendável’, que representa o mais alto padrão de desempenho, voltou a crescer, a partir de 2011, assim como a proficiência obtida pelos alunos de nível médio, avaliados em Língua Portuguesa.

A tabela 5 mostra a evolução do desempenho em Matemática, dos alunos do Ensino Médio da EEMWR, que apresentou uma melhoria entre 2009 e 2011 e decaiu bastante para o estágio ‘muito crítico’ no ano de 2012, conforme o Censo Escolar (CEADE, 2012). Em Matemática, os resultados de 2012 mostram que a maioria dos alunos, 54,3%, encontra-se no estágio ‘muito crítico’, 28,8% se situam no estágio ‘crítico’, 16% alcançaram o estágio ‘intermediário’, enquanto apenas 0,9% conquistaram o estágio ‘adequado’.

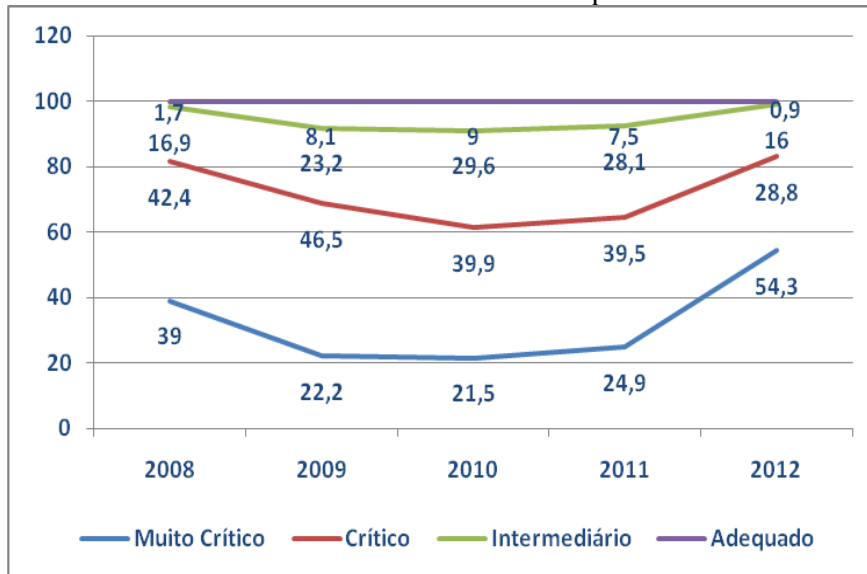
Tabela 5 – Percentuais por Padrões de Desempenho em Matemática

Disciplina	Etapa	Ano	Muito Crítico	Crítico	Intermediário	Adequado
MAT.	3ª SÉRIE EM	2008	39,0	42,4	16,9	1,7
MAT.	3ª SÉRIE EM	2009	22,2	46,5	23,2	8,1
MAT.	3ª SÉRIE EM	2010	21,5	39,9	29,6	9,0
MAT.	3ª SÉRIE EM	2011	24,9	39,5	28,1	7,5
MAT.	3ª SÉRIE EM	2012	54,3	28,8	16,0	0,9

Fonte: Ceará (2012).

O gráfico 18 evidencia que o nível de proficiência em Matemática é consideravelmente precário. Apesar de se visualizar uma melhoria entre os anos de 2009 a 2011, constatou-se que, no ano de 2012, houve aumento de estudantes em estágio ‘muito crítico’ (54,3%), decréscimo daqueles em estágio ‘crítico’ (28,8%) e um pequeno aumento dos que melhoraram, alcançando o estágio ‘intermediário’ (16%), graças ao incentivo do Programa de Reforço Escolar (CEARÁ, 2012).

Gráfico 18 – Proficiência Média em Matemática por série



Fonte: Ceará (2012).

As tabelas 6 e 7 mostram a evolução da proficiência média em Língua Portuguesa e Matemática na primeira e na segunda série do Ensino Médio, segundo as quais houve uma evolução positiva.

Tabela 6 – Proficiência Média em Língua Portuguesa e Matemática na 1ª série do Ensino Médio

Disciplina	Ano	Proficiência Média	Disciplina	Ano	Proficiência Média
LP	2008	230,7	MAT.	2008	229,0
LP	2009	249,5	MAT.	2009	237,5
LP	2010	250,1	MAT.	2010	238,3
LP	2011	246,6	MAT.	2011	243,0
LP	2012	252,2	MAT.	2012	245,2

Fonte: Ceará (2012).

Tabela 7 – Proficiência Média em Língua Portuguesa e Matemática na 2ª série do Ensino Médio

Disciplina	Ano	Proficiência Média	Disciplina	Ano	Proficiência Média
LP	2008	229,0	MAT.	2008	230,7
LP	2009	237,5	MAT.	2009	249,5
LP	2010	238,3	MAT.	2010	250,1
LP	2011	243,0	MAT.	2011	246,6
LP	2012	242,5	MAT.	2012	251,8

Fonte: Ceará (2012).

Ressalto que, embora não tenha havido uma melhoria significativa nos resultados da aprendizagem, constatados pelo SPAECE, ou pelo SAEB, de um ano para outro, percebe-

se que, apesar desse impacto negativo na educação, houve uma melhoria das relações interpessoais entre os que fazem a comunidade escolar, ainda tendo que melhorar a participação dos pais no dia a dia da escola.

Os testes apresentados, a seguir, mostram se esses crescimentos e decréscimos observados ao longo dos anos observados são significativos, ou não, em relação à melhoria dos níveis de aprendizagem.

Teste de homogeneidade, em relação à proficiência em Língua Portuguesa e Matemática, em alunos do Ensino Médio²⁶

O teste de homogeneidade verifica se uma variável aleatória se comporta de forma homogênea. Para o referido teste foi fixado um $\alpha=0,05$, 5% de significância, isso é, 95% de confiança. Neste estudo, busquei verificar se as variáveis matrícula (diurno e noturno); distorção idade-série (diurno e noturno); rendimento escolar (aprovado, reprovado e abandono); proficiência média e percentual de participação em Língua Portuguesa e Matemática (1ª, 2ª e 3ª séries do EM) e padrões de desempenho em Língua Portuguesa e Matemática ('muito crítico', 'crítico', 'intermediário' e 'adequado'), se alteraram de forma significativa no decorrer dos anos analisados.

As hipóteses testadas foram:

- a) H0: Os valores das variáveis observadas são iguais para os anos de 2008 a 2012;
- b) H1: Os valores não são homogêneos.

A tabela 8 apresenta as medidas descritivas (média, desvio padrão e coeficiente de variação) das variáveis testadas e os p-valores obtidos no teste quiquadrado de homogeneidade. Esses dados foram buscados, unicamente, para visualizar a melhoria, ou não, da aprendizagem escolar dos alunos da EEMWR, em um comparativo entre os turnos diurno e noturno, nas três séries do Ensino Médio.

Pelos resultados observados na tabela 8, concluo que apenas as variáveis 'número de matriculados' diurno ($p<0,000$) e noturno ($p<0,000$), distorção de idade-série do diurno ($p<0,035$), porcentagem de participação em Matemática: na 1ª série ($p<0,004$), 2ª série ($p<0,007$) e 3ª série ($p<0,002$); o padrão de desempenho foi 'muito crítico' em Matemática ($p<0,036$) e sofreu alterações significativas, para melhor, no decorrer dos anos, supondo-se

²⁶Os dados aqui apresentados revelam o desempenho escolar dos alunos da EEMWR, logo, considerei por bem trazê-los nesta parte do trabalho, de modo que se possa compreender o ensino ofertado na referida escola.

que o Programa VIVE tem incentivado os alunos a uma maior participação nas atividades escolares, alcançando, assim, um melhor rendimento da aprendizagem.

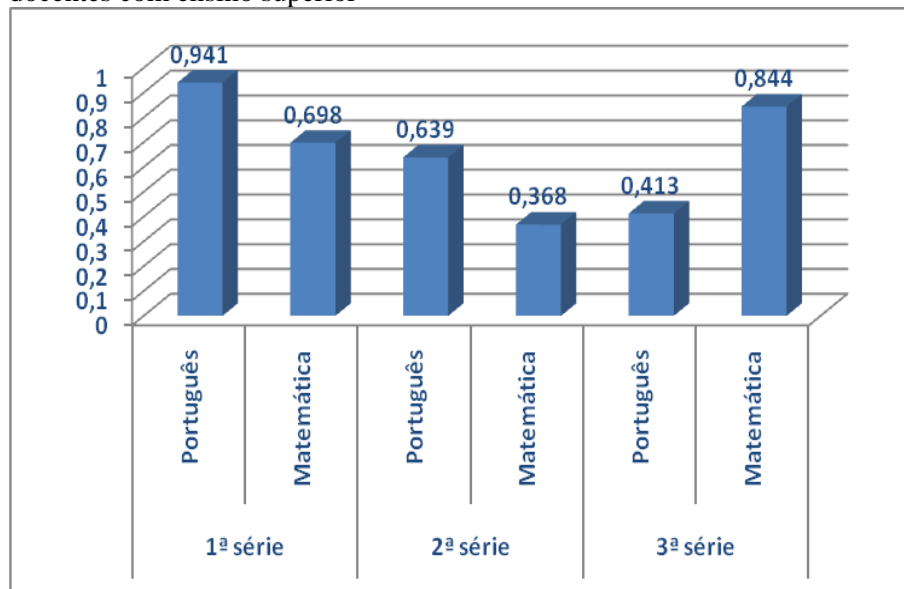
Tabela 8 – Medidas descritivas das variáveis testadas e p-valores obtidos no teste quiquadrado de homogeneidade

	Média	Desvio padrão	C.V. %	p-valor
Matriculados				
Diurno	752,80	129,76	17,24	0,000
Noturno	249,80	112,77	45,14	0,000
Distorção idade-série				
Diurno	32,78	9,22	28,13	0,035
Noturno	80,96	7,05	8,70	0,653
Rendimento escolar				
Aprovado	74,22	5,15	6,93	0,839
Reprovado	8,78	2,79	31,73	0,472
Abandono	17,00	3,28	19,28	0,640
Participação – Português				
1ª série	76,25	6,01	7,89	0,700
2ª série	83,90	4,20	5,00	0,890
3ª série	86,43	6,25	7,23	0,716
Participação – Matemática				
1ª série	69,53	17,49	25,15	0,004
2ª série	76,98	17,69	22,98	0,007
3ª série	78,90	19,81	25,11	0,002
Proficiência – Português				
1ª série	238,06	5,63	2,36	0,970
2ª série	245,82	8,69	3,53	0,874
3ª série	250,26	11,29	4,51	0,729
Proficiência – Matemática				
1ª série	242,78	5,70	2,35	0,970
2ª série	250,24	6,66	2,66	0,950
3ª série	251,58	4,32	1,72	0,990
Padrões de desempenho – Português				
Muito crítico	29,10	8,64	29,68	0,036
Crítico	41,24	3,35	8,13	0,896
Intermediário	23,94	5,09	21,26	0,363
Adequado	5,72	3,44	60,21	0,081
Padrões de desempenho – Matemática				
Muito crítico	51,26	5,45	10,63	0,678
Crítico	34,20	3,99	11,66	0,761
Intermediário	13,04	3,01	23,07	0,596
Adequado	1,54	0,47	30,32	0,967

Fonte: Ceará (2012).

Através do gráfico 19, observa-se que se realizou também um estudo de correlação (correlação de *Spearman*) do indicador proficiência média dos alunos em Língua Portuguesa e Matemática, no decorrer dos anos de 2008 a 2012, em correlação com o número de professores com curso superior. Os resultados observados encontram-se na tabela 9 e mostram que, além dos avanços observados no crescimento da proficiência em Língua Portuguesa e Matemática,²⁷ houve, ainda, o crescimento dos índices de participação dos estudantes nas atividades da escola, que foram bastante significativos no Ensino Médio. Entendo que os altos percentuais de participação contribuem para a melhoria dos resultados obtidos em relação à proficiência.

Gráfico 19 – Dispersão das proficiências médias em relação ao número de docentes com ensino superior



Fonte: Ceará (2012).

Tabela 9 – Indicador proficiência média dos alunos em Português e Matemática em relação à correlação de Spearman

		Correlação
1ª série	Português	0,941
	Matemática	0,698
2ª série	Português	0,639
	Matemática	0,368
3ª série	Português	0,413
	Matemática	0,844

Fonte: Ceará (2012).

²⁷Segundo o núcleo gestor, o VIVE é fator de contribuição para essa melhoria.

Vê-se que um fator bastante significativo para a melhoria da proficiência dos estudantes foi a excelência da qualificação dos professores. Conforme observado na tabela 9 e no gráfico 20, o número de docentes com ensino superior²⁸ tem forte correlação com a proficiência média: 1ª série – Língua Portuguesa (0,941) e 3ª série – Matemática (0,844), correlação moderada com 1ª série – Matemática (0,698), 2ª série – Língua Portuguesa (0,639), e 3ª série – Língua Portuguesa (0,413), correlação fraca com 2ª série – Matemática (0,368).

Apresento, a seguir, os resultados da pesquisa realizada em dados oferecidos pela Secretaria da EEMWR e pela SEDUC (CEARÁ, 2012). Conforme a tabela 10 foram analisados os dados referentes à matrícula escolar nos anos de 2008 a 2011, mostrando um crescimento significativo do total de matrícula, nesse espaço de tempo, correspondente a, aproximadamente, 30%, no ano de 2008 a 2009. Entretanto, houve um decréscimo de 8,75%, no ano de 2009 a 2010, e um novo crescimento de 2,8%, de 2010 a 2011. Em todo o período analisado (2008 a 2011) o crescimento total foi de, aproximadamente, 12%, como pode ser verificado a seguir.

Tabela 10 – Evolução da matrícula: EEMWR

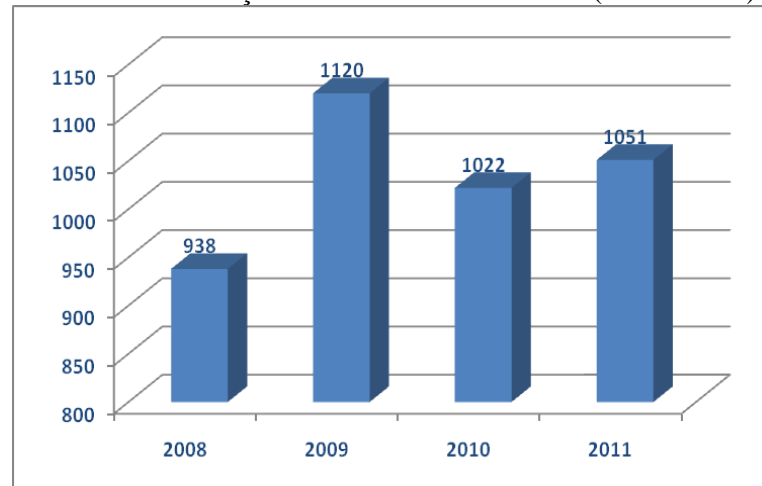
ANO	MATRÍCULA
2008	938
2009	1120
2010	1022
2011	1051

Fonte: Ceará (2012).

O gráfico 20 mostra a evolução da matrícula na EEMWR, entre 2008 e 2011, conforme dados oferecidos pela secretaria dessa escola, comprovando um crescimento significativo, entre 2008 e 2009, e um decréscimo, em 2010, este recuperado, parcialmente, em 2012, conforme dados fornecidos pela escola.

²⁸Na escola todos os professores são formados no nível superior.

Gráfico 20 – Evolução da matrícula na EEMWR (2008 a 2011)



Fonte: Ceará (2012).

Quanto à distorção idade-série (tabela 11), observei que, em 2008, essa problemática alcançou um percentual de 61,8% referente aos alunos da escola, o que decresceu, sucessivamente, no ano de 2009, em 20,6%, no ano de 2010, em 1,3%, e, em 2011, em apenas 0,2%.

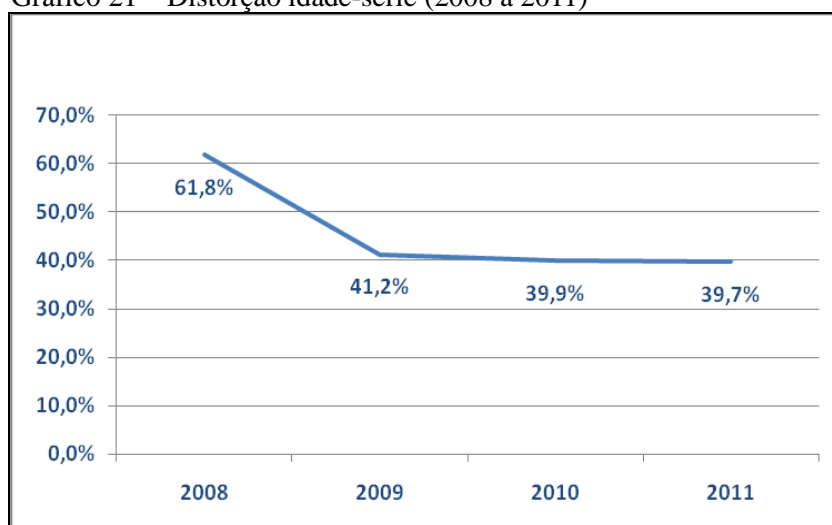
Tabela 11 – Distorção idade-série

ANO	VALOR
2008	61,8%
2009	41,2%
2010	39,9%
2011	39,7%

Fonte: Ceará (2012).

O gráfico 21 mostra um decréscimo em relação à distorção idade-série na EEMWR, entre 2008 e 2011, melhoria ocorrida mais significativamente entre 2008 e 2009. Esse avanço referente à distorção idade-série se deve ao incentivo dos programas desenvolvidos na escola, que procuram minimizar a evasão, incentivando muito a permanência do estudante na escola.

Gráfico 21 – Distorção idade-série (2008 a 2011)



Fonte: Ceará (2012).

Os índices de reprovação apresentam-se relativamente baixos, tendo sofrido um significativo aumento entre 2008 e 2009, passando de 6,8% para 12,3% nesse período, diminuindo, em 2010, para 5,4%, porém, aumentando, novamente, em 2011, para 8,8%. Tais oscilações, em curto espaço de tempo, indicam que, mesmo com a importante contribuição à aprendizagem do Programa de ‘Reforço Escolar’, é necessário identificar as causas dessa problemática, a partir de uma avaliação educacional mais precisa.

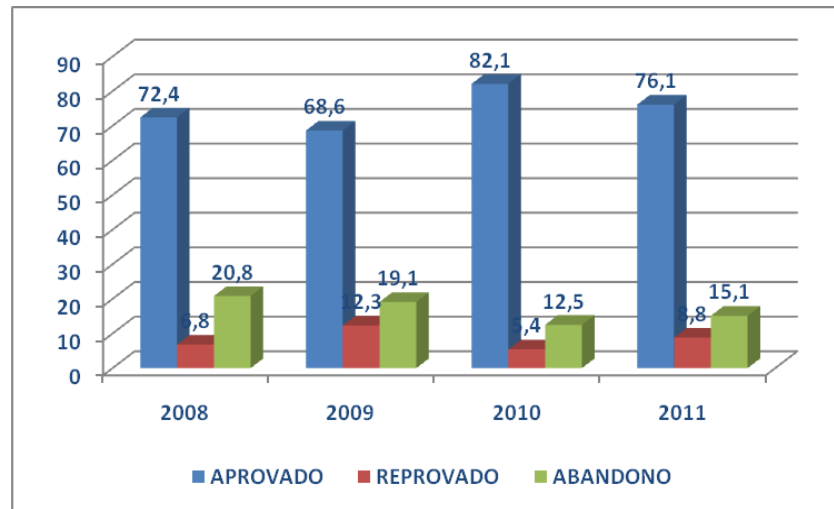
Os índices de abandono foram significantes (20,8%, em 2008; 19,1%, em 2009; 12,5% em 2010; 15,1% em 2011), o que, certamente, contribuiu com o aumento da distorção idade-série, anteriormente referido, pois aqueles que abandonaram a escola em determinado ano podem ter retornado, no ano seguinte, com a idade mais discrepante em relação à definida para a série cursada. Um dos fatores do abandono escolar foi ocasionado por algumas questões como: a greve dos professores e a greve dos motoristas que fazem o transporte escolar dos alunos da zona rural. Apesar do esforço da gestão da escola em possibilitar formas alternativas para que esse problema fosse resolvido, muitos alunos deixaram de comparecer à escola.

Tabela 12 – Movimento do rendimento escolar

ANO	APROVADO	REPROVADO	ABANDONO
2008	72,4	6,8	20,8
2009	68,6	12,3	19,1
2010	82,1	5,4	12,5
2011	76,1	8,8	15,1

Fonte: Ceará (2012).

Gráfico 22 – Evolução do rendimento escolar e abandono



Fonte: Ceará (2012).

É importante, ainda, observar os indicadores educacionais relativos ao ano de 2012. Conforme o Quadro 1, é perceptível que a escola mantém razoável equilíbrio quanto ao número de alunos matriculados:

Quadro 1 – Matrícula – 2012

Série/Turma	Turno	Matrícula Inicial (Censo)	Nº de Alunos Admitidos	Nº de Alunos Transferidos	Matrícula Atual
1ª	M/T/N	361	15	17	359
2ª	M/T/N	270	15	11	274
3ª	M/T/N	254	17	18	253
Total		885	47	46	886

Fonte: Ceará (2012).

O Quadro 2, referente ao rendimento escolar do ano de 2012, mostra estabilidade quanto ao número de aprovados, embora apresentando um decréscimo em 2011.

Quadro 2 – Rendimento escolar – 2012

Aprovados		Reprovados		Abandono	
ABS	%	ABS	%	ABS	%
211	58,77	56	15,60	92	25,63
215	78,45	31	11,30	28	10,25
209	82,60	15	5,90	29	11,50
635	71,67	102	11,51	149	16,82

Fonte: Ceará (2012).

A nova gestão demonstra empenho em reparar essa problemática, recorrendo a projetos para a melhoria do ensino e da aprendizagem, bem como da participação dos alunos. Percebi, também, que os principais sujeitos dessa pesquisa, os alunos, sentem-se preocupados com o seu desempenho escolar. A maioria demonstra profundo interesse por seu Boletim, de modo a conferir seus resultados bimestrais. Não raras vezes, nos encontros, isso ficou bastante claro, pois muitos precisaram se retirar para ‘participarem das aulas’, principalmente os que se sentiam mais ‘fracos’.

Essa realidade é pauta constante na discussão, tanto no PPP, que está em fase de elaboração, como no Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE), que conta com o apoio do Plano Interativo,²⁹ no qual a escola, junto à comunidade escolar, traça ações para a melhoria do ensino e da aprendizagem, com a finalidade de apontar a direção e o caminho que vai percorrer para realizar, da melhor maneira possível, sua função educativa.

Depois da nomeação do novo diretor, esse processo está se desenvolvendo de forma coletiva e participativa, ocasionando, assim, algumas alterações para se adaptar ao resultado dos indicadores educacionais, principalmente, quanto ao abandono escolar que, conforme informações da direção, está ocorrendo intensamente devido a fatores externos como: migração para outros municípios em busca de novas oportunidades, relacionada principalmente aos estudantes do período noturno, e dificuldades no deslocamento dos alunos que moram em outros distritos e dependem do transporte escolar, situação agravada com a greve ocorrida em 2012, que trouxe certo desestímulo a eles.

De tal modo, tanto o PPP (2010-2013) como o PDE Interativo da EEMWR (2012, p. 5), traçam ações que buscam:

[...] oferecer serviços educacionais satisfatórios em busca de uma educação de qualidade, tendo como meta a formação de cidadãos capazes para o exercício, tanto de seus direitos e responsabilidades quanto de participação nos processos decisórios e de controle da vida em sociedade.

Percebo que há um interesse da escola em fortalecer esse compromisso, através da execução de projetos que assegurem a melhoria da qualidade do ensino.

²⁹O PDE Interativo é uma ferramenta de apoio à gestão escolar desenvolvida pelo MEC – Ministério da Educação, em parceria com as secretarias estaduais e municipais, como a SEDUC, tendo como principal característica a natureza autoinstrucional e interativa de cada tela. Daí, as escolas e secretarias não precisam mais realizar formações presenciais para conhecerem a metodologia e utilizarem o sistema, visto que esse interage permanentemente com o usuário, estimulando a reflexão sobre os temas abordados. As mudanças tiveram como principal objetivo facilitar o acesso e a navegação da equipe escolar e de todas as pessoas interessadas em conhecer a ferramenta (CEARÁ, 2014).

Outro documento que oferece suporte para a melhoria da qualidade do ensino na escola é o que define a Gestão Integrada da Escola (GIDE), criado pela SEDUC, com o objetivo de apoiar os gestores na busca por melhores resultados nos processos de ensino e de aprendizagem, com prioridade nos problemas detectados no sentido de elevar os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) (CEARÁ, 2014).

Uma escola de qualidade deve estar preocupada com o bem-estar dos alunos e da comunidade, passando pela construção de políticas educacionais voltadas para o acesso universal ao conhecimento humano, técnico e científico e que assegure uma formação total do homem cidadão em um programa de sociedade justa e igualitária (CEARÁ, 2011, p. 8).

No capítulo a seguir, apresento o cenário nacional e internacional em que o VIVE tem sido desenvolvido, com o objetivo de contribuir para uma maior compreensão deste estudo.

3 O PROGRAMA VIVE: AÇÕES DE PAZ NA EDUCAÇÃO

Realmente a vida tem valor diante da vida.³⁰

A Paz se inicia com um sorriso
(Madre Tereza de Calcutá).

Antes mesmo da Primeira Guerra Mundial, em 1899, aconteceu em Haia, na Holanda, a Conferência Internacional de Paz, seguindo uma pauta sobre o que seria necessário fazer para evitar o embate previsível. Nesse espaço público de debates e discussões. Objetivava-se elaborar regras para a convivência entre os países, não somente com a finalidade de evitar guerras e conflitos de dimensões mundiais, mas também, de resolver as crises entre as nações de forma pacífica (SOUZA, 2007).

No ano de 1919, através do Tratado de Versalhes,³¹ foi criada a Liga das Nações, que tinha a missão de mediar casos de conflitos internacionais, mantendo a paz mundial, mas essa não obteve a adesão de países importantes como Estados Unidos, União Soviética e Alemanha. Apesar de cumprir sua missão, a Liga não evitou que acontecesse a Segunda Guerra, ao final da qual surgiu a Organização das Nações Unidas (ONU), instituição internacional, que veio substituir a Liga das Nações, embora com objetivos semelhantes. Em 1945, foi assinada a primeira Carta das Nações Unidas, com a participação de 50 países, cujo objetivo foi:

[...] preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra que, por duas vezes, no espaço de uma vida humana, trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade; reafirmar a nossa fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade de direitos dos homens e das mulheres, assim como das nações, grandes e pequenas; estabelecer as condições necessárias à manutenção da justiça e do respeito das obrigações decorrentes de tratados e de outras fontes do direito internacional; promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de um conceito mais amplo de liberdade. Atualmente, essa instituição comporta 192 estados soberanos que têm a missão de manter a paz e a segurança no mundo (UNESCO, 1945, p. 26).

³⁰“O Menestrel”, também conhecido como “Aprender”, “Um dia você aprende”, “Você aprende” e outros títulos similares, é um daqueles textos polêmicos, que movimenta opiniões apaixonadas, tendo uma de suas autorias atribuída a William Shakespeare. Na verdade, ele é um texto nascido de uma modificação e alongamento da tradução dos versos do poema da poetisa inglesa.

³¹O Tratado de Versalhes (1919) foi um tratado de paz, assinado pelas potências europeias, que encerrou oficialmente a Primeira Guerra Mundial. Após seis meses de negociações, em Paris, o tratado foi assinado como uma continuação do armistício de Novembro de 1918, em Compiègne, que tinha posto um fim aos confrontos. O principal ponto do tratado determinava que a Alemanha aceitasse todas as responsabilidades por causar a guerra e que, sob os termos dos artigos nº 231-247, fizesse reparações a um certo número de nações da Tríplice Entente. O tratado criou a Liga das Nações, que pretendia arbitrar disputas internacionais para evitar futuras guerras. (DUTRA, 2011).

Em 1945, surgiu a Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO), atuando nas áreas sociais, educação, ciências, cultura e comunicação, tendo como objetivo construir a paz com a criação de condições para

[...] um genuíno diálogo fundamentado no respeito pelos valores compartilhados entre as civilizações, culturas e pessoas. Este papel é primordial, particularmente em face do terrorismo, que constitui a negação dos princípios e valores da Carta das Nações Unidas e um ataque contra a humanidade. O mundo requer urgentemente visões globais de desenvolvimento sustentável com base na observância dos direitos humanos, no respeito mútuo e na erradicação da pobreza. Temas esses que estão no cerne da missão da UNESCO e em suas atividades (UNESCO, 1945, p. 1).

O ano 2000 foi proclamado, pela ONU, como o ‘Ano Internacional da Cultura de Paz’, lançando o ‘Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não Violência’, escrito por um grupo de pessoas agraciadas com o Prêmio Nobel da Paz, com o fim de criar um senso de responsabilidade que deve se iniciar no nível pessoal, visando colocar em prática os valores, atitudes e formas de conduta que inspirem uma Cultura de Paz. Nesse sentido, todos devem trabalhar com vistas à promoção da ‘não violência’, da tolerância, do diálogo, da reconciliação, da justiça e da solidariedade em atitudes cotidianas (UNESCO, 2000).

Esse manifesto teve início em 1999, em Paris, e foi idealizado pelos ganhadores do Prêmio Nobel da Paz, que se reuniram para a elaboração do documento. Estava, portanto, sendo acatada a definição da UNESCO (2000) para uma ‘Cultura de Paz’, a partir da qual todos passavam a ter o compromisso de promover e vivenciar os seguintes aspectos: o respeito à vida e à dignidade das pessoas sem discriminação ou preconceito; a rejeição de qualquer forma de violência; o compartilhar de tempo e recursos com generosidade, com fins de combate à exclusão, injustiça e opressão política e econômica; desenvolver a liberdade de expressão e a diversidade cultural, por meio do diálogo e da compreensão do pluralismo e, por fim, manter um consumo responsável, respeitando todas as formas de vida, contribuindo com o desenvolvimento da comunidade, região e país.

Tal manifesto resume-se, portanto, no compromisso individual que cada ser humano tem de assumir responsabilidades, levando em conta os valores, as atitudes e os padrões de comportamento que possam inspirar a Cultura de Paz, privilegiando o respeito à vida, a manifestação da generosidade, o ouvir o outro para compreendê-lo, a preservação do Planeta Terra, a redescoberta da solidariedade e a rejeição à violência.

A construção dessa temática vem sendo difundida desde esse longo período. Matos (2006, p. 26), ao citar a Resolução nº 53/243 da UNESCO (2005), destacou que, para

se viver a Cultura de Paz, faz-se necessário eliminar todas as formas de violência, inclusive a que se vivencia no cotidiano, sendo importante que se promovam “os princípios de liberdade, justiça, solidariedade e tolerância” (UNESCO, 1999, p. 30), bem como se estimule a compreensão entre os povos. Fica evidente que todos são responsáveis por traçar essa caminhada em prol de um mundo de paz, não limitados, apenas, a promover discussões sobre a temática sem que haja uma preparação para a vivência de valores que, certamente, devem ser trabalhados, principalmente, na família e na escola.

Jares (2002) indica que, no início do século XX, no contexto da Escola Nova, existiu um movimento de caráter internacional que entendia ser a escola capaz de evitar conflitos e criar um clima de convivência harmoniosa. O autor referido sugere que a educação para a paz foi lançada pela UNESCO, após a Segunda Guerra Mundial, quando a ONU proclamou o ano de 2000 como o ‘Ano Internacional para uma Cultura de Paz’, para atender aos reclamos por uma Cultura de Paz na educação. Nesse momento, surgiu o VIVE, empenhado com a educação voltada aos Valores Humanos e reconhecido pela UNESCO, como um instrumento a serviço da PAZ, na ‘Década Internacional para uma Cultura de Paz para as Crianças do Mundo’ (2000-2010).

3.1 O programa VIVE no Brasil e no Ceará

O VIVE é desenvolvido, atualmente, no Brasil, pelo Instituto Vivendo Valores (IVV),³² que entende ser a educação centrada no desenvolvimento e na preservação de doze valores universais – paz, respeito, cooperação, liberdade, felicidade, honestidade, humildade, amor, responsabilidade, simplicidade, tolerância e união. Esses valores foram escolhidos por orientarem o exercício da cidadania numa sociedade democrática ((BRAHMA KUMARIS WORLD SPIRITUAL ORGANIZATION, 1988). Por outro lado, a Organização Brahma Kumaris,³³ que chegou no Brasil em 1979, dá o sustentáculo moral e o incentivo ao VIVE,

³²Em 2004, estabeleceu-se a associação internacional para o Vivendo Valores na Educação (VIVE) – Association for Living Values Education International (ALIVE), com a finalidade de criar um centro internacional para monitorar todas as atividades do Programa ao redor do mundo, e diferentes associações nacionais (BRAHMA KUMARIS WORLD SPIRITUAL ORGANIZATION, 2004).

³³A Brahma Kumaris é uma organização internacional, que foi considerada pela ONU como uma instituição “Mensageira da Paz”, pois trabalha em prol da valorização do ser humano, lutando pela construção de um mundo mais humano e pacífico. Instituída em 1988, a Cooperação Global para um Mundo Melhor propiciou às pessoas de todo o mundo escolherem as ações que poderiam contribuir para tornar o mundo melhor para todos. Assim, chegou-se ao consenso de que seria necessário desenvolver Valores Humanos, do que resultou a publicação, pela Brahma Kumaris, do livro *Vivendo Valores: Um Manual*, cujo conteúdo vem sendo trabalhado pela escola EEMWR.

convidando e estimulando todos os indivíduos a participarem ativamente, com interesse numa abordagem e numa aprendizagem baseada nos Valores Humanos.

No Estado do Ceará, a Brahma Kumaris (2014) iniciou suas atividades em 1997, com a finalidade de implementar ações voltadas à melhoria da qualidade de vida das pessoas e, a partir daí, vem oferecendo contribuições às empresas públicas e privadas e ONGs. Nessa perspectiva, apoia o VIVE que, há 17 anos, já serviu a diversas instituições educacionais no Ceará, Pernambuco, Piauí e Maranhão, através de Seminários e Cursos do Programa de Qualidade de Vida, com a intenção de preparar professores e gestores para a aplicação dessa prática educativa. Entre as principais instituições cearenses envolvidas estão: Faculdade de Educação da UFC (FACED), Cursos de Pedagogia da Universidade Vale do Acaraú (UVA), Cursos de Graduação do Programa Magister, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), SEDUC, Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME) e demais Secretarias municipais de algumas cidades do interior do Ceará.

No atual cenário da sociedade, há, no cotidiano, uma inversão de valores. Dessa forma, as relações sociais (e profissionais) são, muitas vezes, permeadas pelo desrespeito e pela intolerância. Nesse contexto, a escola depara-se com dilemas, quanto ao tipo de educação que deve desenvolver. Sua função, tradicionalmente voltada à transmissão dos conhecimentos acumulados pela sociedade, vem sendo, na atualidade, desafiada a formar o ser integral, mediante a articulação entre conhecimentos, competências, habilidades e atitudes, valorizando a dimensão cognitiva, psicomotora e afetiva, pois:

Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais. (MORIN, 2001, p. 20).

Quanto à EEMWR, nos encontros pedagógicos, ela procura definir a articulação das atividades de sala de aula com as competências curriculares definidas pelo PPP, a fim de que sejam trabalhadas, nos alunos, as dimensões afetiva e cognitiva, com o objetivo de melhorar, não somente, o seu desempenho escolar, mas a compreensão reflexiva dos textos, a construção de murais, aulas no Laboratório de informática, dentre outras atividades, adequando esses momentos do cotidiano escolar à busca do objetivo de implementar ações voltadas à vivência dos Valores Humanos e à Cultura de Paz.

Atualmente, o VIVE está integrado ao Programa Geração da Paz, que foi reestruturado, a partir da formação dos articuladores, que passam a ser responsáveis pela

escola, sendo: o coordenador escolar, o Professor Diretor de Turma (PDT) e um aluno protagonista, que promovem, uma vez por semana, ações articuladas às aulas de Formação Cidadã, a partir das vivências, utilizando dinâmicas vinculadas ao VIVE. Segundo os professores, as sugestões de atividades indicadas pelo Programa permitem uma melhor efetivação no trabalho e disseminação dos Valores Humanos e da Cultura de Paz.

Para Barros (2009), coordenador do VIVE no Norte e Nordeste, inicialmente, não ocorria, nas escolas pesquisadas por ele, uma mudança cultural imediata por parte da comunidade escolar, mas aos poucos, isso passou a acontecer, embora lentamente:

A princípio, não se percebeu muito, mas no decorrer das atividades, e com o amadurecimento do programa, a teoria foi se tornando prática e fomos percebendo relances de respeito, cooperação, etc., o que foi se intensificando e se materializando em uma melhor convivência dentro da escola e nos fazendo perceber que o programa já estava rendendo frutos, o que nos motivou ainda mais a prosseguir. (informação verbal).³⁴

Nas atividades das quais participei na EEMWR, ficou claro que, atualmente, a escola trabalha de modo dialógico, valorizando os saberes escolarizados e não escolarizados de todas as pessoas, sendo necessário, para isso, romper com valores estereotipados, como o de superioridade, de dono de verdades e de saberes que, por vezes, levam as pessoas a se julgarem superiores, autossuficientes, de maneira antidialógica, dominadora e opressora. (FREIRE, 1997). Nesse sentido, se o professor quer alcançar mudanças significativas nas atitudes dos alunos, ele também precisa incorporar Valores Humanos em suas ações cotidianas. Somente com o exemplo, o aluno é estimulado a mudar seu comportamento. Com relação ao educando, Barros (2009) entende que eles têm melhorado o comportamento em relação à Cultura de Paz, contudo isso é algo que acontece gradativamente:

Alguns alunos, sim, mas existe uma grande maioria que demora bastante para incorporar essa cultura, pois está acostumada com um ambiente onde a agressividade e a má educação imperam. Então, viver uma Cultura de Paz, para eles, é praticamente impossível, porém com um trabalho contínuo e persistente se conseguem resultados significativos.

As aulas abrangem os Valores Humanos vivenciados pelos estudantes, como: confiança, paz, tolerância, dentre outros. Com isso, ocorre o desenvolvimento integral do aluno. A ambientação do espaço escolar, unida às reflexões em sala, geradas pelas atividades

³⁴Entrevista fornecida à pesquisadora. Paulo Sérgio Barros é Mestre em História, professor da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, junho de 2012.

desenvolvidas, tem contribuído significativamente para o alcance desse propósito. Os pais estão reconhecendo que o VIVE contribui para formar o caráter do seu filho:

Alguns pais chegam à primeira reunião de pais admirados com o comportamento dos filhos, perguntando o que fizemos, que milagre aconteceu, pois seu filho está completamente mudado, responsável, atencioso e paciente. Mas sabemos que não se consegue 100% de forma rápida. É um trabalho de paciência, persistência e muita força de vontade, pois mudar comportamentos cristalizados durante 14, 15 ou 16 anos não é um trabalho fácil, porém não podemos desistir do nosso papel de educador nem de continuar trabalhando por essa Cultura de Paz. (informação verbal).

³⁵

Os pais veem o Programa como uma excelente ação educativa que a escola está desenvolvendo e, frequentemente, relatam como os próprios filhos descrevem, em casa, as ações do VIVE, realizadas em sala de aula. Há, por parte deles, um reconhecimento de que a escola, nos dias atuais, não está preocupada, apenas, com o conhecimento tradicional, mas também, assume o compromisso de tornar o aluno um ser humano mais sensível aos problemas daqueles que lhes são mais próximos e da sociedade como um todo.

Desse modo, a ideia da 9ª CREDE foi implementar o Programa VIVE, por meio de uma proposta pedagógica em que essa temática fosse inserida em sala de aula. Por isso, realiza encontros anuais voltados à formação dos núcleos gestores, professores e alunos em sua sede, no município de Horizonte. Também promove um encontro de socialização entre as escolas, voltado a diretores, coordenadores, professores e vários alunos, como forma de fortalecimento dos trabalhos desenvolvidos. Nessas formações, são realizadas oficinas e apresentadas sugestões, entre as instituições, de ações que podem ser aplicadas em sala de aula.

Cada escola elabora seu plano de ação, que deverá ser analisado e aprovado pela 9ª CREDE, cujos Valores Humanos devem ser trabalhados nas aulas, sem prejuízo dos conteúdos curriculares e de forma que as ações da temática possam ter qualidade e eficácia (ANEXO B). O VIVE deve ser inserido no cotidiano escolar, por todos os professores da escola, sob a responsabilidade de um coordenador pedagógico, que tem o dever de acompanhar as atividades desenvolvidas, relacionadas ao programa, apoiando a sua efetivação. Um professor com sensibilidade consegue tocar o sentimento do aluno, fazendo-o mudar o ambiente no entorno. Para tanto, a escola deve trabalhar com os valores para formar

³⁵Entrevista fornecida à pesquisadora. Paulo Sérgio Barros é Mestre em História, professor da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, junho de 2012.

cidadãos planetários, éticos, comprometidos com uma família global, com um lar comum. (BARROS, 2012).

Ao trabalhar a autoestima dos alunos é possível desenvolver a crença na sua capacidade de transformação e crescimento pessoal. É importante que eles sejam reconhecidos dentro da escola, para que se sintam importantes e capazes de realizar ações, de maneira exitosa. Para a professora Nazaré:³⁶

O VIVE trouxe mudanças positivas nas relações professor-aluno e nas relações aluno-aluno, tanto dentro como fora da escola, pois os professores começaram a aproximar-se mais de seus alunos e a conhecer suas angústias, seus problemas familiares e afetivos. Realmente, o VIVE trouxe uma aproximação maior entre professores, alunos, gestores e familiares, pois os Valores Humanos são indispensáveis à vida de qualquer pessoa, especialmente aos jovens em formação.

Com o passar do tempo, os Valores Humanos vão sendo incorporados e as relações entre os membros da comunidade escolar melhoram a cada dia. Barros fala de sua experiência pessoal:

Quando conheci o programa, em 1996, ainda em fase embrionária, fiz uma formação no Brasil e, naquele momento, estava no segundo ano como professor de escolas públicas estaduais. Obviamente, na época não se falava em Cultura de Paz, mas a temática espiritualidade e Valores Humanos eu já apreciava e procurava por em prática, na sala de aula, mas tinha pouca experiência, não sabia, às vezes, como fazer a transposição didática para a realidade da sala de aula e dos conteúdos curriculares. (informação verbal).

O depoimento de Barros coincide com o meu modo, pois entendo que se pode e se deve trabalhar a paz nas escolas, e isso me levou a aplicar, neste estudo, a metodologia proposta pelo VIVE. Quando realizei os encontros na escola, inspirados nos Círculos de Cultura de Paulo Freire, passei a compreender melhor como se dava esse processo. Entendi que o VIVE contribui com a construção de uma Cultura de Paz, efetivamente. Constatei, na prática, trabalhando com alunos e professores, que sua metodologia é vivencial, transformadora, criativa e espiritual, permeando toda a seara do currículo e se adaptando a qualquer faixa etária, pois aborda a vivência de valores próprios às necessidades de todos nós, além de desenvolver a autoestima, as habilidades cognitivas, o entendimento cognitivo e afetivo, incentivando, assim, os estudantes a se apropriarem dos valores nas suas vidas.

³⁶Entrevista fornecida à pesquisadora. Paulo Sérgio Barros é Mestre em História, professor da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, junho de 2012.

3.2 A implantação do programa VIVE na EEMWR

Viver valores na escola está diretamente relacionado às práticas de educadores e educandos que buscam vivenciar valores cujo foco centraliza-se na paz. O VIVE comunga com os quatro pilares defendidos por Delors (1998): ‘aprender a conhecer’, ‘aprender a fazer’, ‘aprender a conviver’ e ‘aprender a ser’. Reconhece, ainda, que: “nunca foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos” (FREIRE, 1999, p. 94).

A escola participou, na 9ª CREDE, em junho de 2011, do I Encontro do Programa Vivendo Valores na Escola,³⁷ que teve como objetivo socializar as experiências exitosas nas escolas estaduais sob sua jurisdição, em que o público alvo era constituído por Diretores, Coordenadores e Professores que estavam à frente do VIVE. A palestrante desse momento foi a Profa. Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos, com o tema ‘Cultura de Paz nas Escolas’. Os alunos fizeram uma apresentação de teatro musical, ‘O Menestrel’, que enfatizou o valor ‘Amor’, que foi vivenciado durante todo o mês de junho na escola. A imagem 3 demonstra o momento em que os alunos interagiram com o público que assistia a essa ocasião tão relevante. Em tal percepção, trabalhar com os Valores Humanos é aliar conteúdo e ética em favor da vida. Dessa maneira, o VIVE foi implantado na EEMWR numa sistemática interdisciplinar, através da formação dos educadores,³⁸ envolvendo estudos, reflexões e atividades que vêm propiciando a (re)construção dos valores essenciais à convivência humana, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de uma Cultura de Paz.

Imagem 3 – Lançamento do VIVE nas escolas



Fonte: Arquivos da escola (2011).

³⁷ Antes disso já havia acontecido uma capacitação dos professores, realizada pelo professor Paulo Barros, que, através de uma entrevista concedida à pesquisadora, salientou essa informação.

³⁸ A multiplicação do projeto constou com a carga horária de 30 horas, sendo 20h/a presenciais, distribuídas em 03 (três) dias: 29 de outubro, 12 e 19 de novembro de 2010, e 10 h/a à distância. (CEARÁ, 2012).

Essa ação educativa foi realizada pela EEMWR em comemoração ao primeiro ano da Agenda 22 – ‘Cultura de Paz’, em 2011, na CREDE e na escola, em todos os turnos. Essa atividade foi coordenada pela professora Nazaré de Fátima, sendo que os primeiros vinte minutos da primeira aula foram dedicados à reflexão sobre a paz, com a leitura do texto intitulado ‘O significado da Paz’ (ANEXO H), refletindo sobre a importância do bem comum, da partilha e da verdadeira acepção da Paz.

A bandeira branca foi hasteada ao som das músicas ‘É preciso saber viver’, de Roberto Carlos (ANEXO I), e ‘Como vai?’, de Ari Bento (ANEXO J), ao vivo, acompanhadas por voz e violão, pelo grupo de alunos do VIVE. A ex-diretora da escola, Terezinha Alves Vieira, falou a respeito da importância da paz mundial e da paz interior, ressaltando o VIVE e as ações de paz através da vivência dos Valores Humanos. Os alunos e professores dos turnos tarde e noite vestiram-se de branco e os alunos da tarde participaram de uma oficina de Tsuru (pássaro feito com a técnica de dobradura de papel), com o professor Delson.³⁹ O abraço da paz aconteceu em pequenos grupos, logo depois, houve o abraço coletivo, formando um grande círculo. Alguns alunos e professores emocionaram-se ao cantarem a música ‘Como vai?’, de Ari Bento (ANEXO J), acompanhada pelo aluno Genivalto. Esse momento foi retratado na imagem 4, a seguir:

Imagem 4 – Lançamento do programa VIVE na escola EEMWR



Fonte: Arquivos da escola (2011).

³⁹ Alguns dos nomes aqui apresentados são fictícios, pois me comprometi a não revelar a identidade de determinados participantes desta pesquisa.

Com a implementação do VIVE, a EEMWR colocou-se a favor da educação para e pela paz. Descrevo aqui alguns fatos associados aos valores imprescindíveis à formação do cidadão, apontando a necessidade de uma discussão sobre a educação, ensinando a alunos e professores o extremo bem que faz a vivência da paz na escola. Acredito, como Sathya Sai Baba (2011, p. 1), que “[...] a meta da Educação é a formação do Caráter. Caráter é a Unidade entre Pensamento, Palavra e Ação.”

Existe, atualmente, uma forte influência da mídia que, em geral, impõe valores capitalistas às pessoas, que não condizem com um comportamento saudável, levando-as a atitudes contrárias aos valores essenciais para o ser humano, como a solidariedade, o respeito, a lealdade, a honestidade, o diálogo, a paz e a justiça. Frente a esse cenário, cabe à escola desenvolver ações voltadas à prática desses valores, junto ao educando e aos demais atores envolvidos com a educação escolar. Para isso, deve-se planejar a concretização de um currículo capaz de auxiliar na formação adequada dos jovens.

A escola assume uma grande responsabilidade de auxiliar na formação de cidadãos críticos e, principalmente, éticos. Por isso, os Valores Humanos não podem ser suplantados, mas ao contrário, devem ser tratados como primordiais, para que, quando esses jovens em formação se tornarem adultos, sejam profissionais competentes e com comportamentos alicerçados na dignidade e honestidade, pois o ensinamento desses Valores reflete na conduta do jovem que está em processo de formação.

O conhecimento científico é, do mesmo modo, significativamente importante para o cidadão comum, orientando-lhe nas suas decisões diárias. No mundo atual, as informações ‘bombardeiam’ as pessoas, advindo de canais diversos, portanto, para o ideal entendimento dessas informações, é imprescindível o domínio dos recursos de comunicação e de linguagens, que se instituem como recursos imprescindíveis à construção do conhecimento e à prática cotidiana que não é neutra.

A educação para a cidadania constitui um conjunto complexo que abraça, ao mesmo tempo, a adesão a valores, a aquisição de conhecimentos e a aprendizagem de práticas na vida pública. Não pode, pois, ser considerada como neutra do ponto de vista ideológico (DELORS, 1998, p. 9).

A formação do ser humano, entretanto, prescinde de apropriação de Valores Humanos, que deve começar na família, *locus* de vivência desses valores que incluem a humanização e a libertação. A educação é um meio de construção e reconstrução de valores e normas que podem dignificar as pessoas e as tornarem mais humanas e éticas:

Numa educação ética, é preciso resgatar e incorporar os valores de solidariedade, de fraternidade, de respeito às diferenças de crenças, culturas e conhecimentos, de respeito ao meio ambiente e aos direitos humanos (SIEGEL, 2005, p. 41).

Nessa perspectiva, ser cidadão é sentir-se e reconhecer-se como ser inserido no mundo, participante e comprometido com ele. As escolhas e posturas devem contemplar interesses e necessidades sem sobrepô-las à vida e aos anseios das outras pessoas de sua comunidade cujas atitudes também afetam os demais indivíduos. É importante, portanto, que a escola e a família estejam preocupadas em acatar o princípio da valorização do ser humano, pelo qual o ‘ser’ deve se sobrepor ao ‘ter’.

A valoração é o próprio esforço do ser humano em transformar o que é naquilo que ‘deve ser’. Essa distância entre o que é e o que deve ser constitui o espaço vital da existência humana; com efeito, a coincidência entre o ser e o dever ser bem como a impossibilidade dessa coincidência são igualmente fatais para o homem. Valores e valoração estão intimamente relacionados: sem valores a valoração seria destituída de sentido; sem a valoração, os valores não existiriam (SAVIANI, 2001).

Para que isso aconteça na escola, é importante que toda a comunidade se engaje na aprendizagem dos Valores Humanos, através de um trabalho de conscientização, em que cada segmento assuma seu papel na orientação dos jovens, realizando projetos que vivenciem um conhecimento direcionado ao crescimento e desenvolvimento humano.

A escola precisa se adequar ao mundo exterior, com a introdução de projetos nos quais o ato de educar não se restrinja somente à sala de aula, mas também diga respeito a ações que apoiem a formação plena dos jovens. Uma educação em valores exige mais empenho dos educadores e comprometimento com o melhorar as relações na escola. Assim, defendo que a escola deve assumir um currículo escolar diversificado, que crie oportunidades para os jovens vivenciarem situações extraescolares, com tomadas de decisões adequadas aos Valores Humanos.

Lanço aqui a reflexão sobre a influência dos valores repassados pela mídia, cujo alcance e potencial são altíssimos, especialmente para induzir os jovens a se envolverem, cada vez mais, com o mundo da Internet, dos jogos virtuais. Consequentemente, a comunicação e a interação desses jovens com a família e a escola, para a transmissão dos Valores Humanos, e sua devida importância, por vezes, ficam comprometidas. Daí, a importância da família e da escola em ocuparem o lugar que lhes é de direito, no processo de educar os jovens numa perspectiva baseada em Valores Humanos. Segundo Rayo (2004, p. 105) “[...] vivemos uma

época de grandes transformações e de exigências que impedem, muitas vezes, o compartilhar, o dialogar, o encontro. Mas a família continua sendo o referencial insubstituível.”

É papel da escola é propiciar atividades que despertem no aluno e em seus familiares vivências em Valores Humanos capazes de proporcionar transformações positivas em suas vidas. A escola deve ser um espaço voltado a favorecer, também, a humanização dos métodos de ensino, recorrendo a um currículo que apresente uma proposta inovadora, apresentando uma educação comprometida com a transformação de atitudes. Segundo Sathya Sai Baba (2011, p. 5):

[...] a educação não deve ter como finalidade única o ‘ganhar a vida’, mas sim, ser um objetivo para toda a vida (aprender a aprender), pois a própria vida é uma escola. E ainda mais, devemos dar às crianças não só uma forma de vida; precisamos inspirá-las a viver de modo digno e com equilíbrio igualmente os êxitos e fracassos inevitáveis em seu percurso, mantendo sempre, uma mente equânime (equilíbrio emocional).

É importante que a escola introduza, em seu currículo, valores que libertem os alunos do modelo de sociedade que estão vivenciando, na qual predomina uma visão capitalista, que mais valoriza o ‘ter’ do que o ‘ser’. Torna-se relevante, então, trabalhar valores como solidariedade, diálogo e respeito e, por conseguinte, valorizando tais ações, a escola fortalece uma educação voltada para a Cultura de Paz (SATHYA SAI BABA, 2011).

A educação para uma Cultura de Paz pretende fazer, de cada pessoa, um agente de transformação. Isso exige uma reflexão que possibilite compreender as raízes históricas da situação do aluno e do ambiente em que vive. Cabe, assim, à instituição escolar propor espaços para mudar as situações de violência. De acordo com os PCNs (BRASIL, 1997), outra maneira de se trabalhar com os alunos os seus direitos de cidadãos é comprometendo-se com o desenvolvimento de habilidades sociais, discernimento cognitivo e Valores Humanos para as suas vidas (TILLMAN, 2012).

Os alunos podem descobrir nos esportes, música, teatro, leituras, pesquisas, brincadeiras e jogos, conhecimentos que os capacitem a fazer uma crítica aos valores sociais vigentes. A educação pode ocorrer em momentos distintos, que vão desde a adaptação às normas prescritas pela sociedade ao conhecimento e à reconstrução dos próprios valores, comprometidos com a construção de uma vida mais justa e humana para todos (TILLMAN, 2012).

Tillman e Colomina (2004) concordam que a educação adotada dentro e fora da escola deve se preocupar, principalmente, com a formação para a cidadania. Nesse sentido, o

desenvolvimento de um país depende da implementação de uma educação fundamentada em Valores Humanos, capazes de educar o cidadão crítico. Além disso, deve haver uma preparação do corpo docente para educar os cidadãos, sendo essencial o compromisso dos professores nesse sentido.

Educar para a cidadania é despertar as consciências para seus direitos e deveres. Os Valores Humanos são importantes para o convívio em sociedade, por contribuírem com a harmonia social. Além de se constituírem em instrumento indispensável ao bom funcionamento da sociedade e à integração dos indivíduos entre si, também incutem o respeito à vida. Na seção seguinte discorro sobre as atividades educativas, ao vivenciar o processo de educar para uma Cultura de Paz, subsidiado pelo Programa VIVE, junto aos vários projetos, aos quais a escola aderiu, que serão apresentados a seguir.

3.2.1 EEMWR: projetos escolares e atividades pedagógicas vivenciados em seu cotidiano e articulados ao VIVE

Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se cria, em que se fala, em que se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim a vida.
(FREIRE, 1995).

A educação para a uma Cultura de Paz ganhará espaço a partir da percepção da comunidade escolar sobre a importância dessa mudança de estilo de vida. É relevante, portanto, que todos ingressem nessa caminhada que, embora seja um grande desafio, chega a ser possível, quando passa a ser construída numa rede de relações, seja no ambiente escolar, seja fora dele. Assim, a EEMWR, recorrendo a projetos, atividades e, principalmente, às dinâmicas do VIVE, vem colaborando com uma reflexão constante sobre as posturas que não condizem com a disseminação de uma Cultura de Paz. Exponho, a seguir, algumas ações pedagógicas que estão sendo desenvolvidas na escola e que estão corroborando para essa transformação:

- a) Reforço Escolar;
- b) Música na Escola;
- c) Saúde e Prevenção na Escola;
- d) Projeto *Bullying*;
- e) Africanidades;
- f) Literatura Cearense;

- g) Meu Ceará é Assim;
- h) Reciclar é Preciso;
- i) Prevenção às Drogas e às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST/AIDS);
- j) Projeto Aromas e Sabores.

Apoiando esses projetos está o Programa Geração da Paz, instituído pela SEDUC (2010), sob a cooperação técnica da ONU (2004) e da UNESCO (2005) e em parceria com organizações governamentais e não governamentais. (CEARÁ, 2014a). O referido Programa surgiu, portanto, com o objetivo de acompanhar as ações escolares voltadas ao fortalecimento da escola como espaço de inclusão, de respeito à diversidade e da promoção da cultura da paz, por meio de sua materialização no PPP (SEDUC, 2010). Nesse sentido, a comunidade escolar vem sendo incentivada a participar de atividades que estejam inseridas no PPP, voltadas à promoção de uma Cultura de Paz e dos Valores Humanos, a fim de que todos os segmentos escolares sejam beneficiados. Assim, a EEMWR participa efetivamente dessa proposta, utilizando as dinâmicas do VIVE como forma de incrementar esse trabalho.⁴⁰ Exemplo disso é o Projeto Jovem de Futuro (PJF),⁴¹ proposta desenvolvida pela SEDUC em parceria do UNIBANCO, com a finalidade de apoiar a escola na conquista de apoio técnico e financeiro, com a assessoria dessas instituições, capacitando gestores e professores para planejar, executar, acompanhar e avaliar o rendimento escolar dos alunos do Ensino Médio, a fim de garantir que tenham um bom desempenho escolar e terminem com esse nível de ensino.

Com essas ações que a EEMWR vem concretizando, por meio do ‘Programa Geração da Paz’, do ‘Projeto Jovem do Futuro’, ou demais projetos como, por exemplo, o VIVE, percebe-se uma melhoria, apesar de pequena, nos resultados da aprendizagem escolar. Segundo o diretor Edinor dos Santos “é pretensão da escola que, com essas práticas, os alunos melhorem, não somente no rendimento escolar, mas também, na sua participação, seja em sala de aula, seja em outras ações que a escola venha a proporcionar.” Na Imagem 5, visualiza-se um momento do Projeto Reforço Escolar, através do qual se realizam aulas de reforço em Língua Portuguesa e Matemática, para estudantes da EEMWR. Nesse projeto, as turmas são formadas com, no máximo, dez alunos e o reforço é oferecido, aos estudantes, no horário contrário ao de suas aulas regulares, recorrendo a estratégias como: jogos matemáticos, músicas, *slides*, reflexões e outros métodos que buscam tornar o ensino significativo e

⁴⁰O VIVE já tinha sido implantado e os valores previamente estabelecidos, de modo que contribuiu com o fortalecimento dos demais projetos da escola.

⁴¹Tendo a finalidade de trabalhar as várias dimensões psicossociais dos alunos, desde as aulas de formação cidadã às interações com seus alunos, pares e pais.

prazeroso, atingindo, portanto, os resultados esperados, conforme tecnologia educacional do PJE.

Imagem 5 – Projeto Reforço Escolar



Fonte: Arquivo da escola (2012).

Tem-se, ainda, o ‘Projeto Reciclar é Preciso’ cujas ações contam com a participação de todos os alunos que entendem a necessidade de adotar a política dos 3 Rs – Reduzir, Reutilizar e Reciclar, voltada à proteção da Natureza. Esse projeto faz parte das ações do ‘Projeto Jovem de Futuro’ e é desenvolvido por meio de ações que envolvem palestras, peças teatrais e paródias musicais, realizadas pelos alunos com o tema “reciclagem”.

Outro trabalho realizado é o ‘Projeto Música na Escola’, que, assim como os demais projetos existentes, é financiado pela SEDUC, através de repasses financeiros que permitiam à escola adquirir um som de alta potência, na intenção de incrementar suas atividades pedagógicas e recreativas, principalmente, no recreio escolar, contribuindo com a valorização das artes na escola e oportunizando a descoberta de talentos e habilidades, com diversos instrumentos musicais. A imagem 6, a seguir, mostra um momento da apresentação de uma aluna que participa desse projeto.

As atividades dessa ação pedagógica estão voltadas à apreciação e inclusão da música no ambiente escolar, compartilhando e levando conhecimentos musicais básicos a todos os participantes, promovendo atitudes, hábitos e valores como o respeito às diferenças, oportunizando aos jovens a dinamização de um projeto de vida com mais dignidade.

Imagem 6 – Projeto Música na Escola



Fonte: Arquivo da escola (2012).

Há, também, o ‘Projeto Saúde e Prevenção na Escola’ (PSPE), que envolve atividades relacionadas aos cuidados que se devem adotar para a preservação da saúde. Dentre as ações desse projeto, destacaram-se oficinas, palestras, apresentações de vídeos e gincana, sobre prevenção de doenças, envolvendo a comunidade escolar, ressaltando a participação dos alunos, que foi bastante significativa, o que resultou de um grande estímulo por parte dos educadores.

Considere relevante para o maior envolvimento do aluno com a escola a preocupação nutricional que se identifica com o Projeto Saúde e Prevenção na Escola (PSPE), que também influencia no momento da elaboração do cardápio e da execução da merenda escolar, contando com a participação do Conselho Escolar, que oportuniza aos alunos participarem e deliberarem sobre o que consideram melhor para sua saúde. Noto o cuidado que há em relação ao não desperdício de alimentos e à exigência de que estes sejam de boa qualidade. Mesmo assim, ainda existem estudantes que preferem, no recreio, dirigirem-se ao portão para comprar ‘pastel com suco’. O importante, no entanto, é que o PSPE apresenta-se como um elemento a mais para melhorar a saúde dos alunos e está articulado com o VIVE, principalmente quando aborda os valores como ‘amor’ e ‘respeito’, que refletem sobre o cuidado e a prevenção de doenças e agravos à saúde, contribuindo, assim, à formação integral do aluno. A imagem 7 mostra o momento da apresentação de uma estudante oferecendo informações sobre os alimentos que mais benefícios trazem à saúde.

Imagem 7 – Projeto Saúde e Prevenção na Escola (PSPE)



Fonte: Arquivo da escola (2012).

Outra atividade de iniciativa do PSPE foi o enfoque do tema *bullying* cujas atividades foram trabalhadas interdisciplinarmente, com a realização de cordéis, apresentações teatrais, palestras, debates e discussões, como também de enquetes por meio das redes sociais como o *Facebook*, oportunizando a interação entre as pessoas da comunidade escolar, solicitando seus posicionamentos sobre essa problemática. O objetivo foi esclarecer a todos que o *bullying* é uma forma de violência, que precisa ser combatida por meio de atividades que incentivem a melhoria das relações interpessoais dentro da escola, com foco na Cultura de Paz. A imagem 8 ressalta o momento em que algumas alunas da EEMWR preparavam cartazes que estimulavam o combate ao *bullying*.

Imagem 8 – Projeto *Bullying*

Fonte: Arquivo da escola (2012).

Outra forma de valorizar a busca por uma melhor qualidade de vida é o ‘Projeto de Prevenção às Drogas e às Doenças Sexualmente Transmissíveis’ (DST/AIDS), com ações

voltadas para a orientação, aos alunos, sobre a prevenção ao uso de drogas, o uso de preservativos anticoncepcionais e o conhecimento quanto à gravidez precoce, a partir de orientações para o enfrentamento dessa problemática tão frequente na vida dos jovens, pois cada vez mais cedo eles buscam novos valores comportamentais relacionados à afetividade e à vida sexual, sem perceberem os riscos aos quais se submetem, daí a escola ter a preocupação em refletir os Valores Humanos concernentes a esse aspecto. Como forma de trabalhar os conteúdos disciplinares, bem como as atividades culturais e sociais, a escola ainda dispõe de outros projetos que estão envolvendo alunos e comunidade os quais são descritos a seguir:

O ‘Projeto Africanidades’ trata das questões etnicorraciais, de forma responsável e competente, em que se destaca o empenho e a dedicação de todos os professores, em especial os da área de Ciências Humanas. O objetivo desse projeto é o de fortalecer as ações e estimular o desenvolvimento de atividades que mobilizam os alunos a refletirem sobre a Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, definindo a obrigatoriedade da inclusão, no currículo oficial da Rede de Ensino, da temática ‘História e Cultura Afrobrasileira’, dando outras providências. A imagem 9 refere-se a uma das apresentações culturais do referido projeto, quando uma aluna apresenta, ao lado do mapa do continente africano, algumas tradições herdadas da cultura dos negros que vieram para o Brasil, à época da colonização, com a finalidade de trabalharem como escravos, nas fazendas de café e cana de açúcar.

Imagem 9 – Projeto Africanidades



Fonte: Arquivos da escola (2012).

No ‘Projeto Aromas e Sabores’, o propósito é discutir, a partir das questões gastronômicas, a culinária local, a relação do ‘eu e do outro’ na sociedade atual, preparando

os jovens para a importância de saber conviver com as diferenças. Assim, os alunos apresentam as variadas formas da culinária regional, valorizando, desse modo, a sua cultura.

O Projeto Literatura Cearense nasceu da necessidade de valorizar a rica literatura do nosso estado, bem como propiciar aos estudantes momentos agradáveis de leitura. A primeira ação foi realizar a sensibilização dos alunos quanto à abordagem do Projeto, em sala de aula (Imagem 10), com a adoção do livro ‘Senhora’, de José de Alencar, como paradigmático para ser lido e discutido durante o 1º bimestre. Mediante essas atividades, os alunos passaram por uma atividade avaliativa sobre o livro e os que mais se destacaram foram premiados com uma aula de campo, através da qual visitaram a Casa de José de Alencar, a biblioteca pública e o Teatro José de Alencar (Imagem 10).

Imagem 10 – Projeto Literatura Cearense na EEMWR



Fonte: Arquivo da escola (2011).

O ‘Projeto Meu Ceará é Assim’ (Imagem 11) consiste no processo de esclarecimento à comunidade escolar sobre a importância e valorização da nossa identidade cultural. É desenvolvido por meio de pesquisas na Internet e em livros e revistas, aulas de campo, apresentação de documentários, exposição de uma galeria de produções cearenses, tais como: artesanatos, religiosidades, economia, turismo e *show* de humor representado por alunos caracterizados de humoristas cearenses. Em tal projeto, também é discutida a questão dos Valores Humanos e nisso há uma relação intrínseca com o VIVE. A imagem 12 retrata o momento de uma visita dos alunos a um ponto turístico do Ceará, que é localizado na divisa entre os estados do Ceará e Rio Grande do Norte.

Imagem 11 – Projeto Meu Ceará é Assim



Fonte: Arquivo da escola (2011).

No tempo em que estive na escola, realizando o estudo, encontros e seminários, bem como em conversa com os professores e demais agentes educacionais, percebi que os alunos estão sendo favorecidos por um ambiente de cooperação mútua devido à efetivação de todas essas atividades, nos diversos projetos mencionados.

Apesar de alguns projetos implementados na escola funcionarem especificamente como apoio à aprendizagem escolar, por meio de ações didáticas respaldadas na formulação e organização curricular, percebe-se uma interação entre todos eles, de forma interdisciplinar, o que se traduz em diversos momentos de participação discente, demonstrando, inclusive, uma integração frequente entre as pessoas que fazem a escola, não buscando outros caminhos que não sejam os de desvio de ações que trazem prejuízos, seja à saúde, seja à aprendizagem. Portanto, a introdução desses projetos, pedagógicos ou reflexivos, no cotidiano escolar, reflete o caminho a ser traçado pela escola na busca da melhoria das relações, dentro ou fora da escola, visto que os ensinamentos dos Valores Humanos conduzirão a uma Cultura de Paz. Segundo Valente (2002, p. 4):

[...] no desenvolvimento do projeto, o professor pode trabalhar com [os alunos] diferentes tipos de conhecimentos que estão imbricados e representados em termos de três construções: procedimentos e estratégias de resolução de problemas, conceitos disciplinares e estratégias e conceitos sobre aprender.

Durante a realização desses projetos, pude constatar a valorização do trabalho em grupo, assim como o desenvolvimento de vínculos de solidariedade e aprendizado permanente. Valente (2002) indica que, quando se fala em projeto, remete-se à intenção, à

pretensão e ao sonho. Assim, apesar de reconhecer os inúmeros obstáculos que se interpõem no cotidiano escolar, no sentido de viabilização dos projetos, vejo que, de fato, na EEMWR essa é uma possibilidade real.

Os projetos desenvolvidos relacionam-se com o VIVE: a) buscando construir uma identidade cultural dos estudantes com a sua realidade local, de modo que fortalece sua autoestima; b) na realização dos projetos há interesse em compreender a convivência social e fortalecer os laços de amizade entre os que participam dele; e c) os projetos compreendem participação dos alunos que estão vinculados ao VIVE.

Vale ressaltar que a escola, por meio desses projetos, está agindo, pedagogicamente, atendendo ao que diz a LDB (BRASIL, 1996, Artigo 27): “a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e a ordem democrática”. Essa lei institui que a educação seja baseada em Valores Humanos, que devem ser explorados nos conteúdos programáticos, de forma interdisciplinar, permitindo que a comunidade escolar, em especial o aluno, fortaleça-se de forma a melhorar suas relações e convívio na escola e fora dela.

Assim, a EEMWR vem, desde o 1º Encontro do VIVE e em parceria com a 9ª CREDE, consolidando um trabalho voltado aos Valores Humanos e à Cultura de Paz, através de encontros com os professores, para que esses utilizem, em sala de aula, as dinâmicas apresentadas pelo VIVE, a fim de que esses momentos proporcionem reflexões voltadas à construção de um ambiente escolar mais harmonioso, com Valores Humanos estabelecidos para uma reflexão permanente sobre paz, amor, respeito, união, tolerância, responsabilidade, dentre outros, sendo que essa proposta torna-se essencial para os que procuram um mundo melhor e mais justo.

Outras atividades também são desenvolvidas na escola, com foco da Cultura de Paz, como o trabalho com os pais e/ou responsáveis pelos alunos, através de Encontros e Reuniões de Pais, nas quais são realizados momentos de apresentação de propostas que estão sendo vivenciadas na escola, assim como o repasse de informações referentes às atividades e à rotina escolar, como horário das aulas, uso do fardamento e outras. Sempre que acontecem esses eventos a escola oferece um café da manhã preparado especialmente para a acolhida dos pais e/ou responsáveis.

Em um dos encontros apresentados aos pais, foi apresentada a sistemática da proposta referente aos Valores Humanos para a disseminação da Cultura de Paz, através da apresentação da filosofia do projeto, que busca, essencialmente, proporcionar uma aprendizagem dos conteúdos programáticos através da sua integração aos Valores Humanos,

propiciando, não somente, o aprendizado cognitivo, mas também ensinamentos reflexivos, realizados por meio de dinâmicas, textos e outras ações, que efetivam essa aprendizagem em sala de aula. Assim, é evidenciado que a escola oferece um aprendizado diferente, sendo que, ao mesmo tempo em que os estudantes apreendem os conteúdos ministrados pelos professores, eles vivenciam sobre essa prática pedagógica que a escola vem proporcionando. A imagem 12 apresenta uma dessas ocasiões de Reunião de Pais, na qual foi realizada uma palestra sobre a importância da disseminação da Cultura de Paz através do ensino em Valores Humanos.

Imagem 12 – Reunião de Pais e Mestres



Fonte: Arquivo da escola (2012).

A 9ª CREDE vem realizando, ainda, com o apoio do Programa Geração da Paz,⁴² encontros sistemáticos com professores e gestores, no sentido de promover uma maior integração da escola, através de ações que fortaleçam “a inclusão, o respeito à diversidade e a promoção da Cultura de Paz” (CEARÁ, 2011), fortalecendo, assim, o seu papel como promotora de ações pedagógicas inseridas no PPP, como forma de subsidiar essas vivências.

Essas atividades passaram a acontecer a partir da Agenda 22, com Encontros mensais, proporcionados pela SEDUC e realizados basicamente no dia 22 de cada mês, com a finalidade de apresentarem experiências exitosas das escolas que estão favorecendo a disseminação de uma Cultura de Paz.

Por sua vez, a EEMWR oferece jornadas pedagógicas, que ocorrem anualmente e/ou bimestralmente, seja para dar início ao ano letivo, ou para planejar as ações que serão desenvolvidas em sala de aula, proporcionando aos educadores momentos de estudos,

⁴² De acordo com o coordenador Flávio Mesquita, esse programa já foi instalado em 92% das escolas estaduais, atendendo cerca de 5 (cinco) mil professores e 150 (cento e cinquenta) mil alunos, visando principalmente a uma maior aproximação da à família.

minicursos ou oficinas para elaboração de plano de aula, bem como práticas e metodologias de trabalho. Essas ações são baseadas no PPP, assim como na proposta do ‘Programa Geração da Paz’ sobre a forma como se deve socializar esse aprendizado em sala de aula, tendo como foco o VIVE, que fortalecerá as relações em sala de aula e na escola.

Em 2013, a escola realizou a Jornada Pedagógica com o tema ‘Repensando práticas e saberes para o sucesso escolar’. O encontro reuniu professores e funcionários com a finalidade de definir as atividades para o ano letivo que se iniciava. Nessa perspectiva, levou-se em conta um planejamento com vistas a ações voltadas à vivência dos Valores Humanos, como foco do meu objeto de estudo, que são trabalhados de forma interdisciplinar, com o objetivo de disseminar uma Cultura de Paz. A imagem 13 mostra um dos momentos da jornada, em que se visualiza a descontração dos participantes das atividades.

Imagem 13 – Jornada Pedagógica



Fonte: Arquivo da escola (2013).

Os projetos desenvolvidos na EEMWR voltam-se à contribuição para uma sociedade mais digna, justa e igualitária, comprometida com o exercício consciente da cidadania, embasada em políticas educacionais que priorizem o conhecimento humano, técnico e científico, assegurando uma formação pautada nos Valores Humanos e com foco na concretização de uma Cultura de Paz.

Tendo a pretensão de educar pessoas comprometidas com a sociedade e que vivam conscientes de seus deveres e possibilidades, a EEMWR busca formar cidadãos participativos, realizados, responsáveis, críticos, politizados e conscientes dos seus direitos e deveres, construtores de uma sociedade mais justa e igualitária.

Essa é, portanto, uma escola que prepara o ser humano para respeitar os direitos dos seus semelhantes. Isso significa ensinar ao aluno a participar diretamente do processo de seu desenvolvimento pessoal e social. Por meio dessa prática, ele poderá dimensionar sua real parcela de transformação da realidade vivida. Mas, para que essa participação se efetive, dentro e fora da escola, é preciso que a escola abra as suas portas, permitindo que o jovem seja protagonista das ações educativas.

Veremos, a seguir, o aprofundamento dessa proposta, no capítulo que trata desse assunto, enfatizando as experiências vividas com alunos e professores. Farei uma descrição a respeito de como os jovens da EEMWR têm se envolvido com o VIVE, na perspectiva da implementação de uma Cultura de Paz.

4 TESSITURA DA PAZ, EDUCAÇÃO PARA A PAZ E VALORES HUMANOS

É bonita demais
 A mão que conduz
 A bandeira da paz.
 É a paz verdadeira que
 Vem da justiça, irmão.
 É a paz da esperança que
 nasce
 De dentro do coração.
 É a paz da verdade, da pura
 Irmandade, do amor
 Paz da comunidade que
 Busca a Igualdade.
 Paz que é graça e presente
 Na vida da gente de fé
 Paz do onipotente, Deus à
 nossa
 Frente, Javé.
 (Zé Vicente)⁴³

Zé Vicente, o autor da letra dessa música, foi muito feliz quando destacou que a ‘paz verdadeira’ é uma bandeira que deve ser hasteada com o coração e que é necessário que se torne presente na comunidade com igualdade e justiça. Só por meio do amor essa paz pode se tornar esperança e fé na vida das pessoas. Nesse sentido, o VIVE apresenta-se como possibilidade de tornar esse ideário de esperança em concretude, entretanto o caminho da paz atravessa a via da educação para a paz.

Enquanto a paz não se tornar anseio subjetivo, que faça parte da formação do sujeito social e histórico, desde a mais tenra idade, viveremos num mundo em que as relações interpessoais e intrapessoais perdem em riqueza espiritual e força ativa, no que diz respeito à promoção de uma vida melhor, direito de todo e qualquer ser humano, independentemente da raça, cor, sexo, idade, nome ou sobrenome, posição social e econômica, papel político e outros (GUARESCHI, 2008). As pessoas, em geral, necessitam de um encontro com a paz em suas dimensões subjetiva e objetiva. Em tal sentido, neste capítulo, faço uma reflexão sobre essa questão. É o que há nos textos a seguir.

⁴³ Artista, cidadão, ecologista, místico. Nascido em Orós, no Ceará, é um apaixonado por seu povo, sua terra, pátria, planeta, suas raízes sagradas. Através das Oficinas de Arte-Vida, vai sensibilizando pessoas com sua poesia e música, em sintonia permanente com as grandes causas humanas, sociais e ecológicas do nosso tempo, principalmente a paz. (ZÉ VICENTE, 2014).

4.1 Conversando sobre a Paz

Como se depreende, a paz não nasce por ela mesma. Ela é sempre fruto de valores, comportamentos e relações que são vividos previamente. O resultado feliz é então a paz, talvez o bem mais ansiado e necessário da humanidade atual.
(BOFF, 2006).

Tratar de paz não é uma questão simples, pois, historicamente, esse assunto percorre toda a existência humana e, de uma forma ou de outra, presentifica-se no cotidiano da mais modesta pessoa ao mais eminente ser social e político. O que podemos dizer quando falamos de Educação para a paz?

A Educação para a paz deve ser um processo contínuo que perpassa todas as esferas, especialmente a social e a educacional, e necessita ser inserida como prática dialógica, capaz de proporcionar a busca constante de soluções, a fim de que essa temática se concretize e consolide como uma Cultura de Paz, que não seja apenas um modismo pedagógico ou uma tarefa a ser cumprida pela sociedade e pelas escolas, mas uma ação voltada ao fortalecimento de uma prática cotidiana para a educação e a formação do jovem, como possibilidade da prática efetiva. Nessa perspectiva, Jares (2001, p. 6) afirma, “[...] ainda que pareça paradoxal, educar para a paz não é e nem resulta algo harmonioso, isento de conflitos ou que incite unanimidade.”

Já se passou mais de um século, desde que os educadores Jean Piaget (1896-1980) e Maria Montessori (1870-1952) refletiram sobre a possibilidade da educação para a paz, na tentativa de contribuir com o fim da violência no mundo, que se esboçava de forma determinante durante a Primeira Guerra Mundial, dando início a uma série de Congressos, no sentido de fortalecer um espírito mais aberto e menos correligionário. Atravessou-se esse período e a humanidade se deparou com a Segunda Guerra Mundial, que representou uma continuidade da Primeira. Em 1948, a UNESCO possibilitou o desenvolvimento de iniciativas que retomaram esse tema: “assim como as guerras nascem nas mentes humanas, é nas mentes humanas que devem ser erguidas as defesas da paz” (GUIMARÃES, 2003, p. 24).

Nesse sentido, Burg (1974, p. 247) afirma que “[...] a paz depende, então, da vontade do povo.” Igualmente, o argumento de Kant não se vale de critério de justiça, de moralidade ou pacificidade, mas apenas do interesse próprio do povo:

Quando se exige o consentimento dos cidadãos para decidir “se deve haver guerra ou não”, não há nada mais natural do que, já que eles devem decidir suportar todas as aflições da guerra (como combater eles próprios, dar seus

próprios bens para os custos da guerra, reparar penosamente a devastação que a guerra deixa atrás de si e, enfim, pleno de males, tomar para si mais um, um endividamento que torna a própria paz amarga e que – em razão da incessante proximidade de novas guerras – não será nunca saldado), eles refletirem muito para iniciar um jogo tão nefasto. Ao contrário, numa constituição que não é republicana, na qual o súdito não é cidadão, a guerra é a coisa mais impensada do mundo, porque o chefe não é sócio do Estado, mas seu proprietário. Na medida em que seus banquetes, caças, castelos de férias, festas da corte etc. não sofrem pela guerra o menor prejuízo, pode decidir a guerra por razões insignificantes, como uma espécie de diversão, e pode, por conveniência, abandonar com indiferença sua justificação ao corpo diplomático sempre pronto para isso (KANT, 2004, p. 351).

Conforme Guimarães (2006), nas décadas de 1950 e 1960, nos países nórdicos,⁴⁴ deu-se início à pesquisa dessa temática, com a inserção em instituições de Ensino Superior, da disciplina ‘estudos de paz’, para alunos universitários interessados em estudar esse assunto. Outras ações foram tomando corpo, por meio de iniciativas como a formação de sindicatos ligados à educação e caravanas educativas possibilitando reflexões sobre a paz.

Ainda na década de 1960, com a introdução dos movimentos voltados à ‘não violência’, começaram a surgir, também, propostas de educação para a paz através de educadores como Lorenzo Milani (1923-1967), Danilo Dolci (1924-1997) e Paulo Freire (1921-1997), o que foi considerado um grande marco para o desenvolvimento dessa proposta de paz (JARES, 2007a).

A partir da década de 1980, houve uma maior expansão e consolidação dessa proposta, com o surgimento de associações de educadores, com publicações especializadas na temática, principalmente, com o envolvimento das escolas e da criação dos Conselhos Escolares, constituídos por representação de todos os segmentos (alunos, professores, funcionários e pais), como forma de democratizar essa participação e, conseqüentemente, atingir a proposta de uma educação voltada para uma Cultura de Paz.

Na década de 1990, quando da celebração da Conferência de Haia, os pacifistas de todo o mundo concluíram que seus esforços só teriam sentido para as novas gerações caso houvesse a promoção dos direitos humanos, que “[...] não haveria paz sem educação para a paz.” (UNESCO, 1999, p. 330), sendo lançada, então, a Campanha Mundial de Educação para a Paz cujos objetivos foram: 1) “[...] conquistar reconhecimento público da significação e

⁴⁴Região formada por cinco estados-nação e três regiões autônomas (Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia e seus territórios associados, que incluem as Ilhas Faroé e a Groenlândia) que compartilham uma história em comum, bem como traços comuns em suas respectivas sociedades, como o sistema político e o modelo nórdico. Politicamente, os países nórdicos não formam uma entidade separada, mas cooperam no âmbito do Conselho Nórdico. Linguisticamente, a área é heterogênea, com três grupos linguísticos independentes. (EUROPA..., 2014).

importância de tal educação e 2) capacitar professores para a realização dessa tarefa.” (UNESCO, 1999, p. 331).

Com a introdução da temática da ‘Educação para a Paz’, no mundo, incentivada pela Organização das Nações Unidas (2004) e pela UNESCO (2005), consolidou-se o desenvolvimento de políticas públicas, inserindo a sociedade e lideranças diversas para participarem de momentos de reflexão, em capacitações, declarações e convênios, para que haja um fortalecimento e difusão da promoção da paz (ONU, 2004; UNESCO, 2005).

Atualmente, vários esforços acontecem no Brasil para o fortalecimento da Educação para a Paz, podendo-se citar, como exemplo disso, a realização de Congressos, Seminários, além de publicações em revistas, bem como o fortalecimento de Organizações não Governamentais (ONGs), pioneiras nessa temática, a Universidade da Paz (UNIPAZ), o Instituto Nacional de Educação para a Paz (INPAZ) e o Serviço de Paz (SERPAZ). Destaco, ainda, a publicação de teses e dissertações, programas de capacitação para professores, em universidades brasileiras, como a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), através do curso de especialização *lato sensu* nessa temática da ‘Educação para a Paz’ (MACHADO, 2010).

Nesse sentido, a UFC, através do Grupo de Pesquisa Cultura de Paz, Espiritualidade, Juventudes e Docentes, vinculado ao Programa de Pós-Graduação desde 2007 que, sob a coordenação da professora Kelma Socorro Lopes de Matos, vem promovendo, anualmente, Seminários com professores e interessados na temática da Educação para a Paz, com o objetivo precípua de capacitá-los, realizar pesquisas e disseminar esse estudo, buscando interações com outros saberes pertinentes, no sentido de concretizar essa prática nas escolas. O Grupo se reúne semanalmente para a realização de estudos e pesquisas para o aprofundamento desse assunto, a fim de proporcionar uma nova perspectiva para os estudos da ciência da paz nos dias atuais (MATOS; MACEDO, 2010).

Ainda no Ceará, podemos citar Instituições promotoras da Cultura de Paz, que vêm propagando práticas educativas, tanto na educação formal como na informal, como: Agência da Boa Notícia, que estimula a Cultura de Paz através da comunicação; Associação ‘O Semeador’, que forma jovens e crianças através de uma educação holística, envolvendo Valores humanos; Organização Brahma Kumaris, que oferece meditação em colaboração para a formação holística e a paz interior; Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa (CDVHS), que trabalha com projetos de Cultura de Paz e cidadania no grande Bom jardim; Centro de Desenvolvimento Humano (CDH), que realiza ações com ênfase na educação e reeducação afetiva da vida, expansão de uma consciência ética transformadora da realidade, cuidando de

toda forma de vida; ONG Estação Luz, que dissemina a Cultura de Paz e os Valores Humanos através de ações relacionadas à educação e à cultura; ONG Movimento em paz, que atua com ações em favor da paz através de palestras, caminhadas e formação para educadores relacionada à Cultura de Paz; Programa Cinco Minutos de Valores Humanos em Educação, com o objetivo de oferecer contos para serem utilizados em sala de aula diariamente, propondo o trabalho com os Valores Humanos; Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD), que se trata de uma formação, oferecida por policiais militares voluntários, que tem como objetivo principal esclarecer jovens estudantes sobre os malefícios das drogas e da violência, bem como estimular ações em favor da cidadania e da ética, com o objetivo de disseminar uma Cultura de Paz, dentre outros.

Em Fortaleza, o ‘Programa Fortaleza em Paz’ foi criado por iniciativa do professor Harbans Lal Arora, recorrendo à metodologia da meditação ou oração coletiva e individual, com a duração de 20 minutos, duas vezes ao dia, com o objetivo de promover a paz no espaço em que nos encontramos. Essa experiência está em vigor em algumas escolas de Fortaleza. Os resultados desse trabalho são considerados satisfatórios, pois além de promover a paz, vem contribuindo com o crescimento emocional do aluno, conforme o que é prescrito por Sampaio (2012).

Abordo a seguir o papel da escola no desenvolvimento de atividades voltadas para a disseminação da paz na comunidade de Chorozinho – CE.

4.2 Educação para a paz: compreensão do papel da escola

Não creio em nenhum esforço chamado Educação para a Paz que,
em lugar de desvelar o mundo das injustiças, o torna opaco e
tenta miopizar as suas vítimas.
(FREIRE, 1986).

A ‘Educação para a paz’, segundo Jares (2002), é uma expressão ativa utilizada nos últimos anos, que recorre a ações reflexivas na sociedade e em instituições educacionais. Interceder por esse caminho é o desejo de todos que buscam a possibilidade de viver em paz, não como forma de banir os conflitos que surgem, mas como resolução desses, para a melhoria das relações entre os envolvidos. É imprescindível, portanto, que se estabeleça uma prática dialógica que permita essa convivência saudável dos seres envolvidos no processo.

A contribuição de Jares (2002) apresenta elementos relevantes que subsidiam significativas reflexões sobre a perspectiva de uma nova cultura, a da paz, em que enfatiza a

paz positiva, não como contrária à guerra, mas se constituindo em uma ação que trabalha os conflitos de forma criativa, principalmente na garantia da justiça social e do respeito ao próximo. Falando sobre a Educação para a Paz, o autor citado a define como:

[...] um processo educativo, contínuo e permanente, fundamentado nos dois conceitos fundadores (conceito de paz positiva e perspectiva criativa do conflito), que pretende desenvolver um novo tipo de cultura, **a cultura de paz**, que ajude as pessoas a entenderem criticamente a realidade, desigual, violenta, complexa e conflituosa, para poder ter uma atitude e uma ação diante dela (JARES, 2002, p. 148).

Dessa forma, esse tipo de cultura, a da paz, favorecerá um aprendizado coletivo e dinâmico, configurando-se como uma prática educativa contínua e consistente. No entanto, essa ação deverá vir fundamentada em valores previamente apreendidos e definidos no convívio diário, possibilitando uma real transformação no ambiente, independente da existência dos conflitos. Guimarães (2016, p. 22) apresenta a educação para a paz como:

Instrumento importante para a concretização de uma Cultura de Paz, emergindo na interlocução da comunidade internacional, não apenas como uma nova área de pesquisa ou campo relevante, mas como expressão da ideia de bem, onde se joga a própria questão do sentido da humanidade e da finalidade da educação.

Em princípio, torna-se essencial que a escola aceite o desafio de fortalecer essa ação, assumindo seu verdadeiro papel, não apenas como mera transmissora de conhecimentos definidos nos currículos escolares, mas como mantenedora de uma proposta que incentive a adoção dos Valores Humanos, de forma democrática e salutar, principalmente com os alunos. O ideal é que a escola assuma o compromisso com todos os que nela interagem, para a difusão da educação para a paz, a partir de uma prática rotineira de ações voltadas para essa finalidade, criando uma Cultura de Paz, como forma de trabalhar os conflitos passando a vê-los como crescimento pessoal.

A partir dessa iniciativa da escola, será mais fácil programar ações que fortaleçam a conversa, a fim de minimizar os conflitos que surgirem. Para tanto, considero que a educação para a paz pode ser voltada para uma educação em Valores Humanos, como respeito, cooperação, solidariedade, dentre outros, que permitem, na prática, a manifestação de uma Cultura da Paz, como uma forma de resolver os conflitos, a intolerância e a falta de respeito para com o próximo e, com certeza, dá um suporte significativo para a melhoria das relações e o crescimento do aluno, tanto no interior da escola como fora dela.

A cultura da paz se constrói nas pequenas ações cotidianas. Ela surge da forma como nos comunicamos com os outros. Da forma como lidamos com conflitos e sentimentos. Da nossa capacidade de reconhecer e valorizar as diferenças. Da vontade e interesse em exercitar o respeito e a tolerância. Cada um de nós pode ser um construtor da paz. Cada um de nós pode influenciar, com a nossa maneira de agir, as pessoas que nos cercam. Para isso, basta deixarmos que os valores da não violência conduzam as nossas atitudes, palavras e decisões. E, ao fazermos tal escolha, mudamos para melhor a nossa qualidade de vida, nossos relacionamentos e ajudamos a construir uma sociedade mais saudável. Afinal, a paz começa no interior de cada um de nós. E essa é uma tarefa que não podemos transferir para ninguém. (MACHADO, 2012, p. 1).

Como suscitar uma Cultura de Paz sem o compromisso com o compartilhamento e a promoção do respeito à vida e à igualdade entre os seres humanos e sem reconhecer que o cuidado e a promoção da igualdade devem ocorrer por meio de um diálogo permanente, em todos os ambientes em que se vive, a fim de estabelecer essa cultura?

Mediante essas indagações é que pesquisadores e interessados no assunto vêm se preocupando em debater essas questões a fim de que haja uma atuação constante e verdadeira em todos os âmbitos da sociedade no desenvolvimento de ações voltadas a essa finalidade. Alguns autores trabalham essa questão, de fundamental importância, em busca de estabelecerem a Cultura de Paz, de forma dinâmica e consciente, num diálogo constante, sendo imprescindível a participação de todos, através da mídia, de matérias jornalísticas voltadas para esse fim, da promoção de eventos e da participação da escola, de modo a atuarem com responsabilidade numa educação para a paz:

É uma cultura que promove a diversidade pacífica. Tal cultura inclui modos de vida, padrões de crença, valores e comportamento, bem como os correspondentes arranjos institucionais que promovem o cuidado mútuo e o bem-estar, bem como uma igualdade que inclui o reconhecimento das diferenças, a guarda responsável e partilha justa dos recursos da Terra entre seus membros e com todos os seres vivos. (JARES, 2002, p. 35).

Esse compromisso com o próximo deve ser constante, pois a vivência no respeito à vida deve prevalecer. É importante diminuir a frequência da discriminação e do preconceito entre os seres humanos, pois esse tipo de comportamento leva à exclusão social e à injustiça. Para tanto, deve-se proporcionar, dentro e fora da escola, ações que, com certeza, promoverão uma Cultura de Paz.

Sendo assim, esse processo deve ser constante, a fim de que essa cultura seja implantada, de forma a contribuir para uma relação saudável, proporcionando a afetividade entre as pessoas que circulam naquele ambiente. O primeiro passo será envolver as famílias,

com a finalidade de garantir que esse processo se estabeleça com foco no bem estar de todos. Assim, é importante a valorização e o diálogo, pois a partir daí o jovem saberá agir nos vários momentos de sua vida, tanto na escola quanto em outros ambientes em que circular.

Possibilitar a consolidação de uma Cultura de Paz requer a abertura em ouvir o outro, deixá-lo participar para que se sinta corresponsável por isso. Não se pode ficar omissos diante dos conflitos que surgirem, e sim proporcionar meios para que a comunicação se estabeleça na busca da resolução dos conflitos. O importante, também, é possibilitar o respeito ao próximo, à fala do outro, aceitando as diferenças em qualquer situação, acreditando na construção de uma Cultura de Paz, justa e consciente.

Na possibilidade da promoção da Cultura de Paz, é importante adotar um novo estilo de vida, em que predominem, segundo a ONU (2004), valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados: no respeito à vida, na promoção e prática da não violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação; no pleno respeito e na promoção dos direitos humanos e das liberdades fundamentais; no compromisso com a solução pacífica dos conflitos; na importância da promoção de direitos e oportunidades de mulheres e homens; no respeito e fomento ao direito de todas as pessoas à liberdade de expressão, opinião e informação; na adesão aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e no entendimento em todos os níveis da sociedade e entre as nações.

Como podemos compreender, há um grande desafio: a valorização da cultura, como uma interação de vários elementos que promovam a paz. E isso será possível com a colaboração da escola trabalhando os Valores Humanos, assunto do qual trataremos a seguir.

4.3 Valores Humanos: pressupostos éticos e filosóficos

No mundo contemporâneo, marcado por episódios muitas vezes considerados violentos e que interferem direta ou indiretamente no cotidiano das pessoas, o ser humano passa a refletir sobre as novas formas de vida. Um novo caminho é possível, a partir do resgate das relações, fundamentadas nos Valores Humanos, bastante vezes esquecidos ou ignorados. Convém, então, questionar: - o que são valores? Como podem influenciar no crescimento intelectual e social do jovem? Quais os benefícios que podem trazer ao fortalecimento da sua participação nos espaços que frequenta? Como falar em Valores Humanos com os jovens, nesse momento de crise, corrupção, exclusão social e desrespeito aos direitos, principalmente quanto à saúde e à educação?

Como aponta Paulo Freire (2002, p. 395), referindo-se ao ato de educar: “[...] sem um mínimo de carinho e atenção esta tarefa se torna totalmente inútil, desprazerosa e cria terríveis traumas em ambos os lados.” Considero que, não somente a simples transferência dos conteúdos programáticos, mas também o impedimento de um convívio saudável no espaço, que deveria ser de aprendizagem, minimize a potencialidade do ambiente escolar, sendo, portanto, relevante um ensino com a inclusão dos Valores Humanos, tornando-se evidente que esses princípios irão apoiar a formação do caráter dos alunos.

Acredito que a escola vem se preocupando com essa questão, mas é importante que o governo implemente políticas públicas a fim de minimizar os processos de agressões, cabendo, também, à família participar do acompanhamento da vida dos filhos, seja na escola ou no seu cotidiano. Entretanto, os conflitos continuarão a existir, mas a forma de resolvê-los é que será a grande saída (JARES, 2007a; MATOS, 2003).

Grupos isolados não serão capazes de solucionar essa tarefa. É importante o engajamento da sociedade, da escola e da família, de forma a se buscar soluções para minimizar atos que estão dificultando o melhor desenvolvimento dos jovens na sociedade e, principalmente, no espaço escolar. Os educadores podem, portanto, funcionar como elos para a resolução dos conflitos gerados no ambiente escolar, que tantos prejuízos têm causado à aprendizagem e à harmonização na escola.

O educador que escuta o educando e interage com ele torna-se um facilitador, melhorando as relações interpessoais para o benefício de todos; isso atrai a participação dos alunos em projetos escolares, permitindo-lhes que tenham voz e vez, pois só assim se sentirão seguros de que sua presença é relevante na escola (LIBÂNEO, 1998).

Faz-se necessário formar os jovens integralmente, motivando-os a participarem de diversos momentos e, não somente na sala de aula, percebendo-os como seres autônomos e criativos, que se envolvem em atividades que melhorem seu desempenho. Assim, é preciso buscar caminhos para trabalhar uma educação em Valores Humanos. Uma das formas de fazer isso é conhecer e trazer para o cotidiano e prática escolar o ‘Programa VIVE,’ que contribui para a melhoria da qualidade de vida e a sociabilidade humana. Para isso, a escola pode inserir em seu PPP ações que deem visibilidade à melhoria das relações interpessoais e, conseqüentemente, à obtenção de aprendizagem satisfatória.

Ressalto, mais uma vez, a necessidade de participação da escola como espaço para abertura desse processo, sendo relevante trabalhar as relações entre professor-aluno, aluno-professor, família-escola, escola-família, em que todos se empenhem com o fortalecimento de atitudes saudáveis. Que essas ações não aconteçam, somente, no espaço da sala de aula, mas

no intervalo, na secretaria, na direção, enfim, que a escola permita que o diálogo prevaleça, para que o jovem perceba que aquele espaço é seu e sinta prazer em permanecer nele. – Como a escola pode exigir do aluno um comportamento condizente se não permite que o diálogo aconteça? Como irá partilhar de suas decisões sem consultá-lo?

Todos da comunidade escolar precisam se ‘educar para a paz’, aceitando uns aos outros e fortalecendo o exercício da escuta, na construção do conhecimento e na implementação de uma prática transformadora, que facilite uma mudança nos hábitos da vida do aluno. De tal modo, a escola deve definir seu papel na vida do jovem que pretende formar. São atitudes assim que permitirão o envolvimento verdadeiro da comunidade na escola, a fim de que possa resolver, com maturidade, os conflitos que porventura aparecerem, e assim, se sentir respeitada por todos. É possível que o espaço escolar se fortaleça com uma educação voltada aos Valores Humanos, a partir do momento em que a comunidade escolar considerar que o ensinamento dessa prática deve acontecer priorizando a responsabilidade e autonomia discente na resolução dos problemas que surgirem. Para tanto, pensando na EEMWR, é importante investir na participação dos jovens no VIVE, pois só assim esses serão percebidos como os principais atores dessa ação, tornando o ambiente acolhedor (LUDWIG, 1998).

Trabalhar com os Valores Humanos é de fundamental relevância para influenciar relações saudáveis entre os jovens. Isso é o que vem acontecendo na EEMWR, a partir das experiências inspiradas no VIVE cujos valores vêm previamente delineados. Tais valores são articulados a outros projetos da escola. Para tanto, estive presente em ocasiões valiosas, em que os projetos foram expostos a partir das temáticas mencionadas anteriormente. A imagem 14 apresenta um momento em que a escola abordou a temática dos Valores Humanos, sendo escolhido o ‘Amor’ como sentimento maior no desejo de compartilhar a paz. A apresentação dos alunos revela a interação entre o VIVE e a temática dos Valores Humanos.

Imagem 14 – Valores Humanos: Amor



Fonte: Arquivo da escola (2013).

Constatai, portanto, que o VIVE está sendo incluído no cenário escolar, não como disciplina, mas como um ‘programa guarda-chuva’:

O momento foi marcado com a participação de todos os alunos da escola, nos turnos manhã e tarde. Aconteceram apresentações no pátio da escola com o grupo de teatro, coordenado pela Professora Nazaré de Fátima, apresentando *A Fórmula da Paz*, deixando uma bela mensagem de paz para todos. Participaram ainda os alunos do projeto Música na Escola, coordenado pelo Prof. Josiel Albino, que também deram sua contribuição, abrilhantando e emocionando todos os presentes! (DIRETOR ENTREVISTADO).

A imagem 15, por sua vez, apresenta um momento do desfile em comemoração ao dia da Pátria (7 de Setembro), para o qual a Secretaria Municipal de Educação da cidade de Chorozinho, de acordo com as escolas, escolheu como temática, as representações simbólicas dos Valores Humanos. Nessa perspectiva, as escolas se apresentaram conforme o valor escolhido e a EEMWR incumbiu-se de trabalhar com a temática ‘Amor’. Para esse momento, ocorreu uma sensibilização muito forte, já tendo havido, anteriormente, um aprofundamento dessa temática em sala de aula.

Imagem 15 – Desfile da Pátria



Fonte: Arquivo da Escola (2012).

Para que se entenda o trabalho da EEMWR, em relação à construção de Valores Humanos, é preciso conhecer um pouco dessa comunidade, principalmente, sobre as aspirações e anseios dos jovens estudantes de Chorozinho, que passo a analisar a seguir.

4.4 Os Jovens da EEMWR: caminhos para a construção da Cultura de Paz e Valores Humanos

A escola é parte essencial do processo educativo, por isso o seu permanente envolvimento com a comunidade na qual está inserida é de suma importância, o que exige a cooperação da família e o envolvimento dos demais segmentos escolares, a fim de se estabelecer, de forma democrática e efetiva, a participação de todos. Ao aproximar a escola da vida e das preocupações profissionais dos pais, e estas das atividades da escola, chega-se a uma divisão de responsabilidades (JARDIM, 2006).

Ressalto, ainda, que o aluno é parte fundamental nesse processo, no entanto, se não houver interesse da escola, no sentido de mantê-lo envolvido nas atividades curriculares e extracurriculares, acontecerá o que mais se teme, o abandono escolar, que pode decorrer de várias causas. No caso da EEMWR, o diretor relata que um dos motivos do abandono escolar é a busca pelo emprego, pois muitos alunos migram para outros municípios no sentido de encontrar uma melhor oportunidade de trabalho.

Apesar da faixa etária do aluno do ensino médio ser de 15 a 17 anos, percebi que, na EEMWR, muitos estão fora dessa faixa, o que não é só uma peculiaridade da escola, mas da grande maioria das escolas públicas brasileiras (NERI, 2010). Sobre isso, o governo tem tomado medidas em busca de corrigir essa distorção, visto que muitos alunos ‘se perdem no meio do caminho’, por motivos como a não assimilação dos conteúdos ministrados, a falta de motivação na sala de aula e a necessidade que muitos deles têm de trabalhar o dia inteiro para colaborarem no sustento das suas famílias. Além disso, constata-se, ainda, que muitos estudantes se sentem desmotivados em relação aos estudos e que poucos alunos da EEMWR gostam de ficar na escola e de participar das atividades que realizam. Entretanto, o grupo que pesquisei faz questão de se envolver em todas as atividades culturais concretizadas, demonstrando uma alegria característica dos jovens, buscando interagir com a escola em todos os sentidos, não somente quando são convocados, mas em atividades extraescolares, em projetos que a escola realiza e nas ações proporcionadas pela SEDUC e a 9ª CREDE, principalmente, em relação à melhoria e à conservação do ambiente escolar.

Quando essas atividades acontecem, nos finais de semana, alguns encontram dificuldades em participar, devido ao deslocamento, pois a maioria mora em locais mais distantes e, muitas vezes, não dispõe do transporte escolar nesse dia, apesar de que, quando requisitados, há um esforço de se envolverem, e muitos, com o apoio da gestão, tornam sua

participação mais efetiva. Nesse sentido, ressalta-se a participação dos alunos no Grêmio Estudantil e no Conselho Escolar.

Quanto à participação dos pais, esta vem melhorando a cada ano, devido, principalmente, ao desenvolvimento do ‘Projeto Diretor de Turma’ (PDT), iniciado em 2010, que com o apoio das dinâmicas e reflexões da proposta do VIVE, tem proporcionado momentos relevantes na escola. O PDT foi idealizado e utilizado nas escolas de Portugal e implantado no Ceará, por iniciativa da professora Maria Luiza Barbosa Chaves, que trouxe a professora Haidê Eunice Ferreira Leite, Professora e Diretora de Turma em Braga – Portugal, para apresentar essa ideia aos educadores cearenses. Esse projeto favorece a gestão e a articulação das turmas e se alicerça em princípios como: parceria, valorização, convivência, solidariedade, crescimento, integração, conhecimento e harmonia. Todas essas ideias são as respostas para o que é o diretor de turma.⁴⁵ Ele é a água, o ar, o adubo e a terra fértil (LEITE, 2007).

A função do Professor Diretor de Turma ocupa, na organização escolar, um papel primordial. Ele é o observador privilegiado, o coordenador e catalisador das tensões, entre os grupos da comunidade escolar, e é, sobretudo, o grande motor de uma educação personalizada, capaz de formar homens comprometidos, críticos e responsáveis.

Desenvolvendo a sua ação de orientador educativo, numa perspectiva de liberdade, participação e solidariedade, ajudará o aluno a resolver os seus problemas diários e a ultrapassar as suas dificuldades, contribuindo assim para um desenvolvimento equilibrado da personalidade, de modo a permitir que a sua inserção social se venha a verificar sem rejeição ou marginalidade. (LEITE, 2014, p. 13).

Há uma estreita relação entre o PDT e o VIVE, porque aquele estabelece, com os alunos, um pacto de convivência que não pode ser violado. A finalidade desse pacto é esclarecer a todos sobre os seus direitos e deveres como alunos, principalmente, no seu convívio com a escola e a família. Segundo o professor Jozivaldo, “apesar de ser considerado tímido esse envolvimento com a família, já se percebe certa mudança na postura dos pais, frente à sua participação, vindo, sobretudo, a favorecer uma melhor articulação da escola com os pais ou responsáveis pelos alunos.”

Uma das preocupações dos gestores e professores tem sido no sentido de realizarem uma estratégia, através do diálogo, que torne produtivo, prazeroso e descontraído o momento de aprendizagem, em que se verifica um envolvimento saudável com os professores, os quais, segundo o aluno Jáder, “[...] são comprometidos, se preocupam com os

⁴⁵Professor responsável por trabalhar os alunos em todos os aspectos educacionais.

alunos e buscam conversar mais conosco.” Outra preocupação dos que fazem a EEMWR é prevenir os conflitos, embora se saiba que estes fazem parte das relações escolares, porque há várias formas de pensar e agir que, muitas vezes, se chocam. Assim, a questão central deve focar na forma como a escola deve trabalhar esses conflitos, a fim de minimizar as dificuldades das relações entre professor e aluno e entre os demais membros da comunidade escolar.

Considero, portanto, que a EEMWR vem enfrentando o desafio de estimular a comunidade escolar, principalmente os alunos, a manter sempre atitudes baseadas nos Valores Humanos trabalhados pelo VIVE, contribuindo, assim, significativamente, para o fortalecimento da Cultura de Paz. A seguir, apresento como vivenciamos, com os jovens alunos, na EEMWR, os Valores Humanos.

5 OS JOVENS DA EEMWR: VIVENDO OS VALORES HUMANOS E A CULTURA DE PAZ

E se eu disser que dentro de você mora um anjo que se reveste de luz para fazer novos amigos? E se eu disser que dentro de você existe uma paz infinita que o torna tão amigo e querido? E se eu disser que dentro de você existe luz e que essa luz apaga a inveja, a discórdia e a guerra?
(GAEFKE, 2012).

Iniciar um processo de pesquisa, com certeza, implica em aceitar novos desafios. Conhecer pessoas é reconhecer que estamos em permanente relacionamento, olhando as pessoas, por dentro, sem desconfiança, sem medo, sem preconceitos. O poema aqui apresentado trata disso e foi por esse motivo que o trouxe na epígrafe deste capítulo. Em geral, o último capítulo de um trabalho reflete toda a força teórica e prática no sentido de apreensão do objeto de estudo. Foi por isso que, de posse dos dados, imergi – de coração – nos depoimentos e expressões subjetivas. Aqui revejo as problemáticas, frustrações, anseios e alegrias presentes nas falas dos pesquisados. Nos próximos tópicos, essas questões são tratadas de forma mais contundente.

5.1 Os jovens e a escola: lugar de amigos, sociabilidade e aprendizagem

Os jovens podem ser considerados como aqueles que, biologicamente, estão na transição entre a adolescência e a idade adulta e, nessa fase da vida, muitas transformações, orgânicas e sociais, interferem consideravelmente no comportamento dos indivíduos, levando-os a adotarem atitudes completamente diferentes dos valores a eles transmitidos pela família e escola. Os jovens são pessoas que fazem parte de um processo mais amplo de constituição de seres autônomos e criativos, cujas especificidades marcam a vida de cada um, e esse processo depende do meio em que vivem e por ele é influenciado (MATOS, 2003b).

É importante destacar que trato de jovens e não do jovem, pois social e culturalmente podem-se construir diferentes concepções e situações, dependendo do contexto cultural e econômico do espaço no qual eles estão inseridos, bem como da partilha de crenças e situações de uma geração.

Matos (2003b, p. 31) afirma que “[...] não é apenas a idade que define a juventude, mas sua postura diante de seus atos.” Muitos questionamentos e desafios surgem nesse percurso e as respostas e comportamentos variam, diante dos fatos, conforme sua cultura ou o ambiente em que vive. Sujeita às transformações do seu entorno, a juventude não

pode ser definida de forma universal, a partir de um comportamento padrão e uma idade definida. Nessa perspectiva, Bonfim (2006, p. 49) ressalta que:

Em termos de idade, não há limites fixos de fronteiras para início e fim da juventude. O recorte incide mais sobre os aspectos relativos a cortes cronológicos. Alguns autores delimitam-se entre 15 e 24 anos, mas outros a concebem de modo mais amplo, com limite inicial de 10 a 14 anos, sobretudo em áreas rurais ou de extrema pobreza e nos estratos sociais médios e urbanizados, estendendo-se aos 29 anos.

Partindo dessa ideia, listo, a seguir, acepções sobre essa fase:

- a) de acordo com a proposta de emenda à Constituição – PEC nº 42/08, aprovada pelo Congresso Nacional em setembro de 2010, o jovem do Brasil atual é o que se encontra na faixa etária dos 16 aos 29 anos (BRASIL, 2008);
- b) a Assembleia Geral das Nações Unidas e o Banco Mundial referem-se à juventude como sendo o período na vida de uma pessoa entre a infância e a maioridade, mencionando os que estão entre os 15 e 24 anos de idade, inclusive.

Historicamente, os jovens têm contribuído significativamente com as grandes mudanças vivenciadas pela sociedade, questionando valores e procurando criar novas atitudes e comportamentos em geral. As pessoas que estão nessa fase são questionadoras, inquietas, criativas e cheias de energia, daí porque devem ser oferecidas a elas oportunidades que recorram a ações capazes de melhorar sua qualidade de vida, sem que essas precisem apelar à violência, a fim de que ponham em prática suas ideias, na tentativa de resolverem suas inquietações.

Defendo a seguinte compreensão: os jovens devem ser percebidos como pessoas que estão em uma fase de construção social e cultural (LEVI; SCHMIDTT, 1996). Em tal construção estão presentes ambiguidades entre direitos e deveres; entre a imaturidade e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder (MADEIRA, 1987; MELUCCI, 1997). Essa condição de relatividade expõe fragilmente os jovens, demarcando uma situação em que adiam o tempo das ‘responsabilidades’ (MATOS, 2003b).

Geralmente, encontramos jovens envolvidos nas mobilizações coletivas, reivindicando benefícios para suas comunidades, experimentando novas formas de relacionamento. Aqui, destaco o pensamento de Dayrell (2007, p. 4) sobre essa temática:

Ganha contornos próprios em contextos históricos e sociais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais [...], culturais [...], de gênero e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história.

Matos (2001) aborda o pensamento de autores como Mellucci (1997) e Bourdieu (1998), para quem a juventude não é definida, apenas, pela idade, mas pelo modo como o jovem procede diante das circunstâncias com que se depara no mundo, sem temer as reações provocadas por seus atos. Atento, pois, para o fato de que:

[...] a idade é um estado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente (BOURDIEU, 1998, p. 113).

Como todos os animais, o ser humano é ‘frágil’ no início de sua vida, mas difere dos outros quando utiliza a razão e o emocional. A partir daí, nota-se a diferença nas suas relações, pois, entre os seres humanos, há uma dependência dos progenitores não só no aspecto físico, mas também, quanto à parte afetiva e emocional. Existem vários momentos, no decorrer do desenvolvimento humano, nos quais a observação se faz necessária e exige maior atenção, pois o ser humano forma-se com as experiências vividas e, dessas experiências, são constituídos (LIMA, 2007).

É na fase da adolescência que existe a necessidade de autoafirmação, em que para os jovens nada é estável nem definitivo, porque se encontram numa época de transição. Partindo das bases que lhes foram dadas na infância, adquirem segurança para enfrentarem as dificuldades. Sobre isso, Campos (1987, p. 67) afirma:

Quando atinge a adolescência, uma criança já vivenciou múltiplas e variadas experiências emocionais. Agora, alcançando a fase pela maturidade adulta, em todos os aspectos da vida, também precisa lutar para se tornar madura emocionalmente.

Segundo Vilela e Doreto (2006), as diferenças entre adolescência e juventude baseiam-se nos sentidos relacionados a cada um dos termos: os significados relacionados à ideia de adolescência denotam, em geral, um caráter negativo, remetendo à dependência, à irresponsabilidade, às dificuldades emocionais e à impulsividade, enquanto os significados atribuídos à juventude são altamente positivados e remetem à ideia de independência, criatividade e responsabilidade.

Não se deve definir a questão de ser jovem ou não unicamente pela faixa etária em que se encontra, pois essa perspectiva é limitada e reducionista (MATOS, 2003b). É certo que os jovens experimentam conflitos e incertezas próprias dessa fase. Diversos projetos foram e ainda estão sendo criados e desenvolvidos para atender a essa população juvenil. Por sua vez, no contexto familiar, os pais se empenham em impor a seus filhos a constituição de regras. Os jovens, ao perceberem o rigor das regras e o despropósito de sua existência, começam a criticá-los e, algumas vezes, não se submetem a essas determinações.

Nessa esfera de entendimento, vem a necessidade de ser aceito em um meio social que esteja de acordo com seus anseios, seus sonhos de liberdade. A partir daí, começa a busca pela aceitação, com o pré-requisito de fazer tudo para agradar e chamar a atenção dos integrantes do meio social em que pretende adentrar.

Quando os jovens contam com a presença dos pais, durante a infância, para apoiá-lo nos momentos críticos de descobertas e crescimento, recebem certa base para enfrentarem as dificuldades presentes e futuras. Existem, porém, famílias nas quais o desajuste é grande e, desde a infância, a presença e a participação dos pais são substituídas pelas de pessoas sem nenhum sentimento, afetividade, e, muitas vezes, por elementos lúdicos, como jogos, esportes, brinquedos e passeios. Isso tudo é ocasionado pela estrutura do sistema em que vivemos, ou mesmo, por omissão e descaso por parte das políticas públicas voltadas às pessoas menos favorecidas economicamente.

Nesse caso, a escola deve colaborar para que os jovens se sintam capazes de se desenvolver e de contribuir com sua escola e comunidade. As políticas voltadas aos jovens, no Brasil, precisam ser realmente postas em prática. Existe o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), um conjunto de leis que assegura os direitos desse segmento da população na faixa etária dos 12 aos 18 anos de idade.⁴⁶ Percebo um descompasso entre a definição etária do ECA e a da Organização Mundial da Saúde (OMS), sendo a desta última também adotada pelo Ministério da Saúde (MS).

Destaco que o protagonismo juvenil⁴⁷ é apontado como canal institucional de participação de alunos na gestão da escola, ocorrendo, inclusive, nos grêmios estudantis, que

⁴⁶Para Matos (2003a) não é somente a idade que define a questão de ser ou não jovem.

⁴⁷Para Souza (2006) é uma nomenclatura usada a partir dos anos de 1990, embora saibamos que esse discurso que fala da participação ativa dos alunos em sua própria aprendizagem vem desde as décadas de 1920 e 1930, no século passado. Assim, a retomada do termo “protagonismo juvenil” assume o significado do jovem capaz de ocupar um papel central nos esforços por mudanças sociais e na construção da autonomia, tomando decisões baseadas em valores vividos. Isso implica o exercício da cidadania, envolvendo-se na discussão e resolução de problemas concretos do seu cotidiano e nas questões de interesse coletivo.

datam da década de 1960, e dos Conselhos Escolares, que preveem o envolvimento dos alunos, educadores, pais e comunidade escolar, nas tomadas de decisões na gestão escolar, e que datam da década de 1980 (SOUZA, 2006). Em relação ao aluno, uma ação é dita proativa quando, na sua execução, quando ele é o ator principal do seu processo de desenvolvimento. Por meio desse tipo de ação, os jovens adquirem e ampliam seu repertório interativo, aumentando, assim, sua capacidade de interferir, de forma ativa e construtiva, em seu contexto escolar e social.

Costa (2001) preocupa-se com tratar essa temática, traçando uma relação entre os jovens e a educação formal em que, no enfrentamento de situações que acontecem na escola, esse processo da participação deve ser trabalhado de forma cooperativa, “[...] cujo foco é a criação de espaços que propiciem ao adolescente empreender ele próprio a construção de seu ser em termos pessoais e sociais.” (COSTA, 2001, p. 14).

Dessa forma, o autor partilha o mesmo pensamento de outros, que atribuem ao professor o ofício de ser mais do que um transmissor de conteúdos; deve também ser um orientador, para situar o aluno no centro do processo educativo, norteando-o em sua aprendizagem. Atribui, pois, ao aluno a condição de agente desse processo, considerando-o, “como fonte de iniciativa (ação), liberdade (opção) e compromisso (responsabilidade)” (COSTA, 2001).

Ao se referir aos jovens como pessoas que se encontram em uma fase indefinida, Abramo (2005) menciona as suas características ao longo de cinco décadas, a saber: rebelde (1950), perturbadora da ordem social (1960 e 1970), apática (1980), desencantada, apolítica e sem perspectivas, mas ligada à violência, em especial na mídia (1990). No contexto contemporâneo, os jovens são considerados geração *Shopping Center*, preocupando-se com a aparência, tanto do corpo físico como do modo de se vestir. Apesar dessas características, há muitos deles com ideias claras sobre a necessidade de ‘mudar o mundo’, envolvidos em ações educativas e religiosas que evidenciam um comportamento voltado à Cultura de Paz. Em décadas passadas, vimos jovens engajando-se e reivindicando um espaço melhor, manifestando-se em episódios como o que marcou a história do Brasil em 1992, o caso dos Caras Pintadas, resultando no *impeachment*⁴⁸ do Presidente Fernando Collor de Mello. Em junho de 2013, os jovens brasileiros tiveram a oportunidade de mostrar insatisfação com a

⁴⁸O *impeachment* foi um processo político, não criminal, que afastou o Presidente da República brasileira. *Impeachment* é o processo aplicado à autoridade pública, por crime de responsabilidade, que pode ter como desfecho a decretação da perda do cargo, com inabilitação para o exercício de função pública por 8 (oito) anos. (BRASIL, 1988, p. 34).

política nacional, deflagrando várias manifestações em diversos estados, revelando que podem contribuir para que mudanças políticas aconteçam.

Nesse contexto, é possível entender que, na medida em que os jovens assumem posturas ativas, tornam-se aptos a exercer a cidadania. Ao mesmo tempo, quanto mais participam de processos emancipatórios, mais fortalecem sua identidade pessoal (MILANI, 2003). Onde houver a participação dos jovens, independente do segmento social a que pertençam, esses serão atores do processo, social ou educativo. Para que isso aconteça, é fundamental que sejam oportunizadas formas de interagirem e de mostrarem que são capazes de interferir no rumo dos acontecimentos importantes da sociedade. O governo também precisa exercer seu papel de gestor, através da implementação de políticas públicas que garantam os direitos dos estudantes como cidadãos. A escola, por sua vez, deve proporcionar uma educação cidadã, com o envolvimento em todas as ações, possibilitarão a adequada formação dos jovens inclusive para sua devida inserção no mercado de trabalho, preparando-os para a vida em sociedade.

É pertinente salientar que o conceito de participação juvenil nas escolas brasileiras não é novo. Os grêmios estudantis datam da década de 1960 e os Conselhos Escolares, que preveem o envolvimento dos alunos e familiares na direção da escola, remontam aos anos de 1980, conforme já citado anteriormente. Nas décadas de 1980 e 1990, foram emitidos diferentes documentos oficiais que explicitaram e valorizaram essa participação. (BRASIL, 1985, 1990) Segundo tal documentação, a escola deve democratizar sua gestão, cumprindo efetivamente sua função de tornar-se um espaço pedagógico atraente, democrático, confiável e desafiador, principalmente, quando esse desafio tem como foco os jovens, favorecendo seu progresso intelectual, social e afetivo.

Uma das grandes conquistas para estimular os jovens a se tornarem participativos na escola foi a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), formalizadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), por meio da Resolução nº 3 de 1998, ainda em vigor, que aponta a interação dos jovens como um de seus eixos fundamentais e um importante meio legal para a difusão do seu envolvimento nesse nível de ensino.

Além disso, o artigo nº 14 da LDB (BRASIL, 1996), bem como outras orientações de órgãos estaduais, prescreveram a gestão escolar como fator importante para a participação de alunos. Essas orientações pedagógicas, que focalizam o estudante como ser autônomo envolvido nesse processo, vêm, a cada ano, possibilitando seu comprometimento em ações educativas para seu crescimento intelectual e social, sendo importante que os gestores façam

com que esse movimento se torne efetivo e real para os jovens, fortalecendo cada vez mais sua participação escolar.

É um grande desafio a participação dos jovens na vida escolar, familiar e social, sendo que, se a instituição escolar favorecer uma gestão participativa, dando-lhes oportunidade para que se envolvam em atividades benéficas para a escola e a comunidade, essa será uma mudança favorável, entendendo-os como empreendedores solidários. Há, portanto, a necessidade de uma modificação na postura dos gestores e professores no sentido de perceberem os jovens como seres ativos, que podem contribuir para a melhoria do espaço escolar e familiar, assunto que, no próximo item, destaco com maior profundidade.

5.2 Os Jovens e seu cotidiano fora e dentro da escola: relação pais e amigos

A paz não é tanto algo acabado ou um objeto do qual detemos a posse uma espécie de mercadoria, mas um acontecimento e um processo no qual nos engajamos, participamos e construímos.
(GUIMARÃES, 2006).

Segundo a epígrafe destacada no início deste tópico, o caminho para a paz é um processo e não, algo já pronto, como uma mercadoria que se encontra em qualquer loja ou espaço mercantil que se frequente. Em verdade, a paz diz respeito a um processo de construção e reconstrução. Permeia a cultura, os comportamentos, as ações. Nesse sentido, não há possibilidade de se falar de paz como perfeição, mas como um permanente diálogo do ‘eu’ com o ‘eu dos outros’.

Em relação aos jovens, essa máxima é ainda mais verdadeira, tendo em vista que a relação destes, com os pais ou amigos, dentro ou fora da escola, nem sempre é embasada na Cultura de Paz. É preciso formá-los para que possam conviver com o próximo, aceitando e respeitando as diferenças de uma forma solidária. É pertinente que os jovens percebam que essa relação horizontal dar-se-á de forma gradativa com o desenvolvimento de projetos e ações que a escola pode organizar.

Apesar das crises vivenciadas na família e na escola, há caminhos para mudança dessa realidade. Como educadora, acredito que a escola pode atuar como um organismo de integração entre os jovens e a sociedade. No Ceará, por exemplo, em parceria com a ONG ‘Comitê da Paz’, a SEDUC vem tomando providências nesse sentido, através do ‘Comitê Geração da Paz’, em que os interessados por essa temática se reúnem mensalmente,

precisamente no dia 22 e, em momentos de reflexões, buscam soluções para os conflitos ocorridos no dia a dia da escola ou no espaço em que os participantes se encontrem.

A escola desempenha um papel relevante, do ponto de vista da Cultura de Paz, a partir do momento em que introduz projetos para trabalhar Valores Humanos como amor, respeito, tolerância, generosidade, entre outros, criando um espaço dialógico, favorável ao acolhimento de todos, ampliando sua ação junto à família que, na maioria das vezes, só comparece às reuniões para saber se seu filho atingiu a média nas avaliações, ou quando convocada pela gestão, caso o aluno transgrida as normas escolares. Até que ponto isso tem sido de fato, prática recorrente nas escolas públicas cearenses?

A crise da inversão de Valores Humanos reflete consideravelmente no ambiente escolar, causando, muitas vezes, conflitos que poderão ser resolvidos se gestores e professores souberem trabalhar de forma dialógica e solidária, os envolvidos no processo, não somente recorrendo a uma conversa informal, mas também, envolvendo-os em projetos inovadores, exercitando, assim, os Valores Humanos (amor, respeito, honestidade, tolerância, generosidade).

Somente por esse caminho poderemos repensar práticas adequadas, tendo como parceira a comunidade escolar que, através desse processo de participação ativa, poderá transformar esse cotidiano. A esse respeito concordo com Serrano (2002), quando afirma que somente na troca da experiência, do diálogo e da participação ativa podemos melhorar as vivências no cotidiano escolar:

A prática do diálogo traz consigo a participação ativa, o envolvimento e a discussão. Acreditamos também que o diálogo favorece a informação, o encontro e a compreensão. Contribui para aparar asperezas, más interpretações, enfim, para facilitar a aproximação entre as pessoas. (SERRANO, 2002, p. 15).

A escola tem um papel primordial no resgate da participação dos pais em atividades que favoreçam esse diálogo, tanto na escola como na família, o que lhe permite encontrar um espaço de interação junto à comunidade escolar, percebendo a mudança nessa realidade tão desigual. Para tanto, é necessário que o educador estabeleça uma melhor forma de intermediar os conflitos existentes no espaço escolar, facilitando uma interação positiva com o educando.

De todos os valores que a escola trabalha, considero o amor como o mais relevante, pois dentre as diversas linguagens que educam para a vida, a mais importante é a da ‘amorosidade’, pelo fato de que sem amor não há como encontrar razão para realizar ações

coerentes. A linguagem do amor é, antes de tudo, a da aceitação, que permite o diálogo. Se o ser humano colocar amor em tudo o que fizer, obterá seu crescimento pessoal. Será bastante proveitoso, portanto, a escola promover momentos de valorização dessa prática, tendo como base seu envolvimento e ressaltando a importância da fala que, certamente, abrirá espaços para uma comunicação verdadeira, permitindo, assim, a introdução de uma Cultura de Paz no ambiente escolar e social do aluno.

A escola necessita enfrentar e vencer novos desafios e, para isso, precisa desenvolver uma prática pedagógica que vai além da transmissão dos conhecimentos sistematizados (FREIRE, 1996). É necessário criar espaços para que o educando possa empreender, ele próprio, a construção do seu ser, ou seja, a realização de suas potencialidades em termos pessoais e sociais. Mais do que nunca, é preciso que a educação assuma um papel relevante nessa ação formativa (FREIRE, 1996, p. 20).

[...] o educando precisa se assumir como tal, mas, assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer e que quer conhecer em relação com outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica reconhecer.

Devem ser incorporadas à escola, atividades básicas para a promoção de um modelo de educação, que tenha como meta: solidariedade, participação comunitária, companheirismo, participação juvenil e respeito aos direitos humanos, que contribuem significativamente, para a construção de uma escola que propicie uma Cultura de Paz. Para que isso aconteça, é necessário, não apenas, mobilizar os jovens na ação coletiva e participativa, mas formá-los para que consigam identificar demandas na comunidade, organizando projetos que possam, através de parcerias e recursos, proporcionar visibilidade e reconhecimento por esses jovens, com a intenção de torná-los referências nas lutas sociais.

A escola deve permanecer atenta a tudo o que se passa no seu interior. Os conflitos não deixarão de existir, mas devem ser resolvidos num processo dialógico como ressalta Freire (2005a, p. 25): “[...] ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz numa relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia.”

A gestão democrática não é uma ação que acontece de repente, mas que depende do nível de organização e direcionamento que lhe forem dados. Assim, a aceitação de todos os que integram a escola e se empenham com sua administração coletiva, só se tornará realidade

se o processo envolver vontade e decisão. É fundamental, portanto, que se criem, no âmbito escolar, canais de participação, para que os inseridos na comunidade escolar se tornem capazes de assumir a responsabilidade política e social de formar os jovens estudantes, levando-os a construir habilidades e conhecimentos que os capacitem a assumir posturas de observação e liderança.

Para que se efetive a participação da comunidade nas decisões da escola, é necessário que ela esteja aberta ao diálogo e que os atores se sintam responsáveis pela elaboração, execução e avaliação das ações desenvolvidas (DEMO, 1996). Isso porque o êxito da escola depende da ação coletiva de seus membros e da reciprocidade que se cria entre eles para que a comunidade escolar seja fortalecida no processo de uma gestão democrática e participativa. Concordo, portanto, com Demo (1996, p. 27) ao abordar esse aspecto da participação que deve prevalecer na escola:

Participação é conquista. Não doação, dádiva, presente. Nem imposição. Nunca é suficiente. Também não preexiste, pois o que encontramos primeiro na sociedade é a dominação. Se assim é, participação só pode ser conquista, criando seu programa próprio de autopromoção.

A escola é um espaço educativo onde o trabalho pode se desenvolver para a realização de um projeto coletivo de sociedade (FREIRE, 1996). Assim, ela deve se nortear de forma que todos assumam posturas de participação e de respeito. O caminho para essa mudança será construído e reconstruído no dia a dia, na medida em que a escola, com a parceria da comunidade, compreenda melhor os problemas educacionais, a fim de que todos assumam o papel de corresponsáveis na tarefa da educação. Participar no âmbito escolar, como cidadãos, requer capacidades e autonomia para decidir e pôr em prática as decisões.

Estabelecer esse canal de participação não chega a ser uma tarefa simples, mas exige um esforço individual e coletivo para que os objetivos sejam realizados. Esse é, portanto, um grande desafio do qual o gestor escolar não pode fugir. A integração escola e comunidade é um canal aberto para todos os que estejam envolvidos na construção de um planejamento voltado para a construção de Valores Humanos, a serem adotados por alunos e docentes.

A escola passa a ser vista, então, como um espaço político e pedagógico, permitindo que a comunidade escolar participe, promovendo, assim, uma Cultura de Paz verdadeira, que incentive a prática de Valores Humanos por meio de uma ação permanentemente dialógica (FREIRE, 2005 a ou b). Dessa forma, a comunidade escolar passará a compreender o sentido da participação, no momento em que todos se tornarem

responsáveis pelas atividades educativas, e pela condução de projetos que fazem parte da rotina escolar, pois o processo pedagógico não se circunscreve, apenas, à sala de aula.

Cabe, então, à comunidade escolar, perceber a importância de um planejamento coletivo, para que todos se tornem responsáveis pela resolução dos conflitos diários, que só serão solucionados através do diálogo, que se instituirá como momento de aprendizagem. Dessa forma, a escola pode vir a ocupar um espaço privilegiado na condução da Cultura de Paz, engajando-se na participação em lutas por mudanças sociais e pela construção da autonomia, com base nos valores vividos. Isso implica o exercício da cidadania, na mediação e resolução de conflitos que surgirem no cotidiano escolar. No enfrentamento desses conflitos, professores e alunos devem ser capazes de interagir num diálogo permanente, a fim de que possam conviver na busca constante do cultivo da paz, estabelecendo o respeito às diferenças, e aceitando mutuamente as limitações uns dos outros, pois só assim teremos uma escola participativa que estará contribuindo com o estabelecimento de uma Cultura de Paz (ALMEIDA, 2008).

A prática do diálogo é de suma importância para que a comunidade repense os Valores Humanos que precisam ser discutidos e praticados, envolvendo os participantes desse processo. Trabalhando sob a orientação motivacional do diálogo e do respeito às diferenças, entra em jogo o poder da afetividade, como forma de mediar os conflitos na consolidação das relações interpessoais. Vale ressaltar que a afetividade colabora na construção do conhecimento e na edificação das relações humanas e, nessa perspectiva, os alunos precisam ser reconhecidos e acolhidos (MATOS *et al.*, 2006).

Em outras palavras, verifico o quão importante é o estabelecimento de uma participação efetiva, em que todos sejam responsáveis pela construção de uma Cultura de Paz, pois a escola tem o poder de incentivar a prática dos Valores Humanos, para a melhoria da condição de seus alunos. Acredito que o diálogo, o reconhecimento e o acolhimento nas relações com os jovens são fatores fundamentais para esse fortalecimento.

Sendo assim, o jovem precisa encontrar no ambiente escolar manifestações de diálogo e receptividade, em que a escola o aceite com suas diferenças e limitações, mostrando que é capaz de, como ator social, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e humana (CARNEIRO, 2010, p. 189).

Apesar dos limites impostos socialmente, os jovens são atores sociais que contribuem com a construção da sociedade. Sendo assim, essa participação é fundamental nesse processo, pois escola e sociedade devem valorizar essa prática dialógica. Segundo

Matos (2006, p. 34), “[...] enquanto os alunos forem enxergados como um problema, ou o problema, estaremos excluindo-os da possibilidade de canalizar construtivamente suas energias enquanto agentes na construção de uma Cultura de Paz.”

Nas escolas, apesar do estímulo que se dá à implementação da democracia, ainda é limitada a liberdade dos jovens para fazerem protestos voltados à melhoria da educação e, conseqüentemente, da sociedade em geral, bem como de participação no planejamento de ações e estratégias a serem colocadas em prática para seu efetivo preparo como autênticos cidadãos. Por essa razão, as ações direcionadas a reduzir as desigualdades sociais, dentro e fora da escola, precisam de uma organização que congregue esforços individuais e/ou coletivos emanados para esse fim.

Para o enfrentamento desse desafio, o planejamento participativo pode ser praticado a partir de mecanismos eficazes, possibilitando o acolhimento aos educandos, de forma a ser trabalhado o respeito às diferenças individuais. Nesse sentido, Jares (2002, p. 126) considera que

[...] a viabilidade da paz se origina na forma como se conduz a oportunidade de lidar com o conflito presente na divergência, procurando valorizar o direito dos demais, observando o senso de justiça e democracia. A partir dessa definição o autor apresenta o conceito de paz positiva. A concepção de paz leva-nos a relacioná-la ao conceito de justiça social e de desenvolvimento, mas também com os conceitos de direitos humanos e democracia [...].

Para que esse processo aconteça de forma satisfatória, é necessário que gestores e educadores coloquem como prioridade a temática da Cultura da Paz, promovendo momentos de estudos e reflexões, a fim de preparar os indivíduos, fortalecendo a difusão desse trabalho. Na pesquisa que realizei, percebi que os alunos estão ansiosos por viverem em um ambiente de paz. Cabe a cada um dos que participam do processo educativo, oportunizar momentos de construção de projetos que envolvam os jovens na elaboração de ações, possibilitando um espaço de participação política, no qual poderão manifestar seus anseios e buscar meios de sanar suas dúvidas.

Esse é o traço inicial para construir valores de paz, apropriando-se dessa discussão, realizando ações na escola que devem possuir como meta, o diálogo, o respeito mútuo, a afetividade com o próximo, e a valorização da diversidade e da cultura local. Não há uma sequência certa a seguir, o essencial é que a comunidade esteja envolvida nesse programa (BOFF, 2006, p. 41).

Segundo Matos (2003b), os jovens, muitas vezes, não são considerados interlocutores ativos, capazes de utilizar uma forma de comunicação que possa ser compreendida pelos que estão à sua volta, pois não têm oportunidade de exprimir suas ideias e pensamentos, nem podem interferir nas propostas que lhes dizem respeito, como empregabilidade, educação de qualidade e saúde. A mídia, também, cria uma imagem distorcida do papel dos jovens na sociedade, apresentando, apenas, o lado negativo como o envolvimento com as drogas e a violência.

A instituição escolar está se aproximando dos interesses dos jovens, em especial através de projetos educativos que possibilitam mecanismos de participação dentro e fora da escola e que dizem respeito à prática de Valores Humanos. Muitas vezes, os jovens são entendidos, apenas, sob a ótica do problema, desconsiderando suas potencialidades como seres ativos, criativos e participativos.

Na contramão dessas ideias, pode-se registrar que o Governo Federal, através da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), preocupado com os jovens que se encontram na faixa etária dos 15 a 29 anos, vem dando continuidade e implantando projetos como o ‘Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego para os Jovens’ (PNPE), que tem contribuído para facilitar a integração dos jovens no mercado de trabalho e na educação.

Apesar de concordar que a participação juvenil ainda são pouco visualizadas no Brasil, atuações voltadas à melhoria da atenção à juventude, que deveriam ser realizadas pelas políticas públicas, para atender ao grande número de jovens que se encontram na condição de desamparo. Há ações que podem ser desenvolvidas: Projeto Agente Jovem; melhoria e expansão do ensino médio, com a implantação da escola de ensino médio integrado à educação profissional; Programa Juventude e Meio Ambiente; Programa Nacional de Inclusão do Jovem (PROJOVEM); Universidade para Todos (PROUNI); Programa Segundo Tempo (PST), dentre outros.⁴⁹

Atualmente, observo que a escola promove ações voltadas para estimular a afetividade nas relações com a comunidade, principalmente, no que diz respeito ao jovem, em virtude da maior incidência de casos relativos ao fenômeno *bullying*.⁵⁰ A perspectiva é de que, paulatinamente, os educadores detectem dificuldades presentes no cotidiano escolar, para atuarem de forma preventiva.

⁴⁹Para o aprofundamento dessa temática, acessar: www.mec.gov.br.

⁵⁰A palavra *bullying* é derivada do verbo inglês *bully* que significa usar a superioridade física para intimidar alguém. Também adota aspecto de adjetivo, referindo-se a ‘valentão’, ‘tirano’ (FANTE, 2005).

O ambiente escolar deve ser acolhedor e mais integrado à reflexão constante de comportamentos condizentes com os Valores Humanos. Se todos os que interagem no dia a dia escolar adquirirem o hábito permanente do diálogo, que favorece o respeito às diferenças, reforçando comportamentos solidários, é possível estabelecer um ambiente de 'paz', valorizando as expressões e os comportamentos positivos dos alunos.

Jares (2002) ressalta que a concepção de paz positiva deve ser trabalhada no espaço escolar, através da abertura de momentos de estudos com todos da comunidade escolar, para a redefinição de parâmetros que nortearão essa ação, a fim de que seja fortalecida uma prática de educação voltada à paz. Sobre isso, o autor citado assim se posiciona:

[...] concebemos a EP (educação para a paz) como um processo educativo contínuo e permanente, fundamentado nos dois conceitos fundadores (concepção de paz positiva e perspectiva criativa do conflito), que, pela aplicação de métodos problematizantes, pretende desenvolver um novo tipo de cultura, a Cultura de Paz, que ajude as pessoas a entender criticamente a realidade, desigual, violenta, complexa e conflituosa, para poder ter uma atitude e uma ação diante dela. (JARES, 2002, p. 44).

Segundo Jares (2002), a Educação para a Paz (EP) é um processo educativo, fundamentado numa Cultura de Paz positiva, apresentando princípios ou significados educativos para a Educação para a Paz, como: “[...] uma forma particular de educação em valores; uma educação a partir de e para a ação; um processo contínuo e permanente e, como uma dimensão transversal do currículo, que afeta todos os seus elementos e etapas.” (JARES, 2002, p. 45).

É importante, portanto, que a escola oportunize momentos de reflexão favoráveis a essa prática educativa, principalmente, quando trabalhar os Valores Humanos com os alunos, exercitando o diálogo, valorizando e aceitando as diferenças. Somente pelos espaços conquistados por meio do diálogo, há uma forma de possibilitar uma verdadeira Cultura de Paz. É necessário, então, garantir o acesso do aluno às atividades educativas e isso possibilitará seu crescimento pessoal e sua formação cidadã, pela qual ele possa se reconhecer como transformador de sua própria realidade. Assim, para Noletto e Abramovay (2004, p. 39):

A valorização do indivíduo deve ocorrer em sua totalidade para que alcancemos um estado de paz. Além de abordar essa temática a escola precisa motivar o aluno a se integrar em ações voltadas para uma participação cidadã, levando-se em conta desde o envolvimento total no saber ouvir, ao estímulo em um posicionamento crítico. Dessa forma, temos certeza de que a escola poderá vir a ocupar um espaço privilegiado nessa política de Cultura de Paz, mas para tanto, faz-se necessário que família e

escola passem a entender comportamentos e anseios da juventude que acolhe.

Nesse contexto, o respeito às ideias do outro é fundamental e, sobre isso, Freire (1996, p. 66) menciona que a resolução dos conflitos deve acontecer

Sob a ótica de uma paz positiva, retratando a construção saudável da tolerância por meio do respeito às diversas opiniões. O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um infinito imperativo ético e não um fervor que podemos ou não conceder uns aos outros.

É necessário que a escola envolva segmentos representativos no planejamento das atividades do Projeto Político Pedagógico (PPP), valorizando o diálogo, por meio de ações educativas que fortalecerão a Cultura de Paz. Como enfatiza Jares (2002, p. 179):

Um programa educativo de Educação para a paz implica necessariamente a democratização das estruturas escolares. [...] antes de qualquer iniciativa, deve-se conceber a sensibilização e formação dos educadores, sendo também de fundamental importância a integração da escola, família e comunidades escolar. [...] a paz buscada em qualquer sociedade por mais utópica que ‘pareça’ começa em nós mesmos. Quando nos deparamos com a ideologia de paz, sempre propomos algo para ser encaminhado no futuro.

Acredito ser possível ir além e não se limitar somente à formação dos educadores nesse conceito de paz, mas introduzir, também, outros parceiros que interajam nessa relação dialógica de ‘escuta verdadeira’, ou seja, aquela que assegura um diálogo legítimo da escola com o aluno, havendo, por parte dos gestores e professores, a facilitação da fala do educando, considerado fator fundamental para o desenvolvimento da Cultura de Paz nas escolas.

Dessa forma, “O processo educativo deve ser essencialmente dialógico, uma experiência na qual professores e alunos ensinam e aprendem e são reconhecidos como iguais na construção do conhecimento” (MATOS, 2010, p. 66). Torna-se, então, viável à escola incentivar a elaboração de projetos que trabalhem a temática da Cultura de Paz, a fim de que a comunidade escolar possa, realmente, participar. Muitas iniciativas devem favorecer esse processo no cotidiano escolar, é o que Maldonado (1997, p. 19) registra:

Precisamos desenvolver e colocar em prática as habilidades básicas no cotidiano, para atuarmos como construtores da paz, ou seja: a) ampliar a capacidade de escuta sensível (empatia, compaixão, compreensão e solidariedade); b) expressar o que não está certo, sem ofender, humilhar ou atacar as pessoas; c) procurar estabelecer consensos; d) lidar com a raiva, e construir um olhar de apreciação, valorizando os progressos dos outros; e) descarregar as tensões de modo saudável (exercícios físicos, meditação, relaxamento); f) tolerar diferenças e superar frustrações, de modo não destrutivo; g) usar métodos não violentos para colocar limites e estimular a disciplina.

Exercitar esses momentos de interação dialógica, como caminho de superação das diferenças, é a forma como se deve compreender a Cultura de Paz, não como uma cultura na qual não há conflitos, mas como um espaço em que estes são resolvidos tranquilamente (MALDONADO, 1997). Conforme o autor, os conflitos fazem parte da existência humana e por meio da Cultura de Paz é possível trabalhá-los. Essa condição praxiológica tem como esteio os estudos de Freire (1997), Matos (2008), Boff (2006), Jares (2002), dentre outros.

As ações altruísticas são imprescindíveis e, no caso do ambiente escolar, os esforços não devem ser quantificados numa perspectiva do capital efetivo, mas deve haver um comprometimento em prol de um convívio salutar e agradável, condições propícias ao crescimento pessoal de todos e, conseqüentemente, de uma melhor qualidade da educação.

Também cabe destacar que uma escola regulamentada com base na autonomia e na descentralização educacional, provoca exigências que demandam avanços teóricos e práticos para a ação dos gestores escolares. Primeiro, porque fazer democracia é um ato que não nasce no vazio político e segundo, porque, com a globalização, viabilizou-se uma maior apropriação das informações e conhecimentos por parte dos vários segmentos educacionais. Isso mostra que, além de trabalhar o conhecimento sistematizado, a escola deve se responsabilizar, igualmente, pelo desenvolvimento de uma Cultura de Paz.

É imprescindível haver, portanto, um trabalho de sensibilização dos diretores, professores, pais, alunos, funcionários e sociedade civil, sobre a vivência da Cultura de Paz, visando uma educação que fortaleça o processo de integração e inserção dos jovens na sociedade. O apoio a ações educativas que favoreçam o diálogo e o respeito são, portanto, preponderantes para a promoção de uma Cultura de Paz, como ressalta Guimarães (2003, p. 49),

O respeito e acolhimento às diferenças, a promoção da cidadania e ao combate a todas as formas de exclusão. Essas são ações que devem estar presentes em todas as nossas experiências educacionais, sejam formais ou informais. [...] promover a Cultura de Paz é, em síntese, promover condições concretas para que o homem possa se constituir humano em toda a sua plenitude, com todas as contradições possíveis que o exercício da convivência humana contempla. [...] é poder assegurar, a cada um, condições plenas de se dizer, de se perceber na relação consigo mesmo, com o outro, com os outros, com outras culturas, com o planeta e com o que transcende a materialidade das vidas.

Cabe, então, à comunidade escolar ter a consciência de que se podem resolver os conflitos em um ambiente de paz. Para isso acontecer, é necessário um trabalho que exige comprometimento de todos os envolvidos no processo educativo: professores, equipe técnica,

alunos, pais e a comunidade como um todo, como enfatiza Jares (2002, p. 50), sobre a construção da paz positiva:

[...] não como o contrário de guerra, mas sim de sua antítese, que é a violência, dado que a guerra é apenas um tipo de violência e não o único. Esse conceito está relacionado à ideia de justiça social e de desenvolvimento, mas também aos conceitos de direitos humanos e democracia. Portanto a paz é um processo dinâmico que exige a participação de todos em sua construção.

É importante a escola motivar o aluno a se integrar em ações educativas voltadas à participação cidadã. Esse envolvimento requer esforços por mudanças na escola e na comunidade, quanto à mediação e à resolução de conflitos que surgirem no cotidiano escolar. Nesse sentido, Jares (2002, p. 126) considera que

[...] a viabilidade da paz, se origina na forma como se conduz a oportunidade de lidar com o conflito presente na divergência, procurando valorizar o direito dos demais, observando o senso de justiça e democracia. [...]. A concepção de paz leva-nos a relacioná-la ao conceito de justiça social e de desenvolvimento, mas também com os conceitos de direitos humanos e democracia [...].

No próximo tópico, discuto como a escola exerce um papel preponderante no processo de construção da Cultura de Paz e da vivência dos Valores Humanos por meio da educação.

5.3 O papel da escola na construção da Cultura de Paz e dos Valores Humanos: compromisso de todos

Quando iniciei a pesquisa na EEMWR, ia, apenas, com uma ideia na cabeça e um desejo no coração, a saber: vivenciar práticas positivas com jovens alunos do EM, no que diz respeito à Cultura de Paz e os Valores Humanos tais como: Paz, Respeito, Cooperação, Liberdade, Felicidade, Honestidade, Humildade, Amor, Responsabilidade, Simplicidade, Tolerância e União. Desse modo, a partir da iniciativa da 9ª CREDE, em priorizar nas escolas sob sua jurisdição, o ‘Programa Formação de Valores e Cultura de Paz nas Escolas’, percebi a relevância desse trabalho e, a partir daí, adentrei o espaço escolar para vivenciar essa proposta. Assim, passei a analisar as atividades pedagógicas da escola no sentido de observar a experiência dos Valores Humanos para a construção da paz e, para isso, realizei, metodologicamente, encontros voltados para essa finalidade.

Nessa interação com a comunidade escolar, principalmente, com os alunos que coordenam o VIVE, verifiquei o quão relevante é a percepção dos alunos sobre os Valores

Humanos e sua relação na escola, na família, nas amizades, enfim no contexto em que vivem. Em um clima de confiança, as atividades foram iniciadas, sempre com o cuidado para não concluir ou dirigir a temática, pois a metodologia aplicada no Círculo de Cultura permitia que o diálogo fluísse de forma que refletisse o momento que estavam vivenciando, na escola ou em outro ambiente. A seguir relato as atividades que foram realizadas na escola e que serviram de subsídios para fundamentar a pesquisa.

Harmonização na sala de aula como reflexo para uma Cultura de Paz

O primeiro Seminário com os professores e o núcleo gestor aconteceu em um sábado de encontro pedagógico, ocorrido em agosto de 2011. Inicialmente, utilizei uma técnica de relaxamento que oferece recursos práticos ao autocontrole e ao autoconhecimento. Sua prática resulta em maior concentração, melhor receptividade das informações e refinamento da percepção, o que possibilita uma reconexão com nossa essência espiritual.

Para Matos, Castro e Matos (2012, p. 5):

As práticas de harmonização são fundamentais para a iniciação de quaisquer atividades que o Ser humano exerce. No contexto escolar não é diferente. A harmonização em sala de aula auxilia o bom andamento das rotinas básicas do ambiente, a aula em si, bem como a interação positiva entre os participantes.

Nesse sentido, procurei abordar, com os educadores, a importância da harmonização no ambiente escolar, realizando, inicialmente, uma Meditação ‘Círculo de Proteção Energética – ponto de luz’ (ANEXO F), que possibilitou o relaxamento do corpo e da mente. antes do início de outra atividade. Posteriormente, foi apresentado o objetivo do Seminário, que é de sensibilizar os educadores para vivenciarem momentos de harmonização em sala de aula, apresentando a importância em sala de aula, esclarecendo sobre os princípios e técnicas utilizadas.

No final da dinâmica, os participantes falaram sobre os sentimentos de paz e tranquilidade que sentiram e refletiram sobre o que cabia a cada no sentido de desenvolver atitudes e ações que os conduzissem a vivenciar esse momento em sala de aula. Utilizei, também, outras dinâmicas de grupo, a saber: 1) momentos de sensibilização, 2) de harmonização e 3) de vivências, objetivando estabelecer harmonia e paz na equipe de trabalho da escola, com a duração de três horas, distribuídas da seguinte forma: dinâmica de apresentação e exposição dialogada, com as palavras: Paz, Cultura de Paz e harmonização, definindo a metodologia do encontro.

Posteriormente, expliquei que seriam formados grupos para refletirmos sobre frases de autores que abordavam essa temática. Foram, então, formados 08 grupos com os educadores presentes e distribuídos envelopes que continham frases pela metade, ou seja, um grupo ficou com o início da frase, o outro com o final. Expliquei que a tarefa principal não era apenas formar a frase por completo, mas refletir sobre o que estava escrito, o que tinha a ver com a Cultura de Paz. Dessa forma, os grupos iam interagindo e formando as frases a seguir:

- a) Construir tal cultura significa promover as transformações necessárias e indispensáveis / para que a paz se torne o princípio regente de todas as relações humanas e sociais (MILANI, 2003). (Grupos 1 e 3).
- b) Seja você a mudança que deseja para o mundo (GANDHI). (Grupos 2 e 4).
- c) Uma Cultura de Paz constitui-se dos valores, atitudes e comportamento que refletem o respeito à vida, à pessoa humana e à sua dignidade, aos direitos humanos, / entendidos em seu conjunto, interdependentes e indissociáveis (SALLES FILHO; RIBAS, 2009). (Grupos 5 e 7).
- d) Viver em uma Cultura de Paz significa repudiar todas as formas de violência, especialmente a cotidiana, / e promover os princípios da liberdade, justiça, solidariedade e tolerância, como estimular a compreensão entre os povos e as pessoas” (FEIZI; JESUS, 2003). (Grupos 6 e 8).

Os resultados desse momento foram relevantes demonstrando que os educadores presentes, realmente, estavam inclinados a trabalharem o ambiente escolar, no sentido de promover a paz, comprometendo-se com trabalhar os Valores Humanos estabelecidos pela escolar. A paz positiva está relacionada à ideia de justiça social, assim como aos direitos humanos e a democracia. A paz é, portanto, um processo dinâmico de todos em sua construção. A imagem 16 mostra o momento em que o trabalho foi iniciado:

Imagem 16 – Iniciando trabalho em equipe



Fonte: arquivos da pesquisadora (2011).

No segundo momento, foram apresentados os Valores Humanos citados e, entre eles, os presentes identificaram três relacionados diretamente à construção de uma Cultura de Paz. Foi solicitado que elaborassem uma frase com os valores escolhidos e, depois, um representante do grupo foi ao quadro e escreveu a frase, as palavras relacionadas foram: ‘respeito, união, justiça, construção, harmonia, diversidade, amor, paz, felicidade, equilíbrio, solidariedade, fé, Deus, cultura, afetividade’.

Encerrado esse momento, percebi que os professores e o núcleo gestor vêm se esforçando para que as mudanças aconteçam de forma que possam melhorar as relações na escola. Em alguns depoimentos, ficou visível que esse processo é de longo prazo. Concordo que, em relação à educação, nada ocorre de forma imediata. Outra coisa: os professores confessaram que “não basta a escola querer, pois a família tem também que aderir no seu cotidiano.” Sinto que a escola está indo pelo caminho certo, introduzindo os valores que permitem facilitar as relações entre os que ali convivem. Isso vai registrado na imagem 17, que representa esse momento de interação vivido.

Imagem 17 - Momento de interação com os presentes



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2011)

Na verdade, o trabalho suscitou conhecimento, aprendizado e troca de experiências. Embalados pela música, os participantes falaram sobre o significado e a importância da paz, da Cultura de Paz e dos ensinamentos dessa experiência vivenciada:

Esse momento é de grande importância para nossa escola, pois sabemos que a paz se conquista a partir de uma reflexão profunda da temática. Não somente falar ‘paz’ pela ‘paz’, mas vivê-la no dia a dia através dos valores de respeito, tolerância e felicidade (ADALGAMIR).

A escola deveria permitir que esses momentos acontecessem com mais frequência, pois a rotina nos deixa imobilizadas, não nos permitindo viver instantes de felicidade e reflexão na sala de aula, ou até mesmo no dia a dia da escola (GINACÉLIA).

Em seguida, foi solicitado que os participantes se dividissem em cinco grupos e partilhassem, por meio de desenhos, os sentimentos que a atividade despertou que foram apresentados no painel retratado na imagem 18.

Imagem 18 – Painel da paz



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2011).

Na medida em que os educadores iam refletindo e afixando suas ideias no ‘Mural da paz’, senti um clima harmonioso entre os presentes, inclusive um deles me pediu a palavra e relatou: “Eu simplesmente odeio vir trabalhar aos sábados e até cheguei atrasado, mas depois percebi o quão importante foi esse momento, e me senti incentivado a dar continuidade a essa proposta.” Essa reflexão muito pertinente foi quando um professor ‘pediu a palavra’ colocando a seguinte avaliação:

Esse trabalho não deveria acontecer somente em sala de aula, mas em todo o ambiente da escola, para que a comunidade escolar passe a compreender o real sentido pedagógico da escola, que não é só de informar, mas de formar a partir do momento em que o aluno ingressa, pois todos da escola são considerados educadores e como tal a rotina escolar passa a fazer parte da formação do caráter do aluno, para o seu desenvolvimento ético e político, começando desde a portaria, até a sala de aula. Assim, esse trabalho deveria se estender a toda a escola (AMADOR).

Compreendi que essa temática é nova para muitos professores, mas é importante que haja o engajamento de todos, bem como da família, com a realização de encontros que possibilitem essa interação, para que todos percebam como a escola encontrou caminhos para facilitar o diálogo. Encerrei esse momento com a ‘dinâmica do abraço’, por meio da qual se refletiu sobre a importância do ‘abraçar’ e do engajamento da comunidade escolar, não somente nesse momento, mas na participação dos docentes e gestores no Programa VIVE e que vem contribuindo para o aprofundamento dos Valores Humanos estudados em sala de

aula e que refletirão não somente no cotidiano escolar, mas essencialmente, no dia a dia que os jovens terão que enfrentar fora do ambiente escolar.

As atividades desenvolvidas para aprofundamento do VIVE, sob a responsabilidade da professora Nazaré de Fátima, escolhida por ser lotada no Centro de Multimeios da escola, acontecem através de reuniões mensais com o grupo de alunos coordenadores do Programa, e nos encontros pedagógicos com os professores. Nesse momento é apresentado o Valor Humano a ser estudado naquele mês, momento em que, através do Manual do Programa, os professores escolhem as atividades que serão desenvolvidas em sala de aula, de forma a facilitar o entendimento do Valor escolhido e que será trabalhado de forma interdisciplinar, possibilitando, assim, um aprofundamento na temática.

A seguir, apresento as atividades que foram desenvolvidas com os professores e alunos, de forma a facilitar o entendimento do VIVE e dos benefícios para a disseminação da Cultura de Paz. Ressalto que esses momentos auxiliarão no aprofundamento sobre o tema da Cultura de Paz e dos Valores Humanos.

Historicidades: o VIVE e o trabalho por uma Cultura de Paz

O 1º Encontro com os jovens, ocorrido em maio de 2011, teve como objetivo refletir a relação da Cultura de Paz e dos Valores Humanos estabelecidos pelo VIVE. Este momento aconteceu no período da tarde, com a participação de 15 alunos. Contou, também, com a participação da coordenadora do VIVE, professora Nazaré de Fátima, que enriqueceu a reflexão, entusiasmando os alunos e incentivando-os a realizarem ações interativas sobre a Cultura de Paz e os Valores Humanos, como a prática da tolerância e do respeito mútuo. Ela explanou sobre as ações do VIVE que estão sendo desenvolvidos na escola, desde o início do ano de 2011.

Inicialmente, houve uma meditação da qual os alunos participaram ativamente e, logo após esse momento, foi realizada uma dinâmica em que os alunos iam se apresentando, falando sobre um valor trabalhado no VIVE, que melhor expressasse esse momento. Essa tarefa foi realizada num círculo e trouxe resultados bastante favoráveis, pois levou os participantes a questionar e a refletir sobre os valores escolhidos.

No círculo, como estrutura do trabalho, todos se olham e se veem. Não existe um professor coordenador, mas um animador das discussões que, como um companheiro,

participa de uma atividade comum, em que todos ensinam e aprendem, intervêm e avaliam o seu fazer pedagógico. A imagem 19 mostra o momento em que conduzi o referido encontro.

Imagem 19 – Explicação da reflexão de abertura



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2012).

No segundo momento, os alunos escolheram, dentre os 12 (doze) Valores Humanos trabalhados no VIVE (Paz, Respeito, Cooperação, Liberdade, Felicidade, Honestidade, Humildade, Amor, Responsabilidade, Simplicidade, Tolerância e União), 09 (nove) valores para serem refletidos e aprofundados: Cooperação, Amor, Tolerância, Simplicidade, União, Paz, Compaixão, Confiança e Responsabilidade, pois para eles seriam de grande valia imprescindíveis à formação intelectual e humana e como poderiam a partir desse estudo melhorar as situações de conflitos na escola.

Esse momento foi de grande relevância, pois os alunos, a partir dos Valores Humanos escolhidos, além dos desenhos referentes à temática, explanaram e refletiram sobre esses valores, considerados essenciais, não somente, para sua formação cidadã, mas também, para uma Cultura de Paz, dando um novo sentido às suas vidas, na escola ou na família. Assim, escreveram as frases apresentadas a seguir:

Amor é um dos principais valores que devemos ter pelo próximo.

Confiança é acreditar que o outro é capaz, sabendo ultrapassar os limites.

Compaixão, valor humano essencial que leva o indivíduo a ajudar a quem precisa, principalmente, os que necessitam de carinho e de atenção.

Paz é aceitar e respeitar uns com os outros.

União é dividir com os melhores amigos.

Responsabilidade é seguir conforme as normas escolhidas pela comunidade. Só que estas normas devem ser escolhidas por todos através do diálogo.

Cooperação é o ato de participar e entender a opinião do outro, cooperando com as ações que a escola está realizando, pois quem coopera sempre ajuda ao próximo.

Simplicidade, é ser humilde, é ser amigo, é saber respeitar o próximo e aceitar as diferenças uns dos outros, saber compreender. Se você seguir esses conceitos, pode perceber a melhoria entre seus amigos e familiares.

Tolerância é o ato de respeitar o próximo, ter paciência com sua opinião, é tolerar os erros e aprender com ele. (Pronunciamentos dos alunos).

Essas reflexões estão relacionadas ao que Matos (2011) enfatiza sobre a relação entre os jovens e a Cultura de Paz, sobre o que deve ocorrer com base na confiança e no diálogo. Jares (2002) indica que “[...] a viabilidade da paz se origina na forma como se conduz a oportunidade de lidar com o conflito presente na divergência [...].” Assim, logo após a apresentação e a reflexão desses valores, considerados como suporte da vivência do aluno na escola e na família, solicitei que representassem, por meio de desenhos, os seus significados.

Esse momento mobilizou e instigou os jovens a pensarem sobre seu cotidiano e sobre a realidade, a partir da dialogicidade. Ressalto que, através dessa dinâmica foi possível desenvolver a linguagem verbal, que favorece outras formas de relacionamento, propiciando situações de encontro como forma de mudar atitudes frente a si mesmo e a vida. Inicialmente, formei um círculo com todos os alunos e distribui folhas de papel. No centro da sala coloquei lápis de cor e canetas *pilot*. Solicitei, então, que escrevessem com letra legível um valor dentre os que fazem parte do VIVE. Esse momento é visualizado na imagem 20.

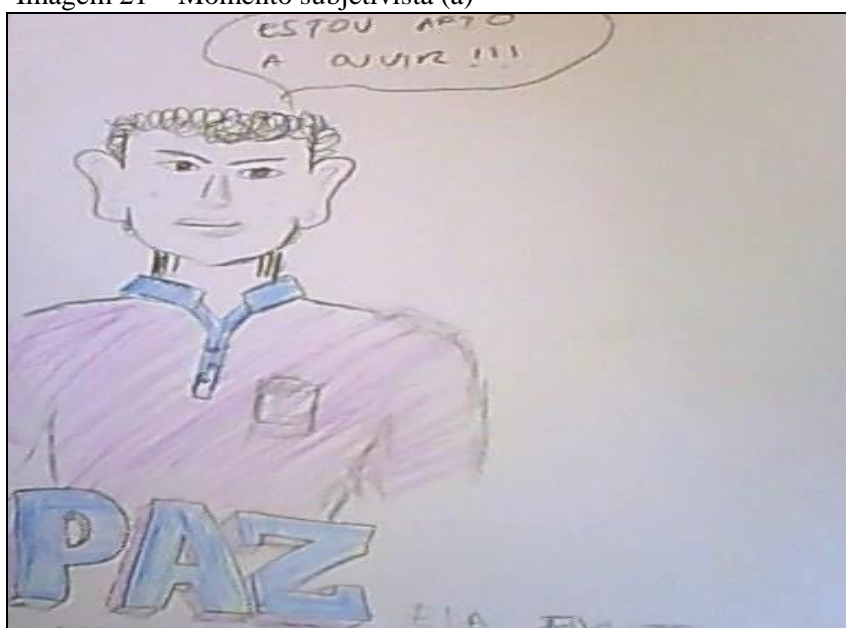
Imagem 20 – Debatendo as palavras geradoras



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2012)

Em seguida, o grupo foi dividido em duplas para que refletissem sobre os Valores Humanos escolhidos e, em círculo, explicassem o porquê da escolha. Posteriormente, solicitei que virassem a folha e se expressassem, também, recorrendo ao desenho. Esse momento foi relevante, pois todos se engajaram, embora, para alguns deles esta fosse a primeira oportunidade que surgia, para refletir e aprofundar os valores escolhidos, para que fossem vivenciados, tanto no cotidiano escolar como na família, para seu crescimento humano. A partir daí, os ensinamentos serviriam de orientações e apoio aos demais projetos que estavam sendo desenvolvidos na escola. Essa experiência durou cerca de duas horas e meia.

Imagem 21 – Momento subjetivista (a)



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2012).

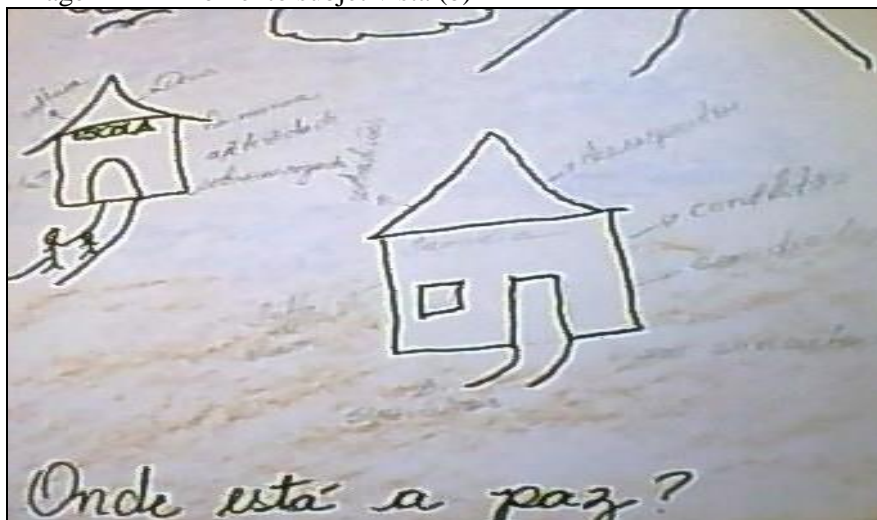
Apresento essa imagem, pois no momento foi a que mais chamou a atenção do grupo. Segundo o aluno que a desenhou, a paz só ocorre no ‘escutar’, e isso se pode aprender também através da aprendizagem que o outro venha a oferecer, é escutando e aceitando a opinião do próximo que a aprendizagem se tornará efetiva para o resto da vida. Assim, Sthya Sai (2011, p. 5), também contribui com essa reflexão, colocando que a “educação não deve ter como finalidade única o ‘ganhar a vida’, mas ser um objetivo para toda a vida (aprender a aprender), pois a própria vida é uma escola” e, para isso, escutar o próximo é uma aprendizagem que o ambiente escolar deve proporcionar.

A paz, portanto, pode ser percebida na ‘escuta do outro’, do respeito ao próximo, permitindo, assim, um verdadeiro diálogo (FREIRE, 2004), a partir do momento em que um está apto a ouvir o outro, por uma escuta verdadeira, e a ‘aprender com o outro’. Pelas ações

que a escola está desenvolvendo, espera-se que haja um fortalecimento do diálogo no cotidiano escolar, o que representa uma vereda para a construção de uma Cultura de Paz, como uma nova forma de vida saudável.

Chamo a atenção para a imagem 22, que apresenta uma ideia de Paz subjetivamente descrita por um aluno:

Imagem 22 – Momento subjetivista (b)



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2012).

Nesse desenho, percebo que, para o estudante, o caminho para a paz é o encontro da família e da escola e que só acontecerá a paz verdadeira quando tais caminhos convergirem, possibilitando interação e promoção da paz. Nessa ocasião, realizei uma dinâmica reflexiva para que os alunos expressassem, de forma verbal, suas opiniões sobre os Valores Humanos, brotando um diálogo com certa espontaneidade, dentro das limitações presentes, de tempo e espaço físico. Posteriormente, dei continuidade às reflexões, cujo resultado alcançado foi fruto de uma construção coletiva, da compreensão do grupo sobre a temática. O importante foi tirar lições desse momento, tornando-o uma experiência democrática, pois mesmo que houvesse discordância de ideias, todos deviam respeitar a opinião dos colegas. O momento de encerramento desse encontro está representado na imagem 23.

Imagem 23 – Encerramento do encontro



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2012).

No final, os alunos reafirmaram que ‘respeitar a vida e a diversidade’ é escutar o próximo para compreender e aceitar o ser humano como ele é. Ao mesmo tempo, é redescobrir a solidariedade, buscando o equilíbrio nas relações pessoais, fortalecendo a participação, para que essas ações façam parte da Cultura de Paz. O que mais se tornou significativo nessa experiência foi o surgimento de diversas revelações dos alunos, para o melhor entendimento dos Valores Humanos trabalhados em sala de aula. Assim, muito à vontade os alunos disseram o que estavam pensando sobre o assunto. A sensação que tive foi a de que houve uma interação entre mim e os jovens, pois como enfatiza Freire (1996, p. 12): “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” Por isso, essas atividades proporcionaram esse aprendizado dos Valores Humanos, alicerçados principalmente na troca dos saberes.

Na verdade, essa experiência aguçou as formas de pensar dos participantes, entendendo que as diferenças existem e devem ser acolhidas. Na próxima atividade, apresento um momento interativo com os alunos, proporcionado através dos Valores Humanos escolhidos por eles, através de imagens apresentadas, a fim de indagar como esses valores estão contribuindo para a melhoria das relações, sejam no ambiente escolar ou no familiar.

Narrativa por imagem dos Valores Humanos: interação dos sentimentos

O segundo encontro com os jovens, ocorrido em março de 2012, teve início com a apresentação dos participantes, que diziam seu nome e escolhiam, entre os Valores Humanos do VIVE, trabalhados em sala de aula, os que trouxeram algum ensinamento para sua vida

pessoal e escolar. Os valores relatados foram: Paz, Respeito, Cooperação, Felicidade, Honestidade, Humildade, Amor, Tolerância e União.

No momento posterior a essa atividade, realizei uma apresentação de *Power Point* com 30 (trinta) imagens, em que os participantes teriam que escolher uma das figuras, explicando o porquê da escolha e a relação com os valores escolhidos no início do encontro, e os que estavam sendo trabalhados pela escola, a cada mês, referindo em que eles estavam contribuindo para a melhoria da relação família e escolar, antes e depois da implementação do VIVE.

Posteriormente, dividi o grupo em 03 subgrupos compostos de 05 (cinco) alunos, que deveriam formar frases sobre os Valores Humanos, relacionando as mudanças e a melhoria do ambiente escolar, que estavam propiciando atitudes benéficas para uma Cultura de Paz, após a implantação do VIVE.

Eis o resultado:

A união faz a força e a paz traz a harmonia;
Amor, mais vida e união;
Sem Tolerância não há cooperação;
A cooperação nos mostra que a união traz proteção;
Só com muita paz e harmonia é que alcançaremos a felicidade.(ALUNOS PESQUISADOS).

Percebo que os Valores Humanos que tiveram mais aceitação foram: Amor, União, Paz, Honestidade, Respeito, Tolerância, Humildade, e Cooperação. Perguntando ao grupo sobre o porquê desses valores escolhidos, relataram que as imagens suscitaram ‘um despertar para o trabalho que vem sendo realizado na escola’ (GENIVALDO).

Senti o quanto é importante a cooperação de todos da escola, principalmente os alunos que participam da coordenação do VIVE, pois através deste trabalho, coordenado pela professora Nazaré, estamos percebendo um novo caminho que a escola está tomando (ADELANE). Apesar de, em alguns momentos, existirem conflitos com os quais alguns professores não sabem lidar, percebeu-se que o valor Tolerância, de modo geral, vem funcionando. É um primeiro passo, mas já é alguma coisa (SÉRVULO).

Após essa atividade, os grupos continuaram com a mesma formação. Solicitei, então, que, baseado nos Valores Humanos já mencionados, elaborassem mais duas frases que consolidariam o que representava para eles, a Cultura de Paz. No momento da apresentação da proposta, os grupos pronunciaram as falas a seguir:

O Grupo 1 deu destaque ao valor ‘Amor’, dando ênfase à concepção de que, por ele, surgiria o apoio e a vontade de servir ao próximo. Através da ‘União’ e do

‘Companheirismo’, haverá o envolvimento de todos da comunidade escolar, acontecendo, portanto, a prosperidade, como caminho para um verdadeiro sentido da vida. “Assim, não existe uma felicidade verdadeira, se não houver a ‘União’ com o outro, teremos então apenas momentos alegres.” Para o grupo, a ‘União’ levará à resolução dos conflitos e consequentemente a uma Cultura de Paz.

Quanto à consolidação do Grupo 2, ressalto a importância da aprendizagem dos Valores Humanos, introduzidos no cotidiano escolar, como de grande valia, não somente para os momentos em que estão na escola, mas em casa ou na comunidade. O Grupo lembrou a importância do companheirismo, que deve existir para que haja União e Harmonia: “Só com muito ‘companheirismo’ entre todos, e com ‘Harmonia’ na escola, é que a ‘Paz’ será encontrada. Foi isso que aprendemos com essas atividades que estão sendo colocadas no dia a dia da escola.” Os componentes do grupo 2 ressaltaram, ainda:

Todos os Valores Humanos apresentados vão ser úteis em nossas vidas, pois sem União, Amor e Tolerância, jamais se conseguirá chegar ao sucesso. Não teria sentido nenhum se não soubesse vivenciar cada valor e não o colocasse em nosso cotidiano. (RELATOS DE ALUNOS DO GRUPO 2).

Nesse momento, destaquei para o grupo o que seria a ‘Paz positiva’, na visão de Jares (2002), segundo o qual ela não significa, apenas, ‘a paz como silêncio, passividade ou até submissão’, mas uma ‘posição ativa e não-violenta’, trazendo benefícios à relação de respeito, promovendo, portanto, a verdadeira justiça social, e assim um ambiente onde prevaleça uma Cultura de Paz.

Para os alunos, essas reflexões trazem novos rumos, permitindo que, com esses Valores Humanos introduzidos em suas vidas, possam, a partir da mudança de postura de cada um, encontrar um ambiente acolhedor, evidenciando que a Cultura de Paz poderá acontecer. Esse momento se encerrou com a avaliação que retratou o sentimento que o grupo teve no decorrer do trabalho. Foi utilizada a dinâmica ‘Sentimentos’ em que, cada participante, por uma única palavra, explicitou o que sentiu durante o processo. Os sentimentos que surgiram foram: aprendizagem, solidariedade, amor, criatividade, valorização e contribuição.

Percebi que os valores apresentados durante o trabalho em grupo evidenciam que os alunos estão entendendo a proposta da escola no trabalho com os Valores Humanos, e o grau de relevância que vem sendo atribuído às ações desenvolvidas para que o Programa tome forma e venha a atingir seu objetivo. A seguir apresento o 3º Encontro com os jovens.

Troca de experiências: descobrindo o ser que sou

Com o objetivo de fortalecer a interação entre o grupo e ampliar as experiências e o aprendizado, realizei o terceiro encontro, que ocorreu em clima informal para que os participantes se sentissem mais à vontade para compartilhar suas histórias de vida. Como relatei anteriormente, minha opção por escolher essa dinâmica foi porque permitiu o desenvolvimento do trabalho em grupo, voltado para a troca de experiências. O objetivo dessa atividade foi identificar, por meio das histórias de vida, como os Valores Humanos introduzidos na escola estão favorecendo uma mudança em suas vidas, seja na escola ou fora dela, para a disseminação de uma Cultura de Paz.

A imagem 24 a seguir mostra o momento da abertura deste encontro.

Imagem 24 – Abertura da 4ª. Vivência Pedagógica



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2012).

Iniciei o encontro com uma dinâmica e apresentação dos presentes. O objetivo foi descontrair os integrantes por uma harmonização. Foram distribuídos 12 (doze) balões que continham os Valores Humanos trabalhados na escola (Paz, Respeito, Cooperação, Liberdade, Felicidade, Honestidade, Humildade, Amor, Responsabilidade, Simplicidade, Tolerância e União). Os alunos encheram os balões e, ao som de uma música, jogavam os balões; quando a música parava, os cinco primeiros estouravam os balões e colavam no ‘painel Cultura de Paz’ os valores que estavam dentro dos balões, e assim, sucessivamente.

Os alunos encerraram a primeira parte e entraram em um ritmo, ao som de uma música para a qual criaram uma coreografia, até que, quando estourassem todos os balões e completassem o painel, todos teriam que dar continuidade à coreografia definida pelos que iniciaram o processo. O interesse em realizar essa dinâmica configurou-se em demonstrar ao

grupo a importância da integração e sincronicidade do momento vivenciado. Depois, encerrei a música e pedi que formassem duplas e, de braços abertos, continuassem a movimentação no mesmo ritmo, procurando um passo comum quando a música começou. Novamente, encerrei a música e solicitei que fizessem os mesmos passos formando quartetos e assim, sucessivamente, até que todos da sala estivessem se movimentando e sintonizados no mesmo ritmo, demonstrando com isso a importância da sintonia coletiva na busca pela paz.

No segundo momento da dinâmica, distribuí uma folha de papel colorida, para que escrevessem frases que contemplassem os 12 valores já trabalhados,⁵¹ em que fariam uma relação com outros valores que foram surgindo no desenvolvimento dos trabalhos, a que denominados de ‘Temas de dobradiça’, como por exemplo: Amor (carinho, cuidado), União (amizade). Desse modo, solicitei que, individualmente, relatassem um fato de sua vida que mais lhe marcou e que ficou presente em um desses Valores. Assim, ficou bastante expressiva essa dinâmica, visualizada na imagem 25, apresentada a seguir:

Imagem 25 – Alunos interagindo sua história



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2012).

A imagem 25 mostra o grau de participação dos alunos no momento em que estão interagindo com sua ‘história de vida’. Alguns desconheciam que o colega tinha passado por aquele momento tão sofrido. O trabalho foi realizado de forma concentrada, tanto por mim como pelos alunos, gerando um clima harmonioso, propício ao diálogo e à integração entre os envolvidos no processo. A atividade proporcionou um momento de reflexão sobre os diferentes problemas vivenciados, a facilidade ou a dificuldade que sentiram quando enfrentaram desafios, bem como o que essa prática levou a facilitar o seu dia.

⁵¹ Paz, Respeito, Cooperação, Liberdade, Felicidade, Honestidade, Humildade, Amor, Responsabilidade, Simplicidade, Tolerância e União.

Cito, como exemplo, uma aluna que apresentou sua ‘história de vida’, baseada no Valor Humano ‘Humildade’. Relata que tinha um tio ‘negro’ e não gostava de pessoas ‘de cor’, quando o tio chegava a sua casa ela se recolhia aos seus aposentos, saindo de lá, somente, quando ele ia embora. A partir do momento em que começou a participar do Programa VIVE, estudando e refletindo sobre cada valor humano, verificou o quanto estava errada com esse preconceito que vinha demonstrando em relação ao seu tio. Nesse mesmo ano, seu tio veio a falecer, o que a deixou ainda com um maior sentimento de culpa, não por sua morte, mas por tê-lo tratado com indiferença todo esse tempo. Como era tarde para lhe pedir perdão, resolveu contar esta história e pedir desculpas por meio desse encontro.

E outras histórias foram relatadas, mas a que me chamou mais atenção foi a contada por essa aluna, demonstrando que, através do VIVE, veio a perceber que deveria mudar sua postura, demonstrando, portanto, o real valor que esse Programa tem para as pessoas que participam. Dando continuidade às ‘histórias de vida’, em que por solicitação dos alunos, que sugeriram continuar com essa dinâmica, pois ainda tinham muito para contar. Resolvi dar prosseguimento com suas ‘histórias’ relacionados aos Valores Humanos, que apresento a seguir o 4º Encontro com os jovens alunos da EEMWR.

Narrativa dialógica: histórias de vida e leitura do mundo

Esse encontro foi realizado em novembro de 2012, momento solicitado pelos alunos coordenadores do VIVE, que gostariam de dar prosseguimento as ‘histórias de vida’. O primeiro comentário foi de que estavam com saudades e que precisavam que a escola realizasse mais encontros como esses, a fim de que pudessem expressar seus sentimentos e mostrar as contribuições desse Programa para a melhoria das suas vidas.

Iniciando o presente encontro, utilizei a dinâmica da Caixa de Presente (ANEXO M) para a parte introdutória, em que coloquei os alunos em círculo ao som de uma música, passando uma caixa de chocolate enrolada com várias mensagens. De início, o ‘presente’ circulava e quando parava, o aluno sorteado lia a seguinte mensagem: “Você tem muita sorte, foi o sorteado com este presente. Ele simboliza a compreensão, a confraternização e a amizade do grupo. Mas o presente não será seu, observe os amigos em torno e aquele que considerar mais organizado será o (a) ganhador (a) dele.”

Em seguida, a cada mensagem lida, os alunos entregavam o ‘presente’ ao colega que apresentava um determinado ‘comportamento’ ou ‘atitudes cotidianas’ compatíveis, conforme o atributo indicado na mensagem. O primeiro aluno que ‘ganhou’ o presente leu a frase em que falava sobre a ‘Felicidade’, que deveria ser entregue a um colega que

considerasse muito meiga. O próximo presente foi entregue a um colega que transmitisse ‘Paz’:

O mundo inteiro clama por paz e você gratuitamente, transmite esta tão grande riqueza, parabéns! Você está fazendo falta a grande potência do mundo, responsáveis por tantos conflitos entre a humanidade. Com muita paz, abra o presente e sirva a todos desejando muitas felicidades e sucesso para cada um dos amigos presentes. (Aluno pesquisado).

E, assim, com o engajamento de todos, num momento de diversão e descontração, essa dinâmica foi realizada com o objetivo de propiciar um maior engajamento dos alunos coordenadores do VIVE. Serviu para que verificasse o grau de contentamento que os alunos apresentaram com relação as mensagens apresentadas, pois realizaram uma reflexão sobre os Valores Humanos apresentados na mensagem a partir de cada ‘rodada’. E, no final, o aluno que ficou por último dividiu os chocolates, e refletiu que esse momento da ‘partilha’ tornava evidente o valor ‘Solidariedade’, e era o que todos deveriam ter em mente, para a construção de uma Cultura de Paz.

A partir da dinâmica apresentada, percebi que a escola tem um grande desafio a sua frente, que é o de favorecer momentos de integração com os jovens, recorrendo a atividades pedagógicas, que venham a lhes oferecer um ambiente favorável ao diálogo, com a prática de valores humanos, como Solidariedade, a fim de que se torne um espaço acolhedor.

No segundo momento, utilizei outra dinâmica de integração, denominada ‘Jogando com os balões’. Foram distribuídos 10 balões e, ao som de uma música, os alunos iam jogando os balões para cima, não permitindo que caíssem ao chão e, também, não impedisse que o colega ‘dançasse’, e não desse continuidade ao objetivo, de dançar e sem derrubar os balões.

Quando parou a música, todos sentaram e deu-se início a uma reflexão: - qual a sensação de ‘cuidar’ para que o balão não caísse? Qual o valor humano que você atribui para vivenciar esse momento? Apesar de o objetivo da dinâmica não ser somente descontrair os participantes, também havia o intuito de refletir a prática do ‘cuidar’ do ambiente escolar e do outro. Fiz uma relação com os Valores Humanos escolhidos como: Paz, Respeito, Cooperação, Liberdade, Felicidade, Honestidade, Humildade, Amor, Responsabilidade, Simplicidade, Tolerância e União, frente a essa ação do ‘cuidar’ de si e do próximo.

De início as falas demonstraram uma preocupação, somente, com não deixar cair o balão: “adorei a dinâmica, me diverti ‘pra caramba’, e senti que o grupo se preocupava em não deixar o balão cair.” Porém, na medida em que iam se aprofundando, outros relatos foram

sendo apresentados e outras questões surgiram: “Isso significa que não podemos deixar cair por terra os nossos sonhos e os nossos ideais.” Indagado também sobre o fato de como essa dinâmica tinha relação com o VIVE, alguns se manifestaram: “a partir do momento que respeito o espaço do outro, ou não o prejudico, machucando-o, tenho como foco os valores: Amor, Cooperação e Responsabilidade.” Isso mostra, portanto, como os alunos estão interagindo com o Programa VIVE, sempre o relacionando à prática do cotidiano.

Em seguida, formei três grupos com cinco integrantes, que deveriam escolher um relator e um coordenador, que iriam escrever, com base nos Valores Humanos do VIVE, uma ‘história de vida’, ou seja, um acontecimento real ou fictício, que o marcou e trouxe ensinamentos para a sua vida. Posteriormente, foram escolhidas algumas histórias das quais, após serem contadas, foram tiradas lições. Seguem os relatos das ‘Histórias de vida’, em que os alunos expressaram seus sentimentos através dos Valores Humanos selecionados por eles:

1) Tolerância na perspectiva de aceitação do diferente

Era uma vez uma bela família que tinha tudo pra dar certo. Mas não estava dando por falta de tolerância por uma das filhas que era muito rebelde e o pai era intolerante e não aceitava as decisões da filha. Ela gosta de rock, vampiros, cor preta e o pai não queria aquilo para a vida dela. Dizia que era ‘coisa do demônio’ e ela não podia ser daquele grupo.

Foi quando, em uma briga, o pai da garota disse tudo o que não devia e a garota fugiu de casa, se envolvendo com drogas e roubos. O inferno está feito. Foi quando o pai conversou com uma amiga que lhe ensinou que a vida sem tolerância não é vida.

Então o pai foi ao encontro da filha e lhe disse o que aprendeu e prometeu tolerar mais as atitudes dela e ela disse que também iria tolerar e eles viveram felizes para sempre.

A conclusão apresentada pelo aluno foi a de que devemos tolerar as pessoas para não machucarmos quem mais amamos. Segundo Freire (2004), a tolerância deve ser vivenciada como uma prática educativa, que permite aceitar o outro da forma como o seu ser expressa seus sentimentos e desejos. Nesse sentido, fica evidente como o Programa VIVE vem contribuindo para o aprofundamento dos Valores Humanos e a Cultura de Paz, pois se percebe uma mudança na postura dos alunos, a partir do momento em que vivenciam práticas educativas e buscam colocá-las no seu cotidiano. A seguir, apresento outro Valor Humano que trata do respeito e confiança que devemos ter em relação ao próximo, como forma positiva de ouvir o outro para entendê-lo, privilegiando, portanto, o respeito ao ‘diferente’.

2) Confiança e Respeito como possibilidades de encontro

Bom. Eu fazia parte de um círculo de amizade que era eu, meu namorado e a minha melhor amiga.

E pra mim, essas duas eram as pessoas mais confiantes, eram as melhores, eu me ceguei de um jeito que eu não conseguia mais confiar em ninguém só nessas duas pessoas.

Então com certo tempo eles começaram a me machucar e machucaram muito me decepcionaram, acabaram com a confiança que eu dei a cada um.

Foi algo que me doeu muito. Doeu demais e eu me tornei uma pessoa fria, calculista e que não conseguia confiar mais em ninguém.

Foi então que duas pessoas me ajudaram a levantar, ajudaram também a juntar cada pedaço do meu coração. E hoje sou essa pessoa simples, porém feliz, mais que todos gostam.

A conclusão apresentada pela aluna que apresentou essa história foi que, “nem sempre as pessoas são como a gente enxerga, e que nunca se pode confiar em uma pessoa sem conhecê-la bem. Eu aprendi muito com meu erro.” Porém, ao colocarmos o problema para o grupo, muitas opiniões foram emitidas, como por exemplo: “não podemos deixar de acreditar no próximo, apesar de tudo, devemos acreditar no Amor.”

Conforme Buber (2001), não há pedagogia sem predisposição para se educar por meio do amor. Para ele, a formação do caráter é o objetivo da educação; a função educadora é a formação desse caráter e o sentido da educação é contribuir para a edificação da vida em uma nova comunidade. Nessa visão, o professor assume um lugar significativamente importante: como influenciador, com sua palavra e com suas ações genuinamente dialógicas, a formação do caráter irá constituir a nova comunidade, cuja finalidade é a verdadeira Vida, a qual representa a maneira pela qual os homens poderão constituir a legítima relação inter-humana isenta de quaisquer interesses que não sejam uma vida vivida comunitariamente, o que é bem diferente do que é experimentado pelos homens na sociedade moderna.

Nesse encontro, os Valores Humanos trabalhados trouxeram uma profunda reflexão sobre a forma como cada um enfrenta sua história de vida, por meio do respeito e da tolerância. A imagem 26 mostra o momento em que as alunas escreviam suas histórias de vida.

Imagem 26 – Alunos no momento da escrita das histórias de vida



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2012).

Nas experiências vivenciadas, houve interação e, mesmo os que, de início, não se sentiram bem, foram se adaptando à situação. Os presentes assumiram lições verdadeiras na caminhada de respeito ao outro e da tolerância presente no cotidiano. Apesar das dificuldades encontradas no caminho, para que possam aceitar o outro com suas limitações, conforme explanou um aluno presente ao encontro: “devemos aceitar o outro como ele é; ser diferente não é ser inferior.”

Para Maturama (2001), é importante que a escola tenha também como foco a “disseminação do amor, que é um sentimento constitutivo do domínio da conduta, que aceita o outro, o diferente de nós, como forma legítima na convivência.” Assim, outros Valores Humanos aparecerão como forma legítima de consolidar uma Cultura de Paz. Vivenciar no cotidiano escolar esses valores, sejam de forma interdisciplinar ou através das ações em projetos que a escola esteja desenvolvendo, torna-se fundamental para contribuir para a construção de um novo mundo. Na próxima atividade, apresento o 2º Seminário realizado com os professores, momento de grande significado para a percepção da importância dos Valores Humanos no ambiente escolar.

Cultura de Paz, escola e Valores Humanos: resultados da pesquisa

Em fevereiro de 2014, retornei à EEMWR, para participar da Semana Pedagógica e apresentar o ‘SEMINÁRIO CULTURA DE PAZ, ESCOLA, VALORES HUMANOS E JOVENS’, no qual apresentei, aos professores, os resultados da minha pesquisa, da qual eles

também foram parte integrante e têm interesse em dar continuidade ao trabalho iniciado. Achei importante esse retorno que se configurou como uma ‘prestação de contas’ aos professores e demais membros inseridos na EEMWR, que me cederam seu espaço de trabalho e muito ajudaram nos momentos de encontro, no desenrolar da pesquisa. Assim, a apresentação teve como objetivos: dialogar com a comunidade escolar sobre a temática em estudo, com foco na participação, nos Valores Humanos e nos jovens da escola, refletindo sobre as percepções da comunidade escolar, a partir da abordagem envolvendo as temáticas mencionadas e, sistematizando a memória do Seminário.

O Seminário teve início às 14h com a abertura realizada pelo diretor José Edinor dos Santos, que falou sobre a importância desse momento para a escola. Posteriormente, dei início à minha explanação, falando dos objetivos e resultados da pesquisa. Explanei o trabalho em três momentos: no primeiro, apresentei os resultados da pesquisa; no segundo momento, fiz um debate envolvendo o corpo docente e o núcleo gestor sobre os resultados da pesquisa e, no terceiro, coloquei duas questões a serem respondidas pelos participantes do seminário.

Sublinhei o tema da pesquisa ‘Jovens e escola convivência e construção da Cultura de Paz e Valores Humanos’. Em outro momento, questioneei: - o que representa o VIVE na escola? Como os valores foram trabalhados no decorrer do VIVE?

Agradei a todos os que participaram dos encontros, aos professores, especialmente à Profa. Nazaré, coordenadora do VIVE na EEMWR, que contribuiu de forma ética com o desenvolvimento do trabalho. Aos funcionários, que me receberam com carinho, desde o portão, às merendeiras, ao pessoal da secretaria, do Centro de Mídias e dos serviços gerais. Aos pais, que saíram de suas atividades para me atender. Também deixei explícita a gratidão aos alunos que sempre me acolheram bem e nunca se negaram a participar das diversas etapas deste estudo.

Expliquei a todos que o meu trabalho é bem mais do que um trabalho científico, ele apresenta o testemunho vivo de que outro mundo mais humano e mais pacífico, que pode ser construído na escola. Incluir os Valores Humanos no ambiente escolar, principalmente, na prática docente e discente, é fundamental para uma melhor qualidade de vida e dos relacionamentos humanos de toda a comunidade escolar, sendo que essa iniciativa do desenvolvimento de uma educação em Valores Humanos é importante para a disseminação da Cultura de Paz, que precisa ser fortalecida como política permanente nas escolas públicas.

A educação baseada em valores é uma forma efetiva de introduzir nas escolas os Valores Humanos que devem ser trabalhados sistematicamente, seja na sala de aula, seja nos momentos de lazer, como o recreio e as atividades pedagógicas. Assim, a escola tem o desafio

de ser instrumento de disseminação desses valores, numa ação conjunta com todos os que fazem parte da comunidade, possibilitando que o aluno enfrente os desafios do cotidiano de forma saudável.

Nesse sentido, os Valores Humanos do Programa VIVE, que estão desenvolvidos na EEMWR, a partir da adesão da 9ª CREDE e inspirada na metodologia dos Círculos de Cultura de Freire, foram: Paz, Respeito, Cooperação, Liberdade, Felicidade, Honestidade, Humildade, Amor, Responsabilidade, Simplicidade, Tolerância e União.

Esse momento foi sendo construído a partir das vivências baseadas nos valores como o amor, a paz, a simplicidade, a generosidade, que iam sendo visualizados nos desenhos e nas frases, histórias de vida e narrativas. Deixei claro, na exposição, que utilizei, teoricamente, vários autores. Uns que tratam da Cultura de Paz, dos Valores Humanos e outros que abordam a temática dos jovens. Enfatizei que os alunos precisam encontrar, no ambiente escolar, o diálogo e a receptividade. É preciso, portanto, aceitar as diferenças e limitações mostrando que todos são capazes de contribuir com a construção de uma sociedade mais justa e humana.

Ressaltei que os jovens, no ambiente escolar, têm a possibilidade de construir e de serem interlocutores ativos. A escola tem uma importância primordial na participação da família e deve possibilitar o diálogo que é o elo que promove a integração, precisando enfrentar e vencer novos desafios, a fim de desenvolver uma prática que vai além da transmissão do conhecimento. É necessário, portanto que ela continue sendo um espaço para o educando, que entenda a construção do seu ser, a realização das suas próprias realidades e, para isso, conforme Paulo Freire (1997), o diálogo é essencial para a comunicação entre seres humanos.

A escola deve possibilitar a presença da família, no momento em que a convida para se envolver nas decisões, como espaço participativo, sendo essa uma conquista permanente e não, uma imposição. Diante disso, ressaltai a importância dos Valores Humanos e analisei, junto com os participantes, que estamos vivendo uma crise de inversão de valores e que a escola tem um grande desafio, o de ser um espaço que favoreça, por meio de ações educativas, a prática de Valores Humanos.

Ressaltei que a escola realiza vários projetos os quais, com certeza, contribuem para a implementação da Cultura de Paz. O aluno sai da escola favorecido com essa cultura e chega na sociedade ou na família incorporando os valores que estão sendo trabalhados, para que possa realmente ser um cidadão. A Cultura de Paz consiste em repudiar todas as formas de violência, principalmente, as do cotidiano em que vivemos, promovendo os princípios da

liberdade, justiça, solidariedade, tolerância, aceitando, sobretudo, o diferente. É isso, portanto, o que temos que passar para os jovens, para que se tornem realmente cidadãos.

Esclareci, ainda, que essa experiência dos Valores Humanos deve ser ampliada para que o diálogo aconteça na família e na comunidade. A escola tem, portanto, um papel preponderante nesse aspecto, e o VIVE traduz um novo ideal de existência, fazendo acreditar que esse objetivo será atingido a partir do engajamento da escola e da família (CEARÁ, 2011).

Entendo que é difícil trazer todos os pais para participarem das ações da escola, mas a escola deve buscar mecanismos para que se reverta essa situação. Os pais que entrevistei, por exemplo, referiram que apoiam a escola em todas as iniciativas e, até, têm boa vontade em participar, mas suas atividades diárias, como o trabalho, impedem que essa participação seja efetiva.

Encerrei, então, essa primeira parte da minha apresentação, perguntando se ficou alguma dúvida em relação à pesquisa e aos procedimentos metodológicos. Apresentei alguns questionamentos: - por que foi dessa forma e não de outra? Gostariam de fazer algum tipo de pergunta, o que não ficou claro, por exemplo: o que é um Círculo de Cultura? O que significa trabalhar inspirado nessa metodologia implantada na década de 1960 por Paulo Freire? O que é uma pesquisa participante e um Grupo Focal? Por que fiz opção em trabalhar com essa metodologia?

Diante dessas interrogações, alguns professores e membros do núcleo gestor colocaram suas opiniões, como a Professora Nazaré:

Acho que mais do que ninguém os ‘professores diretores de turmas’ podem testemunhar sobre questões relativas ao VIVE, sendo que os alunos foram os verdadeiros protagonistas dessa ação, e estão no cotidiano e foram eles que desenvolveram essa ação em sala de aula. Apesar de que o grupo foi a cada ano se tornando diferente, mas os que ficavam iam repassando aos que vinham chegando. Tivemos problemas com a greve dos professores e com a greve dos topiqueiros, pois vocês sabem que nossos alunos são de distritos e dependem do transporte escolar. Mas quando era possível a participação eles, sempre davam um jeitinho e se deslocavam até a escola. (NAZARÉ).

Por essa fala é possível perceber que os professores da EEMWR conseguem estabelecer o vínculo entre o VIVE e as dificuldades enfrentadas que, muitas vezes, não dependem da escola, como a greve dos motoristas e dos professores. A greve, de ambos os lados, limitou o trabalho desenvolvido no VIVE e, nem por isso, ele foi um fracasso, mas ao contrário, o depoimento do diretor ressalta que:

Concordo que em 2013 pouco foi feito no VIVE. Vejo que não foi má vontade nossa. Tivemos dificuldades. Temos que retornar, pois foi bom para o aluno, o quanto ele se motiva, o quanto ele se esclarece, o quanto ele muda de postura, muda de visão. (NAZARÉ).

Em outras palavras, o VIVE parece ter adentrado o campo cultural escolar, a despeito das dificuldades. Uma professora complementou a fala do diretor, corroborando seu pensamento, e acrescentou:

Nós temos um aluno que participa e escreve cada peça teatral. Fico “besta” da inteligência dele e tudo voltado para a cultura da paz. Todos os temas são voltados para que permitam que as pessoas reflitam e possam meditar. Até as danças que ele organiza, não só ele, mas outros alunos. Podemos perceber a mudança de comportamento dentro da escola e na sala de aula, pois acaba influenciando nesse aspecto. (PROFESSORA 1).

É interessante observar a fala da referida professora, pois aqui, temos um exemplo concreto de como o VIVE influenciou o comportamento do aluno. Na visão do professor Wesley Dantas:

Acho que devemos continuar firmes e fortes com o VIVE, porque estamos precisando desenvolver ações visando os Valores Humanos, porque está muito difícil esta questão da cultura da violência, que já chegou em nossa cidade. Então precisamos trabalhar com quem está próximo, que são os alunos, e acreditamos que através do dialogo, na conversa e nos momentos de encontros isso pode ser muito proveitoso, como também em sala de aula. (WESLEY DANTAS).

Fiquei bastante gratificada com este depoimento, pois mostra um tácito reconhecimento da necessidade de continuidade do VIVE na escola. Mais uma vez, o diretor, concordou com o professor e referendou:

Sempre estamos comentando de tirar um momento de reflexão, seja um pequeno texto e mesmo que seja aula de matemática o que custa falar: Gente! Vou fazer a leitura desse texto, que só vai levar 5 minutos. Tenho certeza que vai melhorar e muito as aulas. Então quero parabenizar a escola que implantou o VIVE, pois está mudando realmente a cabeça de alguns alunos. (WESLEY DANTAS).

Neste sentido, o papel dos professores para o desenvolvimento do VIVE é de fundamental importância, pois com o envolvimento de todos e a vontade de viver um momento diferente em sala de aula, introduzindo os Valores Humanos, não somente em atividades culturais, mas sobretudo, como ação curricular que, além de enriquecer as aulas,

trará mudanças positivas no comportamento dos alunos, na mediação dos conflitos e na harmonização do ambiente escolar.

Dessa forma, foi relevante e enriquecedor esse momento, pois os professores concordavam, entre si, e conseguiram perceber a necessidade e a importância do Programa VIVE, como foi retratado pela fala da professora Luzinete Rodrigues, que enfatizou:

Em princípio, tínhamos um aluno que a mãe prometia prêmio a ele, pois tinha um comportamento diferente, só se vestia de preto. Depois do VIVE, ela falou que ele chegava em casa comentando o que tinha feito na escola e como tinha sido. E, a partir dessas reflexões já estava mudando a cor das roupas. Isso é muito interessante, pois desde o início do VIVE, percebemos uma mudança incrível na postura dos alunos. Isso também é notado pelos os professores diretores de turma, que utilizam as dinâmicas do VIVE para suas ações, pois a sistemática é muito interessante para ser trabalhada. (LUZINETE).

Percebe-se, nesse contexto, que a escola vem buscando caminhos para que essa ação se efetive, contando, além do VIVE, com o envolvimento da família e o incentivo a todos os professores, para que se engajem nessa ação, possibilitando, assim, uma melhoria na aprendizagem escolar, pois um ambiente saudável pode vir a proporcionar uma motivação para aprender.

A professora Marinalva Silva destacou que, antes da implantação do VIVE as agressões aconteciam de forma sistemática. A partir do momento que a ‘semente foi plantada’, nota-se uma diferença na postura dos alunos e dos professores. O que se almeja é que essa diferença também aconteça em toda a comunidade (BUBER, 2001; CEARÁ, 2011).

É verdade que, nos depoimentos, os professores falavam da importância da interdisciplinaridade e dos Valores Humanos que eram trabalhados em sala de aula, pois quando se referiam a um valor, como por exemplo, o Amor, eles tinham um mês para trabalhar essa temática. Assim, o professor Cláudio Nelson, referendou que as dinâmicas do VIVE vêm repercutindo de forma positiva em sala de aula, trazendo muitos benefícios aos alunos. Admite que a participação da família ‘é um nó’ difícil de ser desatado, mas já percebe um crescimento, ainda que tímido, na presença dos pais.

Para o referido professor, está havendo uma maior preocupação dos pais em relação à vida escolar dos filhos, não somente no momento da assinatura do boletim. Nota-se que a presença nas reuniões de pais vem aumentando consideravelmente, sendo bem maior que os anos anteriores, o que se considera como fruto de um trabalho conjunto, de todos da equipe, e dos projetos que vêm dando suporte pedagógico, em especial o VIVE. A tendência,

portanto, é melhorar ainda mais, daí a importância da participação da família e dos professores nas atividades pedagógicas da escola. Para Matos, Castro e Matos (2012, p. 58):

O trabalho com os valores humanos na educação é relevante, pois por meio dele trazemos ensinamentos voltados para uma ação significativa para que possamos atuar positivamente diante da realidade que nos cerca. Carrega, portanto, uma proposta diferenciada por despertar na sociedade aspectos voltados para como vivemos, se nossas relações são saudáveis, se nos colocamos diante da situação vivida pelo outro independentemente de credo e etnia, e se nossas ações estão voltadas para potencializar o melhor que existe em nós.

Esse desafio, segundo a professora Ana Paula, atual coordenadora do VIVE, se fortalecerá a partir da participação da família que, muitas vezes, é ausente: “é importante que todos se engajem na proposta do VIVE, a fim de facilitar uma melhor absorção do Programa, suas sugestões de trabalho e as dinâmicas apresentadas.”

Após essas falas, passei ao terceiro momento do seminário: coletar a opinião, por escrito dos participantes sobre o VIVE. Assim, pedi que se reunissem em dupla ou individualmente. Entreguei uma folha em branco e solicitei que, diante da realidade que acontece dentro e fora da escola, buscassem refletir sobre duas questões:

1. O que a escola tem feito para minimizar as consequências negativas nas relações entre os envolvidos na EEMWR e na comunidade em que se insere?
2. Como pensar formas de construção da Cultura de Paz e dos Valores Humanos envolvendo a comunidade escolar?

As respostas dos professores da EEMWR a essas indagações são transcritas e interpretadas a seguir.

A escola está procurando envolver os pais, através de reuniões, encontros com os professores diretores de turmas, procurando desenvolver projetos visando a uma melhor convivência dentro do ambiente escolar, desenvolvendo o diálogo entre os alunos, buscando assim minimizar as ações negativas. Apesar da família ainda não está na escola como se gostaria, mas vem melhorando.

Nossa escola vem desenvolvendo projetos e ações que estão promovendo Cultura de Paz e os Valores Humanos, como o respeito mútuo, efetivando a interatividade entre os professores e família. Vem traçando um diagnóstico da vida do aluno e sua estrutura familiar, e cuidando da saúde dos educandos, para que tenham uma melhor qualidade de vida. Vem adotando o diálogo, mostrando que este é o primeiro passo para desenvolver uma sociedade em que prevaleça o respeito ao próximo. (PROFESSOR 1).

Para os professores, a escola tem intensificado as atividades pedagógicas, buscando estabelecer uma relação entre os alunos e seu cotidiano, para que possam conhecer seus problemas e saber o que fazer para solucioná-los e quais as estratégias que devem desenvolver para mudar sua postura e sua vida. Assim, por meio de projetos que estão estimulando os alunos a se envolverem, trazendo e levando conhecimentos do dia a dia, os alunos conhecerão o verdadeiro sentido da Cultura de Paz. Ainda em relação às questões apresentadas, outros professores se manifestaram.

Sobre a questão 1 um professor falou:

A escola trabalha os Valores Humanos, na parte de conscientização dos educandos, buscando melhorar o comportamento e o desenvolvimento de cada um. Desenvolve projetos e qualifica os docentes para trabalhá-los dentro da instituição, focando e priorizando a família do educando, e vinculando os Valores Humanos. (PROFESSOR 2).

Outro educador argumentou sobre a questão 2, da seguinte forma:

A escola tem mostrado sua preocupação com a realidade da escola, trabalhando valores através de projetos e programas, valorizando o aluno e conduzindo uma reflexão sobre seu modo de pensar e agir. A escola oferta recursos variados para que o conteúdo seja abordado e aceito por todos, melhorando, assim, a própria vida das pessoas. (PROFESSOR 3).

Entende-se que a escola vem trabalhando o VIVE de forma articulada com os demais projetos, e com as disciplinas do Mapa Curricular, permeando os conteúdos de forma transversal, priorizando, sobretudo, o diálogo na resolução de conflitos, que são inevitáveis nas relações humanas, em comum acordo com os Valores Humanos trabalhados mensalmente para a construção de uma Cultura de Paz. Assim, a comunidade escolar vem realizando um trabalho extremamente positivo com os alunos, através de temas como: amor, felicidade, perdão, humildade e outros, tornando esses momentos de real valor para o desenvolvimento afetivo dos jovens.

Pelas respostas às questões elencadas neste tópico, percebe-se a preocupação dos professores e gestores com o desenvolvimento dos diversos projetos que, em conjunto, têm incentivado os estudantes e as famílias a procurarem manter uma atmosfera pacífica na escola, a partir da criação de hábito de diálogo e da resolução de conflitos, por meio de soluções apresentadas pelos próprios envolvidos, que são os principais interessados em resolver o problema da violência.

Nessa perspectiva, os alunos e suas famílias devem ser ouvidos sobre os meios e as formas de resolver os problemas surgidos no cotidiano escolar, de forma a estabelecer o respeito e a cordialidade entre eles, minimizando, assim, os atos de violência. Quero destacar aqui, um relato muito interessante que ocorreu em um dos encontros com os alunos: “uma menina que não conseguia perdoar o pai. Ela disse, nesse dia, chorando bastante, que com a disseminação desse projeto através dos temas ‘Amor’ e ‘Perdão’, ela chegou em casa deu um abraço no pai e disse: “pai, eu te perdô”. Não se sabe o porquê, pois ela não quis relatar. Nesse momento, todos os presentes se emocionaram e percebi o quanto é importante reforçar os Valores Humanos, dedicando, pelo menos, meia hora do seu tempo para trabalhá-los em sala de aula, e isso pode interferir na vida fora da escola.

Para os participantes deste Seminário, os projetos desenvolvidos na escola têm sido instrumentos de mediação de conflitos na comunidade escolar. Nesse caso, os protagonistas são alunos, professores, direção, funcionários em geral e pais, sendo a participação destes, ainda tímida. Assim, as diversas atividades, de modo especial o VIVE, têm colaborado com a construção da Cultura de Paz e Valores Humanos, pela via do estímulo ao diálogo e ao respeito entre os alunos, e entre estes e os professores e colaboradores da escola, disponibilizando meios viáveis para que se realize a mediação de conflitos como um suplemento da prática pedagógica e institucional, superando as medidas punitivas, tradicionalmente utilizadas no contexto escolar, como advertências e expulsões, realizadas pelo corpo docente e gestores. As novas formas de agir podem proporcionar maior interesse e participação aos estudantes para, juntos, encontrarem alternativas de erradicar ou diminuir o índice de violência.

Ferreira (2002, p. 15), indica que:

É pelo diálogo que os homens, nas condições de indivíduos cidadãos, constroem a inteligibilidade das relações sociais. Trata-se, pois, de eliminar tudo aquilo que possa prejudicar a comunicação entre as pessoas, pois só através dela se pode chegar a um mínimo de consenso. [...] a cidadania aparece como o resultado da comunicação intersubjetiva, através da qual indivíduos livres concordam em construir e viver numa sociedade melhor.

A formação para a cidadania é compromisso de todos os engajados no trabalho escolar e, nesse processo, é importante incentivar o respeito e a aceitação incondicional ao outro, o que o VIVE tem incentivado e apontado como fundamental para o estabelecimento da paz no ambiente escolar e na sociedade em geral, em busca de fortalecer a prática dos Valores Humanos.

Percebi, portanto, que as ações realizadas na EEMWR, com o desenvolvimento dos diversos projetos acolhidos, valorizam hábitos de diálogo e o respeito mútuo e trabalham na perspectiva da mediação de conflitos, fazendo os alunos entenderem que o ambiente escolar é composto por vários elementos que procuram atender aos anseios dos educandos, vendo a escola como local de prazer e, não apenas, de construção de conhecimentos. Assim, na opinião dos professores que participaram do seminário voltado à Cultura de Paz, os projetos desenvolvidos na escola, em especial o VIVE, adotam atividades que contemplam os ideais da proposta de busca da implementação de uma Cultura de Paz, recorrendo ao diálogo e ao respeito mútuo.

Em relação à questão 2: Como pensar formas de construção da Cultura de Paz e dos Valores Humanos envolvendo a comunidade escolar, os professores responderam que o primeiro passo é desenvolver projetos e eventos que possibilitem a participação dos pais e, a partir daí, envolvê-los em ações que venham fortalecer a Cultura de Paz.

Faz-se necessário o engajamento de todos, buscando o mesmo foco, dentro e fora da escola, trazendo a família para escola, facilitando o convívio entre as partes e, conseqüentemente, na sociedade, de modo geral. Outra ação importante que os professores colocaram, é que a escola deveria conhecer mais a história do dia a dia do aluno, mostrando que todos são capazes de contribuir para uma sociedade menos violenta e procurando minimizar os conflitos sociais por meio do diálogo.

É difícil trazer a comunidade para dentro da escola, mas não é impossível. Isso pôde ser provado nas apresentações culturais, cujos temas se relacionavam à Cultura de Paz e nas palestras que enfatizaram os Valores Humanos, com textos dinâmicos estudados a cada mês, que foram uma forma eficaz no sentido de levar muitos alunos a mudar suas posturas negativas, tornado-se melhores. Relata um professor:

Atualmente, já temos mais a participação dos pais, até mesmo porque a escola, quando os convida, não é para apontar erros de seus filhos, mas para refletir, junto com eles, sobre os meios de melhorar o desenvolvimento dos seus filhos.

Trabalhar incansavelmente com os alunos a autoestima, a motivação, o respeito às diferenças, e isso o VIVE vem contribuindo para isso. (PROFESSOR 1).

Nas respostas a essa segunda indagação, os professores ressaltaram a importância do envolvimento da família no processo educativo, como amigos e colaboradores das ações voltadas à implementação da Cultura de Paz e dos Valores Humanos. Esse envolvimento dos pais no contexto da escola é respaldado por leis que legitimam e garantem o direito da família

de poder acompanhar o processo de aprendizagem de seus filhos, colaborando com a escola de forma ativa e participativa. Assim, a LDB nº 9.394/96 e o ECA (Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990) validam a importância e a necessidade do acompanhamento da família ao processo pedagógico, participando da definição das prioridades e colaborando na elaboração das propostas educacionais (BRASIL, 1990, p. 30, Artigo nº 53). Entretanto, apesar desse respaldo legal e do estímulo da escola, a participação dos pais ainda deixa a desejar, devido principalmente ao deslocamento da sua residência para a escola, por morarem em distritos vizinhos à sede do município.

Na opinião dos professores presentes ao seminário, a família é um agente potencializador do desempenho de seus filhos, pois estes se sentirão valorizados, enquanto os pais mostram-lhes a importância da escola para a sua formação social, intelectual e cultural. Inúmeras pesquisas têm demonstrado a influência positiva da presença dos pais na escola para a formação para a cidadania e para o progresso da escolarização (NOGUEIRA, 2006).

Diante desses argumentos, parece, cada vez mais evidente, que família e escola não podem viver separadas. Assim, essas duas instituições devem tentar superar as possíveis divergências e se unirem em benefício mútuo, pois uma depende da outra para alcançar seu objetivo comum, que é o de fazer com que o educando aprenda para ter um futuro melhor e poder ajudar na construção de uma sociedade mais justa, humana e pacífica (SUTTER, 2007).

Com essa união entre família e escola, todos ganham: pais, escola e principalmente os filhos. Entretanto, embora exista a tendência de uma maior participação dos pais no processo escolar, uma dificuldade é visualizada: a divergência ideológica que, muitas vezes, surge. Principalmente nas escolas públicas, pode-se observar que, enquanto a escola transmite conceitos e noções que ela acredita serem importantes e necessários para a vida futura do aluno, algumas famílias caminham na contramão dessa ideologia, por alimentarem valores culturais diferentes que passam a dificultar o processo educacional. Muitas vezes, o educando não cumpre as regras da escola porque os pais não as acatam e, dessa forma, a criança aproveita essas divergências para realizar somente o que deseja (SUTTER, 2007).

É preciso, portanto, que haja um diálogo aberto e franco entre pais e educadores para que se estabeleça a interação efetiva entre a família e a escola, favorecendo a ajuda mútua entre pais e comunidade escolar, em busca de uma educação pública de qualidade e, principalmente, para a implementação de uma Cultura de Paz e Valores Humanos, na escola, na família e na sociedade. O fortalecimento desse elo poderá render resultados que favorecerão toda a sociedade e podem mudar o destino do País e do mundo.

Pais e professores devem ser estimulados a discutirem e buscarem estratégias conjuntas e específicas ao seu papel, que resultem em novas opções e condições de ajuda mútua. A escola deve reconhecer a importância da colaboração dos pais na história e no projeto escolar dos alunos e auxiliar às famílias a exercerem o seu papel na educação, na evolução e no sucesso profissional dos filhos e, concomitantemente, na transformação da sociedade (POLONIA; DESSEN, 2005).

A necessidade de se estudar essa relação reside, portanto, no fato de que, atualmente, é imprescindível a parceria entre escola e família para o bom andamento e o sucesso do processo educativo. Nos dias atuais, essas duas instituições constituem os dois espaços principais de socialização das novas gerações e é com a ajuda delas que os jovens constroem sua identidade, formam seus valores e preparam-se para o exercício da cidadania e para a profissionalização (NOGUEIRA, CUNHA; VIANA, 2009).

Dessa forma, os professores mostraram que é preciso preparar essas duas instâncias para que colaborem na aprendizagem dos alunos, oferecendo-lhes conhecimentos e atitudes necessárias para atuar em sociedade, colaborando com a construção de uma Cultura de Paz e dos Valores Humanos.

Muitas vezes, as relações na escola são vulnerabilizadas em virtude da desestruturação familiar e do não acompanhamento da família em suas atividades diárias, fazendo com que os alunos não se sintam importantes. A Cultura de Paz é bem aceitável, por parte de alguns alunos, porém outros a rejeitam, mas com o tempo, penso que a escola deve assumir o papel de interagir, usando a criatividade para que todos participem e pratiquem esses valores. Interrogou-se, a alguns professores, se sentiram mudanças no comportamento do aluno para melhor, após a implantação do VIVE e alguns responderam da seguinte forma:

Sem dúvida melhorou, mas os jovens precisam constantemente serem questionados sobre esses valores, tendo em vista que eles mudam rapidamente de opinião.

Bastante, pois muitos deles não sabiam nem o que eram valores. Hoje eles permitem certa aproximação e ajuda dos professores. São mais sensíveis às opiniões e sugestões de mudança de atitude, no que se refere à disciplina na sala de aula.

De certa forma sim, pois muitos desses valores são trabalhados na escola, e o VIVE intensificou tais ações.

Sempre fica algo de positivo em um trabalho fundamentado no comportamento humano. Em alguns alunos são perceptíveis as mudanças, mas para outro o processo é lento, porém não podemos desistir, pois o resultado é em longo prazo. (PROFESSOR 2).

Desse modo, são perceptíveis os pontos positivos destacados pelos professores, a saber: 1) que os jovens precisam de acompanhamento constante; 2) que estava havendo uma maior aproximação entre professores e alunos após a implantação do VIVE; 3) que a disciplina ocorre de forma mais livre quando o aluno está consciente da necessidade dela; e, 4) o VIVE é importante porque modifica o comportamento do aluno, pois segundo Tillman (2004), as dinâmicas utilizadas no Programa impulsionam os alunos a revelarem suas qualidades positivas, imaginando relacionamentos respeitosos, no âmbito de uma sociedade mais justa, na qual também há o respeito pelo meio ambiente e vive-se de forma mais pacífica.

Diante disso, mais uma vez compreendo a necessidade de se implantar o VIVE na rede pública estadual, municipal e privada no Estado do Ceará, visto que, pela escola, a Cultura de Paz pode ser construída. No próximo item apresentarei a atividade realizada com os alunos coordenadores do VIVE, por meio do Grupo Focal.

5.4 O VIVE como perspectiva de uma Cultura de Paz na Escola Wladimir Roriz: benefícios para a escola e a vida dos alunos

Minha preocupação para realização do Grupo Focal era, sobretudo, para conhecer os benefícios que o Programa VIVE vinha trazendo para a escola, como forma de possibilitar a Cultura de Paz. Como mediadora do grupo, iniciei agradecendo a presença e a aquiescência dos alunos presentes, pois todas as vezes que os convido, prontamente vêm participar. Expliquei que íamos realizar um Grupo Focal, procurando definir claramente e apontando o objetivo de reunir informações sobre o objeto desta pesquisa, o VIVE, como mediação voltada à educação para a Paz e à construção da Cultura de Paz e dos Valores Humanos, bem como de revelar suas percepções sobre essas questões.

Apontei, portanto, o meu foco particular, o VIVE e mostrei que, na presente conversa, desejava esclarecer algumas questões que ficaram pendentes:

- a) Em todos os encontros, pesquisas e vivências que aconteceram nesta escola, na qual passei dois anos, procurei saber se o VIVE trouxe benefícios para a escola e para a vida dos alunos. Assim, desejo saber: - o que essas vivências trouxeram para a melhoria do relacionamento de vocês, tanto na escola como fora dela?

- b) Na outra indagação procuro saber se o VIVE contribuiu para que, na escola e fora dela, acontecesse a Cultura de Paz. Diante da realidade que vem acontecendo fora e dentro da escola é importante, nesse grupo, encontrar formas de vivenciar momentos de reflexão sobre os problemas que surgem no cotidiano. – O que a escola tem feito para minimizar as consequências negativas que interferem no dia a dia da escola? - O VIVE beneficiou nesse processo?

Após esses esclarecimentos iniciais, procurei estabelecer um diálogo com os estudantes, para elucidar esses assuntos que ainda estavam pouco esclarecidos. Tranquelizei-os, dizendo que devíamos nos portar como se estivéssemos conversando numa praça, trocando ideias. Passo, então, a transcrever as opiniões dos estudantes que participaram desse Grupo Focal, iniciando com as palavras de Miracyr, que explicou:

Terminei em 2013 e lembro que, sem duvida nenhuma, meu dia a dia na escola melhorou bastante. Lembro que no primeiro semestre eu era a pessoa mais tímida, não tinha muito contato com as pessoas na sala. A partir do momento em que foi introduzido o VIVE, e comecei a participar, fui entendendo os colegas da sala, também fui compreendendo o sentido do Programa. Então houve a união e o meu contato com os outros já se tornou uma coisa maior. Por exemplo: estava até conversando com o Denir que não sei mais viver sem essa escola, porque os meus amigos e professores deixam uma saudade muito forte. Então acho que o VIVE trouxe um contato tão grande com outras pessoas que me marcou muito. (MIRACYR).

Interroguei, ao mesmo aluno, sobre a forma como percebe esse contato com os amigos e se os efeitos do VIVE ultrapassaram os muros da escola. A essa indagação, o aluno respondeu: ‘com certeza’. Eu lhe perguntei, ainda: mas em qual momento você percebeu isso fora da escola? Ao que ele me disse: “quando pude estabelecer um contato maior com outras pessoas, o que me marcou muito.”

Por essa fala é possível apreender que os alunos compreendem o VIVE de forma positiva. Da mesma forma, Joalice da Silva, assim se expressou:

Quando estou na escola, minha obrigação é aprender a partir dos ensinamentos dos professores. Quando saio da escola, se vejo um professor fora da escola ou algum aluno, então começa a conversa: Como é que está a disciplina? Pergunta se tenho alguma duvida, mesmo estando fora da escola vejo uma preocupação, não é uma coisa mais local daqui de dentro, já ultrapassou os muros da escola, já abrangeu, já é. (JOANICE).

Procurei saber, dos alunos, a quais valores ele atribui a ocorrência desse comportamento que vem acontecendo? Nas palavras de Marineide Alencar, isso decorre do

“amor e união, que geram a paz, a tolerância e o respeito.” Continuei indagando: o que esses valores representam na vida de vocês, aqui na escola, lá fora, na família? Perguntei também, como o amor, trabalhado na época, impactou a vida dos estudantes. Respondendo a essa indagação, Marinalva Furtado, assim se expressou:

Aconteceu no mês de maio uma homenagem às mães. Nessa festa foram trabalhados todos os tipos de amor, seja na família e na escola. Como diz na bíblia: “o amor comparado ao amor de Deus é o amor da mãe”, então a partir disso surgiu a temática. Percebi que nesses momentos ficamos com mais coragem de abraçar, de desejar feliz dia das mães. Após a apresentação, corri e abracei minha mãe, que de início ficou assustada com meu comportamento, pois era a primeira vez. Desse dia pra cá melhorou muito nosso relacionamento, pois agora tenho a coragem de chegar pra ela e dizer que tenho amor e carinho por ela. (MARINALVA).

Desse modo, é possível compreender o quanto o VIVE vem influenciando nas relações familiares. Pode-se observar que as vivências utilizadas estão trazendo efeitos positivos para a vida dos alunos, seja em sala de aula, ou com a família. Alguns alunos expressaram essa mudança da seguinte forma:

De todos os valores, o mais importante para mim é o Amor e a Tolerância, porque eu não tinha tolerância pra nada na minha vida. As pessoas tinham uma imagem diferente. Após o VIVE tudo mudou, as lições que temos tirado do Programa me levaram a ser uma pessoa diferente, paciente. Medito todos os dias, é sensacional, graças ao que eu vi no VIVE (CLAUDIONEI VIANA).

Muitas falas foram fortes e denotavam aspectos afetivos da vida desses alunos. Momentos existiram em que me comovi e percebi que a escola pode ser também um espaço de compreensão existencial para esses alunos, bastando, para isso, fortalecer o VIVE. Enfim, para Suiane Silva:

Todos os valores são importantes, mas a Solidariedade me marcou muito. Vou citar um fato que lembro: A escola no ano passado fez uma arrecadação em que todos os grupos arrecadassem alimentos não perecíveis pra doar para as pessoas necessitadas. Foi o que revolucionou a escola. Escolhemos uma funcionária da escola que estava doente. Toda escola colaborou comprando as cartelas do bingo, todos se engajaram. Acho que a nossa meta é continuar com essa ação. Esse ano devemos fazer melhor ainda, ano passado foi bom, mas esse ano temos que superar.

Sandrielle também se manifestou:

Achei essa ação interessante. Outro aspecto bom que vem acontecendo são as reuniões, por que antes era uma escola hoje é outra. Hoje todo mundo

trabalha junto e tem a questão de solidarizar com os outros, que é assim que outros valores surgem, como por exemplo, a união. Foi a aplicação desses outros valores em sala de aula que fez a escola ser mais unida.

Dando continuidade a essa mediação, passei a orientar o diálogo no sentido de verificar a questão da participação da comunidade escolar, buscando respostas para as seguintes perguntas: - vocês acham que todos se sentiram envolvidos com esse gesto de solidariedade e amor? - O que deve ser melhorado para realmente se viver os valores na escola? - E o respeito? - E a Cultura de Paz o que é? - Como transmitir a paz?

Kildarey procurou mostrar sua opinião sobre paz, da seguinte forma:

Paz então é como ouvi um palestrante dizer em uma das reuniões que assisti, e que eu achei sensacional, o que se sente quando se acatam os Valores Humanos. Por exemplo: hoje eu vivo muito bem em casa, mas antes não era assim, era uma 'zona'. Eu estou com um alívio a partir do momento em que eu estou bem. (KILDAREY).

Diante dessa explicação procurei saber: - então como você conseguiu vivenciar essa paz? “No caso, a ‘dona Dorinha’ foi o maior meio de cooperação. Nesse momento todos cooperaram, todos se ajudaram. Percebo, assim, que todos os outros valores possibilitaram que houvesse a paz naquele ambiente.”

Após essas respostas, procurei colocar uma situação na sala de aula, em relação à resolução dos conflitos, a partir do seguinte exemplo: - estou aqui e ali há um aluno que não quer me dar atenção, pois está inquieto com um problema. Ao invés de expulsá-lo ou ignorá-lo, tento conversar. Nesses casos, às vezes, entra a questão do conflito, quando eu perco a paciência com ele, ou ele comigo. Então temos que colocar em prática o diálogo; a partir do momento em que eu resolvo aquele conflito, consigo ficar em paz comigo mesmo e, conseqüentemente, com o outro. Para Jares (2002, p. 11):

Não há possibilidade de convivência sem diálogo. As pessoas crescem e se humanizam graças à linguagem e ao diálogo. Conviver uns com os outros é um contínuo exercício de diálogo. O diálogo também é um fator essencial para dar e melhorar a qualidade de vida das relações humanas.

Estar em paz é provar que, mesmo com o conflito, o diálogo vai surgindo e a verdade vai fluindo e a forma de como resolver os conflitos tem que ser diferente, com respeito, solidariedade, união e amor. Os conflitos vão continuar a existir, porém, a forma como se definem esses conflitos depende de cada um dos que estão envolvidos. A partir do

momento em que percebo que o conflito pode ser concertado e que a saída está em mim, tudo se restabelece.

Então, o diálogo é um dos fatores que promovem a paz. O diálogo é essencial, como disse Paulo Freire (2005a), para quem a prática dialógica deve existir na sala de aula, na escola e em casa. Tem que existir essa prática, não somente aceitar tudo ‘de mão beijada’, mas é através do diálogo que vamos conseguir chegar a uma Cultura de Paz.

Sobre isso, a aluna Anésia falou: “Tudo o que vamos fazer tem que ter ‘amor’. Se você vai pra escola com raiva vai ser seu pior dia. Tudo vai ser mais estressante, pois quando você vem com raiva tudo vira uma coisa só.”

Aproveitei essa fala para perguntar: - E em casa? O VIVE trouxe algum ensinamento para que melhorasse a relação em casa e com os amigos? A essa pergunta o aluno Gutiere respondeu:

No ano passado, eu não participava de nada aqui na escola, nunca fui me apresentar, nunca participava dos projetos. Mas, melhorou muito no começo das aulas, pois vinha pra escola e não conhecia ninguém ficava calado, então conheci os alunos do grupo, e fui sentido o amor entre nós e esse amor foi passando para os professores e para as pessoas de fora e de casa. Acho que o amor está acima de tudo e em todo lugar, na amizade, no amor aos amigos, a seu pai e sua mãe.

Para Jares (2002, p. 71): “A solidariedade também é uma qualidade que deve fazer parte de todo o processo educacional, não apenas para dotá-lo de melhor qualidade, mas também, para aumentar as possibilidades de realização e felicidade.” Dessa forma, percebe-se que o VIVE vem realizando momentos de felicidade entre os alunos, atendendo ao valor ‘solidariedade’.

Continuei o diálogo com os estudantes, lançando novas perguntas para ver até que ponto o conhecimento dos valores tem contribuído para a vivência da paz. - Aceitar a pessoa ‘diferente’ é uma forma de manifestação de amor ao próximo? - Quando convivemos ou estamos diante de uma pessoa diferente, nos sentimos incomodados? - Vocês percebem que todos os olhares se voltam para ela, por ser deficiente. - Você aceita aquela pessoa diferente do jeito que ela é? - Como o VIVE contribuiu para que vocês percebessem que aceitar o diferente é uma forma de amar e de ser solidário?

Dando continuidade à conversa com os alunos, procurei saber se os professores e gestores estavam contribuindo com o sucesso ou insucesso da escola: - então os professores e o diretor contribuem para o sucesso da escola e os aspectos negativos existem? Sobre isso o aluno Quevaldo respondeu:

O problema não está no diretor e nos professores, pois o grande problema dessa escola é a limitação de espaço. Principalmente quando temos que ensaiar uma peça ou fazer uma apresentação. Então surgem as dúvidas: Vamos ensaiar onde? Infelizmente não tem espaço, não tem um auditório, nem uma sala para nos concentrarmos. É o que vejo de negativo nessa escola.

Por essa fala, percebi que um dos limites do VIVE estava na questão da infraestrutura, do espaço físico, endossado pela aluna Sandrielle que concordou:

Por exemplo, vai acontecer uma palestra, então tem que ter um *data show*. Então, vai fazer aonde? No pátio não, porque é muito claro, então é colocado uma cortina enorme que fica mais ou menos escuro. Então vem o calor? Então a limitação na estrutura da escola é um dado negativo. (SANDRIELE).

Apesar de a escola ter uma infraestrutura adequada para os padrões básicos de uma escola de ensino médio, falta, no entanto, um Auditório ou espaço compatível para a realização de reuniões ou eventos de pequenas proporções.

Procurei conhecer os efeitos do VIVE sobre o comportamento dos estudantes, por isso, indaguei: - vocês acham que o comportamento de vocês melhorou, tanto aqui quanto fora da escola?

A essa pergunta, Peixoto respondeu: “- com certeza e ainda digo, mas é muito difícil [...]”. Diante dessa afirmação, indaguei: “- por que é difícil? Dê um exemplo:”

Porque muitos acham besteira estudar esses assuntos. Quando assistia o jogo na TV, via no campo ‘Cultura de Paz’ e não entendia, depois que começamos a estudar, vi que se pudermos viver com os Valores Humanos em nossas vidas, teremos sim a Cultura de Paz. Por exemplo, nos estádios, as brigas de torcidas mostram que se todos tivessem a oportunidade de estudar, pelo menos, o valor Tolerância, tenho certeza de que não ocorriam tantas brigas de torcedores. (PEIXOTO).

Com essas respostas dos alunos participantes deste Grupo Focal, expliquei que fiquei feliz porque senti que o trabalho mostrou que as boas práticas que a escola está trabalhando, com ações voltadas à paz e, no caso desta escola, com o VIVE e outros projetos, nós podemos conseguir introduzir a Cultura de Paz em nossas vidas. Com isso, Cândida concordou: “Verdade. Se numa escola os professores não trabalharem com esses projetos, só terá vez a violência, as brigas e os conflitos.” Procurei saber como os alunos acham que devem ser resolvidos esses conflitos. A essa pergunta, o Felizardo afirmou:

Acho que através desses projetos a gente pode despertar para vivermos em paz com a gente e com o outro. Acho que tem que existir o diálogo entre todos da escola e que o VIVE deve continuar trabalhando os Valores Humanos, com alunos e os professores, principalmente o valor “amor”, pois quando estudamos esse valor, percebi o que é amar de verdade, que não é aquele amor de homem e mulher, mas amor de irmãos. Como disse Jesus: Devemos Amar o próximo como se fosse nós mesmos. (FELIZARDO).

Em relação à aprendizagem na sala de aula, referente aos conteúdos das disciplinas, perguntei: - vocês acham que houve melhoria? E Janyere respondeu: - “Melhorou bastante. Sinto mais vontade de estudar, de vir para a escola.” Cassiane completou:

Antes, tinha vergonha de falar, de me envolver com os colegas. Vinha pra escola somente para marcar presença. Saia muito da sala pra beber água. Quando era chamado para falar na sala a vergonha era imensa, então o Lairton que já conhecia os projetos há muito tempo, me chamou para participar. De início fiquei com vergonha, mas depois foi passando. Dai teve a apresentação no pátio, então peguei o microfone e pronto, viramos amigos e agora não tenho mais vergonha de falar qualquer coisa. (CASSIANE).

Após a realização do Grupo Focal, os instantes seguintes foram muito emotivos, pois a despedida deixou claro que criamos vínculos pessoais onde quer que estejamos. Durante dois anos, eu e os alunos nos encontramos naquela escola, no espaço físico (que tem limites), mas possibilitou o trabalho realizado. Criei com eles laços de amizade. Eles me confiaram seus sentimentos mais íntimos. Não receio ao afirmar: foi um momento ímpar na minha vida. Aqueles alunos passaram a fazer parte da minha vida e eu, da deles. E aqui encerro esta parte do trabalho, apresentando a seguir as Considerações Finais, em que apresentarei os resultados da pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convoco os duendes da inquietação
e da alegria, urdindo um laborioso
rito circular, delicada teia iridescente
de que, relutante, a luz se vá
pouco a pouco enamorando.

Palavras não às profiro
sem que antes as tenha encantado
de vagarosa ternura; mal esboçados,
gestos ou afagos, apenas me afloram
a hesitante extremidade dos dedos
que, aquáticos e franzidos, estacam
no limiar surpreso do seu rosto.

Movimentos longos da tarde
e sussurros graves da noite
que tendessem para a imobilidade
e o silêncio, não seriam mais cautos
e aéreos. Quietas estátuas de cristal,
intensamente nos fitamos, enquanto
trêmula, lenta e comburente,
a luz mais pura nos atravessa.

(RUI KNOPFLI, 'O Corpo de Atena').

Laços e tessituras na construção da Cultura de Paz e dos Valores Humanos

Todo início de ciclo significa igualmente seu término. Em meu caso, isso é verdade. Entretanto, o palmilhar cada linha desse ciclo não leva a afirmar que ele foi um 'mar de rosas'. Nem poderia ter sido, visto que a vida humana não ocorre de forma linear, mas circular e mesmo em espiral. Nisso, as idas e vindas desse processo deixaram marcas indeléveis que a memória dará conta de deixar que viva como 'tatuagem' em meu ser. Uma tatuagem espiritual, sensitiva e subjetiva, pois isso é o que ficou após todo o percurso da pesquisa.

Não à toa, trouxe a epígrafe de autoria de Rui Knopli, que tem sentidos especiais e dizem respeito às considerações finais por ora tecidas. Quantos momentos de alegrias, de sorrisos, de partilha, de confiança mútua vivi na EEMWR, porém tantas vezes me angustiei com os sujeitos da pesquisa que buscam a construção de um mundo melhor, mais justo, mais humano só possível de ser reconstruído por meio da Cultura de Paz que, por sua vez, precisa ser vivenciada na educação escolar, como *locus* privilegiado de convivência humana.

O poema citado me levou-me a refletir sobre a possibilidade de uma pesquisa construída diante de intensos 'movimentos' reflexivos, de inquietações e de alegria, que propiciaram gestos e afagos, principalmente dos jovens alunos, considerados 'estátuas de

crystal', que me encantaram com sua extrema ternura, sendo de modo particular, os grandes responsáveis pelo resultado satisfatório deste trabalho.

Com este estudo fui, também, me fazendo e refazendo. A frase de Gaefke (2012) é importante para definir os diversos momentos desta pesquisa. Nesta parte, coloco como foi meu contato e envolvimento afetivo com os alunos que participaram do processo, assim como as interações com professores, famílias dos jovens envolvidos. Enfim, foi uma rara oportunidade para perceber, para além dos muros da escola, que as pessoas querem e desejam paz e isso é condição *sine qua non* para a construção de uma sociedade mais justa e humanizada.

Constatei que nas aulas e nos demais ambientes da escola, as relações se tornaram menos conflituosas e menos agressivas, a partir da implantação do Programa VIVE que, de modo geral, melhorou bastante a convivência na escola.⁵² Para contribuir com a construção da Cultura de Paz, os professores participam ativamente no VIVE, através da disseminação das suas ações, promovendo momentos de paz, e de situações concretas articuladas com outros projetos executados na escola.

Compartilham, nas reuniões de planejamento, informações e realizam rodas de conversas ressaltando a importância do VIVE para todos, inclusive para as famílias dos alunos. Percebi, como ponto central de conclusão dessa pesquisa, que: é importante ensinar, ajudar, aconselhar, respeitar e dar o bom exemplo. A escola deve e pode, portanto, promover momentos de reflexão, ouvir o aluno e oferecer um suporte e apoio para superar problemas pessoais que refletem no comportamento dos jovens. É preciso que a escola viva permanentemente a Cultura de Paz e ajude a esclarecer e a conscientizar os alunos, professores e demais agentes na perspectiva de viverem os Valores Humanos.

Como conclusão trago que:

1 – É preciso tratar o assunto em sala de aula e, também, assumir uma postura ética e voltada para a paz, pois não adianta somente falar que o professor pode contribuir para a educação para a paz. Primeiramente, através de suas ações realizadas como educador, como um exemplo vivo, tornando-se mais fácil apresentar a teoria já vivenciada na prática. Ensinar não o único valor da paz, mas todos os outros valores são essenciais à vida de um ser humano, influenciando os alunos a partir de convencimentos em diálogos.

2 - A coordenação pedagógica precisa se envolver fortemente com o tema, pois, apesar do processo de mudança ser em longo prazo, já se percebe uma melhor absorção dos

⁵²Avaliação dos professores do núcleo gestor.

valores que estão sendo trabalhados no VIVE e que a Cultura de Paz consiste em promover, entre as pessoas e como um todo, a harmonia, o equilíbrio e o espírito de solidariedade, para uma melhor qualidade de vida, sendo que os Valores Humanos trabalhados na escola são, principalmente: amor, paz, respeito, união, cooperação, solidariedade, responsabilidade.

3 – Percebi, ainda, que há, mesmo que não totalmente, um maior aprendizado desses valores após a implantação do Programa na escola. Quem me deu este depoimento foi a coordenadora ao informar que percebe mudanças significativas no comportamento dos alunos. Muitos já valorizam mais as aulas, têm mais compromisso, assim como estabelecem um elo de convivência mais agradável. Dessa forma, a coordenação pode contribuir com a construção da Cultura de Paz, pelo envolvimento com o VIVE, promovendo ações interdisciplinares e interativas na sala de aula e na escola.

4 – Com relação aos pais, a Cultura de Paz consiste em valorizar e respeitar a si mesmo e ao próximo, tentando mostrar que ainda somos capazes de viver em uma sociedade e que a paz e o amor ainda podem reinar na vida daqueles que acreditam em Deus. Ela consiste em estar em paz consigo, porque, se o indivíduo estiver em paz, ele próprio refletirá e transmitirá esse estado de espírito aos outros. Compreendem, também, que os valores importantes a serem repassados aos filhos são os mesmos que aprenderam com seus pais e na escola, como: respeito, dignidade, valorização da vida, união com o próximo, educação, honestidade, paz e, acima de tudo, o amor ao outro e a si próprio.

Para os pais, em casa, os valores são ensinados de acordo com o que se tem aprendido até os dias atuais, ou seja, que devemos respeitar, amar e confiar, não só, nos colegas da escolas, mas, acima de tudo, na família; que devemos manter, em casa e no ambiente escolar, um clima sempre pacífico, sem brigas e num clima de amizade. Os pais enfatizam, ainda, que a partir do VIVE, começaram a perceber mudanças significativas no comportamento dos filhos.

Desse modo, os pais podem contribuir com a construção da Cultura de Paz, não deixando de acreditar e afirmando que o amor, a paz, a confiança, o respeito, a dignidade, a valorização do próximo são pontos importantes para se ter uma sociedade igualitária e humana para todos e, principalmente, ensinando primeiro em casa. Buber (2001), em sua longa existência, colocava que não há encontro pessoal sem o ‘encontro do eu com o outro’. Assim, retoma-se o diálogo, como meio possível de realizar a arte do encontro, que não é recente.

Contudo, não foi fácil acompanhar, de forma mais frequente, o desenvolvimento do VIVE junto à família, pois, de forma geral, esta vem, ao longo dos anos, afastando-se da

escola, relegando às unidades escolares a função de cuidar e educar, e atribuindo à coordenação pedagógica e aos professores a responsabilidade por tais funções, apesar de que percebo que a escola vem buscando alternativas para que a família se engaje nas atividades escolares.

Posso também afirmar, como conclusão deste trabalho, que quando adentrei o espaço escolar, percebi que os funcionários sabiam da existência dos projetos que ali são realizados. No entanto, sua participação ainda era e continua sendo inexpressiva. Entretanto, convivem de forma pacífica e dialógica, o que implica em aceitar, de forma sensata, os conflitos que surgem no dia a dia, a fim minimizá-los, como forma de buscar o equilíbrio nas relações, sobretudo entre as questões de gênero, etnia e meio ambiente e na convivência.

Conclusivamente, afirmo também que, trabalhar na escola contemporânea uma educação para além da educação sistemática, é o propósito do VIVE. Freire, por sua vez, enfatizava que educar é emancipar o 'eu e o outro'. Assim, considero que a experiência vivenciada na escola é de extrema valia, pois durante essa prática pude compreender o grau de relevância do que a escola realiza, para que esse trabalho com os Valores Humanos venha a acontecer de forma a melhorar o cotidiano escolar. Senti, portanto, a boa vontade dos que coordenam a escola, procurando minimizar ações que geram conflitos diários e trabalhando a Cultura de Paz, de forma que o aluno perceba o grau de importância dessa prática.

Com a implementação do VIVE, ficou evidente a diferença entre a prática educativa anterior e a atual, o que foi reconhecido por alunos e docentes. Essa prática não pode acontecer de forma aleatória, mas precisa ser planejada pela comunidade escolar, orientada pelos professores que recebem da coordenação os Valores Humanos que serão trabalhados a cada mês, de forma multidisciplinar na sala de aula. Entretanto, alguns professores, apesar de entenderem o grau de importância desse momento, alegam que não têm tempo para essa prática, pois têm que cumprir a carga horária da disciplina e o conteúdo a ser ministrado. Apesar de reclamarem do tempo curto para implementação do VIVE, mostram-se dispostos a colaborar. Outros professores são mais receptivos ao VIVE, considerando relevante o processo, buscando introduzir em suas aulas essa vivência.

Percebi que muito ainda há por fazer, principalmente, em relação ao respeito mútuo entre os professores e o corpo discente, apesar de que é possível perceber a mudança significativa que a escola vem alcançando, no decorrer desse processo. Mais uma vez reafirmo, percebi a ausência da família na escola que, segundo a professora Terezinha Alves Vieira, se deve ao fato de alguns alunos moram em locais distantes e outros, por se intimidarem com a violência urbana ao frequentar a escola.

De outro lado, constatei o esforço da gestão da escola no sentido de tentar envolver a família, conseguindo uma melhor participação dos pais em atividades antes sem muita participação. Há grande interação dos alunos que coordenam o VIVE, apesar do processo de descontinuidade, pois estes vão encerrando o Ensino Médio e alguns ingressam na Universidade. Os que permanecem, ainda estão se reunindo quinzenalmente, agora com o apoio da professora Ana Paula, pois a professora Nazaré, ex-coordenadora do VIVE, está, atualmente, em sala de aula.

É preciso viver na escola um diálogo legítimo, fortalecido por uma caminhada na prática democrática, em que todos se articulem e se movam para superar os desafios, de projetos possíveis de serem traçados na realidade escolar. Torna-se, assim, viável na medida em que a comunidade vive momentos interativos, buscando vencer as situações limites. Torna-se necessária a esperança por um mundo melhor, para tornar realidade o sonho possível, planejado e articulado, com todos que fazem parte da história (FREIRE, 2005a).

Assim, para viver essas transformações, a comunidade deve buscar a prática dialógica, tão bem definida por Buber (2001) e Freire (1999) e referenciada constantemente no decorrer do trabalho. Na relação 'EU-TU' a proposta se torna viável para que se vençam os obstáculos e, a partir dessas situações, surjam ações que fortaleçam a caminhada democrática da escola.

Enfim, apesar de ainda haver muito caminho a percorrer, percebo a boa intenção da escola no sentido de trabalhar o VIVE e tentar melhorar as relações e os valores na escola, na qual percebi essas relações no horário do intervalo para merenda, em que os alunos buscam os espaços mais atrativos para brincarem de pingue-pongue; totó; tocarem violão; jogarem futebol na quadra esportiva e procurarem a biblioteca para realizar leituras eventuais, bem como as conversas informais entre os jovens, que acontecem de uma forma mais geral.

Detectei que o VIVE é bem divulgado, desde a entrada da escola, pois cada sala de aula recebe o nome de um valor e que há preocupação da coordenadora do VIVE, no sentido de evitar a ausência de professores, para que os alunos não fiquem ociosos. Para isso, utiliza o horário vago para também trabalhar a temática do mês.

Observei que o foco do VIVE é promover um ambiente escolar acolhedor, com respeito ao próximo, principalmente, em relação à aceitação das diferenças, opiniões ou valores. De modo geral, constatei que o grande desafio da escola, nesse momento, é o de permitir que a comunidade escolar se engaje nesse programa para que possa, no futuro, usufruir essa prática que foi instituída na escola, de forma a melhorar o grau de relacionamento com o outro e saber resolver os conflitos que acontecem no cotidiano.

Há, na escola, uma ‘vontade’ de vivenciar os Valores Humanos, uma vez que existem projetos e ações voltadas ao fortalecimento da convivência diária, seja trabalhando as relações humanas, seja tentando minimizar os conflitos que surgem no cotidiano escolar. A escola vem, também, lançando um ‘olhar’ diferente ao tentar despertar, principalmente no corpo docente, essa temática de trabalhar em sala de aula. Considero, portanto, relevante o apoio que o Núcleo Gestor manifesta nessas ações, fortalecendo uma caminhada que vem sendo construída, apesar de ainda tímida, por conta do pouco tempo de implementação, mas que já mostra uma melhoria nesse aspecto, apesar de que os indicadores educacionais revelem uma queda nos resultados das avaliações do SPAECE e SAEB. Diante disso, a escola vem, por meio dos Projetos Reforço Escolar e o Literatura na Escola, buscando mecanismos para minimizar esse aspecto.

Em relação ao trabalho com os alunos, a escola vem percorrendo caminhos que, no futuro, tornar-se-ão fundamentais para minimizar os conflitos humanos. Acredito que a escola está no caminho certo, pois com o apoio do Núcleo Gestor e o envolvimento da comunidade escolar se poderá obter um resultado plenamente satisfatório no trabalho da temática da Cultura de Paz, minimizando, assim, os aspectos negativos que interferem no dia a dia da escola.

No que diz respeito às percepções da comunidade escolar, quanto à educação voltada para uma Cultura de Paz e relacionada ao VIVE, iniciei mostrando a visão dos professores em relação à definição de Cultura de Paz (MATOS, 2012). Para eles Cultura de Paz deve ser um dos primeiros valores a serem introduzidos em qualquer meio, principalmente em sala de aula, pois um ambiente pacífico torna-se bem mais favorável ao desenvolvimento de qualquer ação. Vivendo em harmonia consigo mesmo e com o próximo, compartilhando e cultivando o bem comum, não agredindo a natureza, não prejudicando a sua saúde e a dos outros, redescobrimo a solidariedade, como um resgate de Valores Humanos imprescindíveis para melhorar a convivência entre as pessoas.

Para a professora Nazaré, a Cultura de Paz é a cultura do bem estar e do bom viver, com a qual partimos para disseminar todas as outras culturas, uma vez que é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida. É, ainda, a concatenação de uma série de comportamentos agregados a valores existentes em nossa sociedade, como um grande avanço para as relações capaz de revolucionar a sociedade para promover dias melhores. Para o ambiente escolar, tanto professores quanto a direção, definiram Cultura de Paz como um conjunto de ações dentro da rotina, visando à harmonia, fundamentada nos princípios do respeito, solidariedade e amor à vida.

Os valores mais destacados por professores e direção foram: respeito à vida, respeito ao próximo e aos mais velhos, amor, paz, tolerância, cooperação, união, solidariedade, responsabilidade, honestidade, confiança, simplicidade, felicidade, humildade, liberdade, trabalhar a consciência sobre o meio ambiente, despertar para o convívio em sociedade e conhecer os direitos de todo cidadão.

Para os professores, os alunos vivem os valores em sala de aula, quando apresentam um comportamento mais compreensivo nas relações entre eles e envolvendo os demais agentes educacionais escolares. Entretanto, há uma diversidade de situações em que os valores são violados, ou postos em prática. Todos os que fazem a escola devem, portanto, incentivar os alunos a viver esses valores para que possam ter uma melhor vida escolar e extraescolar, ajudando ao próximo, respeitando a todos, colaborando com a ordem, sabendo desculpar, perdoar e viver a Cultura de Paz e, ainda, sendo mais atenciosos e participativos, tanto na aula como nas questões que dizem respeito à escola em geral.

Nas entrevistas realizadas com os professores ficou claro que tudo é muito lento. Eles concordam que, a partir da implantação do VIVE, que veio fortalecer o Projeto Professor Diretor de Turma (PDT), foram criadas ferramentas para que professores e alunos se aprofundassem na temática da Cultura de Paz, através do VIVE e dos valores trabalhados em sala de aula. Assim, trabalhar com o VIVE facilita o gerenciamento de conflitos em sala de aula e na escola, de modo geral. Os alunos estão mais conscientes do que anteriormente, apresentando um comportamento mais tolerante diante dos conflitos que vivenciam.

Em uma oficina, refletiu-se, com os alunos, sobre o valor tolerância, o que me levou a concluir que o aprofundamento desse valor suscitou uma vivência mais harmoniosa e humanizada, em que os alunos passaram a ser mais tolerantes com os colegas e com os professores. Exemplo disso é a diminuição de situações de *bullying*, que eram muito frequentes e, conforme os professores, tal prática ainda existe, porém, em menor quantidade.

Outro valor trabalhado, que trouxe aprendizado ao cotidiano foi a ‘Simplicidade’. A música escolhida foi ‘Simplicidade’ de Pato Fu (ANEXO L). No primeiro momento, os alunos ouviram a música e exploraram para que chegassem a uma reflexão de como encarar esse valor no seu dia a dia e, a partir daí, deu-se início a uma conversa sobre como seria o comportamento de uma pessoa com esse valor e como fariam para que esse valor fizesse parte de suas vidas. Nesse período, todos os professores trabalharam esse valor em sala de aula, através da interdisciplinaridade, com atividades e dinâmicas que fortaleceram esse momento.

Em algumas experiências em que trabalhei o tema da paz e durante as aulas nas quais foram tratados os valores, os alunos ficaram tão empolgados que chegou o horário do

intervalo e eles sequer perceberam. As pessoas da escola, por meio do VIVE, vêm construindo a Cultura de Paz, havendo o reconhecimento sobre sua importância. Esse projeto é trabalhado recorrendo a dinâmicas, vídeos, slides e seminários, que falam sobre a temática. Alguns professores afirmaram que os alunos ficaram mais empolgados e interessados em participar e avaliam que a aula fica mais interessante, bem melhor do que as aulas tradicionais.

Houve relatos de que alguns alunos com comportamentos inadequados melhoraram as suas relações na escola e na família. Estão mais compreensivos e realizando atividades como leitura, procurando mais a Biblioteca para se aprofundarem na temática desenvolvida. Segundo relato de outros professores, estes também já sentiram a mudança.

Por vivermos em um mundo conturbado, com violência e injustiça, em que as pessoas deixaram de enxergar o outro como irmão, de dar valor às coisas que possuem, como família, amigos e espiritualidade, sentimos a necessidade de resgatar a humanidade em nossos alunos que, aos poucos, estava sendo deixada de lado, levando-os a entender se é esse o mundo que querem para seus filhos e para si. Um professor com sensibilidade consegue tocar o sentimento do aluno, fazendo-o mudar o ambiente no seu entorno.

Em relação à melhoria da autoestima dos alunos, devemos demonstrar-lhes confiança e credibilidade na sua capacidade de transformação e crescimento pessoal como indivíduo. Nesse sentido, é preciso trabalhar o reforço positivo, o elogio para que o jovem se sinta importante e capaz de fazer qualquer coisa que se proponha a realizar, de maneira exitosa. No que diz respeito aos alunos, percebo que há uma mudança na forma de se tratarem e novas palavras positivas entram em seu vocabulário. Na medida em que conversam, vivenciam, pesquisam, escrevem, compartilham os Valores Humanos e algo novo entra em sua consciência e sai de forma singular, cada um da sua maneira, no seu tempo.

As diversas experiências serviram de motivação para construir este trabalho, e possibilitaram uma visão ampla sobre a necessidade de estudos relativos à Cultura de Paz no meio escolar. Desse modo, percebi que se tornam muito relevantes as práticas reflexivas e dialógicas, tendo o aluno como participante efetivo da ação educativa, na criação de um ambiente acolhedor, favorável à participação e a educação voltada para a paz.

Esta investigação, portanto, se fundamentou na ideia de que uma escola verdadeiramente cidadã preocupa-se significativamente com a formação moral dos jovens, considerando para além do saber sistematizado. Nessa perspectiva, torna-se imperiosa a construção da prática, em ações baseadas no diálogo, que focaliza o desenvolvimento dos alunos mediante sua participação ativa em ações voltadas para a Cultura de Paz, através da

construção de espaços saudáveis possibilitando, assim, o pleno exercício da paz na escola e na sociedade com um todo.

Assim, a escola tem um grande desafio: o de ser um espaço que favoreça, por meio das ações educativas, a prática de Valores Humanos como respeito, solidariedade, generosidade, tolerância, aceitação da diversidade, entre outros, e não se tornar, apenas, um local onde se fazem depósitos de conhecimentos e onde acontece a prática da ‘educação bancária’ (FREIRE, 1999).

A escola precisa assumir uma postura reflexiva que estimule os alunos a construir seus próprios conhecimentos, como seres críticos, autônomos, reflexivos e que tenham um bom relacionamento como pessoa, alicerçados em uma Cultura de Paz e nos Valores Humanos. Quando o aluno, realmente, produz o seu conhecimento com autenticidade, criticidade, criatividade, dinamismo e entusiasmo, ele questiona, investiga, interpreta a informação e, não apenas, a acata como algo que deve armazenar em sua mente.

É importante que se busquem mecanismos de convívio para facilitar o diálogo como forma de resolver problemas que surgem no cotidiano. Se não soubermos mediar conflitos no dia a dia da escola, então a solução mais simples, quando um aluno apresenta um ato fora dos padrões da moral e da ética, é levá-lo à direção, ou expulsá-lo da sala, ou chamar os pais. Tudo isso pode vir a acontecer, mas a forma mais salutar é a mediação de conflitos por meio do Programa VIVE.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. *In*: FREITAS, M. V. de. **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 19-35.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.
- ALMEIDA, Renato Souza de. Participação política, quando o jovem entra em cena. Entrevista. **Jornal Mundo Jovem**. São Paulo, n. 390, p. 649-934, set. 2008.
- ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea**. Campo Grande: UFMS, 2003.
- ALVES, Gilberto Luiz. Origens da escola moderna no Brasil: a contribuição jesuítica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 617-635, maio/ago. 2005.
- ANTUNES, Celso. **Educação infantil**: prioridade imprescindível. Petrópolis: Vozes, 2006.
- ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. *In*: _____. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BARROS, José. **O campo da História**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BARROS, Lucas Ayres Barreira de Campos. **Parecer de avaliação de pedido de bolsa de doutorado pleno no exterior**. Brasília, DF: CAPES, 2012.
- BOFF, Leonardo. Bases para a Cultura de Paz. *In*: GUIMARÃES, Dulce (Org.). **A paz como caminho**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006. p. 24-27.
- BONFIM, Maria do Carmo Alves do; MATOS, K. S. L. (Org.). **Juventude, cultura de paz e violência na escola**. Fortaleza: UFC, 2006.
- BOURDIEU, P. **Escritos da educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRAHMA KUMARIS WORLD SPIRITUAL ORGANIZATION. **Vivendo Valores na Educação** (VIVE). New York, 1988.
- BRAHMA KUMARIS WORLD SPIRITUAL ORGANIZATION. **Vivendo Valores na Educação** (VIVE). New York: ALIVE, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição Federal**. Brasil: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasil: Senado Federal, 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394/96. Brasília, DF: 1996.

BRASIL. **Lei nº. 10.639/2003**. Alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, incluindo, no currículo oficial da Rede de Ensino, a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afrobrasileira’, e dá outras providências. Brasília, DF: 2003.

BRASIL. **Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília, DF: 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**. Brasília, DF: 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução. Brasília, DF: 1997. v. 1.

BRASIL. **PEC nº 42/08**: Proposta de Emenda à Constituição – PEC. Brasília, DF: Senado Federal, 2008.

BRASIL. **Programa Nacional Paz nas Escolas**. Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2011.

BUBER, Martin, **Eu e tu**. Tradução por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

BURG, Peter. **Kant und die französische revolution**. Berlin: Dunckerund Humblot, 1974.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis: Vozes, 1987.

CARNEIRO, Maria Joyce Maia Costa. *In*: MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade**. Fortaleza: UFC, 2010. p.189-199.

CARNEIRO, Maria Joyce Maia Costa. **O Conselho Escolar como espaço de participação**: uma reflexão sobre a prática nas escolas públicas estaduais do município de Fortaleza. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

CAVALCANTE, Ruth. Abraçando a Educação Biocêntrica. **Cadernos de Biodança**, Pelotas, n. 5, n. 10, jul./dez. 2008.

CEARÁ. **Censo escolar**. Fortaleza: CAGED, 2012.

CEARÁ. **Gestão integrada da escola (GIDE)**. Fortaleza: SEDUC, 2014.

CEARÁ. **Lei nº 13.186/02**. Fortaleza: Assembleia Legislativa, 2002.

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Novos paradigmas de gestão escolar**. Fortaleza: SEDUC, 2005.

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Projeto Professor Diretor de Turma**. Fortaleza: SEDUC: ANPAE, 2007.

CEARÁ. Vivendo valores na escola. *In*: ENCONTRO VIVENDO VALORES NA ESCOLA, 1. 2011, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: SEDUC, 2011.

COSTA, Antonio Carlos G. **Protagonismo juvenil**: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht. 2001.

DAYRELL, Juarez; REIS, Juliana Batista. Juventude e escola: reflexões sobre o ensino da sociologia no ensino médio. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13., 2007, Recife. **Anais ...** Recife, 2007. p. 136-161.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 1998.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

DIÓGENES, Elione Maria Nogueira. **Ensino médio no Brasil**: consensos e dissensos. Um estudo de avaliação de políticas públicas no campo da educação brasileira. Curitiba: CRV, 2013.

DUTRA, Katia. **Tratado de Versalhes**: o fim da Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Moderna, 2011.

EEMWR. **Projeto Político Pedagógico 2010-2013**. Chorózinho: SEDUC, 2012.

EUROPA Nórdica. 2014. Disponível em: <http://pt.cyclopaedia.net/wiki/Europa_N%C3%B3rdica>. Acesso em: 23 jan. 2014

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

FEIZI, M. Milani; JESUS, Rita de Cassia Dias Pereira de (Org.). **Cultura de paz**: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: Inpaz, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. O trabalho e a formação dos profissionais em educação: priorizando finalidades com autodeterminação. *In*: AGUIAR, Márcia Ângela da S.; FERREIRA, Naura Syria Carapeto (Org.). **Para onde vão a orientação e a supervisão educacional**. Campinas: Papyrus, 2002. p. 15-46.

FIGUEIREDO, João B. A. **Educação ambiental dialógica**: as contribuições de Paulo Freire e a Cultura Sertaneja Nordestina. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2005b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. São Paulo: Ática, 1985.

GAEFKE, Paulo Roberto. **Alma simples**. [S.l.: s.n.], 2012.

GUARESCH, Neuza Maria de Fátima. Identidade, subjetividade, alteridade e ética. *In*: PLONER, K. S. *et al.* (Org.). **Ética e paradigmas na psicologia social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 7-11.

GUIMARÃES, Anete. Educação do espírito e da mente. *In*: SEMANA ESPÍRITA ESPIRITISMO E EDUCAÇÃO, 4., 2011, **Palestras...** Vitória: Federação Espírita do Estado do Espírito Santo: Sociedade de Estudos Espíritas Irmão Tomé, 2011.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **A educação para a paz como exercício da ação comunicativa**: alternativas para a sociedade e para a educação. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GUIMARÃES, N. Trajetórias inseguras, automatização incerta: Os jovens e o trabalho em mercado sob intensas transições ocupacionais. *In*: CAMARANO, A. M. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006. p. 171-197.

HUBNER, Núbia. **VIVE – Vivendo Valores na Educação**. Brahma Kumari, 2013. Disponível em: <www.vivendovalores.org.br>. Acesso em: 12 jul. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**. Brasília, DF: 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**. Brasília, DF: 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. Brasília, DF: 2005.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar 2012**. Brasília, DF: MEC, 2012. Disponível em: < Fonte: www.inep.gov.br. Acesso em: 23 fev. 2014.

JARDIM, Ana Paula. **Relação entre família e escola**: proposta de ação no processo ensino-aprendizagem. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) . São Paulo: Universidade do Oeste Paulista, 2006.

JARES, Xesús R. **Educação para a paz**: sua teoria e sua prática. Trad. Fátima Murad. 2. ed. Porto Alegre: Artemed, 2002.

JARES, Xesús R. **Educação para a paz**: sua teoria e sua prática. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artemed, 2007a.

JARES, Xesús R. **Educar para a paz em tempos difíceis**. São Paulo: Palas Athena, 2007b.

JARES, Xésus. **Educacion para la paz**. 2. ed. Madrid: Popular, 2001.

KANT, Immanuel. **A Paz perpétua**: um projeto para hoje. São Paulo: Perspectiva, 2004.

KUENZER, A. Z. O ensino médio no Plano Nacional de Educação 2011-2020: superando a década perdida? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 851-873, jul./set. 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LE BORTERF, Guy. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 51-81.

LEÃO, Dóris Sandra Silva. **Inscrição**: seleção para medalha do mérito funcional e para o prêmio do mérito funcional. Fortaleza: [s.n.], 2012.

LEITE, Haidé Eunice Ferreira. As funções do diretor de turma na escola portuguesa e o seu papel no incremento da convivência. *In*: Encontro Estadual de Política e Administração da Educação, 2007, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2007. p. 37-40.

LEITE, Haidé Eunice Ferreira. **Orientação para se tornar um bom diretor de turma**: vamos a elas... Fortaleza: SEDUC, 2014. No prelo.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos jovens I**: da antiguidade a era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

LIMA, Elvira Souza. Indagações sobre currículo. *In*: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Auricélia Ribeiro do. **Currículo e desenvolvimento humano**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007.

LÜCK, Heloísa *et al.* **A escola participativa**: o trabalho do gestor escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LUDWIG, Antonio Carlos Will. **Democracia e ensino militar**. São Paulo: Cortez 1998.

MACHADO, Cláudia; PEREIRA Marcos Villela (orientador). Educação Escolar e Cultura de Paz. *In*: MOSTRA DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO, 5., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul, 2010.

MACHADO, Maria Izabel (Org.). **Cartilha da paz**: eu e a cultura da paz. Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCom), 2012. Disponível em: <www.rpctv.com.br/wp-content/uploads/2012/.../cartilha-da-paz.pd>. Acesso em: 10 nov. 2013.

MADEIRA, V. P. C. Administração da Educação, hoje: o desafio da transição no nível de ensino superior. **Em Aberto**, Brasília, DF, v. 6, n. 36, p. 33-36, out./dez. 1987.

MALDONADO, Maria Tereza. **Os construtores da paz**: caminhos de prevenção. São Paulo: Moderna, 1997.

MARTINELLI, Maria Lucia. **Serviço social**: identidade e alienação. São Paulo: Cortez, 1999.

MATOS, Catarina da Graça Almeida; CASTRO, Livia Maria Duarte de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de Matos. **Oficinas pedagógicas na formação de professores em cultura de paz**. Campina Grande: Realize, 2012.

MATOS, K. S. L. (Org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade**. Fortaleza: UFC, 2010.

MATOS, K. S. L. (Org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade**. Fortaleza: UFC, 2011.

MATOS, K. S. L. (Org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade**. Fortaleza: UFC, 2012.

MATOS, K. S. L. (Org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade**. Fortaleza: UFC, 2013.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). **Movimentos sociais, educação popular e escola**: a favor da diversidade. Fortaleza: UFC, 2003a.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de *et al.* (Org.). **Cultura de paz, educação ambiental e movimentos sociais**: ações com sensibilidade. Fortaleza: UFC, 2006.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. Vivência de Paz: o Reiki na Escola Parque 210/211 Norte Brasília. *In*: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Juventude, professores e escola**: possibilidades de encontros. Ijuí: UNIJUI, 2003b.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; MACEDO, Rosa Macedo (Org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade**. Fortaleza: UFC, 2010.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa educacional**: o prazer de conhecer. Fortaleza: Demócrito Rocha: UECE, 2001.

MATOS, Kelma Socorro Lopes. **Juventude e escola**: desvendando teias de significados entre encontros e desencontros. Fortaleza: UFC, 2001.

MATOS, Kelma Socorro Lopes. Juventude, paz e espiritualidade: opção por uma prática educativa ético-amorosa. *In*: IBIAPINA, I; CARVALHO, M. V. (Org.). **A pesquisa como mediação de práticas socioeducativas**. Teresina: EDUFPI, 2006. p. 167-177.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; NASCIMENTO, Verônica Salgueiro do; NONATO JUNIOR, Raimundo (Org.). **Cultura de paz**: do conhecimento à sabedoria. Fortaleza: UFC, 2008.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MELUCCI, Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira e Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 5-14, 1997.

MILANI, Feizim Masrour. **Tá combinado! Construindo um pacto de convivência na escola**. Salvador: Inpaz, 2003.

MILANI, Feizim Masrour; JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. Cultura de Paz e ambiências saudáveis em contextos educacionais: a emergência do adolescente protagonista. **Educação**, Salvador, v. 29, n. 2, p. 369-386, ago. 2006.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. Ramos. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 7-32, 1999.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MOLPECERES, M. **El sistema de valores**: su configuración cultural y su socialización familiar en la adolescencia. 1994. Tese (Doutorado) – Universidade de Valência-Espanha, Valência, 1994.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.

NERI, Marcelo (Coord.). **Motivos da evasão escolar**. Rio de Janeiro: Instituto Unibanco: Fundação Getulio Vargas, 2010.

NOGUEIRA, Cláudio M. M.; CUNHA, Maria Amália de Almeida; VIANA, Maria José Braga. A Influência da família no desempenho escolar: estudo de dados da geração escolar 2005. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 4, n. 8, p. 379-396, 2009.

NOGUEIRA, Maria Alice. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 155- 170, jul/dez. 2006.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch; ABRAMOVAY, Mary Garcia Castro e Miriam. **Abrindo espaços**: educação e cultura para a paz. 3. ed. Brasília, DF: UNESCO, 2004.

ONU nomeia Paulo Coelho Mensageiro da Paz. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u330388.shtml>>. Acesso em: 11 maio 2014.

ONU. **Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz**: Resolução aprovada por Assembleia Geral em 06 de outubro de 1999, nº 53/243. 1999. Disponível em: <www.onu.org>. Acesso em: 20 nov. 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Relatório**: o estado das cidades do mundo 2004-2005. Barcelona, 2004.

PADILHA, Paulo Roberto. **Educar em todos os cantos**: reflexões e canções por uma educação intertranscultural. São Paulo: Cortez, 2007.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN Maria Auxiliadora. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005.

RAYO, José Tuvilla. **Educação em direitos humanos**: rumo a uma perspectiva global. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SALLES FILHO, Nei Alberto; RIBAS, Ricardo Domingues. Educação para a Paz (EP) na formação de professores de Educação Física. *In*: CONGRESSO NORTEPARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 4. 2009, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 15.

SAMPAIO, Daniela Dias Furlani. **Cultura de paz, educação e meditação com jovens em Fortaleza- Ceará**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SATHYA SAI BABA. (Org.). **Ensinos de Sri Sathya Sai Baba**. Imperial: Novo Milênio, 2011.

SAVIANI, Dermeval. Ética, educação e cidadania. **Philos Revista Brasileira de Filosofia de 1º. Grau**, Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 19-37, 2001.

SEN, Amartya. **A ideia de justiça**. Tradução de Denise Bottmann e Ricardo Doninelli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SERRANO, G. P. **Educação em valores**: como educar para a democracia. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SIEGEL, Norberto. **Fundamentos da educação**: temas transversais e ética. Indaial: ASSELVI, 2005.

SOUZA, Ângelo R. Os caminhos da produção científica sobre a Gestão Escolar no Brasil. **Revista de Política e Administração da Educação**, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 13-39, jan./jun. 2006.

SOUZA. Christiane Laidler. **Nossa águia em Haia**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2007.

SUTTER, G. **Refletindo sobre a família**. 2007. Disponível em: <www.webartigos.com.>. Acesso em: 20 out. 2013.

TILLMAN, Diane. **Atividades com valores para jovens**. São Paulo: Confluência, 2012.

TILLMAN, Diane; COLOMINA, Pilar. Q. **LVEP Educator Training Guide**. New Delhi: Sterling Publishers, 2004.

UNESCO. **Carta das Nações Unidas**: preâmbulo. São Francisco: UNESCO, 1945.

UNESCO. **Cultura de paz**. Local: Assembleia Geral da UNESCO, 1999. p. 30.

UNESCO. **Educação para um futuro sustentável**: uma visão transdisciplinar para ações compartilhadas. Brasília, DF: IBAMA, 2000.

UNESCO. **Kit de informação sobre o movimento global para o Ano Internacional da Cultura de Paz**. Brasília, DF, 1999.

UNESCO. **Manifesto por uma cultura de paz e não violência**. Brasília, DF, 2000.

UNESCO. **Políticas públicas de/para/com juventudes**. Brasília, DF, 2005.

UNESCO. **Resolução nº 53/243** da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas Brasília, DF, 2005.

VALENTE, J. A. Formação de professores: diferentes abordagens pedagógicas. *In*: VALENTE, J. A. (Org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: UNICAMP, 2002. p. 4.

VILELA, Wilza Vieira; DORETO, Daniella Tech. Sobre a experiência sexual dos jovens. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 11, p. 2467-2472, nov. 2006.

WEIL, Pierre. **A arte de viver em paz**: por uma nova consciência e educação. 8. ed. Tradução de Helena Roriz Taveira e Hélio Macedo da Silva. São Paulo: Gente, 2002.

ZÉ Vicente. **MPB Net**, 2014. Disponível em: <<http://www.mpbnet.com.br/musicos/ze.vicente>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

**APÊNDICE A – OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO À GESTORA DA ESCOLA PARA
REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

**OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO À GESTORA DA ESCOLA PARA REALIZAÇÃO DA
PESQUISA**

Ilmo. Sr. José Edinor dos Santos, Diretor da Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz

Eu, Maria Joyce Maia Costa Carneiro, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e concludente do Curso de Doutorado em Educação Brasileira da referida Universidade, venho solicitar de V. Sa. a permissão para realizar uma pesquisa com pais, alunos, professores e componentes do núcleo gestor, com a finalidade de conhecer suas opiniões sobre as ações que a escola vem desenvolvendo, no sentido de estimular o protagonismo juvenil entre os alunos do Ensino Médio, em busca de uma Cultura de Paz para a escola e para a comunidade de Chorozinho – CE.

Asseguro que as identidades dos participantes da pesquisa serão mantidas em sigilo e que suas respostas serão utilizadas, essencialmente, para a elaboração da minha tese de doutorado intitulada ‘Jovens Na Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz: construção da Cultura de Paz e dos Valores Humanos, orientada pela Profa. Dra. Kelma Socorro Lopes de Matos.

Esperando ser atendida na minha solicitação, agradeço e subscrevo-me, atenciosamente.

Maria Joyce Maia Costa Carneiro

Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz

Endereço: Avenida Dr. Luis Costa, s/n – Leirões – Chorozinho – Ceará.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM OS PROFESSORES E GESTORES**QUESTIONÁRIO COM OS PROFESSORES E GESTORES****Primeira parte****Sexo**

M F Não se aplica

Estado civil

Casado Viúvo Solteiro Divorciado Não se aplica

Idade

< 25 anos

De 26 a 40 anos

De 41 a 60 anos

> 60 anos

Tempo na docência

< 3 anos

De 3 a 10 anos

De 11 a 20 anos

De 21 a 30 anos

> 30 anos

Tempo que trabalha na Escola Wladimir Roriz

< 3 anos

De 3 a 10 anos

Situação funcional

Contrato temporário

Servidor público Efetivo

Função que ocupa na escola

Diretor (a)

Coordenador (a) Escola

Coordenador (a) da Sala de Multimeios

Diretor (a) de Turma

Outra Qual? _____

Situação de moradia

Mora no mesmo bairro da escola Wladimir Roriz

Mora em outro bairro/município afastado da escola Wladimir Roriz ()

Onde? _____

Área (s) de conhecimento que leciona

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação ()

Matemática e suas Tecnologias ()

Ciências da Natureza e suas Tecnologias ()

Ciências Humanas e suas Tecnologias ()

Possui graduação?

Sim () Qual _____

Não ()

Aonde cursou sua graduação?

Universidade Pública ()

Faculdade Privada ()

Em qual área de conhecimento vc se graduou?

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação ()

Matemática e suas Tecnologias ()

Ciências da Natureza e suas Tecnologias ()

Ciências Humanas e suas Tecnologias ()

Cursou pós-graduação?

Especialização Lato Sensu () Qual _____

Mestrado Profissional() Qual _____

Mestrado Acadêmico() Qual _____

Doutorado () Qual _____

Aonde cursou sua pós-graduação?

Universidade Pública ()

Faculdade Privada ()

Segunda parte

Gosta de trabalhar na escola Wladimir Roriz?

Sim ()

Não ()

Às vezes ()

Desenvolve projetos na escola Wladimir Roriz?

Sim () Descreva os projetos no espaço abaixo

Não ()

Conhece o projeto VIVE?

Sim ()

Não ()

Como você avalia o projeto VIVE?

O projeto VIVE pode contribuir para melhorar as relações interpessoais na escola? Por quê?

Participou de alguma capacitação na escola Wladimir Roriz sobre o projeto VIVE? Qual a sua opinião?

Como a escola iniciou a implementação do projeto VIVE?

Quais os aspectos do projeto VIVE vc destaca no sentido de construir, de fato, a Cultura de Paz na escola?

Os alunos melhoraram o comportamento depois da implementação do projeto VIVE na escola Wladimir Roriz? Em quais aspectos?

A família participa do projeto VIVE? De que forma?

Como os professores participam do projeto VIVE?

O que você entende por Cultura de Paz?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO 9ª CREDE**QUESTIONÁRIO 9ª CREDE**

1- Como o programa Vivendo Valores em Educação foi implantado na 9ª CREDE?

2- A partir de qual momento a CREDE entendeu que a proposta pedagógica voltada para a construção da Cultura de Paz se fazia necessária? por quê?

3- Por que é importante discutir valores nas escolas?

4 - Como a escola está inserindo esta temática no currículo?

5- Você vê mudanças na postura dos gestores e professores a partir da implementação desse programa na escola?

6 - O aluno tem melhorado o comportamento e refletido sobre a Cultura de Paz?

7- Como os pais estão reconhecendo o programa na melhoria do comportamento do filho em casa?

8 - Qual a proposta pedagógica da CREDE para que a escola insira essa temática em sala de aula?

9 - Como trabalhar com aspectos positivos quando, muitas vezes, os alunos apresentam aspectos negativos?

10- O VIVE trouxe mudanças positivas nas relações professor-aluno e nas relações aluno-aluno, tanto dentro como da escola?

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA A PAULO BARROS

ROTEIRO DE ENTREVISTA A PAULO BARROS

- 1) A partir de qual momento você entendeu que a proposta do programa VIVE era voltado para a construção da Cultura de Paz nas escolas?

- 2) Por que é importante discutir os valores nas escolas?

- 3) Como as escolas estão inserindo esta temática no currículo?

- 4) Você vê mudanças na postura dos gestores e professores a partir da implementação desse programa nas escolas?

- 5) O aluno tem melhorado o comportamento e refletido sobre a Cultura de Paz através da implementação desse Programa?

- 6) Qual a sua percepção em relação de como os pais estão reconhecendo o programa na melhoria do comportamento do filho em casa?

- 7) Como está sendo inserida essa temática em sala de aula?

- 8) Como trabalhar com aspectos positivos quando, muitas vezes, os alunos apresentam aspectos negativos?

- 9) O VIVE trouxe mudanças positivas nas relações professor-aluno e nas relações aluno-aluno, tanto dentro como fora da escola?

APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA AO NÚCLEO GESTOR

ROTEIRO DE ENTREVISTA AO NÚCLEO GESTOR

- 1 - O gestor escolar, na sua função social, orienta a comunidade escolar (pais, alunos e professores) a elaborar propostas pedagógicas, de forma participativa, e que envolva a temática de Cultura de Paz?

- 2 - Os jovens da escola têm apoio da gestão escolar para desenvolver atividades culturais ou projetos de seu interesse na escola?

- 3 - Como jovens e professores relacionam seus posicionamentos ao trabalho com a Cultura de Paz?

- 4 - De que modo a escola está incentivando a construção de uma Cultura de Paz no cotidiano escolar?

- 5 - Como foi inserido o VIVE na escola? Está sendo bem difundido? Quais as turmas/alunos que estão sendo atendidas (o)?

APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS

- 1) Como estabelece a Cultura de Paz no ambiente escolar?
- 2) Os projetos estão contribuindo para que aconteça a Cultura de Paz na escola?
- 3) Quais as ações ou projetos que a escola está realizando que considera relevante para propiciar a Cultura de Paz?
- 4) O projeto VIVE ainda permanece atuante no dia a dia da escola?
- 5) Quais os projetos inseridos na escola que contribuem para a Cultura de Paz?

APÊNDICE G – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM COORDENADORES**ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM COORDENADORES**

1 - Em que nível se dá a participação dos jovens em ações promovidas pela escola com foco nos valores da Cultura de Paz?

2 - Em quais aspectos é perceptível a transformação na vida social e escolar do aluno, em face de sua participação nas ações desenvolvidas pela escola com foco na Cultura de Paz?

APÊNDICE H – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM NÚCLEO GESTOR

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM NÚCLEO GESTOR

1 – Em sua opinião o VIVE melhorou o relacionamento na escola entre professor e aluno?

Citar um caso positivo para essa afirmação ou negativo caso não esteja acontecendo.

2 – Após o projeto como estão percebendo o relacionamento dos alunos no horário do recreio ou em atividades extra-sala de aula?

3 – Como o VIVE vem sendo trabalhado na sala de aula? Os professores estão incentivando para que o projeto continue, ou aguardam que a coordenadora (Nazaré) faça essa tarefa?

4 - Como os pais estão reconhecendo o VIVE na melhoria do comportamento do filho em casa?

5 – Em sua opinião, o VIVE veio contribuir na Cultura de Paz na escola?

**APÊNDICE I – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS SEMISTRUTURADAS PARA OS
PAIS**

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS SEMISTRUTURADAS PARA OS PAIS

- 1 - Como você define Cultura de Paz?
- 2 - Quais os valores importantes a serem trabalhados na escola?
- 3 - Como seu filho vive os valores em casa?
- 4 - Você sentiu mudanças no comportamento de seu filho para melhor após a implantação do VIVE?
- 5 - De que forma você pode contribuir para construção da Cultura de Paz na escola?

APÊNDICE J – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES**QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES**

1 - Qual a importância do VIVE para o gerenciamento e a qualidade de seu trabalho em sala de aula?

2 - Como você conceitua o VIVE na sua prática pedagógica?

3 - Em sua opinião, o programa contribui para a melhoria da qualidade do ensino?

4 - Qual o papel do professor nesse processo?

5 - Como você reflete o VIVE no seu trabalho de educador, tendo como foco o educando?

6 - Cite aspectos positivos do VIVE?

7 - Como você avalia o VIVE?

8 - Como você definiria o papel da escola na educação em valores?

9 - Você acredita que esse programa pode mudar a vida dos estudantes a quem ele beneficia?

Por quê?

10 - Cite alguns pontos positivos e negativos do VIVE?

11 - Como você caracteriza a sua relação com os alunos e seus companheiros de trabalho?

APÊNDICE K – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM COORDENADOR DO VIVE NO CEARÁ

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM COORDENADOR DO VIVE NO CEARÁ

- 1 - Qual a melhor definição para o VIVE?
- 2 - Por que é importante discutir os valores nas escolas?
- 3 - Como os professores podem inserir esta temática no currículo?
- 4 - Você vê mudanças na postura do professor, que leva o tema para as aulas, e do aluno, que têm a possibilidade de refletir e discutir sobre o assunto?
- 5 - Como os pais estão reconhecendo o projeto na melhoria do comportamento do filho em casa?
- 6 - Como trabalhar valores em sala de aula? Como trabalhar com aspectos positivos quando, muitas vezes, as crianças apresentam aspectos negativos?
- 7 – O VIVE trouxe mudanças positivas nas relações professor-aluno e nas relações aluno-aluno, tanto dentro como fora da sala de aula?

ANEXO A – ROTEIRO DO 1º SEMINÁRIO COM PROFESSORES E GESTORES ESCOLARES: HARMONIZAÇÃO NA SALA DE AULA COMO REFLEXO PARA UMA CULTURA DE PAZ

ROTEIRO DO 1º SEMINÁRIO COM PROFESSORES E GESTORES ESCOLARES: HARMONIZAÇÃO NA SALA DE AULA COMO REFLEXO PARA UMA CULTURA DE PAZ

1 – PROFESSORES

Não existe um caminho para a paz; a paz é o caminho.

Mahatma Gandhi

Introdução

A harmonização pode ser considerada como técnica de relaxamento que oferece recursos práticos ao autocontrole e ao autoconhecimento. Sua prática resulta em maior concentração, melhor receptividade das informações e refinamento da percepção, o que possibilita um reconexão com nossa essência espiritual.

As práticas de harmonização são fundamentais para a iniciação de quaisquer atividades que o Ser humano exerce. No contexto escolar não é diferente. A harmonização em sala de aula auxilia no bom andamento das rotinas básicas do ambiente, a aula em si, bem como na interação positiva entre os participantes.

1 Objetivo Geral: Sensibilizar os educadores para a construção da paz na escola, cujos objetivos específicos foram trabalhar a paz e a harmonização, apresentando a importância destas em sala de aula; esclarecer sobre seus princípios, e vivenciar suas técnicas.

1.1 Objetivos específicos

- Trabalhar os conceitos de paz e harmonização.
- Apresentar a importância da harmonização em sala de aula.
- Esclarecer os princípios das técnicas de harmonização.
- Vivenciar as técnicas de harmonização.

2 Metodologia

A oficina será de base teórica e vivencial, através da exposição dialogada e experiências de vivências e terá a duração de 3 horas distribuídas da seguinte forma:

Atividades	Tempo	Responsável	Material
Dinâmica de apresentação: Desejo do dia	15min	Dário	-
Construindo Categorias de Paz	15min	Catarina	Giz Canetas pilot Cartolina Fita gomada
Exposição dialogada 1. Paz 2. Cultura de Paz 3. Harmonização	01h00min	Catarina Joyce Dário	Data show Note book Som
Vivenciando a harmonização	01h10min	Catarina Joyce Dário	Som
Avaliação e dinâmica de encerramento	30min	Dário	

3 Especificação das Dinâmicas

3.1 Individual/grupal

- Construindo Categorias de Paz

Objetivo	Desenvolvimento	Material
Refletir sobre Cultura de Paz em grupo, criando categorias para a temática.	1. Grupo em semicírculo é orientado para que pense em Cultura de Paz e escrevam palavras que simbolizam a temática	Giz Canetas pillot Cartolina Fita gomada
	2. O facilitador escreve no quadro as palavras CULTURA DE PAZ, orientando ao grupo para que criem novas categorias.	
	3. Cada participante se dirige ao quadro para escrever uma “palavra” que simboliza a paz.	
	4. Em subgrupos (3), partilhar e comentar as palavras individuais, escolhendo algumas palavras que formarão frases, passando para uma cartolina.	
	5. Apresentar as frases elaboradas pelo grupo comentar quais os sentimentos que a atividade despertou.	
	6. Afixar na sala	

3.2. Grupal - Definindo Cultura de Paz

Objetivo	Desenvolvimento	Material
Refletir sobre Cultura de	1. Grupo em círculo.	Papel ofício

Paz, descrevendo experiências que tenham vivenciados .	2. Cada participante receberá uma folha de papel ofício e escolherá lápis de cores variadas que estarão disponíveis no centro da sala	Lápis de cores Canetas pillot Fita gomada
	3. Orientar para que pensem em Cultura de Paz e desenhem símbolos ou escrevam palavras que simbolizam a temática	
	4. Em subgrupos (3), partilhar e comentar os desenhos/escritos individuais, escolhendo a temática que representará o grupo. Nesse momento o grupo poderá acrescentar aos desenhos lhes dando uma nova forma	
	5. Comentar quais os sentimentos que a atividade despertou no grupo	
	6. Afixar no quadro da sala	

4 Técnicas de Harmonização

4.1 O facilitador apresentará os objetivos da técnica e os tipos de harmonização.

Técnicas utilizadas	Objetivo	Responsável
1. Individual “Meditação da Luz”	Ampliar no indivíduo a relação de amor, dele para com os outros e consigo mesmo	Joyce
2. Grupal	Massagem com balões	Dário
3. Coletiva	Massagem de mãos	Dário

5. Avaliação da Oficina

Dinâmica: Em círculo e de mãos dadas, o grupo relata com uma palavra o que achou do Encontro.

6. Encerramento

Vídeo: Paz pela paz (Nando Cordel)

APOIO: Catarina e Dário do Grupo de Pesquisa Cultura de Paz, Espiritualidade, Juventudes e Docentes

ANEXO B – ROTEIRO DO 1º ENCONTRO COM OS JOVENS - HISTORICIDADES: O VIVE COMO POSSIBILIDADE DE UMA CULTURA DE PAZ

ROTEIRO DO 1º ENCONTRO COM OS JOVENS - HISTORICIDADES: O VIVE COMO POSSIBILIDADE DE UMA CULTURA DE PAZ

1º MOMENTO –Dinâmica – Nomes adjetivos

- Formar um círculo e solicitar que os alunos escrevam seu nome acrescentando um adjetivo que evoque uma qualidade deles, de preferência que comece com a letra do nome;
- Cada participante se apresenta dizendo seu nome e o adjetivo
- O facilitador sugere mudança de lugar, dizendo: troquem de lugar com quem está de óculos; quem está de azul, etc.
- Cada participante diz o nome do colega da direita e da esquerda enfatizando sua qualidade, dizendo: estou feliz porque a minha direita se encontra E a minha esquerda

2º MOMENTO - Apresentação dos objetivos do Encontro

Dinâmica: CARTEIRA DE IDENTIDADE. Cada participante fará sua identidade pacifista, enfatizando que o trabalho pela paz e pela educação para a paz não é algo alheio a cada um, mas já faz parte da história e da vida de cada um.

MODO DE PREENCHER A CARTEIRA:

- Primeiro traço à esquerda escrever o nome e o adjetivo
- Segundo traço, que corresponde a data do nascimento, escreve-se uma experiência marcante de sua vida que o despertou para a paz e a justiça
- Terceiro traço, que corresponde a filiação, cada participante escreve o nome de um homem ou de uma mulher que lhe influenciam na prática da paz.
- No local da foto, o facilitador solicita que desenhe a si mesmo fazendo uma ação para a paz.
- Em grupo de cinco, pede que os participantes compartilhem suas células de identidade, que serão expostas num mural para que todos tomem conhecimento.
- Levantamento das práticas de educação para a paz – No mesmo grupo partilhar as práticas de educação para a paz.
- Partilha dos sentimentos pessoais, descobertas e percepções acerca da temática, suscitadas pela dinâmica

3º MOMENTO – APROFUNDAMENTO DA TEMÁTICA

- Leitura do texto para reflexão: “Após a Primeira Guerra Mundial, educadores como Maria Montessori (1870-1952) e Piaget (1896 - 1980) começaram a perguntar sobre a possibilidade de a educação contribuir para a promoção da paz. Depois da experiência da Segunda Guerra, a proposta foi retomada por vários grupos em contextos diferentes. A fundação da UNESCO, em 1948 possibilitou o desenvolvimento de diversas iniciativas, respaldadas no conhecido trecho de sua contribuição: “assim como as guerras nascem nas mentes humanas, é nas mentes humanas que devem ser erguidas as defesas da paz”. Nos países nórdicos, nas décadas de 1950 e 1960, várias universidades começaram a pesquisar cientificamente as condições para a construção da paz, criando uma nova disciplina – os estudos de paz -, incluindo também a reflexão das possibilidades da educação. Na Europa, apoiadas por sindicatos ligados ao mundo da educação, começaram a ser realizadas caravanas educativas de educação para a paz. Na década de 1960, especialmente, sob o influxo dos movimentos de não-violência, começaram a ser ensaiadas várias propostas de educação para a paz, enquanto, na América Latina, Paulo Freire (1921 - 1997) desenvolvia sua educação libertadora. Preparada por essas iniciativas, a década de 1980 viu a expansão e a consolidação da educação para a paz, com a publicação de literatura especializada, o surgimento de associações de educadores, a fundação de centros universitários de pesquisa e, sobretudo, a difusão de práticas seja na educação formal ou informal, com experiências diversas em áreas como resolução não-violenta de conflitos, a crítica à violência difundida pela sociedade, a capacitação de lideranças para atuarem na promoção da paz etc. Além dessas experiências e iniciativas, deve-se notar que a educação para a paz tem se tornado ponto de políticas – locais, nacionais e internacionais - passando a ser incluída em convênios, recomendações e declarações, sendo fortemente recomendada pela ONU e UNESCO. Mas, a partir deste contexto, o que constituiria a identidade de um educador para a paz? Quem é o educador para a paz? O que faz? Por que faz? Pg. 24 – item 6.
 - Estudo do texto “Educadores para a paz: identidade e caminhos” (pg. 28, 29 e 30)
 - Comentários do grupo: destaques, descobertas e questionamentos. Aprofundamento dos aspectos pelo facilitador: (pg. 24)
- Os diversos objetivos da educação para a paz;

- As três características da identidade dos educadores para a paz: o primado do vivido sobre o enunciado, o vínculo comunitário e o vínculo com o movimento social para a paz.

4º MOMENTO - Trabalho em pequenos grupos com a seguinte questão:

- O que é educar para a paz? O que o VIVE vem proporcionando para que a escola construa a Cultura de Paz?
- Apresentação dos Resultados - Plenária

5º MOMENTO: AVALIAÇÃO

– Por escrito: cada um escreve no seu diário, as ideias e sugestões trazidas por este encontro e as perguntas a serem perseguidas.

– Socialização das ações

ENCERRAMENTO: Música: Imagine - John Lennon

Imagine que não há países.

Não é difícil.

Nada porque matar ou morrer.

E nenhuma religião também.

Imagine todo o povo

Vivendo a vida pela paz.

Imagine nenhuma posse.

Eu me pergunto se você é capaz.

Nenhuma necessidade de avareza ou fome.

Uma fraternidade de todos.

Imagine todo o povo

Participando do mundo...

Você pode dizer que sou um sonhador.

Mas não sou o único.

Espero que um dia você se junte a nós.

Então o mundo será como se fosse um só Mundo.

ANEXO C – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO
(Em fase de elaboração)



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Educação

ESCOLA DE ENSINO MÉDIO WLADIMIR RORIZ
C.N.P.J. 06.302.587/0001-70
Código MEC:23248998
Avenida Dr. Luis Costa, s/n – Leirões – Chorozinho – Ceará
Fone (085) 33191728 / 33191762
Credenciamento e Reconhecimento conforme Parecer N° 204/2009

Projeto Político Pedagógico

2010 – 2013



NÚCLEO GESTOR

Diretor

José Edinor dos Santos

Coordenadora Escolar

Rosivânia N. de Queiroz Santos

Coordenadora Escolar

Lucivânia Pereira do Nascimento

Secretária

Francisca. Flaviane Alves de Oliveira

CONSELHO ESCOLAR

José Wellington da Silva de Assunção (professor)

Presidente

_____ (_____)

Vice-Presidente

Maria Carliane Moura (aluna)

1ªsecretária

Rosângela da Silva Lima (aluna)

2ªsecretária

Maria Ivanilde Oliveira (professora)

Tesoureira

Membros

Maria do Carmo Ferreira (Mãe)

Márcio Henrique da Costa Freire (Aluno)

Luiz Gustavo Almeida de Carvalho (Aluno)



Sumário

- I – Apresentação**
- II – Dados de Identificação**
- III – Visão Estratégica**
 - A – Valores**
 - B – Visão de Futuro**
 - C – Missão**
 - D – Objetivos Estratégicos**
- IV – Critérios de avaliação**
- V – Objetivo Geral**
- VI – Objetivos Gerais do Ensino Médio**
- VII – Propósitos**
 - A – De Homem**
 - B – De Sociedade**
 - C – De Escola**
- VIII – Mapa Curricular**
- IX – Metodologia**
- X – Relação Professor x Aluno**
- XI – Relação Escola x Família**
- XII – Relação Escola x Comunidade local**
- XIII – Organização da Escola**
- XIV – Condições de Trabalho**
- XV – Formas de Participação dos Profissionais (Professores e Funcionários)**
- XVI – Núcleo Gestor**



I - Apresentação

O Projeto Político Pedagógico é concebido como instrumento teórico e metodológico que a escola elabora, de forma participativa, com a finalidade de apontar a direção e o caminho que vai percorrer para realizar, da melhor maneira possível, sua função educativa.

O PPP diz respeito ao que sonhamos, o que desejamos, como somos e como deveremos ser, no período de quatro anos ou mais, dependendo da vontade e dos esforços de toda a comunidade escolar.

O PPP da EEMWR foi reelaborado de forma coletiva, participativa sendo possível alteração no decorrer das ações. Buscamos definir os caminhos a serem seguidos a partir das dimensões pedagógica, administrativa, financeira e jurídica com fins de formar cidadãos conscientes empenhados em construir uma sociedade mais justa, humana e igualitária.

Ao longo da caminhada, a EEMWR, pretende alinhar as ações educativas com o objetivo maior de alcançar o sucesso e o desempenho dos educandos no processo de aprendizagem.

II -DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

1- ESCOLA:

ESCOLA DE ENSINO MÉDIO WLADIMIR RORIZ

2- CÓDIGO INEP:

23248998

3- MUNICÍPIO/ DISTRITO:

CHOROZINHO/ CEARÁ

4- ENDEREÇO:

AVENIDA DR LUIS COSTA S/N. BAIRRO: LEIRÕES CEP
--

5- CREDE:

9ª CREDE

6- TIPIFICAÇÃO:

B

7- NÍVEIS E MODALIDADES DE ENSINOS OFERTADOS:

ENSINO MÉDIO- REGULAR – PROJETO PREPARAÇÃO RUMO À UNIVERSIDADE

8- QUANTIDADE DE TURMAS POR NÍVEIS E MODALIDADES DE ENSINO E TURNO:

MANHÃ 2011		QUANTIDADE-Matrícula 2012
SEDE	1º ANO – 4 TURMAS	152
	2º ANO – 3 TURMAS	135
	3º ANO – 3 TURMAS	126
TURMA	10 TURMAS	413
TARDE 2011		
SEDE	1º ANO – 4 TURMAS	160
	2º ANO – 3 TURMAS	130
	3º ANO – 3 TURMAS	125
TURMA	10 TURMAS	415
NOITE 2011		
SEDE	1º ANO – 1 TURMA	74
	2º ANO – 1 TURMA	57
	3º ANO – 2 TURMAS	81
TURMA	4 TURMAS	212
		TOTAL
		1040
PROJETO PREPARAÇÃO RUMO À UNIVERSIDADE	1 TURMA	50

09- QUANTIDADE DE PROFESSORES EM EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA (EFETIVO E TEMPORÁRIO)

TEMPORÁRIO	EFETIVO
32	8

10- QUANTIDADE DE PROFESSORES EM OUTRAS ATIVIDADES NA ESCOLA:

TEMPORÁRIO	EFETIVO
3	3

11- QUANTIDADE DE SERVIDORES:

TERCEIRIZADO	EFETIVO
9	3

III – PENSAMENTO ESTRATÉGICO DA SEDUC

A - MISSÃO (SEDUC):

Garantir educação básica com equidade e foco no sucesso do aluno.

B - VISÃO (SEDUC):

Ser uma organização eficaz com um ambiente de trabalho acolhedor e propício ao desenvolvimento de pessoas, assegurando, até 2012, a matrícula de todas as crianças e jovens de 4 a 18 anos, a melhoria dos resultados de aprendizagem em todos os níveis de ensino e a efetiva articulação do ensino médio à educação profissional.

C - VALORES (SEDUC):

Qualidade

Equidade

Transparência

Eficiência

Ética

Participação

D - OBJETIVOS ESTRATÉGICOS (SEDUC):

Fortalecer o regime de colaboração com foco na alfabetização das crianças na idade certa.

Melhorar a qualidade da Educação Básica em todos os níveis de ensino.

Ampliar o acesso e elevar os indicadores de permanência e fluxo no Ensino Médio.

Diversificar a oferta do Ensino Médio, visando sua articulação com a educação profissional e continuidade dos estudos.

Valorizar os profissionais da educação, assegurando seu desenvolvimento, direitos e deveres.

Desenvolver modelos de gestão organizacional e escolar, focados na aprendizagem.

III - PENSAMENTO ESTRATÉGICO – ESCOLA

A- MISSÃO (ESCOLA):

A Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz tem como missão oferecer serviços educacionais satisfatórios em busca de uma educação de qualidade, tendo como meta a formação de cidadãos capazes para o exercício tanto nos seus direitos e responsabilidades, quanto de participação nos processos decisórios e de controle da vida em sociedade.

B- VISÃO (ESCOLA):

Vir a sermos uma escola pública de qualidade, passando pela construção de políticas educacionais voltadas para o acesso universal ao conhecimento humano, técnico e científico e que assegure uma formação total do homem cidadão em um projeto de sociedade justa e igualitária.

C- VALORES (ESCOLA):

Qualidade

Igualdade

Respeito

Transparência

Criatividade

Compromisso

D- OBJETIVOS ESTRATÉGICOS (ESCOLA):

Garantir alto padrão de ensino e de prestação de serviço com qualidade.

Respeitar as crenças individuais, a dignidade de cada um e o direito de todos.

Incentivar uma comunicação aberta, transparente e verdadeira com todos.

Buscar a criatividade como forma de expansão da realidade através da solução de desafios.

IV – CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

VII – Propósitos

A – De Homem

B – De Sociedade

SITUAÇÃO ECONÔMICA	EDUCAÇÃO	TECNOLOGIA	MÍDIA
Renda familiar baixa Desemprego. Aumento do trabalho informal de adolescentes. Desigualdade social. Exigência na qualificação profissional. Agricultura de subsistência. Empreendedorismo. Emprego no setor público. Comércio.	O crescimento da taxa de escolarização? (ver IBGE) Crescimento do ensino superior. Cumprimento de diretrizes e parâmetros curriculares. Crescimento do acesso aos recursos Tecnológicos Formação continuada para professores Baixo salário dos professores Alto índice de evasão e abandono escolar. PNLD; Ampliação da Merenda Escolar para o EM. Incentivo ao Ingresso no Ensino Superior através do ENEM, FIES, Prouni.	Acesso a novas tecnologias. Possibilidade de acesso ao Cinturão Digital. Acesso aos meios de comunicação. Acesso ao EAD. Uso das TIC's na educação.	Manipulação de informações nos meios de comunicação. Programas inadequados para o processo educacional Incentivo ao consumismo Informação em tempo real Disseminação de contra valores. Programas educacionais

VALORES UNIVERSAIS	ESTRUTURA FAMILIAR	PARCERIA ESCOLA-FAMÍLIA	OUTROS
Superficialidade nas relações interpessoais. Inversão de valores morais e éticos	Desestruturação da família Ausência da família na vida escolar e social dos filhos Sobreposição de papéis na relação familiar - Construção familiar precoce	Pouco envolvimento família-escola Projetos envolvendo a família - PPDT	Prostituição Juvenil Drogas Parceria com outros órgãos (Saúde, Segurança Pública, PRF, CRAS, Conselho Tutelar)

AVALIAÇÃO GERAL DA REALIDADE PELA ESCOLA

COMO VOCÊ COMPREENDE, VÊ E SENTE A REALIDADE.	ASPECTOS POSITIVOS	ASPECTOS NEGATIVOS
MUNDO PAÍS ESTADO MUNICÍPIO	<p>Demanda de maior escolaridade e qualificação em função do mercado de trabalho</p> <p>Avanços tecnológicos e científicos</p> <p>Crescimento de ações voltadas às questões ambientais.</p> <p>Maior compromisso social.</p> <p>Campanha pela paz</p> <p>Valorização do conhecimento</p> <p>Criatividade</p> <p>Solidariedade</p> <p>Multiculturalismo</p>	<p>Cultura contra valores</p> <p>Desigualdade social</p> <p>Violência</p> <p>Impunidade</p> <p>Músicas com duplo sentido e programas de televisão de conteúdo que prejudica a cultura do país.</p> <p>Desvio de recursos públicos</p> <p>Consumismo desenfreado</p> <p>Ineficiência nas Políticas Públicas sociais</p> <p>Uso desenfreado de drogas;</p> <p>Problemas ambientais</p>
SER HUMANO	<p>Valorização do conhecimento</p> <p>Criatividade</p> <p>Solidariedade</p> <p>Facilidade de progredir</p> <p>Expansão no processo de afirmação dos direitos do homem</p> <p>Crescimento cultural</p> <p>Determinação</p> <p>- Inovação</p> <p>Adaptação</p>	<p>Individualismo</p> <p>Egoísmo</p> <p>Competitividade</p> <p>Consumismo</p> <p>Preconceito</p>
EDUCAÇÃO	<p>Qualificação profissional</p> <p>Fortalecimento das relações professor-aluno, família e escola.</p> <p>Acesso à Educação</p>	<p>Distorção idade-série</p> <p>Sobrecarga de responsabilidade para a escola com os problemas sociais</p> <p>Alto índice de evasão e reprovação</p>

C – DE ESCOLA

QUE TIPO DE SOCIEDADE QUEREMOS CONSTRUIR?	Uma sociedade mais digna, justa e igualitária, voltada para o exercício consciente da cidadania. Pautada em políticas educacionais que priorizem conhecimento humano, técnico e científico assegurando uma formação total de
QUE TIPO DE HOMEM /PESSOA HUMANA QUEREMOS FORMAR?	Um homem compreendido como um ser carente de fome vir-a-ser, capaz de vislumbrar a distância que o separa do status sonhado que sua própria natureza busca na procura de um contínuo crescimento. Pretendemos formar um ser responsável, crítico, político e consciente de seus direitos e deveres, construtor de uma sociedade mais justa e igualitária.
QUE FINALIDADES QUEREMOS PARA A EDUCAÇÃO? QUE PAPEL DESEJAMOS PARA A ESCOLA EM NOSSA REALIDADE?	Uma escola construída na perspectiva de transformação social projetada para preparar o homem para respeitar os direitos humanos, lutar contra a exploração, a favor do coletivo para se tornar um agente transformador desta sociedade.

DIMENSÃO PEDAGÓGICA

OBJETIVO GERAL	CONTEÚDOS	METODOLOGIA
Atender fielmente ao Art. 2º da LDB, que cita: A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.	Os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais deverão atender, sobretudo, para a real contribuição á formação do aluno-cidadão. Nesse contexto os conteúdos curriculares deverão ser trabalhados como meio para que os alunos desenvolvam as capacidades que lhes permitam produzir e usufruir dos bens culturais e econômicos.	A Metodologia é fundamentada numa lógica global e interdisciplinar de currículo, cuja essência é o desenvolvimento da aprendizagem significativa, ou seja, valorização das experiências e diferenças individuais dos alunos.

PLANEJAMENTO	DISCIPLINA (DIRETRIZES DE CONVIVÊNCIA)	AValiação	CURRÍCULO
O planejamento é coletivo e mensal, mas sempre abrindo espaço para um segundo momento para o encontro por série e por área, para que aconteça uma maior integração entre os professores e entre os conteúdos.	Compromisso de todos os segmentos da sociedade escolar, com normas disciplinares contidas no Regimento Escolar. Desenvolver ações voltadas para o trabalho com valores universais.	Avaliação de caráter diagnóstico, formativo sistemático e contínuo. A avaliação é realizada bimestralmente, garantindo assim a aprendizagem de todos os alunos.	O Currículo deverá ser construído de forma interdisciplinar para que isso ocorra, a LDB indica os elementos que devem construir o ensino médio: A base nacional comum A parte diversificada. Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs Um currículo centrado na cognição. Voltado para a criatividade e para a autonomia de novos conhecimentos.

ANEXO D – HISTÓRICO DA EEM WLADIMIR RORIZ

HISTÓRICO DA EEM WLADIMIR RORIZ

A EEMWR, como instituição educacional, tem por finalidade ministrar a educação básica no nível médio, conforme a legislação educacional vigente, proporcionando o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O EM no município de Chorozinho, até o ano de 2001, funcionava somente no turno noturno na Escola Municipal Padre Enemias. A escola foi criada pela LEI nº 13.186, de 04 de janeiro de 2002, Diário Oficial do Estado do Ceará nº 005 de 08 de janeiro de 2002. Todos os jovens deste município são atendidos pela escola, pois é a única escola da região.

Após um intenso esforço da atual diretora Terezinha Alves Vieira junto ao Conselho Estadual de Educação do Ceará (CEC) a mesma foi Credenciada pelo Parecer nº 204/2009 e reconhecido o curso de ensino médio a partir de 2008 até 31 de dezembro de 2012, no dia 1 de fevereiro de 2010. É uma instituição pública estadual e tem como órgão mantenedor a Secretaria da Educação Básica do Estado do Ceará - SEDUC, com inscrição no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica – CNPJ Nº 06.302.587/0001-70, Código MEC nº 23248998 e atende também como UNIDADE EXECUTORA WLADIMIR com inscrição no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica – CNPJ Nº 11.134.770/0001-43.

MISSÃO:

- Oferecer serviços educacionais satisfatórios buscando educação de qualidade, tendo como meta a formação de cidadãos capazes para o exercício tanto nos seus direitos e responsabilidades, quanto de participação nos processos decisórios e de controle da vida em sociedade.

VISÃO:

- Ser uma escola pública de qualidade, passando pela construção de políticas educacionais voltadas para o acesso universal ao conhecimento humano, técnico e científico e que assegure uma formação total do homem cidadão em um projeto de sociedade justa e igualitária.

VALORES:

- Qualidade
- Igualdade
- Respeito
- Transparência
- Criatividade
- Compromisso

OBJETIVOS ESTRATÉGICOS:

- Garantir alto padrão de ensino e de prestação de serviço com qualidade.
- Respeitar as crenças individuais, a dignidade de cada um e o direito de todos.
- Incentivar uma comunicação aberta, transparente e verdadeira com todos.
- Buscar a criatividade como forma de expansão da realidade através da solução de desafios.

O Núcleo Gestor é composto por um (1) Diretor, três (3) Coordenadores escolares, uma (1) Secretária. O corpo docente é composto por trinta e seis (36) professores. Destes, vinte e seis são especialistas. Temos três (3) coordenadores que atendem as áreas de Linguagens e Códigos e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Ciências da Natureza e Matemática. A sala de multimeios é atendida por uma (1) professora de apoio. Na secretaria, temos além da Secretária uma (1) agente administrativa. O grupo de funcionários é composto por uma (1) auxiliar de serviços gerais, efetiva, dois (2) serviços gerais contratados pela

CRIART, um (01) porteiro contratado pela SERVAC, um (1) vigilante cedido pelo município e duas (2) merendeiras contratadas pela CRIART.

NÚCLEO GESTOR

José Edinor dos Santos - DIRETOR

Lucivânia Nascimento - COORDENADORA ESCOLAR

José Ailton Matos - COORDENADOR ESCOLAR

José Gilberto dos Santos - ASSESSOR FINANCEIRO

Francisca Flaviane Alves Albuquerque - SECRETÁRIA ESCOLAR

ENDEREÇO:

Av. Dr. Luiz Costa, s/n, Leirões – Chorozinho - CE

CEP: 62.875-000

Fone: (85) 3319-1728

E-mail: wladimirriz@escola.ce.gov.br

Blog: <http://wladimirriz.blogspot.com>

Código INEP: 23248998

INFRAESTRUTURA

Nº de Salas de Aula: 12

Laboratórios de Informática: 02

Laboratório de Ciências: 01

Sala de Multimeios: 01

Quadra Poliesportiva: 01

Cantina: 01

Secretária: 01

Diretoria: 01

Pátio interno: 01

Academia de Ginástica: 01

ESTRUTURA FUNCIONAL:

Turnos de funcionamento: Manhã, Tarde e Noite.

ANEXO E – CALENDÁRIO ESCOLAR 2013

ESTADO DO CEARÁ		Calendário Escolar 2013		SECRETARIA DE EDUCAÇÃO																
EEM. Wladimir Roriz – NRDEA																				
Janeiro 2013		Fevereiro 2013		Março 2013																
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	5						1	2						1	2
6	7	8	9	10	11	12	3	4	5	6	7	8	9	3	4	5	6	7	8	9
13	14	15	16	17	18	19	10	11	12	13	14	15	16	10	11	12	13	14	15	16
20	21	22	23	24	25	26	17	18	19	20	21	22	23	17	18	19	20	21	22	23
27	28	29	30	31			24	25	26	27	28			24	25	26	27	28	29	30
														31						
1 - Confraternização Universal 8 a 14 – Avaliações Globais 4º Bim 16 a 29 – Recuperação Final 30 e 31 – Recesso do professor							1 a 13 – Cont. recesso do professor 11 e 12 – Carnaval 13 - Cinzas 16 - Reunião de Pais 14,15, 18,19 – Jornada Pedagógica 20 - Início do Ano Letivo Dias Letivos - 7							2 – Planejamento Coletivo 7 – Reunião Conselho Escolar 13 – Aniversário do Município 19 – São José 20 a 27 – Reunião Intercalar PPDT 26 - Reunião PCA 28, 29 – Paixão de Cristo Dias Letivos - 17						
Abril 2013		Maio 2013		Junho 2013																
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6				1	2	3	4							1
7	8	9	10	11	12	13	5	6	7	8	9	10	11	2	3	4	5	6	7	8
14	15	16	17	18	19	20	12	13	14	15	16	17	18	9	10	11	12	13	14	15
21	22	23	24	25	26	27	19	20	21	22	23	24	25	16	17	18	19	20	21	22
28	29	30					26	27	28	29	30	31		23	24	25	26	27	28	29
														30						
4 – Reunião Conselho Escolar 6 - Planejamento Coletivo 21 – Tiradentes 1º bimestre 27 – Reunião de Pais 30 – Reunião PCA Dias Letivos- 22							1 – Dia do Trabalhador 2 – Reunião Conselho Escolar 4 – Planejamento Coletivo 6 a 10 – Avaliações Globais 28 – Reunião PCA 27 a 31 – 1º Reunião Bimestral PPDT 30 – Corpus Christi Dias Letivos - 21							1 – Planejamento Coletivo 5 – Aniversário da escola 6 – Reunião Conselho Escolar 25 - Reunião PCA 28 – II EXPO WR 28 – Encerramento do semestre Dias Letivos - 20						

ANEXO F – MEDITAÇÃO UTILIZADA NO ENCONTRO COM PROFESSORES E GESTORES

MEDITAÇÃO UTILIZADA NO ENCONTRO COM PROFESSORES E GESTORES

Círculo de Proteção Energética – ponto de luz

Respire fundo e relaxe o corpo. Sinta as correntes de ar entrando e saindo dos pulmões, tomando consciência de cada porção do seu corpo da cabeça aos pés. Permita-se entrar num estado de relaxamento, onde você encontrará a si mesmo junto de todo o Poder do Universo.

“Visualize uma luz branca sobre a parte alta de sua cabeça”. Sinta-a como se ela estivesse dançando e trazendo paz e saúde. Mantenha sua respiração tranquila e devagar. Inspire o ar e o prenda nos pulmões por alguns segundos, visualizando esta luz entrando e parando no interior da região do alto da cabeça. Solte o ar, e agora visualize a luz se transportando para a altura da testa iluminando toda sua região dos olhos, nariz, ouvidos, nuca.

CABEÇA - deixe que a luz permaneça, inspire retendo o ar e a luz, agora no interior da cabeça na altura dos olhos; depois ao soltar o ar, visualize a luz se encaminhando para a região da garganta, e envolvendo todos os órgãos da fala, a boca, dentes, maxilar.

GARGANTA - deixe que a luz permaneça, inspire retendo o ar e a luz, agora no interior da garganta e de toda esta região trabalhada; depois ao soltar o ar, visualize a luz se encaminhando para o centro do coração, e toda esta região sendo iluminada, envolvendo os pulmões, coração, ombros, parte de trás do tórax, braços e mãos.

CORAÇÃO - deixe que a luz permaneça, a seguir inspire retendo o ar e a luz, agora no interior do peito; depois ao soltar o ar, visualize a luz se encaminhando para o centro do plexo solar, sobre a área de estômago e fígado, intestino delgado, região posterior na coluna, harmonizando esta região e a envolvendo.

ABDOMEM CENTRAL - deixe que a luz permaneça. A seguir inspire retendo o ar e a luz, agora no interior do abdômen superior; depois ao soltar o ar, visualize a luz se encaminhando para a região umbilical, agora iluminando os órgãos da cavidade abdominal e a porção da coluna na parte posterior do corpo, trazendo luz e recuperação para toda essa região.

BARRIGA - deixe que a luz permaneça, a seguir inspire retendo o ar e a luz, agora no interior da barriga; depois ao soltar o ar, visualize a luz de encaminhando para a base da coluna, iluminando o períneo, e os órgãos sexuais, pernas, glúteos, sacro. Que a luz ilumine, harmonize, refaça toda a energia desta região que é tão importante porque se liga à vida na matéria.

REGIÃO PELVICA - Para completar todo o ciclo retenha o ar e a luz nesta região pélvica e ao expirar, soltar o ar, visualize a luz de movendo pela coluna e voltando ao topo da cabeça. Sinta todo seu corpo energético e físico iluminados por essa radiação branca, trazendo-lhe bem estar. Sinta como se esta luz continuasse a se mover ao seu redor, formando uma unidade, um circuito com todos os pontos ligados. Agradeça a Deus por ter permitido esta pequena mentalização.”

ANEXO G – O MENESTREL

O MENESTREL

“Depois de algum tempo você aprende a diferença, a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma”. E você aprende que amar não significa apoiar-se. E que companhia nem sempre significa segurança. Começa a aprender que beijos não são contratos e que presentes não são promessas. Começa a aceitar suas derrotas com a cabeça erguida e olhos adiante, com a graça de um adulto e não com a tristeza de uma criança. Aprende a construir todas as suas estradas no hoje, porque o terreno do amanhã é incerto demais para os planos, e o futuro tem o costume de cair em meio ao vão. Depois de um tempo você aprende que o sol queima se ficar exposto por muito tempo. E aprende que, não importa o quanto você se importe, algumas pessoas simplesmente não se importam... E aceita que não importa quão boa seja uma pessoa, ela vai feri-lo de vez em quando e você precisa perdoá-la por isso. Aprende que falar pode aliviar dores emocionais. Descobre que se levam anos para construir confiança e apenas segundos para destruí-la... E que você pode fazer coisas em um instante das quais se arrependerá pelo resto da vida. Aprende que verdadeiras amizades continuam a crescer mesmo a longas distâncias.

E o que importa não é o que você tem na vida, mas quem você tem na vida. E que bons amigos são a família que nos permitiram escolher. Aprende que não temos de mudar de amigos se compreendemos que os amigos mudam... Percebe que seu melhor amigo e você podem fazer qualquer coisa, ou nada, e terem bons momentos juntos. Descobre que as pessoas com quem você mais se importa na vida são tomadas de você muito depressa... por isso sempre devemos deixar as pessoas que amamos com palavras amorosas; pode ser a última vez que as vejamos. Aprende que as circunstâncias e os ambientes têm influência sobre nós, mas nós somos responsáveis por nós mesmos. Começa a aprender que não se deve comparar com os outros, mas com o melhor que pode ser. Descobre que se leva muito tempo para se tornar a pessoa que quer ser, e que o tempo é curto. Aprende que não importa aonde já chegou, mas para onde está indo... mas, se você não sabe para onde está indo, qualquer caminho serve.

Aprende que, ou você controla seus atos, ou eles o controlarão... e que ser flexível não significa ser fraco, ou não ter personalidade, pois não importa quão delicada e frágil seja uma situação, sempre existem, pelo menos, dois lados. Aprende que heróis são pessoas que fizeram o que era necessário fazer, enfrentando as conseqüências. Aprende que paciência requer muita prática.

Descobre que algumas vezes a pessoa que você espera que o chute quando você cai é uma das poucas que o ajudam a levantar-se. Aprende que maturidade tem mais a ver com os tipos de experiência que se teve e o que você aprendeu com elas do que com quantos aniversários você celebrou. Aprende que há mais dos seus pais em você do que você supunha. Aprende que nunca se deve dizer a uma criança que sonhos são bobagens... Poucas coisas são tão humilhantes e seria uma tragédia se ela acreditasse nisso. Aprende que quando está com raiva tem o direito de estar com raiva, mas isso não te dá o direito de ser cruel. Descobre que só porque alguém não o ama do jeito que você quer que ame não significa que esse alguém não o ama com tudo o que pode, pois existem pessoas que nos amam, mas simplesmente não sabem como demonstrar ou viver isso. Aprende que nem sempre é suficiente ser perdoado por alguém... Algumas vezes, você tem de aprender a perdoar a si mesmo. Aprende que com a mesma severidade com que julga, você será em algum momento condenado. Aprende que não importa em quantos pedaços seu coração foi partido, o mundo não pára para que você o conserte. Aprende que o tempo não é algo que possa voltar. Portanto, plante seu jardim e decore sua alma, em vez de esperar que alguém lhe traga flores. E você aprende que realmente pode suportar... que realmente é forte, e que pode ir muito mais longe depois de pensar que não se pode mais. E que realmente a vida tem valor e que você tem valor diante da vida! Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o bem que poderíamos conquistar se não fosse o medo de tentar.”

ANEXO H – O SIGNIFICADO DA PAZ

O SIGNIFICADO DA PAZ

Era uma vez... Um rei que ofereceu um prêmio ao artista que pintasse o melhor quadro que representasse a paz. Muitos artistas tentaram. O rei olhou todos os quadros, mas apenas gostou mesmo de dois, e teve de escolher entre ambos.

Um quadro retratava um lago sereno. O lago era um espelho perfeito das altas e pacíficas montanhas a sua volta, encimado por um céu azul com nuvens brancas como algodão. Todos os que viram este quadro acharam que ele era um perfeito retrato da paz.

O outro quadro também tinha montanhas. Mas eram escarpadas e calvas. Acima havia um céu ameaçador do qual caía chuva, e no qual brincavam relâmpagos. Da encosta da montanha caía uma cachoeira espumante. Não parecia nada pacífica.

Mas quando o rei olhou, ele viu ao lado da cachoeira um pequeno arbusto crescendo numa fenda da rocha. No arbusto uma mãe pássaro havia feito seu ninho. Lá, no meio da turbulência da água feroz, se instalara a mãe pássaro em seu ninho, em perfeita paz.

Qual pintura você acha que ganhou o prêmio?

O rei escolheu a segunda. Sabe por quê?

- Porque, explicou o rei, paz não significa estar num lugar onde não há barulho, problemas ou trabalho duro. Paz significa estar no meio disso tudo e ainda estar calmo no seu coração. Este é o significado real da paz.

ANEXO I - É PRECISO SABER VIVER**É PRECISO SABER VIVER - Titãs**

Quem espera que a vida
Seja feita de ilusão
Pode até ficar maluco
Ou morrer na solidão
É preciso ter cuidado
Pra mais tarde não sofrer
É preciso saber viver

Toda pedra do caminho
Você pode retirar
Numa flor que tem espinhos
Você pode se arranhar
Se o bem e o mal existem
Você pode escolher
É preciso saber viver

É preciso saber viver
É preciso saber viver
É preciso saber viver
Saber viver, saber viver!

ANEXO J - COMO VAI?**COMO VAI?****Ari Bento**

Como vai a sua vida?
Como vão seus sentimentos?
Como Deus pode ajudar você?
Como Cristo em sua vida,
estará participando?
Como estás?
Será que podes responder?
Deus nos fez pra sermos plenos
De amor e de alegria
Deu-nos salvação em Cristo
E poder, e poder
Por favor,
Não acredite que você
tem que ser triste
Deus pergunta:
Como vai você?

ANEXO L – SIMPLICIDADE**SIMPLICIDADE - Pato Fu**

Vai diminuindo a cidade
Vai aumentando a simpatia
Quanto menor a casinha
Mais sincero o bom dia
Mais mole a cama em que durmo
Mais duro o chão que eu piso
Tem água limpa na pia
Tem dente a mais no sorriso
Busquei felicidade
Encontrei foi Maria
Ela, pinga e farinha
E eu sentindo alegria
Café tá quente no fogo
Barriga não tá vazia
Quanto mais simplicidade
Melhor o nascer do dia